

Queremos conhecer Jesus

1º BLOCO

Nos primeiros encontros, aprofunda-se o conhecimento de Jesus, retomando-se temas apenas introduzidos no ano anterior. Assim, Jesus é apresentado como:

- Uma pessoa que, sendo em parte como nós, gostamos de escutar e de seguir como modelo.
- Com Ele, as crianças são motivadas para amar, respeitar, obedecer e dizer a verdade, na catequese, em família, na escola e na comunidade a que pertencem.

Nas catequese antes do Natal, Jesus é apresentado como o Filho de Deus, o Deus conosco. Pela sua encarnação, Deus dá-nos Jesus; e Maria, sua Mãe é, por isso, a bendita entre as mulheres.

DE NOVO JUNTOS COM JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A espinhosa missão do catequista

Nunca foi fácil ser catequista. E hoje muito menos.

Não é fácil pela responsabilidade da missão. Ser testemunha de Deus exige viver d'Ele e para Ele, de tal modo que Ele apareça ao vivo nas palavras e nos gestos, nas atitudes e nos pensamentos, nas convicções e projecto de vida. O catequista é, para as crianças, particularmente desta idade infantil, um dos rostos mais visíveis de Deus e do Seu Filho Jesus Cristo. Que ele possa fazer suas as palavras de Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20). E que as crianças o sintam: pela sintonia entre o que ouvem e o que vêem. Hoje, como sempre, os gestos são mais expressivos do que as palavras. São, pelo menos, mais convincentes.

Por isso, os catequistas “não se devem considerar como professores que ensinam a doutrina cristã, mas, sobretudo, como discípulos de Jesus Cristo que guiam no caminho que eles próprios se esforçam por seguir” (*CEP, Para que acreditem e tenham vida, Edição do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa 2005, p. 24*).

Não é fácil ser catequista ainda pela sua ligação à Igreja: como “rostro e porta-voz da fé da Igreja e testemunha da experiência da fé das comunidades (...). Enquanto educadores da fé, são o coração das nossas comunidades que vive da Palavra do Senhor e do pão da vida” (*Ibidem*). Como presença da Igreja, exige-se deles uma plena e activa inserção nas comunidades a que pertencem. Exige-se que realizem a sua missão como um carisma que, ainda no dizer de Paulo, deve ser exercida “para proveito comum” (1 Cor 12, 7), “para a construção do corpo de Cristo” (Ef 4, 12). Vivem da Igreja e para a Igreja. Só assim estão em condições de levar as crianças a integrarem-se plenamente na mesma Igreja.

Mas não é fácil a sua missão, sobretudo pelos espinhos que encontra: além dos sacrifícios em tempo, meios, esforço, deparam-se tantas vezes com a ingratidão e até incompreensões, muitas vezes de quem menos se devia esperar. É o desinteresse

de tantos pais, a falta de motivação das crianças, os desentendimentos com colegas, etc..

Vai então desanimar, desistir? De modo algum. Pelo menos para quem é verdadeiramente:

2. Um apaixonado por Cristo

A cena da transfiguração de Cristo, relatada em Mc 9, 2-8, e que está no centro desta e da próxima catequese, é a resposta de Cristo aos discípulos, os catequistas de então, aos quais havia chamado a atenção para a missão apostólica que os esperava: “Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (8, 34).

É a cruz que nasce da negação de si mesmo, que nasce do amor, da entrega da vida, no seguimento do Mestre “que tinha de sofrer muito e de ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias” (8, 31). Seguimento difícil, duro e espinhoso. Pedro percebeu-o e tentou demover Jesus... do caminho da cruz e da vida (8, 32).

Por tudo isto e para convencer os discípulos de que vale a pena seguir esse espinhoso e duro caminho, para isso é que Jesus sobe com os três mais íntimos, a “um alto monte”, aquele em que é maior a proximidade de Deus para aí, ser invadido pelo sagrado: pelo branco, a cor da luz e da vida; pela presença de Elias e Moisés, as duas figuras da história salvífica que mais haviam lutado por Deus; pela nuvem que, ao mesmo tempo, nos traz um Deus imanente e nos separa d’Ele como ser sumamente transcendente; pela voz, cujas palavras são uma das mais belas e densas declarações do amor de um Pai que, todo Ele, se identifica com o seu Filho. A cena é tão fascinante e, simultaneamente, tão densa, pelo peso do sagrado que nele se manifesta, que a reacção de Pedro seria, é a nossa: “Mestre, como é bom estarmos aqui!”

“Aqui” – no gozo daquele amor único de que só Deus é capaz.

“Aqui” – no triunfo definitivo sobre a morte, só possível para quem ama à medida de Deus.

“Aqui” – depois da subida dura, penosa, esgotante, até ao alto monte... do Calvário, onde esse amor divino teve até hoje a sua expressão máxima.

A cena mostra aos discípulos, aos catequistas hesitantes, tímidos ou descomprometidos, que vale a pena arriscar a subida. Porque “quem quiser salvar a sua vida, há-de perdê-la, mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há-de salvá-la” (8, 35). Esta é a palavra que Deus nos convida a acolher e interiorizar, quando, depois de nos ter apresentado o Seu “Filho muito amado”, conclui: “Escutai-o”... deixando-se apaixonar por Ele, seguindo-O na sua paixão, no amor que só é autêntico, quando é sofrido, apaixonado.

Daí:

3. A gratificante missão do catequista

É, gratificante porque nasce de uma graça, a maior graça: aquela em que o Deus Altíssimo desceu até nós na pessoa do seu amado Filho, para nele nos dar a vida. Foi, é esta graça que conquista, contagia, transforma... para nos fazer agentes dela. O catequista vive desta graça. E se vive dela, não pode deixar de a transmitir. Toda a graça se mantém como tal, se vivida no dom da vida... recebida gratuitamente.

É gratificante, pelos efeitos que produz: pela vida que se dá àqueles a quem se fala de Deus, se conquista para Deus. Uma vida que ele por sua vez, irão transmitir a outros, numa torrente que não tem fim. Ver a vida que se recebe e se dá a alargar-se a outros, haverá coisa mais gratificante? Não é, afinal, para isso que vivemos: para que a nossa vida, já neste mundo, ganhe dimensão de eternidade?

É gratificante, pela vitória que se obtém: sobre o próprio egoísmo e comodismo; sobre as frustrações que inevitavelmente vão surgindo; sobre as fraquezas e desânimos que elas, compreensivelmente, vão causando; sobre as incompreensões e até críticas destrutivas que, com razão ou sem ela, vão surgindo. É nessas alturas em que a vida, de um modo ou doutro, nos vai fugindo, se vai perdendo, é então que temos as melhores ocasiões para nos transcendermos... à medida de Deus que é, por natureza, transcendente no Seu amor, e na medida em que, sobretudo então, a Ele nos entregamos, como Cristo na cruz e a caminho da ressurreição.

E se a nossa missão é assim tão gratificante, então vale a pena investir tudo nela: o aperfeiçoamento dos conhecimentos, a preparação das catequese, o carinho e a entrega pelas crianças, a atenção e o acompanhamento dos pais e outros educadores e tanta outra coisa que as ocasiões nos vão proporcionando e que um catequista, apaixonado por Cristo, vai descobrindo.

Se ainda temos dúvidas, voltemo-nos de novo para Cristo transfigurado, no Seu amor de crucificado e ressuscitado... e presente em tantos membros da Sua Igreja.

OBJECTIVOS

- Partilhar a vivência da proposta para férias da catequese 29 do 1.º ano;
- Fortalecer, pela admiração, a fé em Jesus;
- Dispor-se a vir sempre à catequese.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. À medida que a criança vai crescendo, aumenta progressivamente a sua sociabilidade e o gosto de viver em grupo: nesta idade já tem alguma experiência de vida em grupo, adquirida quer na escola, quer na catequese, ou nos tempos livres. Este ano de catequese deve fortalecer essa consciência de grupo, como vivência da sua convicção de membro de uma família cristã mais alargada, a Igreja. Que no grupo se explorem os elementos específicos e identificativos da Igreja.

2. Por isso, é fundamental a adesão da fé Àquele que é fundamento da Igreja: Jesus Cristo. Nesta primeira catequese essa adesão é fortalecida através de uma característica das crianças desta idade: a capacidade para se deixarem fascinar pelo maravilhoso.
A cena da transfiguração de Jesus é talvez aquela que nos Evangelhos mais suscita essa admiração. Tenha-se por isso um cuidado especial na sua apresentação: procure-se sobretudo envolver as crianças na própria cena, ajudando-as a fazer suas as palavras de Pedro.
3. Quanto maior for a adesão a Jesus, maior será a caminhada em grupo e em Igreja. Ou ao contrário: sem Jesus, na sua condição gloriosa de quem venceu a morte para sempre, não há Igreja que se mantenha. Por isso, já na experiência humana se procura conjugar as duas vertentes: a mão na mão de Jesus é a mão de Jesus na mão de cada criança. E as experiências de férias exploradas devem centrar-se na mesma perspectiva.
4. Antes de entrar na sala, o catequista procure saudar cada criança do modo mais atencioso e afável. O mesmo se diga em relação aos pais ou outros educadores que venham trazer as crianças. Não se esqueça que, na catequese, o testemunho do catequista é o principal meio de transmitir a admiração por Jesus.

MATERIAIS

- Imagem de Jesus da catequese 29 do 1.º ano (Jesus a abraçar o globo);
- Imagem de Jesus em silhueta e no branco mais puro;
- Cartolinas em formas que expressem alegria e afecto, cada uma com o nome de cada criança e o do catequista (1.ª alternativa);
- Cartolinas nas mesmas formas e no mesmo número, mas sem nomes (2.ª alternativa);
- Esferográficas (1.ª alternativa) e lápis de cores;
- Dísticos “Moisés” e “Elias”.

MÚSICAS

- Guiado pela mão;
- Quero estar sempre contigo.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

II. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala: de um modo festivo e acolhedor.

- *No placar*, ao centro, está afixada a imagem de Jesus, em ponto grande, da catequese 29 do 1.º ano (Jesus a abraçar o globo terrestre). Em volta da imagem de Jesus estão

afixadas pequenas cartolinas (em forma de flor, coração, ou outra que tenha uma expressão afectiva), cada uma com o nome de uma criança e de cada catequista, mas só no caso de se seguir a 1.^a alternativa da experiência humana.

- *Em cima da mesa* está a Bíblia fechada, rodeada de dois castiçais apagados. Junto da Bíblia, de um lado e do outro, estão os catecismos das crianças. Se forem trazidos por elas, são recolhidos pelos catequistas, fora da sala, e levados para a mesa, antes da entrada.
- *Entrada na sala*: se possível, com as crianças em duas filas, e cada par de mão dada. Entram a cantar: “**Guiado pela mão**”.

Depois de se sentarem:

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1^a

Alternativa

Para o caso de o grupo ser, na sua maioria, o mesmo do ano anterior e o catequista ser também o mesmo.

Que bem que vós cantastes! Lembram-se de quando é que aprenderam este cântico? *(Deixar que se exprimam).*

Exacto. Foi num dos últimos encontros do ano passado, antes de irmos para férias. Pelo que vejo, nem nas férias se esqueceram dele. Quer dizer que de vez em quando o cantavam. Quem é que cantou este cântico durante as férias? *(Deixar que se exprimam).* Digam-me uma coisa: houve alguém que vos ajudou a lembrarem-se deste cântico? Alguém que esteja aqui dentro? *(Deixar que se exprimam).*

Nesse mesmo encontro em que aprendemos este cântico, cada um de vós levou para casa uma cartolina com um desenho: Jesus de mão dada com um outro menino ou menina do nosso grupo. Foi para que cada um de vós se lembrasse daquele menino ou menina que lhe calhou: rezar por ele e até escrever-lhe ou telefonar-lhe. Agora digam-me: algum de vós recebeu alguma mensagem do colega a quem saiu o nome?

Se algum realizou a sugestão, louvá-lo por isso. Podem também perguntar-se pormenores da mensagem: conteúdo, lugar donde foi enviada. Se ninguém a realizou perguntar se, pelo menos, guardaram a cartolina e se lembraram do colega nela mencionado. No final continuar:

Não querem cantar outra vez o **cântico** “Guiado pela mão”?

Então vamos fazer assim: de pé, demos as mãos uns aos outros (...).

É que na mão do colega está também a mão de Jesus. Ele é que nos leva a sermos amigos, de mãos dadas. Ele é que nos levou a pensar uns nos outros (e até a escrever ou telefonar). Ele, o nosso maior amigo. Então, com os olhos na figura d'Ele que está no placar, cantemos:

“Guiado pela mão”. *(Repetir só o refrão.)*

Podem sentar-se. Foi Jesus que nos guiou também para aqui, para a catequese. Por isso estamos muito contentes, por nos voltarmos a encontrar uns com os outros e, todos juntos, com Ele, Jesus. Eu também estou muito contente. Ele vai, durante este ano, ensinar-nos muitas coisas novas, que nos fazem felizes, muito felizes.

Em sinal da nossa alegria, vou propor-vos uma coisa: vou entregar a cada um uma cartolina com o vosso nome. Depois cada um vai desenhar nela alguma coisa que mostre a vossa alegria por estar junto de Jesus, pertencer ao grupo dele. Podem ser flores, um coração ou outro desenho bonito. Pode ser em diversas cores. De acordo?

O catequista distribui as cartolinas.

2ª

Alternativa

Para o caso de o catequista ser novo no grupo e/ou várias crianças.

Gostei muito de vos ouvir cantar “Guiado pela mão com Jesus eu vou”. Vê-se mesmo que gostam de Jesus. E gostam também uns dos outros? Quem gosta de Jesus também gosta dos outros. Ele leva-nos pela mão dele e a mão uns dos outros.

Mas nós ainda não nos conhecemos bem a todos. Eu não vos conheço bem e vós também não me conheceis. Então vamos apresentar-nos.

Apresenta-se primeiro o catequista: nome, estado, profissão... e sobretudo a alegria e os motivos que o levam a ser catequista. Com as crianças pode ser mais breve, sobretudo se forem muitas. No final, continuar:

Digam-se uma coisa: lembram-se quando aprenderam o cântico “Guiado pela mão”? Olhem para o cartaz que está no placar... Não terá sido juntamente com aquela figura de Jesus a abraçar o mundo? *(Deixar que se exprimam e, no caso de as crianças se não lembrarem, ajudar):*

Foi num dos últimos encontros do ano passado que aquela figura de Jesus vos foi mostrada. E, na mesma altura, cada um de vós levou uma cartolina com uma figura de Jesus a dar a mão a um colega vosso. Lembram-se?

Agora digam-me: algum de vós se lembrou, durante as férias, desse colega que estava desenhado na vossa cartolina?

No caso de algum ter telefonado ou escrito, louvá-lo por isso e perguntar pormenores sobre o contacto e a mensagem... e se aqueles que receberam ficaram contentes. No final, continuar:

Parece-me que agora ainda temos mais razão para cantarmos outra vez “Guiado pela mão, com Jesus eu vou”. É que foi Jesus que nos guiou no ano passado, nas férias e nos guiou até aqui. Querem cantar?

Então fazemos assim: de pé, damos as mãos uns aos outros. E lembremo-nos que nas nossas mãos vão as mãos de Jesus, porque Ele está nos amigos d’Ele. Por isso, olhemos para a figura dele no placar... e agora cantemos:

“Guiado pela mão” (só o refrão, mas repetido).

Podem sentar-se. Já nos apresentámos. Mas, para não nos esquecermos do nome uns dos outros, nem nos esquecermos de que somos mesmo amigos de Jesus, eu tenho uma ideia: vamos escrever o nosso nome numa cartolina que eu vou distribuir por cada um. Além do nome, podem fazer à volta dele desenhos de coisas que mostrem a vossa alegria por estarmos aqui em grupo e preparados para ouvir Jesus. Ele vai dizer-nos coisas muito lindas ao longo deste ano, como irão ver. Estão de acordo?

O catequista distribui as cartolinas.

II. PALAVRA

1. *Enquanto as crianças fazem os seus desenhos, o catequista prepara, rapidamente, a sua cartolina e muda as figuras do placar: no lugar da figura inicial de Jesus, coloca a figura dele em silhueta branca. Terminados os desenhos das crianças, continua:*

Podem guardar os vossos desenhos. Daqui a pouco veremos o que podemos fazer com eles.

Agora olhemos para o placar. (Deixar contemplar).

Está lá outra figura. De quem será? E assim tão branca!...

2. *É a figura de Jesus. E porque será que está toda branca?*

Eu vou contar. Foi uma coisa muito maravilhosa que lhe aconteceu:

Um dia, Jesus convidou três dos seus maiores amigos. Chamavam-se Pedro, Tiago e João. Eram os amigos mais íntimos, que Jesus convidava para estar com Ele em ocasiões muito especiais.

Pois bem, com esses amigos subiu para um monte muito alto, daqueles montes que quase se metem pelo céu dentro... E, lá no alto, a figura de Jesus começou a mudar: começou a ficar toda luminosa: uma luz muito forte foi-se formando nas Suas vestes que ficaram brancas, mesmo muito brancas, mais que a neve. Mais branco era impossível. Tudo por causa da luz que se formou nele.

Depois apareceram as figuras de duas pessoas muito, muito importantes, que já tinham vivido havia muitos anos. Chamavam-se Moisés e Elias. Tinham sido dos maiores amigos de Deus e estavam no Céu. De lá é que apareceram, um de cada lado de Jesus e a falar com Ele.

*O catequista interrompe o relato e, em silêncio, afixa de um lado e do outro da figura de Jesus, os dísticos “Elias” e “Moisés”. Acende as velas que rodeiam a Bíblia e, depois, abre-a em **Mc 9, 5**. Coloca-se de lado, de modo a deixar ver a figura de Jesus.*

Não se sabe o que é que Moisés e Elias, aquelas duas figuras do Céu, diziam a Jesus. Mas sabemos o que é que Pedro, um dos três amigos que viam aquela cena, disse. Ele e os outros dois estavam tão maravilhados com Jesus luminoso e rodeado de pessoas vindas do céu, que disse o seguinte:

O catequista lê calmamente da Bíblia:

“Mestre, como é bom estarmos aqui.

Façamos três tendas:

uma para Ti, uma para Moisés e outra para Elias”.

Depois de um brevíssimo silêncio, repete, primeiro voltado para as crianças e, depois, meio voltado para figura de Jesus:

“Mestre, como é bom estarmos aqui!” (Pausa)

“Mestre, como é bom estarmos aqui!”

3. Querem saber o que aconteceu depois?...

Antes disso, vamos pensar um pouco: não acontece também connosco, nós gostamos muito de estar com Jesus? Não O vemos assim luminoso como viram Pedro, Tiago e João. Mas vemos-Lo com os olhos do nosso coração – como Ele nos mostra quanto nos ama. Por exemplo na missa: Quando Ele, através do senhor Padre, nos oferece o Seu corpo e o Seu sangue. Ou quando o vimos, no ano passado, a rezar a Deus seu Pai. Ou quando nos alegramos tanto por Ele, depois de morrer, voltar a viver, ressuscitado.

Vimos tudo isso com os olhos do nosso coração... e ficámos maravilhados com Jesus. E, por isso, é que gostamos de estar com Ele. Eu gosto muito, mesmo muito. E até sinto vontade de dizer como Pedro: “Mestre, como é bom estarmos aqui!”.

Digam-me: também sentem o mesmo?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Então eu proponho que o façamos de um modo que ainda agrada mais a Jesus. É assim: primeiro vamos aprender um **cântico** em que dizemos o mesmo por palavras um bocadinho diferentes:

**“Quero estar sempre contigo,
Ó Jesus meu doce bem.
És o meu melhor amigo,
Conta comigo também”.**

O catequista ensaia o refrão, depois continua:

2. Agora que já sabemos o cântico, vamos fazer o seguinte: cada um pega na cartolina com o seu nome e tão bem enfeitada. E, um por um, vamos entregá-la a Jesus, como sinal de que queremos estar sempre com Ele, para já durante este novo ano de catequese. Estão de acordo? E Ele vai também ficar contente connosco, porque nos ama e nos quer ensinar ainda muito mais coisas.

Quando cada um chegar aqui à frente, junto do placar e da mesa onde está a Bíblia, diz, voltado para Jesus: “Mestre, como é bom estar contigo”.

O catequista repete a pequena oração, até cada criança a fixar de memória. Entretanto, se alguma se esquecer, ajuda-a no momento da entrega. Primeiro diz a oração e depois entrega a cartolina, pondo-a junto ou em cima da Bíblia. O catequista à medida que vão sendo entregues, vai-as afixando no placar em volta da figura de Jesus. Pelo meio podem cantar o refrão do cântico.

Se forem muitas as crianças, podem aproximar-se em número idêntico ao número de catequistas. Neste caso, dizem a oração ao mesmo tempo, e os catequistas afixam as cartolinas ao mesmo tempo.

No final o(s) catequista(s) afixa(m) também a(s) sua(s) cartolina(s), fazendo individualmente a mesma oração.

Depois de todas afixadas e com as crianças de pé, o catequista continua:

Que lindo! Todos em volta de Jesus! A admirá-Lo maravilhados, como os seus amigos de então, Pedro, Tiago e João. E se cantássemos todos o **cântico** outra vez. Agora podemos fazê-lo batendo palmas em sinal da nossa alegria:

“Quero estar sempre Contigo”...

(refrão e uma ou duas estrofes, conforme o tempo).

Depois continuar:

3. Agora vou entregar-vos os catecismos. Vou chamar um por um, que vem aqui à frente, junto da imagem de Jesus e da Bíblia, porque o catecismo vai ajudar-nos a conhecer e a amar muito mais Jesus.

O catequista diz a cada criança no acto da entrega:

“(N) recebe o catecismo para conheceres melhor Jesus”.

No final, pode voltar-se a cantar o mesmo **cântico**: “**Quero estar sempre contigo**” ou outro semelhante, mas só o refrão. Depois continuar:

4. Lembram-se de eu ter dito que a história que hoje ouvimos e que está ali representada no placar, ainda não terminou? De certeza que vão ficar muito admirados com o que falta contar. Será no próximo dia. Mas até lá e como preparação, vou pedir-vos que façam uma coisa lá em casa:

Propõem-se duas tarefas, conforme as duas alternativas da experiência humana da próxima catequese:

1.ª alternativa

Vou entregar uma folha a cada um de vós, em que está escrita uma pergunta: “O que admiras mais em Jesus?”

Não sois vós que ides responder. A pergunta é para ser feita por cada um de vós a outra pessoa, de preferência o pai e a mãe ou outros familiares. É uma pequena entrevista.

Escrevem nas folhas as respostas e trazem-nas para o próximo encontro. Está bem?

2.ª alternativa

Cada um de vós ainda tem o catecismo do ano passado? (...) Pois bem, cada um vai escolher do catecismo as três catequeses sobre Jesus de que mais gostou. Escreve numa folha, dizendo porque gosta dessas catequeses, e traz a folha para o próximo encontro.

Se forem muitas as crianças, pode pedir-se apenas uma ou duas catequeses.

Durante a semana podem também ir rezando as palavras ditas por Pedro a Jesus e que nós hoje rezamos: “Mestre, como é bom estar contigo”.

“ESTE É O MEU FILHO MUITO AMADO”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. No coração da catequese: Cristo

Um dos maiores problemas com que se debate a catequese, principalmente da infância e da adolescência, é a sua escolarização. No pior sentido que este último termo foi adquirindo: o de um sistema escolar em que os alunos vão, por serem, de uma maneira ou de outra, obrigados. E quando não há uma motivação interior, seja ela qual for, dificilmente o ensino escolar resulta. Daí os inúmeros problemas com que se debate a escola nos nossos dias, sobretudo nos anos em que o ensino é obrigatório.

É muito fácil que uma idêntica mentalidade passe para catequese. Aliás em muitos lugares já passou. Até a linguagem o mostra: fala-se nas aulas e nos alunos de catequese. E se fosse só uma questão de linguagem... até a catequese poderia salvar a escola.

Por isso, são mais do que nunca oportunas as palavras de João Paulo II, na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, n. 5: “No coração da catequese, encontramos essencialmente uma Pessoa: Jesus de Nazaré, Filho único do Pai (...), que sofreu e morreu por nós e que agora, ressuscitado, vive connosco para sempre (...). Catequizar (...) é revelar, na Pessoa de Cristo, todo o desígnio eterno de Deus (...). É procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados”. E qual o seu fim? – “Pôr em comunhão com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai, no Espírito, e fazer-nos participantes na vida da Santíssima Trindade”.

Ora se a catequese é essencialmente um encontro com Cristo em que Ele se dá a conhecer, pelo amor, e nos convida ao mistério comunitário do amor, pode com razão perguntar-se quem é o autêntico catequista? Vejamos a resposta do Papa, no n. 6 do mesmo documento: “Na catequese, é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado; tudo o mais é-o em referência a Ele. E só Cristo ensina. Todo e qualquer outro o faz apenas na medida em que é seu porta-voz, consentindo em que Cristo

ensine pela sua boca (...). Todo o catequista deveria poder aplicar a si próprio a misteriosa palavra de Jesus: «A minha doutrina não é minha, mas d'Aquele que me enviou». (Jo 7, 16)".

Há, por isso, que encontrar-se, sempre e sempre, com Ele.

2. “Este é o meu Filho muito amado. Escutai-O”

Foi esta a mensagem que os três discípulos, testemunhas da transfiguração de Jesus, ouviram da voz que falou da nuvem, que o mesmo é dizer, de Deus (Mc 9, 7). É o auge da cena. Pela audição é plenamente confirmado o que aos três era transmitido pela visão: naquela pessoa, de vestes luminosas e entre duas figuras celestes, estava alguém em quem se condensavam as fases mais representativas e mediadoras de Deus em toda a história da salvação documentada pelo Antigo Testamento.

São quatro as passagens bíblicas que estão sintetizadas nesta breve, mas densíssima revelação de Deus:

- O *Sl* 2, 8, sobre o futuro Messias ou Ungido e o seu poder dado por Deus, com estas palavras: “Tu és Meu Filho, Eu hoje te gerei”.
- *Is* 42, 1, com a apresentação, feita pelo próprio Deus, de uma figura profética a que chama servo: “Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi”.
- *Gn* 22, 2, com a ordem dada por Deus a Abraão para lhe sacrificar o seu filho: “Pega no teu filho, no teu único filho a quem tanto amas”.
- *Dt* 18, 15, com a promessa de Deus, transmitida por Moisés, de um profeta que seria, no futuro, voz de Deus no meio do Seu povo: “O Senhor, teu Deus, suscitará no meio de vós, dentre os teus irmãos, um profeta como eu; a ele deves escutar”.

Quer isto dizer que conflui para Jesus Cristo toda a acção salvífica de Deus. Nele concentra-se, de um modo único e inexaurível, a salvação com que Deus, desde Abraão, foi mantendo vivo o seu povo. Cristo está no centro da história salvífica. É única a sua relação com Deus. “O nome de Filho de Deus significa a relação única e eterna de Jesus Cristo com Deus seu Pai: Ele é o Filho único do Pai e, Ele próprio, Deus. Crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus é convicção necessária para ser cristão” (CIC 454)... e muito mais para ser catequista. Crer! De que modo, por que caminho?

3. Do conhecimento ao anúncio

S. Paulo chama “conhecimento” ao seu encontro com Cristo ressuscitado, em que se situa a sua conversão e vocação apostólica. Em Fl 3, 8 fala da “maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor”. Em 2Cor 4, 6 vê nisso um acto do Deus Criador: “O Deus que disse: «das trevas brilhe a luz» foi quem brilhou nos nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo.”

Se o conhecimento de Cristo se deu no coração humano, quer dizer que conhecer é mais um acto do coração do que do intelecto. De facto, na tradição bíblica, o conhecimento é acima de tudo um processo afectivo. E entre nós, se pensarmos bem, não é diferente: conhecemos, pelo menos melhor e de melhor vontade, aqueles a quem amamos e por quem somos amados.

Assim aconteceu com Paulo: a luz que Deus fez brilhar no seu coração, era a que brilhava no rosto de Cristo morto e ressuscitado, a luz da ressurreição que pôs fim para sempre às trevas do pecado e da morte, a luz do amor extremo, à escala divina. Um amor que se apoderou de tal maneira dele, que a sua vida passou a ter nele todo o seu sentido: passou a irradiar essa mesma luz através da palavra do Evangelho e de uma vida marcada pela entrega em que esse mesmo amor brilhava com não menos intensidade.

O mesmo se passa connosco: “Deste conhecimento amoroso de Cristo brota o desejo de O anunciar, de «evangelizar» e levar os outros ao «sim» da fé em Jesus Cristo. Mas, ao mesmo tempo, faz-se sentir a necessidade de conhecer sempre melhor esta fé” (CIC 429).

Não há outro caminho para o catequista: o conhecimento de Cristo gera a necessidade de mais conhecimento, de mais amor. E quanto mais d’Ele se conhecer, mais se transmite... e se ama. E então sim: no centro da catequese está Cristo... a falar, a actuar e viver naquele que O transmite.

OBJECTIVOS

- Reconhecer algumas das manifestações de Jesus como Filho de Deus;
- Acolher a revelação de Jesus Cristo como Filho amado de Deus;
- Expressar, pela oração, a fé em Jesus, Filho de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese forma uma unidade com a anterior. Ou melhor: é o auge para o qual conflui a revelação de Jesus na cena da transfiguração. Por isso, se continua a apostar, como apoio psicológico, na capacidade da criança de abertura para o maravilhoso.

É uma catequese central e fundamental na caminhada catequética deste ano: é na relação filial única de Jesus com Deus Pai que está a base para O escutarmos, no que vai revelar-nos em algumas das catequese acerca da conduta moral e, depois do Natal, na oração dominical que nos vai ensinar e nos encaminha para uma relação filial com Deus Pai.

2. Por isso, o principal apoio para as crianças ouvirem a voz de Deus é a admiração que já têm de Jesus: na catequese do 1.º ano e no contacto com os outros cristãos, principalmente os pais que têm um lugar imprescindível nas suas vidas.

Mais do que por analogia (pai-filho), os pais são para os filhos revelação de Deus pelo que eles próprios recebem de Deus e usam para bem dos filhos. Isto é, os pais são modelos para os filhos, através da fé que eles têm (se for o caso) em Deus e transmitem aos filhos, sobretudo pelo bem que lhes fazem.

Neste caso, convém que os catequistas tenham um mínimo de conhecimento das convicções e da prática religiosa dos pais das crianças, para não construírem a catequese em terreno falso.

3. Esta catequese tem, de um modo muito especial, o seu momento mais alto na Expressão de Fé. É a resposta da criança à revelação de Deus: uma resposta de fé, de entrega, motivada pela mesma revelação. Tenha-se, por isso, um especial cuidado na preparação e realização deste momento celebrativo, seguindo as indicações propostas no desenvolvimento, adaptando-as (se for necessário) e, sobretudo, fazendo desse momento uma autêntica expressão de fé. Para isso é fundamental que o catequista participe, rezando também (e não estando à espreita, para ver se as crianças rezam).

MATERIAIS

- Figura de Cristo em silhueta branca (catequese anterior);
- Dísticos: “Elias” e “Moisés” (catequese anterior);
- Cartolinas com os nomes das crianças (catequese anterior);
- Folhas com as respostas das crianças às entrevistas (1.ª alternativa da experiência humana);
- Tiras de papel de diferentes cores para nelas se escrever o que as crianças dizem sobre Jesus.

MÚSICAS

- Quero estar sempre contigo;
- Jesus, eu amo-Te.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

A sala está preparada conforme foi deixada no encontro anterior:

- *No placar* a figura de Jesus em silhueta branca. Em volta da figura as cartolinas com os nomes das crianças e dos catequistas.
- *Em cima da mesa* a Bíblia aberta em Mc 9, 2-8, rodeada de um ou dois castiçais apagados.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

Para as crianças que fizeram a entrevista aos pais sugerida no final do encontro anterior.

Gostava de ouvir o resultado da vossa entrevista. Trouxeram as folhas com as vossas respostas? A pergunta que fizeram aos vossos pais (ou outros familiares ou amigos) era esta: “O que é que admiras mais em Jesus?” Quem quer começar por ler as respostas?

O catequista, à medida que vai ouvindo as crianças, pode fazer um pequeniníssimo comentário, perguntando como é que os entrevistados reagiram e informando-se se eles realmente gostam de Jesus, tendo presente o conteúdo da resposta. Se não forem muito numerosas as crianças e houver lugar no placar, pode pedir às crianças as folhas com as respostas e afixá-las no placar. Em vez disso, pode ele próprio sintetizar a resposta em tiras de papel, em várias cores, que vai igualmente afixando em volta da figura de Jesus. No final comenta:

Que bom haver tantas pessoas que gostam de Jesus tanto ou até mais do que nós. E que coisas bonitas elas disseram d’Ele. *O catequista pode repetir algumas, sobretudo as que mais se adequam ao tema da catequese: Jesus, como Filho de Deus, mas sem aprofundar ainda esta condição divina de Jesus.*

E sabem uma coisa: estas pessoas, sobretudo os vossos pais (se for o caso), por apreciarem e amarem tanto Jesus é que gostam ainda muito mais de vós. Os amigos de Jesus são também amigos dos outros. Os pais que mais gostam de Jesus têm por isso muito mais amor para com os seus filhos.

Não gostavam de cantar outra vez o cântico que aprendemos na última catequese? Agora vamos fazê-lo a pensar na resposta que recolheram e nas pessoas que deram essas respostas. Estou convencido de que, se estivessem aqui, também cantariam connosco e com muito entusiasmo. Então de pé, cantemos todos:

“Quero estar sempre contigo”

(refrão e 1.ª estrofe, podendo bater as palmas).

2ª
Alternativa

Grupo grande

Para as crianças que procuraram no catecismo do 1.º ano as três catequese sobre Jesus que mais lhes agradaram.

Lembram-se do que eu vos sugeri na última catequese? (...)

E quem de vós escolheu as três catequese sobre Jesus de que mais gostam? Quem quer começar a dizer?

O catequista, pode ir escrevendo, em tiras de papel a catequese e, em uma ou duas palavras, as respostas de pelo menos algumas crianças e, se houver espaço no placar, vai afixando-as em volta da figura de Jesus. Pode colocar a resposta junto ao nome da respectiva criança. Pode fazer um brevíssimo comentário às respostas das crianças, orientando-as para o tema desta catequese. No final comenta:

Muito bem. Vejo que tendes uma grande admiração por Jesus (*pode exemplificar com algumas respostas*). E eu também. E com a vossa admiração por Jesus ainda fico a admirá-lo mais.

Digam-me: conhecem outras pessoas, entre os vossos familiares e amigos, que também conheçam e gostem de Jesus?

O catequista realça sobretudo as pessoas que têm mais ligação afectiva com as crianças, principalmente pais e mães.

E sabem que essas pessoas (*pode exemplificar*), por gostarem de Jesus, é que gostam muito de vós. É sempre assim: Jesus com o seu amor é que faz com que nós amemos também os outros. Um pai e/ou uma mãe que ame Jesus, também ama muito os seus filhos.

E se nós cantássemos outra vez o cântico que aprendemos e cantámos tão bem na última catequese? Podemos fazer assim: cantamos a pensar nas respostas que demos (*apontar placar*) e a pensar nessas pessoas que também gostam de Jesus. Se elas aqui estivessem, de certeza que também cantariam connosco. Então vamos pôr-nos de pé (...) e agora cantamos com alegria:

“Quero estar sempre contigo”
(refrão e 1.ª estrofe, batendo palmas).

II. PALAVRA

1. *Depois de mandar sentar as crianças.*

Porque será que Jesus é tudo aquilo que hoje dissemos e outros disseram d'Ele? *Pode, rapidamente, recordar algumas respostas, apontando o placar.*
Quem é que terá feito com que Jesus fosse tão bom? (...) Querem mesmo saber?

2. Então vamos voltar à história que vos comecei a contar na semana passada. Alguém a quer lembrar aos outros?

Deixar que se exprimam, ir alinhando os pontos sucessivos da transfiguração de Jesus. Quando chegar à luz que iluminou as vestes de Jesus, acender os castiçais em volta da Bíblia, e depois de recordar as palavras de Pedro: "Mestre, como é bom estarmos aqui", recordar como cada criança fez suas as palavras de Pedro e ofereceu a cartolina com o nome para indicar como se sente bem com Jesus. Depois continuar:

3. Pois bem, aquele encontro de Jesus no alto monte, bem perto do céu, não terminou com aquelas belas palavras de Pedro. Falta ainda dizer o mais importante: aquilo que deixou os três amigos de Jesus muitíssimo mais admirados.

Foi assim: quando Pedro acabou de dizer aquelas palavras, veio uma nuvem do céu que os cobriu a todos: Jesus com Moisés e Elias e os três amigos Pedro, Tiago e João.

Eles, ao verem-se dentro da nuvem, perceberam logo que ia acontecer alguma coisa ainda mais maravilhosa. Alguma coisa que, de certeza, ia confirmar o que as vestes de Jesus e a presença de Moisés e Elias já mostravam. O que terá sido?

*O catequista pega na Bíblia aberta em **Mc 9, 7**, e lê muito devagar:*

**"Formou-se, então, uma nuvem
que os cobriu com a sua sombra,
e da nuvem fez-se ouvir uma voz:
«Este é o meu Filho muito amado.
Escutai-O»".**

*Ainda com a Bíblia aberta nas mãos, o catequista repete, voltado para as crianças, as palavras de Deus. Depois coloca a Bíblia no seu lugar e afixa o **dístico**, a envolver a figura de Jesus: no alto: **"Este é o meu Filho muito amado"**. E em baixo: **"Escutai-O"**.*

4. Sabem de quem são estas palavras? Quem as disse?...

Foi Deus. Aquele Deus de quem Jesus falava a toda a gente. Aquele Deus que está no Céu, porque é muito diferente de nós: é muito melhor que qualquer pessoa que existe neste mundo.

Aquele Deus que criou o céu e a terra, as plantas e os animais.

Aquele Deus que é muito, muito amigo de todos os homens. É tão bom que nos deu Jesus.

E agora Ele vem dizer-nos que Jesus é seu Filho. Um Filho a quem ama muito, muito, mesmo muito.

E por Jesus ser o Filho que Deus tanto ama é que Ele, Jesus, é tão bom. (*Exemplificar com as respostas afixadas no placar*).

Portanto, Jesus é o Filho mais querido, mais amado por Deus. De tal modo que quem ouve e escuta Jesus, está a ouvir o próprio Deus. Ninguém nos disse mais coisas sobre Deus e nos mostrou melhor quem é Deus como Jesus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1. Se for possível, a expressão de fé, deve realizar-se numa igreja, o lugar especial para nos encontrarmos com Deus. Mas, neste caso, deve haver silêncio na igreja. Se lá estiverem pessoas, peça-lhes que não perturbem a oração das crianças. Quando muito podem associar-se a elas. Se houver sacrário, é para junto dele que o grupo vai. Se tal não for possível, então crie-se na sala de catequese um ambiente que contribua mais para a oração: pode colocar-se um crucifixo ou junto da Bíblia ou em cima dela, ou ainda afixado no placar, sobre a silhueta branca de Jesus. As crianças devem ser preparadas para este momento, explicando-lhes os gestos que vão acompanhar as suas palavras: o ajoelhar-se, a inclinação, as mãos levantadas ou erguidas. Só depois de devidamente preparadas, se dê início à oração. No caso de ser na igreja, a explicação é feita na sala de catequese. Na igreja procure-se sobretudo uma ambientação ao lugar, procurando levar as crianças ao silêncio interior e exterior. Ao passarem diante do sacrário, devem fazer a genuflexão. O catequista deve rezar também. Para isso, não o deve fazer voltado para as crianças, mas, como elas, voltado para o sacrário ou para o crucifixo.*
- 2. Sabem o que é que aqueles três amigos de Jesus devem ter feito, quando ouviram aquela voz de Deus? Devem ter feito o mesmo que nós ainda hoje fazemos na igreja, naquela altura mais importante em que Jesus se mostra a nós. Nalgumas dessas alturas nós ajoelhamo-nos. Dobramos os nossos joelhos até ao chão, em sinal de um grande respeito por Jesus. Já aprendemos a ajoelhar-nos, no ano passado, mas eu vou mostrar outra vez como se faz (o catequista ajoelha-se com os dois joelhos. Se achar necessário, pode pedir às crianças que façam o mesmo).*

Além dos joelhos, podemos usar outras partes do nosso corpo para nos ajudarem a rezar melhor: erguendo as mãos (*exemplificar*) ou levantando-as para o céu (*exemplificar*); também nos podemos inclinar (*exemplificar*); também podemos benzer-nos antes de começar e quando acabarmos de rezar (*exemplificar e exercitar com as crianças*).

Muito bem. Agora que já sabemos como rezar com o nosso corpo, só falta saber que vamos rezar a Jesus, como Filho de Deus.

Podemos rezar-lhe a cantar, e podemos cantar-lhe hoje assim:

“Jesus, eu amo-Te” (4x)

“Tu és Filho de Deus”

“Tu és o meu Senhor”

“Jesus, eu creio em Ti”

3. *Depois de ensaiar as sucessivas letras, o catequista convida para a oração. Se for na igreja, conduza as crianças até lá, procurando que não se dispersem. E, uma vez lá, procure levá-las ao recolhimento.*

Esta oração deve ser feita numa relação pessoal de muita intimidade com Jesus.

Então já podemos começar: Ajoelhemo-nos (...) e agora benzemo-nos:

“Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen”.

Agora cantemos, levantando as mãos e depois pousando-as sobre o coração:

“Jesus, eu amo-Te”

Depois do primeiro verso, o catequista intercala algumas das respostas dadas pelas crianças e afixadas no placar, por exemplo:

- **Jesus, Tu nasceste para nós;**
- **Jesus, Tu crescestes como nós;**
- **Jesus, Tu falaste-nos de Deus Pai...**

Depois canta-se o segundo verso, de mãos erguidas:

“Tu és Filho de Deus” (...)

Depois o catequista diz:

- **Jesus, tu és Deus como o Pai;**
- **Jesus, Deus Teu Pai é o Teu maior amigo;**

- **Jesus, Tu vieste do céu para junto de nós...**

Depois canta-se o terceiro verso, inclinando levemente o corpo:

“Tu és o meu Senhor” (...)

Depois o catequista diz:

- **Jesus, Deus fez tantas coisas por meio de Ti;**
- **Jesus, Deus fez com que depois de morrer ressuscitasses;**
- **Jesus, Tu nos dás tantas pessoas que nos amam.**

No final volta-se a cantar, com os mesmos gestos, o primeiro verso do cântico ou o último:

“Jesus, eu amo-Te” ou “Jesus, eu creio em Ti”.

Termina-se com o sinal da cruz:

“Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen.”

Já de pé, o catequista diz:

“Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe”.

Crianças, se souberem ou com a ajuda do catequista:

“Graças a Deus!”

ESCUTAR JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A vida de uma palavra

Todos nós fizemos, certamente e muitas vezes, a experiência da vida que uma palavra produz em nós ou que a nossa palavra produz nos outros, sobretudo em situações de desânimo ou até de desespero, de desorientação e confusão ou mesmo de erro e pecado.

Situações em que, por uma razão ou outra, a vida nos foge ou se perde. Uma palavra de amizade e orientação, um conselho ou até uma repreensão podem, tantas vezes, salvar uma vida. Às vezes basta uma simples notícia, e a vida muda; como também e, infelizmente, sucede o contrário: há palavras que ferem e matam: uma calúnia, uma ofensa, uma mentira, uma injúria, um mau conselho... e tudo se desmorona. No próprio e naqueles que dele dependem. Palavras ditas com essa intenção ou simplesmente de um modo inadvertido.

É claro que, num caso como no outro, é preciso que a palavra seja ouvida, escutada, aceite. E isso depende de muitos factores: do conteúdo da palavra, do modo como é dita... e sobretudo de quem a diz. Neste caso, da sua autoridade, do seu poder, da sua vitalidade. Se a palavra é transmissora (ou destruidora) da vida, será tanto mais eficaz e vivificante quanto mais vida tiver quem a pronuncia ou escreve. É por isso que nós, perante certas pessoas, somos todos ouvidos. E a sua palavra raramente entra por um ouvido e sai pelo outro. Pelas provas dadas e reconhecidas nos conhecimentos, na seriedade, na amizade, na provação, etc., dificilmente as suas palavras caem em saco roto.

E uma vida, construída sobre uma palavra cheia de vida, ganha aquela consistência e firmeza da casa construída sobre a rocha. Não há ventos, tempestade nem tormenta que a possam destruir. É o caso da vida construída sobre Jesus Cristo, a quem, por isso, podemos chamar:

2. A Palavra da vida

De vida porque de Deus: “Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias que são os últimos, Deus falou-nos por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem criou o mundo” (Heb 1, 1-2). “É Ele o Logos (termo grego para “Palavra”) que no princípio (sem princípio) estava em Deus... e se fez carne e veio habitar entre nós” (Jo 1, 2. 14a).

E provou o que era, que “quem o vê, vê o Pai”. De que modo? “Com a sua presença e manifestação pessoal, com as suas palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de verdade, aperfeiçoa e completa totalmente a revelação (de Deus) e confirma-a com o testemunho da vida, isto é, que Deus está verdadeiramente connosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e nos ressuscitar para vida eterna” (DV 4).

Que Ele, Jesus Cristo, assim é, sabemos-lo por experiência própria, aliada há de tantos outros que, desde séculos e até aos nossos dias, apostam n’Ele, a Ele se entregam e confiam e, deste modo, adquirem uma vitalidade que se manifesta na vida que transmitem: pelo que dizem e pelo que fazem. Uma vida em que as palavras estão em sintonia com as acções ou, se quisermos, as acções se tornam palavras. Já foi assim com Ele: a Sua mensagem do Reino de Deus teve o sucesso que teve, porque Ele próprio a viveu e transmitiu pelas suas acções. A palavra na vida fez que a Sua vida fosse a palavra que transforma, vivifica, salva... até aos nossos dias, nomeadamente:

3. A palavra que se tornou livro

A Bíblia nasceu da vida e para vida. É fruto da vida do povo de Deus: Israel e a Igreja. É a fixação por escrito das experiências e acontecimentos constitutivos da história do povo de Deus. Uma fixação que teve como finalidade primeira alimentar a vida de todas as gerações que se seguiram.

E assim acontece de facto: não há celebração alguma na Igreja em que se não faça uma ou mais leituras da Sagrada Escritura. Se a isso juntarmos a leitura pessoal e em grupos, nas circunstâncias mais diversas, podemos concluir: nem a Igreja, nem cada um dos seus membros, podem viver sem a Palavra de Deus contida e transmitida pela Bíblia.

Ela é transmissora de vida, também e em última análise, através daqueles que, em Igreja e individualmente, dela se alimentam e vivem. A vida que está na sua origem vai ganhando sentido novo naqueles que a lêem, escutam... e põem em prática.

Se Jesus, em Mt 7, 24-27, nos chama a atenção para isso, é porque é imprescindível. Na prática da vida é que as suas palavras se tornam num edifício inabalável. No texto em causa, são as palavras a que habitualmente chamamos “Sermão da Montanha” (Mt. 5, 7), porque situadas pelo evangelista no “Monte” (5, 1), isto é, no “lugar” mais próximo de Deus. A montanha é, em todas as religiões, como que o eixo entre o céu

e a terra, entre Deus e os homens. Quando Jesus é transfigurado no alto do monte (Mt 17, 1-9), as primeiras palavras que dirige aos seus discípulos, têm ou pretendem ter um efeito semelhante ao Seu, transfigurador, vivificante... para a felicidade e a vida de quem as escuta, acolhe e põe em prática... e para que as suas palavras e acções sejam fonte de vida.

Todo o catequista tem experiência disso: do bem, da felicidade, da vida que as suas palavras podem produzir nos catequizandos... se as palavras que dizem forem vistas ao vivo no seu comportamento, nas suas acções.

Para isso é fundamental uma leitura permanente da Palavra que se tornou Livro e, através dele, um profundo contacto de fé com Aquele que é para nós a Palavra mais viva de Deus... a Palavra da Salvação!

OBJECTIVOS

- Despertar para a importância de escutar Jesus;
- Desejar pôr em prática as palavras de Jesus, escutadas na catequese e na missa;
- Descobrir e venerar a Bíblia como Palavra de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças escutam e seguem com interesse aquilo que as satisfaz, que corresponde às suas necessidades e seu bem momentâneo ou permanente. Talvez mais do que os adultos, devido à fase de crescimento e aprendizagem em que se encontram. E, na medida em que são conquistadas para Jesus, ouvem-No e seguem-No com um interesse tantas vezes exemplar. É na base disso que elas são convidadas a terem um respeito especial pela Palavra de Deus, contida na Bíblia, respondendo assim ao convite de Deus no monte da transfiguração: “Escutai-O!”
2. Dada a importância da Bíblia na vida da Igreja, particularmente nas suas celebrações, a parte da catequese referente à Palavra é decalcada na leitura do Evangelho da missa. É uma ocasião para as crianças serem iniciadas nessa celebração e assim participarem nela de um modo mais atento.
3. A importância da Bíblia nesta catequese confirma o lugar central que ela vem ocupando em toda a catequese e prepara para acolher os ensinamentos que Jesus vai transmitir nas próximas.
Se, neste processo, puderem ser envolvidos os pais, tanto melhor. A proposta final vai nesse sentido.

MATERIAIS

- Figura de Jesus em silhueta (catequese anterior);
- Cartolina com os nomes das crianças (catequese anterior);

- Dísticos: “Mestre, como é bom estarmos aqui”, “Este é o meu Filho muito amado” e “Escutai-O” (catequese anterior);
- Duas ou três pedras que sirvam de suporte para a Bíblia, em vez da habitual estante ou almofada;
- Um pano para cobrir as pedras;
- Dois castiçais para ladear a Bíblia (catequese anterior);
- Flores ou outros meios de ornamentação, em volta da Bíblia;
- Uma flor para cada criança.

MÚSICAS

- Quero estar sempre contigo (2.ª Alternativa da experiência Humana);
- Jesus, eu amo-Te (2.ª Alternativa da Experiência Humana);
- Fala, Senhor, pela Bíblia.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar* está afixada a mesma figura de Jesus da catequese anterior, rodeada das cartolinas com os nomes das crianças e dos catequistas. Se for adoptada 2.ª alternativa da experiência humana, estão também afixados os dísticos “Mestre como é bom estarmos aqui”, “Este é o Meu Filho muito amado” e “Escutai-O”.
- *Em cima da mesa* estão dois castiçais, apagados, e, no meio, a Bíblia, não numa estante ou almofada habitual, mas encostada a duas ou três pedras, que servem de apoio e estão cobertas por um pano, que será retirado a seu tempo. Em volta da Bíblia podem colocar-se também algumas flores ou outros elementos de ornamentação, para realçar a sua importância.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

Ainda se lembram da história que ouviram nas duas catequese anteriores? Vamos todos pensar um bocadinho e, depois, vamos tentar contá-la. Mas não vale olhar para o catecismo. Portanto, os catecismos todos fechados. Cada um vai pensar, para ver se ainda se lembra.

Depois de um breve silêncio:

Então vamos lá à história com Jesus, que ouviram aqui. Quem quer começar?

O catequista vai alinhavando, com as crianças, o relato a transfiguração de Jesus. Quando chegar às palavras de Pedro e de Deus, tenta que as crianças as digam no seu teor exacto. Logo que o façam, afixa no placar, no mesmo lugar da catequese anterior, os respectivos dísticos: “Mestre, como é bom estarmos aqui”; “Este é o Meu Filho muito amado”; “Escutai-O”. No final conclui:

Dou-vos os meus parabéns. Estiveram muito atentos às catequese anteriores: ouviram e escutaram o que eu vos disse aqui. Não fizeram como fazem algumas pessoas: entram-lhes as coisas por um ouvido e saem-lhes por outro. E, às vezes, talvez aconteça o mesmo convosco.

Digam-me: quando é que isso não acontece? Quando é que vós estais mesmo atentos àquilo que vos dizem? Sem perder uma palavra? (*Deixar que se exprimam e concluir*):

Nós ouvimos com atenção, quando nos interessa aquilo que nos é dito: quando é para nosso bem e também quando gostamos muito das pessoas que nos falam. (*As palavras seguintes podem ser ditas numa intensidade de voz mais baixa*):

Mesmo quando essas pessoas falam assim baixinho... mesmo nessa altura nós somos todos ouvidos. Não queremos perder nenhuma palavra, porque sabemos que o que nos dizem é para nosso bem e, sobretudo, se gostamos muito da pessoa que nos fala...

Parabéns! Mesmo a falar baixinho, estão a ouvir-me, como me ouviram quando vos falei de Jesus. Ou melhor, quando Jesus ou aqueles que estavam com Ele nos falaram (*apontar no placar*).

2ª

Alternativa

Grupo grande

Quem se lembra dos dois cânticos novos que aprendemos aqui nas catequese deste ano? Vamos começar pelo primeiro, porque é mais fácil: já o cantámos em duas catequese.

*O catequista deixe que as crianças descubram o **cântico**, não lhes permitindo que se sirvam do catecismo. Depois de o descobrirem, podem cantar todos, o respectivo refrão:*

“Quero estar sempre contigo”

Agora vamos ao cântico que aprendemos no último encontro.

*Segue o mesmo processo, mas antes de todos cantarem o **cântico**, diz o seguinte:*

Parabéns! Têm muito bom ouvido ou melhor: sabem usar muito bem os ouvidos que têm. Ouviram bem os cânticos que aqui ensinei, de tal modo que não mais se esqueceram. Merecem os meus parabéns, até porque não acontece sempre assim. Às vezes ouvimos uma coisa e é como que não a ouvíssemos. Entra por um ouvido e sai pelo outro. Sabem-me dizer quando é que isso acontece: quando é que não ligamos àquilo que nos dizem?

Pois é. Não ouvimos porque não nos interessa ou não nos convém. Ao contrário, quando é para nosso bem e gostamos do que nos dizem, ou da pessoa que nos fala, então somos todos ouvidos.

É o que está a acontecer aqui na catequese e eu estou muito contente convosco. Ou melhor: é Jesus que está contente convosco. E vós também estais contentes com Ele, senão, não se lembravam dos cânticos que falam d'Ele ou com que falamos com Ele. Neste caso, foi um cântico por causa do que Deus disse d'Ele. Lembram-se? Olhem para o placar e vamos todos ler, ao mesmo tempo, as palavras que Deus, lá num monte muito alto, disse d'Ele.

Proclamam a uma só voz:

“Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O”

E agora proponho que manifestemos o nosso apreço e o nosso amor para com Jesus, cantando-lhe, com os gestos que aprendemos:

“Jesus eu amo-Te” (só a primeira letra e de pé).

II. PALAVRA

1. Se em todos os encontros de catequese estivermos tão atentos como tem sido até agora, vai ser um ano maravilhoso. É que Jesus tem muitas coisas para nos dizer. E vale a pena ouvi-lo. Tudo o que Ele nos diz é para nosso bem. Aliás é o próprio Deus, que ama tanto Jesus e nos ama a todos, que nos diz. Olhem outra vez para as palavras que Ele, Deus, nos disse no último encontro. Para nunca mais nos esquecermos delas, vamos todos dizê-la mais uma vez e em coro:

“Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O”

2. Vamos, portanto, escutar Jesus. Ele fala-nos aqui na catequese. E mais onde? (*Deixar que se exprimam e orientar sobretudo para a Eucaristia*):

Na Missa. E alguém sabe dizer como é que nós fazemos, quando Jesus, nos fala na Missa? Por exemplo: estamos sentados ou de pé?

Quando são palavras de Jesus ou dos livros que falam mais de Jesus estamos de pé. Habitualmente, quem lê essas palavras é o senhor Padre (ou senhor Diácono). Às

vezes, ele até vai acompanhado de dois acólitos, cada um com uma vela acesa. É sinal de que é muito importante o que vai ler. É como uma luz que nos ilumina e nos guia.

E alguém sabe dizer o que é que nós, antes e depois da leitura do Evangelho, dizemos? Chama-se Evangelho, porque as palavras de Jesus estão escritas nuns livros chamados Evangelhos. Então o que é que nós dizemos antes e depois da leitura? Quando o senhor Padre diz: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Mateus”, o que é que nós respondemos?...

Exacto: “Glória a vós, Senhor!”

Estamos a louvar, a dar glória a Deus pelas palavras de Jesus e sobre Jesus, por serem tão importantes... e por estarmos atentos a elas.

Querem dizer outra vez, para não nos esquecermos?...

“Glória a vós, Senhor!”

O catequista pode repetir, até se certificar de que as crianças fixaram bem.

3. Muito bem! Sabem no que estou a pensar?... Eu hoje vou ler a palavra de Jesus, como na Missa. Estão de acordo?

Não está cá o senhor Padre, mas eu faço as vezes dele.

Então vamos fazer assim: eu irei pegar na Bíblia, o livro da Palavra de Deus, e dois de vós nos castiçais.

Também pode ser outro catequista a ler, se o houver. Assim, dar-se-á, ainda mais destaque à leitura. Pode mesmo fazer-se um cortejo, vindo de fora da sala: à frente as duas crianças que fazem de acólitos, seguidas do catequista com a Bíblia levantada, como na Missa.

Mas, antes disso, vamos aprender mais um **cântico** em que nos dispomos a escutar com muita atenção as palavras de Jesus. É este:

“Fala, Senhor!”

Depois de ensaiar, só o refrão, o catequista continua:

Já estamos preparados para ouvir a palavra de Jesus. E vamos estar com muita atenção. Depois veremos quem estava com mais atenção, isto é, quem vai ser capaz de dizer, por palavras suas, o que Jesus nos vai dizer.

4. *Se houver cortejo, as crianças, de pé, cantam o refrão do cântico ensaiado. Se não, o catequista acende os dois castiçais, entrega-os a duas crianças que o ladeiam, depois, pega na Bíblia, levanta-a aberta em **Mt 7, 24-27** e todos cantam:*

“Fala, Senhor!” (só o refrão, repetido).

Catequista: *Com a Bíblia preparada, faz de seguida, calmamente, a leitura:*

“Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo S. Mateus”:

Crianças: **“Glória a vós, Senhor!”**

Catequista:

“Naquele tempo disse Jesus:

«Todo aquele que escuta estas minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Porém, todo aquele que escuta estas minhas palavras e não as põe em prática poderá comparar-se ao insensato que edificou a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; ela desmoronou-se, e grande foi a sua ruína.»

Palavra da Salvação.”

Crianças: **“Glória a vós, Senhor!”**

5. *Depois de colocados a Bíblia e os castiçais, ainda acesos, nos seus lugares e de sentadas as crianças, o catequista diz:*

Então, vamos lá ver se ouviram mesmo bem o que Jesus nos acaba de dizer. Do que falava Ele?

Falava exactamente das suas palavras, dos seus ensinamentos. Já vimos que são muito importantes. Mas basta ouvi-las? É preciso pô-las em prática. Assim é que se vê como não entram por um ouvido e saem pelo outro.

E as pessoas que as põem em prática, espero que sejamos nós. Pelo menos se for como até agora... e a que é que Ele compara as pessoas que põem em prática as suas palavras? Que fazem o que Ele diz?

Deixar que se expressem e sem comentar para já, levante a Bíblia, e descubra as pedras que lhe servem de suporte. Se não forem visíveis às crianças, levante uma delas e comente:

É uma pedra. Neste caso não é uma pedra para fazer uma casa, mas, segundo nos disse Jesus, é a pedra ou rocha sobre a qual um homem, que seja esperto e inteligente, constrói a sua casa. E não sobre a areia. Se for sobre a areia, com o vento e a chuva a casa cai logo. Mas se estiver construída sobre uma rocha não cai, é segura.

Pois bem, são assim também as pessoas que ouvem as palavras de Jesus e fazem como Ele nos diz: ouvem as suas palavras e põem-nas em prática. Essas pessoas não se deixam abater, desanimar, desistir por qualquer coisita. São pessoas fortes, seguras, porque estão unidas a Jesus e podem contar com a sua ajuda e protecção. Nem é preciso dizer que nós queremos ser dessas pessoas. É verdade ou não?... Então iremos não apenas ouvir as palavras de Jesus, mas seguir, fazer o que Ele nos diz. Ele pode contar convosco?

Depois de pousar a pedra, sem a cobrir, e colocar a Bíblia no seu lugar, o catequista conclui:

Já que estão, e bem, dispostos a pôr em prática as palavras de Jesus, proponho que lhe digamos isso. Cantemos outra vez o **cântico**:

“Fala, Senhor” (só o refrão, duas vezes).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Muito bem. Gosto muito de vos ouvir cantar com tanto entusiasmo. Vê-se bem que estão mesmo dispostos não só a escutar as Palavras de Jesus, mas também a pô-las em prática.

Tenho uma ideia, para mostrarmos ainda mais que apreciamos e amamos muito as palavras de Jesus. Querem ouvir?

Estão todos a ver o livro onde estão escritas as palavras de Jesus? *Apontar para Bíblia*. Alguém se lembra de como se chama este livro?

Isso mesmo: chama-se Bíblia. Estão lá escritas as palavras que Jesus disse e muitas outras que nos falam d'Ele. E outras ainda que nos falam de Deus e em que Deus nos fala. Por exemplo aquelas que Ele disse acerca de Jesus seu Filho. *Apontar os dísticos respectivos*.

E já sabiam que umas partes da Bíblia já estavam escritas, quando Jesus nasceu e viveu? É verdade: esta parte já estava escrita. *Mostrar o Antigo Testamento*.

De maneira que também Jesus lia muito essa parte. Lia tanto, tanto, que até sabia muita coisa de cor. E também Ele punha em prática o que Deus diz nessa parte. Portanto, também Jesus amava muito a Bíblia. Estão a ver como este livro grande é tão importante: estão aqui as palavras de Deus.

2. Tenho uma proposta: vamos mostrar também nós como gostamos da Bíblia. Querem saber como?

Pode ser assim: cada um de vós vai receber uma flor. Depois, um de cada vez, vem aqui à frente e, voltado para o livro da Palavra de Deus, a Bíblia, diz aquelas palavras que aprendemos e dissemos há pouco: “Glória a vós, Senhor!”; – depois, põe a flor junto da Bíblia, faz uma inclinação e volta para o seu lugar. Estão de acordo?

*O catequista organiza o cortejo. Além da flor, ou em vez dela, pode também sugerir às crianças que dêem um beijo na Bíblia, explicando, nesse caso, que o sacerdote ou diácono também a beija no final da leitura do Evangelho. Antes e no fim da entrega das flores e, se forem muitas crianças, lá pelo meio, cantem o **cântico**:*

“Fala, Senhor” (com a 1.^a e 2.^a estrofes).

No final conclui:

3. Com certeza que muitos de vós têm uma Bíblia lá em casa.

Quem é que tem?

Então eu proponho àqueles que têm a Bíblia lá em casa que, durante esta semana, peguem nela e falem sobre ela com as pessoas lá da vossa casa. Até pode acontecer que essa pessoa vos possa contar e ensinar mais coisas sobre este livro tão importante. E podem ler convosco algumas palavras que vêm lá: por exemplo, aquelas que hoje Jesus nos disse, vêm no catecismo. E já agora mais uma coisa: podem cantar o cântico que hoje aprendemos para cantar quando lemos a Bíblia: “Fala, Senhor”. De acordo?

COM JESUS QUERO AMAR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Quem é o maior?

A cena entre os Doze e Jesus narrada em Mc 9, 33-37 é, apesar da sua brevidade de apenas cinco versículos, de uma densidade que tal só a um leitor apressado e desatento passaria despercebida.

É densa, antes de mais, pela sua dimensão humana. Querer ser o maior está longe de ser um mal. Pelo contrário: está nisso a mola que nos faz crescer. Desde crianças e nos mais variados aspectos da vida: no desenvolvimento físico e psíquico, no reconhecimento da parte dos outros, tão necessário para uma boa integração social. Não ligar ou desprezar o outro devido à sua pequenez é, na prática, destruí-lo na sua condição de pessoa humana...e uma perda para os outros.

Por isso é densa a cena, pelas suas implicações na vida da sociedade e da Igreja. Qualquer grupo e instituição, minimamente organizados, dependem de uma boa chefia: de alguém que, não tanto pelo lugar de topo que neles ocupa, como sobretudo pela capacidade e competência, sabe orientar, dirigir e é reconhecido pelos outros como tal.

É densa ainda a cena em questão, pelo caminho e o processo a seguir por se ser o maior. Diz o Evangelista que à pergunta de Jesus: “Que, discutíeis pelo caminho?”, os discípulos “ficaram em silêncio, porque, no caminho, tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior” (v.33s). O problema devia estar no “discutir”, provavelmente nos desentendimentos e, sobretudo, num desejo da parte de todos de querer subir a todo o custo, mesmo dos outros, para obter o poder pelo poder. Se era isso, então havia razão para o silêncio... de vergonha.

É que o maior não é apenas o que tem competência, preparação, meios e qualidades pessoais para isso. É também e sobretudo o que as sabe usar: já na ascensão ao poder e, sobretudo, no seu exercício. Basta ver o que se passou em todas as épocas da história e se passa, talvez com mais gravidade, nas sociedades de hoje, ditas democráticas... mas em que a democracia se reduz, na prática, a uma série de

estratégias, de carácter no mínimo duvidosas, para a ascensão ao topo. Um mal que, infelizmente, se infiltra na própria Igreja e a todos os níveis da sua organização.

É mais grave nela porque, além dos efeitos negativos que tem dentro das comunidades cristãs, contradiz, destrói o que é específico delas, as identifica na sua relação vital com Jesus Cristo. Para Ele:

2. O maior é o que serve

Literalmente: “Se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos e o servidor de todos” (v.36). À primeira vista parece uma contradição: como se pode ser o primeiro, sendo o último? Seria de facto uma contradição, se Jesus não esclarecesse em que consiste a condição de último: ser servidor.

Não é, por isso, aquele que nada faz...para ser o maior. Não é aquele que nada faz, por pensar apenas em si próprio, entregue a um comodismo destrutivo da própria pessoa. Pelo contrário: o último é aquele que tudo faz... pelos outros. Aquele que desenvolve as suas qualidades, acumula os seus bens, não à custa dos outros, mas em colaboração com eles e, sobretudo, para lhes dar, para se dar mais...nomeadamente e, em primeiro lugar, àqueles que pouco ou nada têm.

Por eles de um modo especial, porque, nada tendo, aquilo que por eles é feito, é movido pela gratuidade. E como quem age gratuitamente, isto é, não condiciona o que faz à lei da recompensa, faz muito mais, sobe muito mais...para ser, de facto, o maior.

É o maior, porque a vida que tem, ao ser partilhada, se torna fecunda: gera novas vidas, dando vida a quem a não tem. A sua vida passa a ser a vida dos outros, e a destes, a sua vida.

Uma vida ilimitada e, como tal, geradora de vida. Principalmente se aqueles que a recebem e dela vivem, passam a usar a vida que assim adquirem, na mesma perspectiva e dinâmica da gratuidade e do dom.

O melhor e, para nós cristãos, decisivo exemplo é o do Mestre: tornou-se o maior, o Messias de Deus, porque, como “Filho do Homem”, Filho de um Deus que, no Filho, se faz extremamente solidário e servidor dos homens, se entregou “nas mãos dos homens, que o mataram; mas, “morto, três dias depois” ressuscitou (9,31). Na sua morte partilhou do modo mais extremo a vida...para alcançar aquela vida que não tem limites, porque vivida num amor infinito.

Até hoje, até nós que d’Ele vivemos, para, com Ele, nos entregarmos àqueles que são:

3. “Os mais pequeninos”

“E, tomando um menino, colocou-o no meio deles, abraçou-o”... (v. 36). Um gesto encantador, pela ternura que exprime. Saboreemo-lo. Imaginemos, se quisermos, que essa criança da mais tenra idade é cada um de nós: abraçado por Jesus, ao seu colo, junto do seu coração...

Sim, precisamos de nos deixar abraçar por Ele, para compreendermos e aceitarmos a dimensão provocante do gesto: o maior, o que está de facto no centro é mesmo o mais pequenino, em idade, em dependência física e psíquica, em precariedade material e espiritual, em desprezo ou até exclusão social.

Para Jesus, e para Deus que O envia, é esse o maior, exactamente por ser o menor, o mais dependente, o mais necessitado.

A medida do amor, do verdadeiro amor, é o outro, nas suas necessidades e carências. É ele que, sendo o maior para Jesus, faz d'Ele, Jesus, o maior; faz com que Ele lhe dê tudo, se dê todo, sem outro interesse, senão o de ver crescer esse menor... para, no amor que recebe e partilha, se tornar por sua vez, também ele um maior...

Imaginemos que esse menor é cada um de nós. Ou melhor: não precisamos imaginar; somos mesmo. De quem nos vem, afinal, tudo o que temos e somos? Não é realmente d'Ele, através do número incontável de pessoas que Ele tem colocado no longo caminho da nossa vida, para nos darem a vida que temos, em todas as suas componentes? Se a vida, que assim adquirimos, é um dom que d'Ele nos vem, então vivamo-la como tal: na doação incondicional... E então, sim, encontraremos a verdadeira vida, já nesta vida que vivemos no aqui e agora de cada dia: encontraremos Deus, como Jesus e com Jesus, o maior, por ter sido o menor com os menores.

Para já, agradeçamos-lhe a oportunidade única que nos dá, como catequistas, de o servirmos nas crianças que, semana a semana, coloca diante de nós: os pequeninos que Ele nos oferece...para os oferecermos a Ele no amor incondicional e gratuito que a todos nos une.

OBJECTIVOS

- Reconhecer a necessidade do amor para crescer;
- Descobrir a proposta de amor feita por Jesus, para com os mais pequeninos;
- Experimentar a alegria do amar e de ser amado.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças desta idade estão a passar de uma moral orientada por adultos para uma moral autónoma e pessoal. Até aqui as crianças apercebiam-se do bem e do mal que praticavam, consoante recebiam um louvor ou uma repreensão dos educadores. Agora começam a ser mais objectivas e a fazer um discernimento pessoal. Lentamente formam os seus critérios, não apenas pelas reacções afectivas, mas também por argumentos racionais. Vão interiorizando os valores morais e compreendendo o sentido da responsabilidade e da justiça.
2. Todos esses valores morais têm, a uni-los, o amor, na sua dimensão cristã e na sua realização prática. É por ele que a criança, como todo o cristão, deve orientar as suas decisões e os seus juízos. Por isso é dele que se parte, para uma série de catequeses dedicadas à vida e conduta moral.

Mas, tratando-se de cristãos, é um amor cujo modelo e fundamento é Cristo. É com base na revelação que d'Ele foi feita nas catequeses anteriores que são propostos os valores morais nesta e nas catequeses seguintes.

3. Nesta servimo-nos ainda de mais dois outros pontos de apoio: a necessidade que a criança tem de afecto, de amor, e o desejo de crescer, ser grande. Sê-lo-á na medida em que, a exemplo de Jesus e guiada por Ele, se tornar agente do amor que ela própria tanto deseja.
4. Na 2ª alternativa da experiência humana, procura-se uma inserção da criança na vida da comunidade cristã a que pertence. É uma dimensão fundamental da vida cristã: a pertença a uma Igreja que se manifesta e constrói, na medida em que vive na caridade que recebe de Cristo e põe em prática em união com Ele. A pessoa que for convidada para testemunhar esta vertente da vida comunitária, seja informada do tema desta catequese, dos seus objectivos e do seu desenvolvimento para que tudo decorra com êxito.
5. A proposta final de pôr as crianças em contacto com pessoas diferentes delas, a diversos níveis, tem como objectivo prepará-las para a catequese seguinte, cujo tema é um prolongamento e concretização desta catequese.

MATERIAIS

- Imagem de Jesus em silhueta (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Este é o meu Filho muito amado" e "Escutai-o" (catequeses anteriores);
- Dístico: "Amar";
- Cartolinas com os nomes das crianças e dos catequistas (catequeses anteriores);
- Uma fotografia ou imagem de uma criança até, ao máximo, 2 anos de idade;
- Cartolina em forma de coração, uma para cada criança;
- Canetas ou esferográficas;
- Bíblia e 2 castiçais.

MÚSICAS

- Fala, Senhor;
- O que fizerdes aos outros;
- Obrigado, Jesus, porque és meu amigo.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* ao centro a figura de Jesus em silhueta usada nas catequeses anteriores, juntamente com os dísticos “Este é o Meu Filho muito amado” e “Escutai-O”, e envolvido pelas cartolinas com os nomes das crianças e dos catequistas.
- *Na mesa:* a Bíblia, entre dois castiçais apagados.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

Durante o acolhimento nos pequenos grupos ou antes de uma das seguintes alternativas, o(s) catequista(s) informa(m)-se da realização, por parte das crianças, da proposta feita no final da catequese anterior: o uso da Bíblia em casa, com outros familiares. Louva as crianças pelo que fizeram e prepara-as para a leitura a ser feita nesta catequese, sem, porém, aludir ao seu conteúdo.

1ª

Alternativa

Grupo grande

Sei que vós tendes amigos: colegas, familiares e, certamente, o vosso pai e a vossa mãe. São pessoas que mostram de várias maneiras a amizade que vos têm. Pensem um bocadinho nisso. Como são muitos os gestos da amizade, pensem naquele de que gostam mais: um beijo, um abraço, um aperto de mão, um bom dia ou outra palavra de amizade...

Depois de um breve momento de reflexão pessoal, o catequista chama, uma ou duas crianças e pede-lhes que lhe digam ao ouvido qual o gesto de amizade de que gostam mais e depois realiza-o para com elas. De seguida diz:

Estão a ver, o (N) e a (N) gostam de quem lhes faça como eu lhes acabei de fazer. E certamente que ficaram contentes por ter amigos, e que mostram assim que o são. Os outros não levam a mal que eu agora não lhes faça o mesmo. Não teríamos tempo. Mas gostaria de saber, eu, e certamente, todos nós, como é que gostamos que nos façam quando nos encontramos com uma pessoa amiga.

Então vamos fazer assim: vou distribuir por cada um de vós uma pequena cartolina em forma de coração e cada um vai escrever nela qual o gesto que mais aprecia para receber um sinal de amizade de outra pessoa. Escrevam o vosso nome. Não se esqueçam.

Depois do trabalho das crianças, o catequista recolhe as cartolinas e coloca-as junto da Bíblia. Depois continua:

Querem saber o que vamos fazer com as cartolinas? Desculpem, mas não vou dizer ainda. Só posso dizer que vai ser uma surpresa de que irão gostar. Para já, estas cartolinas, com o vosso gesto de amizade, precisam de estar aqui, durante algum tempo, junto da Bíblia de que todos tanto gostamos. Jesus é que vai sugerir-nos o que devemos fazer.

2ª Alternativa

Grupo pequeno

O catequista chama para a frente das crianças uma pessoa que convidou para dar testemunho de actividades caritativas, de preferência a nível paroquial: a Caritas, Conferência de S. Vicente de Paulo ou outros grupos ou associações sócio-caritativas. Apresenta-a, rapidamente, às crianças, agradecendo-lhe desde já a sua colaboração nesta catequese. A própria pessoa dirá:

- O grupo/ associação em que colabora.
- O que fazem, procurando concretizar ao máximo e podendo contar um caso ou outro da ajuda, que pode não ser apenas material. De preferência, que envolva crianças.
- Pode usar imagens documentativas das actividades ou outros materiais.
- Dê oportunidade às crianças de fazerem as suas perguntas.
- Procure que tudo não dure mais de 10 minutos.

No final o catequista orienta a reflexão para o seguinte:

Estão contentes com o que o Sr./Sra. (N) faz?

Se fosseis vós que tivésseis necessidade, não gostaríeis que alguém vos ajudasse? E vós? Não estaríeis também dispostos a ajudar, a mostrar o vosso carinho e amor para com os necessitados?

Então eu proponho que façam o seguinte: numa cartolina que eu vou distribuir, vão escrever, numa palavra, aquilo que mais gostaram de ouvir do que disse o Sr./Sra. (N). Depois escrevam o vosso nome.

No final dos trabalhos das crianças e depois de recolhidas as cartolinas, o catequista continua:

O que iremos fazer com as nossas cartolinas? – Não digo, para já. Vão ficar aqui junto da Bíblia, guardadas para uma surpresa, que vai ser sugerida por Jesus.

II. PALAVRA

1. Será que Jesus tem hoje alguma coisa para nos dizer acerca do que devemos fazer para mostrar a nossa amizade para com os outros? Tem. E é muito importante. É uma coisa que todos os amigos d'Ele devem fazer. Eu vou contar:

Um dia, ia Jesus com os seus maiores amigos de então, os seus discípulos.

Eram pessoas que O seguiam para onde Ele fosse. Claro que gostavam muito de Jesus, como nós, e queriam aprender d'Ele, para fazer como Ele fazia.

Só que às vezes não sabiam e até faziam o contrário do que Ele fazia. Ainda hoje há pessoas assim, entre os amigos de Jesus. Certamente, que vós não quereis ser dessas pessoas.

E o que é que esses amigos de Jesus estavam a fazer?

Estavam a discutir qual deles era o mais importante. Cada um queria ser mais importante do que o outro. Não seria nenhum mal, se, com esse desejo de ser grande e importante não desprezassem os outros. Queriam ser mais do que os outros, mas desprezando-os.

Então Jesus, ao aperceber-se do que estavam a discutir os seus discípulos, parou, sentou-se juntamente com eles e, depois de lhes dizer que não é assim que eles se tornam importantes e grandes, que fez Ele?

2. *O catequista interrompe o relato e, em silêncio, afixa no sítio do coração da imagem de Jesus, no placar, uma fotografia ou imagem de um bebé, de idade até ao máximo 2 anos. Deixa que as crianças contemplem e, em seguida continua:*

Já viram que se trata de um bebé. Até podia ser cada um de nós, quando éramos pequeninos. E porquê aquele bebé ali?

Por causa do que Jesus fez e mostrou aos Seus amigos e nos quer mostrar a nós. Imaginem: Pegou numa criança pequenina, como aquela, pô-la ao colo, assim bem perto do coração, depois colocou-se, com a criança ao colo, no meio dos seus discípulos e disse-lhes: ...esperem um bocadinho, até eu ler o que disse Jesus.

Antes disso, vamos dizer a Jesus que estamos dispostos a escutar o que Ele tem para dizer.

*O catequista acende os castiçais, pega na Bíblia, abre-a em **Mc 9, 36-37**. Pode convidar duas crianças a ladeá-lo com os castiçais e depois convida todos a **cantar**:*

“Fala, Senhor” (só o refrão, repetido).

Depois lê, conforme se fez na catequese anterior:

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Marcos”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

“Naquele tempo,
Jesus tomou um menino,
colocou-o no meio dos discípulos,
abraçou-o e disse:
«Quem receber um destes meninos em meu nome
é a mim que recebe;
e quem me recebe,
não me recebe a mim,
mas àquele que me enviou».
Palavra da salvação”.

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

3. *Depois da Bíblia na estante ou almofada e os castiçais no seu lugar, o catequista afixa por cima da imagem de Jesus o dístico: “Amar”.*

Depois de deixar contemplar, comenta:

“Amar” foi o que Jesus fez e mandou fazer aos discípulos. Amar a quem?

Exacto: uma criancinha. E porquê?

Porque um bebé precisa de mais amor. É tão pequenino. Se ninguém lhe der comida e bebida, o vestir, o lavar e outras coisas, e o acarinhar, não consegue viver. Alguém de vós tem assim um bebé lá em casa?

Só que este bebé representa muitas outras pessoas que passam por necessidades.

Exemplificar, sobretudo com casos da 2ª alternativa.

Jesus gosta muito de todas essas pessoas, porque precisam mais.

Jesus ama a todos, mas principalmente os mais necessitados.

Ama tanto, tanto que disse uma coisa muito importante para nós. Ainda se lembram?

Então eu vou recordar:

“Quem receber um destes meninos em meu nome é a mim que recebe”.

Quem recebe um bebé, quem ajudar um velhinho, cuidar de um doente e de outras pessoas assim, está a fazê-lo a Jesus. Não há dúvida de que Jesus era mesmo muito, muito amigo dessas pessoas.

E, por isso, é que Ele era admirado por todos, era importante, era o maior de todos.

Portanto, não é a desprezar os outros que os amigos de Jesus se tornam grandes.

Mas é a amá-los. *(Apontar o placar).*

4. Para não nos esquecermos disto, querem aprender um **cântico** em que dizemos as palavras de Jesus? É assim:

“O que fizerdes aos outros”.

O catequista ensaia o refrão até as crianças o saberem. Depois continua:

5. Mas não é só a Jesus que nós agradecemos quando fazemos bem aos outros. Há uma outra pessoa que nós recebemos quando recebemos os pequeninos e os necessitados. Quem é? Vejam lá se se lembram?... Olhem para o placar: Quem disse aquelas palavras: “Este é o Meu Filho muito amado”?
- Foi Deus. Pois bem, quem recebe Jesus, recebe Deus que O enviou a nós. Quem faz bem aos outros, sobretudo aos mais necessitados, é a Deus que está a fazer o bem. Deus, Jesus e os outros – a todos amamos.
- Estão a ver como é importante amar, sobretudo quem mais precisa?
- Como devemos fazer para isso?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Eu tenho uma ideia. Estão a ver aqui as cartolinas que vós escrevestes? (*O catequista refere-se a elas, conforme a alternativa seguida na experiência humana*):

1ª

Alternativa

Vou distribuir por vós os corações em que escrevestes aquilo que desejais que vos façam, para mostrar a amizade, o carinho para convosco. Mas vou dar a cartolina a um outro colega.

E o que faz esse colega? Que vos parece?...

Vai fazer aquilo que lá está escrito. Mas com muito respeito e amizade, pensando no que Jesus nos disse: Amar!

Para que isso aconteça, antes de começarmos, proponho que cantemos o **cântico** que aprendemos. De acordo?

“O que fizerdes aos outros” (1ª estrofe e refrão)

De seguida, chama uma criança de cada vez, entrega-lhe a cartolina de uma outra criança, pede que a leia para si e, sem dizer nada, vá fazer a esse colega aquilo que ele pede na cartolina para lhe fazerem como sinal de amizade. Se houver desejos que, por qualquer razão, sejam irrealizáveis, pede-se às crianças que os substituam por um outro gesto que exprima essa amizade.

*Pelo meio e para manter a seriedade e o sentido cristão dos gestos, pode cantar-se, de vez em quando, o refrão do **cântico**:*

“O que fizerdes aos outros”

2ª
Alternativa

Eu vou distribuir por vós as cartolinas onde escrevestes o que mais vos agradou de tudo aquilo que nos disse o Sr. (N) ou Sra. (N). Mas a cartolina que vão receber será a que foi escrita por outro colega. Porquê?...

Para pensardes também nesse colega e contribuídes para que se realize aquilo que ele lá escreveu. Assim estais a receber ao mesmo tempo duas pessoas: aquelas a que se refere a cartolina do colega e a ele próprio. E dois a colaborar no mesmo, é mais fácil de alcançar. Quando se trata de amor, sobretudo os mais necessitados, devíamos estar todos prontos a colaborar.

Mas, antes de fazermos isso, vamos lembrar-nos do que Jesus nos disse. Sim: Ele é que nos mandou amar. E o que fazemos aos outros é a Ele que o fazemos e... a Deus seu Pai.

Então cantemos o **cântico**:

“O que fizerdes aos outros” (*refrão e 1ª estrofe*).

O catequista distribui como na 1ª alternativa: cada criança ao receber a cartolina, volta-se para as outras, lê o conteúdo e o nome do colega. Pelo meio, vão cantando o refrão do mesmo cântico.

2. Sabem o que eu estou a ver? Já estamos todos maiores. Crescemos mais um pouco, porque fizemos já o que Jesus nos disse para fazermos, se queremos ser grandes, maiores. Não estão contentes também? Então vamos agradecer a Jesus o que Ele nos disse e a coragem que nos deu para o fazermos. De pé (...) cantemos-lhe o nosso obrigado, com o **cântico**:

“Obrigado Jesus, porque és meu amigo”

Depois de cantarem uma vez:

E agora agradeçamos também a Deus seu Pai e ao Espírito Santo:

**“Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amen”.**

Concluir a oração, com o refrão:

“Obrigado Jesus, porque és meu amigo”

3. Podem sentar-se. Só falta uma coisa: que vamos fazer às cartolinas que cada um recebeu?...

Tenho uma proposta: Cada um leva para casa a que lhe calhou, para se lembrar mais vezes do colega que a escreveu e ainda para uma outra coisa.

É esta: cada um de vós conhece ou vai procurar conhecer uma pessoa que seja diferente de vós: uma pessoa que seja de outro país, de outra língua ou de outra religião. Ou então que seja de outra idade: por exemplo um velhinho. Ou que não tenha saúde, como nós temos. São pessoas que nós não podemos desprezar. Se puderem encontrar-se com elas, ainda é melhor. Podem informar-se como é a vida delas ou do seu país, no caso de ser um estrangeiro.

Depois escrevam o nome dessa pessoa e outras coisas sobre ela no outro lado da cartolina. E vão trazê-la assim, escrita dos dois lados, para o próximo encontro. Vejam lá se ninguém se esquece de trazer a cartolina bem cheia.

Podemos contar convosco?

*Podem terminar-se o encontro com o **cântico**:*

“O que fizerdes aos outros” (*refrão e 2ª estrofe*).

COM JESUS APRENDO A RESPEITAR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. É preciso respeitar

E não apenas tolerar. Infelizmente e com muita frequência fica-se por aí, quando se trata das diferenças que nos distinguem, a nível de raças, línguas e cores, de crenças e religiões, de idades, mentalidades e convicções. Habitualmente, fala-se apenas de tolerância. Mas é pouco! Não basta suportar os outros na sua identidade. A tolerância permite, quando muito, e é melhor do que nada, a coexistência... mas apenas em vidas paralelas, e ainda não integradas naquela conjugação social de vida que é o segredo do progresso, da vitalidade de toda a sociedade organizada.

As diferenças são um bem para o indivíduo e para a sociedade. “Ao vir ao mundo, o homem não dispõe de tudo o que é necessário para o desenvolvimento da sua vida corporal e espiritual. Precisa dos outros. Há diferenças relacionadas com a idade, as capacidades físicas, as aptidões intelectuais e morais, os intercâmbios de que cada um pode beneficiar, a distribuição das riquezas. Os «talentos» não são distribuídos por igual.

Estas diferenças fazem parte do plano de Deus que quer que cada um receba de outrem aquilo de que precisa e que os que dispõem de «talentos» particulares comuniquem os seus benefícios aos que deles precisem. As diferenças estimulam e muitas vezes obrigam a pessoa à magnanimidade, à benevolência e à partilha; e incitam as culturas a enriquecerem-se umas às outras.” (CIC 1936-1937).

Um bem, portanto, mas que exige, antes de mais, o respeito por essa diferença: conforme indica a própria etimologia da palavra, exige que o outro seja “olhado” (do latim “spectatus”) mais e mais, tão longa e repetidamente, que esse olhar leve ao acolhimento e aproveitamento das diferenças e, conseqüentemente, à sua promoção. Só assim as diferenças se tornam complementares na construção da vida, do bem, do progresso, tão fundamentais para a existência humana.

Nesse sentido, o respeito é uma atitude sagrada: uma virtude que assenta em Deus, que nos fez diferentes e, pelas diferenças, nos desafia ao amor. O respeito é

constitutivo daquele amor em que o outro é tratado e acolhido, como é... para ser mais.

Porque será que nem os discípulos de Jesus, segundo Mc 9, 38-41, se apercebem disso?

2. Dar-se ao respeito

De facto, um dos Doze, João, disse a Jesus: “Mestre, vimos alguém expulsar demónios em teu nome, alguém que não nos segue, e quisemos impedi-lo, porque não nos segue” (v. 38).

Neste caso, a diferença estava apenas na confissão cristã, e não já na religião. Se a pessoa em questão expulsava demónios em nome de Jesus, era porque, no mínimo, acreditava n’Ele, no seu poder libertador e salvífico.

Diferenças que se acentuaram ao longo da história do cristianismo e tiveram os seus momentos mais dramáticos e vergonhosos nos cismas das Igrejas ortodoxas orientais, no séc. XI, e das Igrejas reformadas nos séculos XVI. Seguiram-se, nos dois casos, tempos de turbulência em que aumentaram as diferenças, se acentuaram as separações, nalguns casos com lutas verdadeiramente fratricidas. Sim, porque os que se excluíam e até se odiavam eram e são filhos do mesmo Pai que está nos Céus, a quem invocavam como tal, fundados no reconhecimento e adesão de fé a Seu Filho Jesus Cristo. Como foi possível chegarem tão longe?

Independentemente de circunstâncias históricas, nomeadamente no campo político, há no fundo uma razão que tem a ver com a pessoa humana: aquela que está em jogo na cena imediatamente precedente, em que os discípulos discutiam e, pelos vistos, lutavam com todos os meios para serem os maiores... à custa dos menores. Queriam ser os maiores, fazendo dos outros os menores, se possível, tão menores, que desaparecessem, deixassem de se ver... de se respeitar.

Ora quem não respeita, cria condições para não ser respeitado. No fundo é o próprio que impede que os outros o respeitem, porque lhes não permite que eles o olhem tal qual é... até com as suas fraquezas e pecados.

A resposta de Jesus impressiona, antes de mais, pela sua vastidão de horizontes: “Não o impeçais, porque não há ninguém que faça um milagre em meu nome e vá logo dizer mal de mim. Quem não é contra nós é por nós” (v. 39-40).

Jesus, como fundamento e elo de união entre todos os que agem em seu nome, sejam de que confissão forem, até dos que, voluntariamente ou não, o desconhecem, mas fazem o bem não diz: “Quem não é por nós, é contra nós”, o que seria muito mais redutor. Mas não. Todos os que, mesmo sem o saberem, se entregam às causas do Reino de Deus, nomeadamente no campo social da vida humana, estão de facto com Jesus e os seus. E se, de facto, se consideram seus discípulos, cristãos como nós, então muito mais... Porquê?

3. Para ser respeitado

Sim, é muito mais facilmente respeitado aquele que, pelo bem que faz, pelo respeito como olha e trata os outros, se dá ao respeito. Cria-se entre ele e os outros uma espiral virtuosa que, tantas vezes, começa num simples copo de água: “Sim, seja quem for que vos der um copo de água por serdes de Cristo, em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa” (v. 41).

De facto, a recompensa acaba tantas vezes na adesão livre e convicta àquele a quem se começou por dar um copo de água, em gratidão pelo respeito com que, em qualquer altura e circunstâncias, foi tratado por ele. Ou melhor: acaba na adesão a Cristo que é efectivamente quem actua, por vezes de modo bem milagroso, naqueles que usufruem do Seu amor e, conquistados por Ele, se entregam à prática do bem, como é próprio de quem ama. É um bem sem olhar a quem, como sempre faz quem a todos respeita, com e como Jesus.

E quando isto acontece, quando o amor cria mais amor e conquista mais gente para a sua prática, então temos aquilo sem o qual não há sociedade que sobreviva: a paz, só possível no respeito mútuo que, por sua vez, é expressão imprescindível da caridade... aquela com que somos amados por Deus, em Cristo.

Felizes os catequistas, pela oportunidade única que têm, todas as semanas e em cada dia da semana, de respeitar, de se darem ao respeito e criarem respeito: em primeiro lugar com as crianças a crescer para a vida, pelo respeito que experimentam e praticam, depois com os colegas que exercem o mesmo carisma na catequese; e ainda com os pais e outros educadores das crianças. São felizes, pelo contributo que dão para a vida que, assim, vai muito mais além da sua própria vida. Vejam o que aconteceu, ou melhor, acontece ainda com Cristo: o homem ainda hoje mais respeitado em todo o mundo. E com toda a razão.

OBJECTIVOS

- Tomar consciência das diferenças entre as pessoas;
- Descobrir o respeito como forma e expressão do amor;
- Unir-se a Cristo no respeito para com todos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta catequese é aprofundado e concretizado o tema da anterior: quem ama respeita, e sem respeito não há amor. Tudo na perspectiva da formação da consciência moral das crianças, iluminada pela adesão da fé a Cristo.
2. O tema do respeito é, mais do que nunca, indispensável. Por um lado, as crianças têm hoje muito mais contacto com as pessoas de outras raças, línguas e religiões, nomeadamente na escola, sobretudo em centros urbanos. Por outro, nem sempre é fácil a integração de todos. Em muitos lugares, nasce daí um clima de violência, com efeitos muito negativos para todos. Portanto, se, por um lado, é fácil despertar e

sensibilizar as crianças para o tema, por outro, é fundamental oferecer-lhes motivações para porem em prática o que, infelizmente, não se verifica em todos os lugares.

3. Como em todas as catequeses, o fundamento da prática do respeito, é Cristo. Daí a importância dada à sua Palavra e à resposta de fé. Que esta seja feita em ordem e seriedade... na firme esperança de que a criança, assim, irá dar um testemunho prático da mensagem escutada.

MATERIAIS

- Figura de Cristo em silhueta (catequeses anteriores);
- Dísticos: “Este é o meu Filho muito amado”; “Escutai-o”; “Amar” (catequeses anteriores);
- Dístico: “Respeitar”;
- Cartolinas com o nome das crianças (catequeses anteriores);
- Cartolinas em forma de coração que as crianças levaram para casa (catequese anterior);
- Mais algumas cartolinas idênticas (para o caso de algumas crianças se esquecerem de as trazer);
- Bíblia e dois castiçais.

MÚSICAS

- O que fizerdes aos outros;
- Fala, Senhor;
- Senhor, para ti o meu coração.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* como nas catequeses anteriores, a figura de Jesus, em silhueta, envolvida pelos dísticos: “Este é o Meu Filho muito amado” e “Escutai-O”. Em volta da imagem, as cartolinas com os nomes das crianças e do(s) catequista(s). Por cima da imagem de Jesus, ao nível dos braços, o dístico da catequese anterior “Amar”.
- *Na mesa:* a Bíblia rodeada de dois castiçais apagados.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista informa-se, da parte das crianças, da realização da actividade proposta no final da catequese anterior: escrever no verso da cartolina em forma de coração, o*

nome e outras referências de uma pessoa diferente delas, pela raça, país ou língua, pela religião ou pela convicção social, idade, etc..

Se não forem muitas as crianças, deixe que todas se pronunciem, procurando em que digam alguma coisa sobre essas pessoas e qual a relação que têm com elas. No final agradece às crianças o seu trabalho e colaboração e conclui:

2. Tantas pessoas diferentes de cada um de nós (*pode recordar algumas dessas diferenças*). E como é que nos devemos comportar com essas pessoas? Não digam. Ou melhor, vão dizer de um modo especial. Querem ver qual é?

1ª

Alternativa

O catequista chama uma das crianças, que pode ser mesmo uma das que não realizaram a tarefa pedida ou não se pronunciaram, para que vá para junto de si, trazendo a cartolina que recebeu na catequese anterior. Uma vez junto de si, pede-lhe que chame pelo colega cujo nome está escrito na cartolina. Depois pergunta aos dois que relação têm um com o outro: quando se conheceram, se andam na mesma escola... até à pergunta final: se são amigos um do outro; na esperança de que respondam sim, dirá o seguinte, mesmo que a amizade não seja grande:

Como é que sois amigos um do outro se sois tão diferentes?

O catequista concretiza essas diferenças, desde o nível físico, dos gostos, das ocupações, da família, etc., podendo fazer perguntas aos dois nesse sentido. No final conclui, conforme se sugere, depois da:

2ª

Alternativa

O catequista propõe às crianças que cada uma pense na pessoa de quem mais gosta. Depois pergunta quem o quer dizer aos outros. Chama uma dessas crianças para junto de si e informa-se sobre a pessoa de quem a criança é mais amiga, explorando as diferenças entre elas, a diversos níveis: físico, idade, ocupações, etc.. Pergunta-lhe, no final, como é que ela consegue ser amiga de uma pessoa que é tão diferente. No fim conclui:

3. **Para as duas alternativas:**

Afinal as diferenças entre nós não impedem que sejamos amigos uns dos outros. Pelo contrário, é bom e até necessário que não sejamos todos iguais; senão,

confundíamos-nos todos uns com os outros e ninguém se conhecia. Às vezes é até uma dificuldade quando estamos juntos de gêmeos siameses. Ficamos sem saber de quem se trata exactamente.

Agora pensemos naquelas pessoas cujos nomes escreveram na cartolina. São pessoas, algumas mesmo muito diferentes (*pode exemplificar com algumas dessas diferenças*).

Vamos, por isso, desprezar essa pessoa? Mas nem toda a gente faz isso. Lembrem-se de alguns casos em que essas pessoas são desprezadas?

Nem vos pergunto se as pessoas que desprezam os outros, por serem diferentes, fazem bem. Sei que me vão dizer que não.

Mas acham que é fácil? Mesmo quando se vê que não é bom desprezar, há pessoas, como vimos, que o fazem. Que nos dirá Jesus?

II. PALAVRA

1. Antes de ouvirmos o que Ele tem para nos dizer sobre isto, recordemos o que nos disse na última catequese. Para nos lembrarmos melhor, cantemos o **cântico** em que estão resumidas as suas palavras:

“O que fizerdes aos outros” (*refrão*).

Agora, quem se lembra por que razão é que Jesus nos disse estas palavras?

O catequista ajuda as crianças a reconstruírem a cena de Mc 9, 33-37. No final, podem cantar o mesmo cântico, com a 3.ª estrofe. Neste caso conclui:

Ouviram bem o que cantámos? Quem ama os outros até é capaz de voar. Tem de ir mais depressa ao encontro deles. Para ela fazer quê?

2. Querem ouvir o que aconteceu, depois de Jesus dizer aquelas palavras aos discípulos que estavam a discutir sobre quem era o maior e até a zangar-se por causa disso? Então eu vou contar:

Um dos seus discípulos, que se chamava João, ao ouvir aquelas palavras de Jesus sobre a amizade para com os mais pequeninos e mais necessitados, ficou a pensar numa coisa que ele, juntamente com os outros, tinha feito. Lá lhe parecia que aquilo que tinham feito não tinha sido muito bom. E o que foi?

Disse ele a Jesus que tinham visto outra pessoa a fazer bem em nome de Jesus e que lho proibiram. Mas proibiram porquê? Simplesmente porque se tratava de uma pessoa que não fazia parte do grupo dos amigos de Jesus: não o seguia, não o

escutava. Mas, por qualquer razão, servia-se do nome de Jesus para fazer bem aos outros. Hoje seria como outra pessoa que não faz parte da nossa religião, não vem à nossa Igreja, não reza conosco. (*Se tiver sido apresentado algum caso destes, mencioná-lo*).

Imaginem: proibir de fazer o bem, em nome de Jesus, só por não ser do mesmo grupo. Estavam mesmo a desprezá-lo.

Agora, certamente, querem saber o que respondeu Jesus. O que Ele disse então é também para nós. Por isso, antes dele nos falar, vamos dizer-lhe que o queremos escutar. Está bem? Então ponham-se de pé, para lhe cantarmos o **cântico**:

“Fala, Senhor” (*refrão*).

*O catequista abre a Bíblia em **Mc 7, 39-41** e, de Bíblia levantada e ladeado de duas crianças com os castiçais acesos, depois do cântico, lê:*

Catequista - “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos”:

Crianças – “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

**“Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
«Não o impeçais,
porque não há ninguém que faça um milagre em meu nome
e vá logo dizer mal de mim.
Quem não é contra nós é por nós.
Sim, seja quem for que vos der a beber um copo de água
por serdes de Cristo,
em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa.»
Palavra da Salvação”.**

Crianças – “Glória a vós, Senhor”

3. Podem sentar-se. (*Depois dos castiçais e da Bíblia no seu lugar*):

“Não o impeçais.” Foi o que disse Jesus relativamente a quem faz o bem, em nome d’Ele. Mesmo que não pertença ao grupo dos amigos d’Ele, se está a fazer bem, a fazer milagres em nome d’Ele, certamente não vai depois dizer mal de Jesus. E depois disse umas palavras que valem para todas as pessoas que são diferentes de nós. Ou melhor, sobre o modo como devemos tratar essas pessoas. Lembram-se o que foi?

“Quem não é contra nós é por nós”. Isto é, ser diferente não significa que seja contra mim. Já vimos que até é bom ser diferente. Mas, mesmo os que não são amigos? Vamos desprezá-los? Claro que não.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Vamos antes... (*Em silêncio, o catequista afixa no placar, por debaixo do dístico “Amar”, o dístico “Respeitar”*).

Querem ler comigo? O que Jesus nos manda é... “Respeitar”.
E agora respondam-me:

O que vamos fazer a uma pessoa de outra religião?

Todos: Respeitar.

O que vamos fazer a uma pessoa de outra cor?

Todos: Respeitar.

O que vamos fazer a uma pessoa de outro país?

Todos: Respeitar.

O que vamos fazer a um velhinho?

Todos: Respeitar

Podem juntar-se outros casos e situações apontados antes.

2. Muito bem. Estão a ver que respeitar está por baixo de amar? Quem ama respeita. E quem respeita os outros, como eles são, já está a amá-los. Portanto, se os respeitamos já os temos no coração.

Querem mostrar a Jesus que têm mesmo no coração todas as pessoas diferentes de vós?

Então, eu proponho-vos o seguinte: cada um de vós vai oferecer a Jesus a cartolina em forma de coração que tem na sua mão, onde estão escritos os nomes das outras duas pessoas e vêm aqui à frente com ela na palma da mão. (*O catequista mostra, com uma cartolina na mão aberta, em sinal de oferta*). Quando chegar aqui lê o nome das duas pessoas, e acrescenta “o meu coração”.

Assim: “Por (N) e (N) o meu coração.”

Mas antes de começarmos, vamos todos oferecer o nosso coração a Jesus com o **cântico:**

“Senhor, para ti o meu coração” (*refrão, 2 vezes*).

O catequista organiza o cortejo. Se as crianças tiverem dificuldades em ler os nomes, ajuda-as. Os corações são colocados junto da Bíblia. Pelo meio podem, de vez em quando, cantar o refrão do cântico: “Senhor, para ti o meu coração”.

3. Que lindo. Sabem quantos corações estão juntos de Jesus?

Ora contem lá... São três vezes, tantos quantos os que estamos aqui. Sim, porque o nosso coração, com o nosso nome já lá estava desde o primeiro dia de catequese. Agora acabamos de apresentar os corações com mais dois nomes, um de cada lado. Todos juntos do Senhor. Não acham lindo? Então manifestemos a nossa alegria, cantando o **cântico**:

“O que fizerdes aos outros” (refrão e 4.^a estrofe).

Repararam bem no que acabámos de cantar?

“Amarmos os outros
É como quem faz
Da Terra dos homens
A Terra da Paz.”

É o que acontece quando todos se respeitam uns aos outros. Não foi isto que Jesus nos disse? Ele até apresentou um exemplo... o do copo de água. Lembra-se? “Quem vos der de beber um copo de água por serdes de Cristo, em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa”. O que é que Ele querera dizer com isto? – Se nós, por sermos seus amigos, respeitarmos os outros, também os outros têm muito mais razão para nos respeitar. E podem manifestar esse respeito nem que seja por um simples copo de água. Isto é, o respeito é que faz com que os outros, diferentes de nós, nos respeitem também. E quando todos se respeitam, há paz.

4. Então, vamos fazer isso. Para não nos esquecermos, proponho que cada um de vós leve para casa um dos cartões que acabámos de oferecer a Jesus. Agora é Ele que no-lo dá, para que, onde quer que estejamos, respeitemos a todos, a começar pelas duas pessoas cujos nomes estão escritos nos corações: um é o do vosso colega e amigo e o outro é de outra pessoa, mais diferente de vós.

O Catequista vai distribuindo as cartolinas, à medida que as crianças vão saindo, podendo ter para com elas um gesto e/ou uma palavra de apreço e respeito.

COM JESUS QUERO DIZER A VERDADE

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Que é a verdade?”

É uma pergunta célebre. Foi feita por Pilatos durante o julgamento a que foi sujeito Jesus e em que lhe foi ditada a sentença de morte (cf Jo 18, 38).

Mas é célebre, porque é de todos os tempos. Sinal de que não há uma resposta uniforme, que satisfaça a todos. Talvez porque não é fácil realizar aquilo que nela está em causa. No caso de Pilatos isso é mais do que evidente.

Por isso, e como resposta, talvez seja mais fácil e esclarecedor perguntar: onde está a verdade? Onde e quando é posta em prática ou, ao contrário, é rejeitada por comportamentos que a contradizem ou distorcem?

De entre as muitas ofensas à verdade, o Catecismo da Igreja Católica aponta-nos as seguintes:

- *O falso testemunho e o perjúrio*, “Uma afirmação contrária à verdade feita publicamente (...): perante um tribunal, é um falso testemunho; quando mantida sob juramento, é um perjúrio. Estes modos de agir contribuem quer para condenar um inocente, quer para absolver um culpado ou aumentar a pena em que tiver incorrido o acusado” (n. 2476).
- *O juízo temerário*, em que se “admite como verdadeiro, sem prova suficiente, um defeito moral do próximo” (n. 2477).
- *A maledicência*, em que alguém, “sem motivo objectivamente válido, revela defeitos ou faltas de outrem a pessoas que os ignoram” (ibidem).
- *A calúnia*, em que alguém, “por afirmações contrárias à verdade, prejudica a reputação do outro e dá ocasião a falsos juízos a seu respeito” (ibidem).
- *A lisonja, adulação ou complacência*, feita para estimular ou confirmar “outrem na malícia dos seus actos e na perversidade da sua conduta” (n. 2480).
- *A jactância ou vanglória* (n. 2481).
- Ou simplesmente a *mentira* que “consiste em dizer o que é falso com intenção de enganar” (n. 2482).

Como facilmente se vê, em tudo isto, é minada e destruída a relação com os outros. Nalguns casos com efeitos que podem levar à perda da vida. Veja-se o que aconteceu com Jesus: foi sacrificado ao medo de Pilatos de deixar de ser “amigo de César” (Jo 19, 12), de perder o lugar que ocupava, escravo do poder exercido exclusivamente em proveito próprio. Rejeitou, por isso, a verdade, ou melhor, Aquele que é por excelência a verdade e o manifestou de modo especial quando foi vítima da mentira. Foi especialmente então que Jesus demonstrou ser o que proclamava antes da pergunta de Pilatos: “Para isto nasci, para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que vive da verdade escuta a minha voz” (Jo 18, 37). Ele dá testemunho daquilo que conhece, daquilo que Ele próprio é:

2. “O Caminho, a Verdade e a Vida”

É assim que Ele responde a Tomé, desejoso de saber o caminho por que iria seguir Jesus, após a Última Ceia, a refeição de despedida: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim” (Jo 14, 6). O caminho é o que leva ao Pai, o autor e a fonte da vida. Um caminho da verdade, percorrido na verdade. Em que sentido?

As palavras de Jesus são pronunciadas na sequência do gesto de todo inesperado com que abre a Última Ceia: a lavagem dos pés aos seus discípulos (Jo 13, 3-5). Um gesto de escravo, um gesto de quem se faz propriedade dos outros, rebaixando-se a eles, às suas necessidades, à sua vida. Um gesto de amor: “Ele que amava os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13, 1).

Um prelúdio e prenúncio do amor manifestado na cruz, em que se despojou de tudo, por aqueles pelos quais deu a vida. Foi então que Ele consumou a obra de entrega total ao Deus vivo e verdadeiro (Jo 19, 28. 30). Verdadeiro, porque “tanto amou o mundo que lhe deu o seu Filho Unigénito” (Jo 3, 16).

A verdade é filha do amor. Quem ama diz e faz a verdade, porque para ele o outro é tudo. E quem assim, movido pelo amor e o respeito pela vida do outro, vive na verdade, está no caminho de conquistar o outro para o mesmo amor e a mesma verdade que lhe é transmitida e com que é tratado.

Por isso, o mesmo Cristo que, pelo amor, transforma a mentira de que foi vítima na maior manifestação da verdade, aquela que conduz a uma vida ilimitada, a vida de amor pleno que só Deus tem, esse mesmo Cristo nos diz:

3. “A verdade vos fará livres”

Dito de modo completo: “Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres” (Jo 8, 31). A Sua mensagem é a que está reunida no mandamento do amor, aquele que Ele mesmo viveu até ao extremo e nos deixou como identificativo dos seus discípulos. “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; na medida

em que Eu vos amei, amai-vos uns aos outros. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 34s).

É a verdade, filha predilecta deste amor, que nos liberta do egoísmo, do comodismo e até das nossas incapacidades para dizer e realizar tudo o que é destrutivo da vida dos outros. “O discípulo de Cristo aceita «viver na verdade», isto é, na simplicidade de uma vida conforme ao exemplo do Senhor e permanecendo na sua verdade. «Se dizemos que estamos em comunhão com Ele e andamos nas trevas, mentimos, não praticamos a verdade» (1Jo 1, 6)” (CIC 2470).

De facto, quem vive em comunhão com Cristo, tudo faz para realizar o que Paulo diz àqueles que, pelo Baptismo despiram o homem velho dominado pelo pecado: “despi-vos da mentira e diga cada um a verdade ao seu próximo, pois somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25).

O catequista, como membro do Corpo de Cristo a que pertencem os catequizandos que lhe são confiados, é o agente principal desta verdade, que transmite, na medida em que dela e para ela viva. E que feliz será, se os catequizandos, por meio dele, se deixarem conquistar para a mesma verdade... para Cristo!

OBJECTIVOS

- Constatar que dizer a verdade nos faz felizes;
- Descobrir em Jesus a fonte da verdade, com base no amor e no respeito;
- Comprometer-se a dizer sempre a verdade.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Todas as crianças, num determinado período do seu crescimento, têm tendência para mentir. Podem ser várias as razões que a levam a isso:

- Imaginação ou incapacidade de distinguir entre o real e o fantástico;
- Imitação do que vêem fazer aos adultos;
- Medo do castigo, que tira a coragem de confessar verdades difíceis;
- Complexo de inferioridade que leva a criar realidades imagináveis que gostaria de viver;
- Intenção de enganar os outros.

Porém, em si mesma, a criança é clara e tem o desejo da verdade. É simples, sincera, espontânea e transparente nos seus sentimentos.

2. Por tudo isto, deve ser rodeada de um clima de abertura, sinceridade, confiança e alegria, que lhe permita um crescimento harmonioso e apresentar-lhe a verdade como um valor fundamental que a leva a viver de bem consigo e com os outros.

3. Mas se a verdade é, de facto, um valor fundamental, é não menos importante a sua fundamentação. Evite-se que seja o medo e a vergonha de ser descoberto a mentir, a razão de dizer a verdade. Neste caso, a criança (e o adulto) continuaria fechado em

si mesmo, entregue ao egoísmo e, na prática, vítima da mentira. Só uma verdade baseada na caridade e no respeito pelos outros é verdadeiramente cristã e pode levar a uma vida realmente feliz. Nesta perspectiva, é imprescindível a sua relação de fé com Cristo, a verdade por excelência.

MATERIAIS

- Figura de Cristo em silhueta (catequeses anteriores);
- Cartolinas com os nomes das crianças e do catequista (catequeses anteriores);
- Dísticos: “Este é o meu Filho muito amado”, “Escutai-o”, “Amar”, “Respeitar” (catequeses anteriores);
- Dístico: “Verdade”
- Bíblia;
- Velas e dois castiçais.

MÚSICAS

- Fala, Senhor;
- Quero dizer a verdade;
- O que fizerdes aos outros.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: a mesma figura de Jesus em silhueta das catequeses anteriores, rodeada dos dísticos: “Este é o meu Filho muito amado” e “Escutai-o” e ainda dos dísticos “Amar” e “Respeitar”, nos mesmos lugares das duas catequeses anteriores: “Amar” na altura dos braços e “Respeitar” por baixo do anterior. Não devem figurar no placar as cartolinas com os nomes das crianças que vinham figurando desde a 1.ª catequese. O catequista guarda-os fora da vista das crianças.
- *Na mesa*: a Bíblia, rodeada de um ou dois castiçais apagados.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Já repararam que falta no placar alguma coisa muito importante? O que será? (...) É isso: as cartolinas com os vossos nomes em volta de Jesus. O que é que lhes terá acontecido? Será que alguém os roubou? E quem é que os roubou? Digam-me: parece-vos que estou a dizer a verdade ou a mentir? Estava a “mentir”. Mas parece-me que alguns de vós não estavam a pensar que eu estivesse a mentir. Quer dizer que, para vós, eu, habitualmente, não minto, não devo mentir. Se pensam isso, estão a pensar bem. As cartolinas estão aqui (*mostrá-las*).

O que eu estava era a experimentar-vos. Sabem para quê? Para ver se vós também dizeis sempre a verdade. Ou haverá aqui alguém que não diga sempre a verdade? *Deixar que as crianças se exprimam e, entretanto, ir provocando cada uma das que vai respondendo:*

E como é que nós sabemos que tu não mentes? (ou, conforme o caso.) Que o que estás a dizer não é uma mentira (mesmo que a resposta seja: “às vezes minto”).

Como é que a gente sabe se a pessoa está a mentir ou a dizer a verdade? Porque será que as pessoas mentem?

1ª

Alternativa

2. Vou contar-vos uma história. Sempre quero ver como é que vós ides reagir. Para já, posso garantir-vos que é uma história verdadeira. Até porque há muitas histórias semelhantes a esta e, possivelmente, histórias em que alguns de vós já estiveram metidos. Neste caso é uma história que vem nalguns livros. É possível que alguns de vós já a conheçam. Se a conhecerem, não digam como ela termina. Posso contar convosco? Que não estais a mentir?

Então é assim: Era uma vez um rapaz que se chamava Horácio e tinha já 14 anos. O Horácio era pastor e costumava guardar as ovelhas e as cabras na encosta do monte, junto à aldeia onde vivia. Não era mau rapaz, mas tinha o hábito de mentir.

Imaginem do que ele se lembrou um dia. Querendo rir-se à custa dos vizinhos, pôs-se a gritar muito alto: “Aí vem lobo! Aí vem lobo!”

Os camponeses, que o ouviram, começaram a aparecer de todos os lados. Procuravam, procuravam, mas nem rasto de lobos. Voltaram para o trabalho, talvez a pensar que o lobo, à vista deles, tivesse fugido. E o Horácio? Esse estava escondido, a rir-se do engano dos camponeses.

Na semana seguinte repetiu-se a cena. O Horácio pôs-se de novo a gritar: “Aí vem lobo, Aí vem lobo!” E os camponeses apareceram, mas em número menor do que da primeira vez. E, vendo-se novamente enganados, foram-se embora, abanando a cabeça em sinal de que não voltariam mais a deixar-se enganar.

É claro que a história não acaba aqui. O pior está para vir. Mas sobre isso iremos falar depois. Antes vamos ver, independentemente do modo como a história acaba, o que de facto o Horácio estava a fazer. Que ele não estava a proceder bem, suponho que todos estão de acordo comigo. Ou não?...

E onde é que está o mal das pessoas que mentem? Por que razões não se deve mentir?

As crianças podem exprimir-se. É possível que alguma apresente como razão o medo de virem a ser descobertas. O catequista não comente para já. Mas se essa razão for apresentada, procurará rebatê-la a seu tempo.

**2^a
Alternativa**

Vou contar-vos três (ou duas se o tempo for escasso) histórias. É possível que alguns de vós, conheçam casos semelhantes e até já tenham estado envolvidos neles.

1.^a História: A Ana, uma menina mais ou menos da vossa idade, foi à caixa dos bolos que a mãe tinha guardado. Quando a mãe deu por ela é claro que perguntou:
– Quem comeu os bolos?
O que terá respondido a Ana?... Se fôsseis vós no lugar da Ana, que responderíeis?
O catequista não comenta as respostas.

2.^a História: Na escola o professor ouviu o sinal de mensagem de um telemóvel. Como sabem, é severamente proibido levar telemóveis ligados para a sala de aulas. Mas, como estava voltado para o quadro, não percebeu de que lado veio o sinal. E perguntou:
– Quem veio para aqui com o telemóvel ligado?
Era o Miguel. Que terá ele respondido? Se fôsseis vós que faríeis? (*O catequista ouve, sem comentar*).

3.^a História: A mãe da Mónica um dia foi ao minimercado fazer as suas compras. Quando pagou e estava a receber o troco reparou que a menina da caixa se tinha enganado e lhe estava a dar 8 euros a mais.
O que terá feito a mãe da Mónica? Se fosseis vós que faríeis? (*Ouvir as crianças e depois comentar, adaptando-se às respostas que, provavelmente, irão todas na perspectiva da verdade*):

Muito bem. Para já não digo nem o que fez a Ana nem o Miguel e nem a mãe da Mónica. Mas gostei de ouvir as vossas respostas (*pode exemplificar*). Vejo que pelo menos sabeis que não é bom mentir. Mas algumas pessoas e nós, por vezes, também mentimos. Porque será?

E agora o mais importante: Por que razão é mau mentir?
Deixar que se expressem, sem comentar. Se for apresentada a razão do medo e vergonha de vir a ser descoberto, ter o maior cuidado de, a seu tempo, esclarecer que essa não deve ser a razão que leva a dizer a verdade.

II. PALAVRA

1. Vamos ver o que nos diz Jesus. É claro que Ele nunca mentia. Era impossível. Mas porquê?

Por que razões é que não podia mentir; era incapaz de alguma vez não dizer a verdade. Querem ouvir?

Ele disse-o em várias alturas aos seus amigos, àqueles que o seguiam, como nós. Mas houve uma altura mais especial.

Foi na Última Ceia que teve com os seus amigos, antes de ser morto. Foi naquela refeição em que Ele lavou os pés aos discípulos. Lembram-se? (*Deixar que se exprimam e reconstruir, com as crianças, a cena do lava-pés. Depois continuar*):

Pois bem, depois de Ele ter lavado os pés aos seus discípulos, para lhes mostrar que os amava muito, fez-lhes algumas recomendações.

Disse-lhes entre outras coisas, que iria, com a sua morte, por um outro caminho que não era como os caminhos aqui da terra. Os discípulos não estavam a perceber que caminho era. Por isso Tomé, um dos discípulos, perguntou-lhe que caminho era esse? Querem saber o que respondeu Jesus?

Então ponham-se de pé e dois de vós venham pegar nos castiçais que eu vou acender. *O catequista acende-os, abre a Bíblia em Jo 14, 6, levanta-a e convida as crianças a cantar:*

“Fala, Senhor” (o refrão)

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. João”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

**“Naquele tempo,
respondeu Jesus a Tomé:
«Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.
Ninguém pode ir ao Pai, senão por Mim.»
Palavra da Salvação”.**

Crianças: “Glória a vós, Senhor”

Depois de pousados a Bíblia e os castiçais e as crianças se sentarem:

2. Repararam bem no que Jesus disse a Tomé e aos outros?...

Disse: “Eu sou”. E depois juntou três palavras: “o Caminho, a Verdade e a Vida”. Vamos pensar na palavra do meio.

*O catequista afixa no placar, por debaixo do dístico “Respeitar”, o dístico “Verdade”.
Depois continua:*

Jesus não só dizia a verdade, mas Ele diz-nos que é a verdade. Quer dizer que, quem olhava para Ele via a verdade.

Como é que se pode entender isto?...

Pelas outras duas palavras: caminho e vida.

Com o caminho mostrava o modo como Ele vivia. Como nós que andamos e podemos andar por caminhos bons e maus. Maus são os caminhos da mentira, da falta de amor e de respeito (*apontar os dísticos respectivos*). Jesus amava e respeitava a todos. E porque amava e respeitava é que Ele dizia sempre a verdade. De tal maneira que Ele é a própria Verdade.

E o que é que acontece com quem diz, faz e se comporta como Jesus, levado pelo amor e pelo respeito?

Está na outra palavra – “Vida”. Mas que vida será essa?

3. Quem nos vai dizer é um outro grande amigo de Jesus. Chamava-se Paulo. Este amigo de

Jesus escreveu muitas coisas sobre Jesus. Querem ouvir o que ele escreveu para as pessoas que, desde o Baptismo, se tornam amigos de Jesus?

Não se esqueçam que essas pessoas também somos nós.

Então ouçam com atenção:

O catequista abre a Bíblia em Ef 4, 25 e lê calmamente:

**“Meus irmãos
despi-vos da mentira
e diga cada um a verdade ao seu próximo,
pois somos membros uns dos outros”.**

O catequista repita, voltado para as crianças, as últimas palavras:

“Somos membros uns dos outros.”

Sabem o que é um membro? É uma mão, um pé, um olho, o nariz. São estes e outros os membros do nosso corpo. E todos são precisos. Sem mãos, custa muito viver. E viver sem olhos?...

Pois bem, S. Paulo diz aos cristãos, amigos de Jesus que somos membros uns dos outros. Quer dizer que estamos todos ligados uns aos outros, mas ligados como?

Olhemos outra vez para o placar e para as palavras que Jesus nos tem vindo a dizer. Podemos lê-las todos ao mesmo tempo: “Amar”, “Respeitar”, “Verdade”.

Muito bem. Pois são estas palavras que nos ligam uns aos outros para, todos, ficarmos como que num corpo. Como quem nos diz estas palavras é Jesus, então é Ele quem nos liga uns aos outros. E só ligados uns aos outros, podemos viver felizes. Não é? E agora digam-me: podemos estar bem ligados uns aos outros a mentir? Que acontece quando as pessoas mentem?

4. Vamos voltar às histórias que interrompemos há pouco:

1ª

Alternativa

Vamos ver o que aconteceu com o Horácio, o pastor, que por duas vezes mentiu, gritando que vinha lá o lobo e não vinha.

Passado algum tempo, depois de mentir pela segunda vez, o Horácio lá andava na encosta da serra a guardar as ovelhas e as cabras. De repente, um lobo enorme apareceu e lançou-se sobre o rebanho: O Horácio desesperado, pôs-se a gritar: “Acudam! Socorro! Lobo! Lobo!”

Pensam que alguém fez caso dele? É claro que não. Ninguém acudiu. Ovelhas e cabras fugiram assustadas em direcção à aldeia. O Horácio de pau na mão bem lutou com o lobo, mas, apesar dos seus esforços, não conseguiu evitar que o lobo apanhasse um dos mais lindos cordeiros.

Com a roupa rasgada e algumas feridas no corpo, o Horácio voltou para casa, cansado e triste. Contou aos camponeses o que lhe tinha acontecido e censurou-os por não o terem socorrido. Então um deles disse-lhe:

- “Meu rapaz, nós bem ouvimos os teus gritos. Mas quis-nos parecer que era para te rires à nossa custa, como das outras vezes. Lembra-te de que é muito perigoso mentir, mesmo a brincar”.

Estão a ver o que acontece, quando se mente?

Quem é que ficou prejudicado com aquelas mentiras?...

Sim, o primeiro foi o Horácio. Mas foi só ele?...

É claro que não. Os camponeses já tinham sido prejudicados: tiveram que interromper os seus trabalhos para ajudar o Horácio, e este era só para se rir deles.

Estão a ver como é que todos somos membros uns dos outros? Mas não através das mentiras. A mentira separa-nos uns dos outros. Quem mente não respeita nem ama os outros. Engana-os.

E sem amor, respeito e verdade, as pessoas não podem viver e ser felizes.

Agora já percebemos melhor por que razão Jesus dizia há pouco que é o “Caminho”, a “Verdade” e a “Vida”. Porque Ele nos ama e respeita muito, ajuda-nos a fazer o mesmo. E quem faz como Ele, esse é que vive, isto é, está em união com os outros.

2ª
Alternativa

Voltamos às três histórias que interrompemos há pouco:

1.ª História: A Ana que tirou os bolos da caixa que a mãe tinha guardado. Quando a mãe perguntou quem tirou os bolos que faríeis vós? (*Deixar que respondam*).

2.ª História: Quando o telemóvel do Miguel deu um sinal de mensagem e o professor perguntou: “Quem veio para aqui de telemóvel ligado?” – Que faríeis vós? (*Deixar que respondam*).

3.ª História: Quando a mãe da Mónica reparou que a menina do minimercado lhe dava 8 euros a mais, que faríeis? (*Deixar que respondam*).

Espera-se que as crianças respondam positivamente. Senão, o catequista adapta as palavras seguintes:

De facto a Ana disse à mãe que foi ela e pediu desculpa à mãe.

O mesmo fez o Miguel e prometeu nunca mais levar o telemóvel ligado para a sala de aulas. E a mãe da Mónica devolveu os 8 euros que recebeu a mais.

E vós, como dissestes, faríeis o mesmo.

Mas porquê? Olhemos outra vez para o placar e as palavras que Jesus nos tem dito. Podemos lê-las, todos ao mesmo tempo: Amar, Respeitar, Verdade.

Pois bem, acabamos todos de dizer por que razões devemos dizer sempre a verdade: porque amamos os outros e os respeitamos. É o amor e o respeito que nos une uns aos outros para sermos como que um corpo cheio de vida. Se mentimos e enganamos os outros, estamos a prejudicá-los, e assim não se pode viver. Isto é, não podemos ter aquela vida que Jesus nos dá, pelo caminho da verdade, do amor e do respeito, o caminho que leva ao Pai do Céu. Portanto, é em união com Ele que temos a verdadeira vida. Quem está em união com Ele, está também em união com os outros e assim é feliz.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Falta dizer-vos porque é que eu tirei do placar as cartolinas com os vossos nomes. Querem saber porquê?
Queria saber se cada um de vós quer mesmo que o vosso nome esteja junto de Jesus. Neste caso, o nome representa cada um de nós. Digam-me, querem ou não o vosso nome junto de Jesus?

Mas, para estarmos unidos a Jesus, temos de procurar fazer como Ele: amar, respeitar e dizer a verdade.

Estão dispostos a isso?

E estão bem dispostos. Porque, unidos a Jesus, estamos unidos uns aos outros. É Ele que nos dá coragem e força para amarmos, respeitarmos os outros e dizer-lhes sempre a verdade.

2. Então vamos fazer assim. Eu vou pegar em cada uma das cartolinas com os vossos nomes e

vou chamar cada um de vós. Depois pergunto-lhe: “Estás disposto a dizer a verdade, como Jesus fez e nos ensinou?” – Se esse menino ou menina disser que sim, então volto colocar a cartolina com o nome dele junto à figura de Jesus.

Mas, antes disso, e para termos todos coragem de dizer a verdade, vamos primeiro prometer-lhe, cantando o **cântico**:

“Quero dizer a verdade”

O catequista ensaia o cântico, depois convida as crianças a porem-se de pé e, com as mãos levantadas, em gesto de oração e oferta, canta o refrão do cântico por duas vezes. Depois, manda sentar as crianças e vai chamando uma por uma, que se levanta e responde à pergunta do catequista:

(N) estás disposto a dizer a verdade, como Jesus fez e nos ensinou?

Pelo meio podem ir repetindo o cântico. Se forem muitas as crianças, podem ser chamadas, ao mesmo tempo, tantas quantos os catequistas, que assim colaboram também na afixação das cartolinas. No final, cada catequista faz também a sua promessa.

3. Muito bem. Outra vez todos em volta de Jesus, proponho que lembremos as palavras em que Ele nos falou do amor aos outros: “O que fizerdes aos outros, será a mim que o fazeis”.

De pé, cantemos todos, mas agora de mãos dadas, em sinal de união que temos entre nós... Cantemos então:

“O que fizerdes aos outros” (1.ª e 2.ª estrofe).

OBEDEÇO COMO JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A obediência é vital

É tão vital que é com o seu dever que começa a segunda parte do Decálogo, o conjunto de normas fundamentais, comuns a todas as sociedades organizadas e, portanto, com base na natureza humana.

Sem a obediência, nem o indivíduo cresce e vive para a dignidade da pessoa humana, nem na relação interpessoal se alcança aquela paz sem a qual a vida desaparece. E por quem deve começar a obediência?

“O quarto mandamento dirige-se expressamente aos filhos nas suas relações com o pai e a mãe, porque esta relação é a mais universal. Mas diz respeito igualmente às relações de parentesco com os membros do grupo familiar. Exige que se preste honra, afeição e reconhecimento aos avós e antepassados. É, enfim, extensivo aos deveres dos alunos para com os professores, dos empregados com os patrões, dos subordinados para com os chefes e dos cidadãos para com a pátria e para com quem a administra ou governa.

Este mandamento implica e subentende os deveres dos pais, tutores, professores, chefes, magistrados, governantes, todos os que exercem alguma autoridade sobre outrem ou sobre uma comunidade de pessoas” (CIC 2199).

Por outras palavras: é fundamental obedecer, mas também é vital saber mandar. Um dever pressupõe e exige o outro. Se não se sabe mandar é muito difícil obedecer.

E a crise por que se está a passar na nossa sociedade, neste campo, tem aí a sua origem última. Se há falta de obediência, manifestada nomeadamente numa crescente violência, é porque há falta de autoridade. Pelo menos em muitíssimos casos. Alguns casos há em que o dever, em vez de obedecer é o de desobedecer: perante leis claramente imorais, o dever de consciência, é desobedecer-lhes. A objecção de consciência está, de resto, consagrada em todas as sociedades democraticamente organizadas.

Que fazer então para, por um lado, se evitar uma obediência cega ou uma desobediência sem motivo e, por outro, se exercer a autoridade de um modo que permita e até motive para uma obediência livre e colaborante? Para nós, cristãos, uma e outra têm de partir daquilo a que chamamos:

2. A obediência da fé

Não é por acaso que a segunda parte do Decálogo, o amor ao próximo, é precedida de uma primeira parte, sobre o total e incondicional amor a Deus. A ordem é intencional: sem o amor de Deus e a Deus, dificilmente temos o discernimento e, sobretudo, a capacidade para amarmos os outros, de um modo permanente e com todos, na medida do nosso alcance.

A este amor a Deus a Bíblia chama com frequência “obediência da fé”. Isto é, a fé consiste realmente em obedecer, porque começa por uma “audição”: a da mensagem salvífica do amor inaudito e extremo de Deus, manifestado de um modo único e inexcusável na morte e ressurreição de seu Filho, Jesus Cristo.

É o “ouvir” (em latim, “audire”) deste Evangelho que leva a “obedecer” (em latim, “obaudire”). “Obedecer na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade” (CIC 144).

É livre esta submissão, porque inserida no amor que, por sua vez, nasce do amor experimentado. É Deus que está na origem da fé que nele depositamos. Entregamo-nos, confiamos-nos, submetemo-nos a Ele, porque antes Ele se entrega a nós, nos ama... É como entre um pai e um filho: se este ama o pai, é porque antes é por ele amado, de tal modo que o amor do filho é, na sua origem, um dom do pai... um dom que leva o pai a tomar posse do filho, na liberdade do amor.

O mesmo se passa na nossa relação de fé com Deus: na medida em que, levados por Ele, a Ele nos confiamos, nos sujeitamos, nessa medida Ele toma posse de nós, passa a habitar em nós, a agir em nós, com a força e o dinamismo que só Ele tem.

Daí o poder de quem tem fé, tão bem expresso por Jesus: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: «Muda-te daqui para acolá», e ele há-de mudar-se; e nada vos será impossível” (Mt 17, 20). Porque, diz-nos Ele noutra parte: “a Deus tudo é possível” (Mt 20, 26).

Talvez nós próprios já tenhamos experimentado isso mesmo: esta prova sobre-humana que tem quem, pela obediência da fé, está possuído por Deus. Mas o caso mais paradigmático é o de:

3. Jesus Cristo como fonte e modelo de obediência

A cena relatada por Lc 2, 41-52 é, no campo da obediência, particularmente significativa: porque aquilo que começou por ser uma desobediência, acabou por estar na base da sua total obediência.

Não há dúvida de que Jesus, ao permanecer em Jerusalém, quando todos regressavam, incluindo Maria e José, cometeu um acto de desobediência... mas

para realizar uma obediência sem a qual obediência alguma, no sentido mais puro do termo, será possível: a obediência ao Pai estava acima da obediência aos pais. Na obediência ao Pai, Ele encontrava todo aquele poder e sabedoria que a todos deixava estupefactos, inclusive Maria e José que “ficaram assombrados” (v. 46). Tinha de estar na casa de seu Pai, em Jerusalém, antes de regressar a casa dos seus pais, em Nazaré.

Uma relação com Deus a que o Evangelho de Lucas dá um relevo especial: de todos os quatro Evangelhos, é nele que Jesus mais aparece a rezar. Não há ocasião alguma importante ou manifestação especial de poder que não seja precedida da entrega a Deus pela oração... que culmina na cruz com duas expressões: “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem que fazem” (23, 34) e “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (23, 46). Entrega a Deus o que antes, pelo perdão, entregara aos homens. Daí a sua vitória, pela ressurreição, sobre a morte e, a sua autoridade, aquela que continua a conquistar pelo amor.

O amor que manifestava já aos doze anos: regressado a Jerusalém com os seus pais, “era-lhes submisso” (2, 51), com a submissão ou obediência com que no templo se entregava ao Pai.

E a sua obediência tornou-se realmente fonte e modelo de obediência: “Importa mais obedecer a Deus do que aos homens”, responderam Pedro e os restantes Apóstolos às autoridades que os tentavam proibir de dar testemunho de Cristo (Act 5, 29).

Naquele caso, a obediência a Deus exigia a desobediência aos homens que tentavam impor-se a Deus e, conseqüentemente, ao verdadeiro bem dos homens: aquele que vem do amor do Ressuscitado.

Que seja Ele, nesta comunhão com Deus, e n’Ele, com os homens, a actuar nos que d’Ele dão testemunho e por Ele conquistam os outros, a começar pelo catequista, na sua relação de amor com os catequizandos e de obediência para com Deus.

OBJECTIVOS

- Reconhecer a importância da obediência aos pais e a outras autoridades;
- Descobrir os critérios de obediência, seguidos por Jesus;
- Viver a alegria de obedecer, a partir da união com Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A criança está numa idade em que a obediência lhe é vital. Ela cresce, na medida em que obedece. Mas nem sempre lhe é fácil obedecer: por capricho e egoísmo, por preguiça, por necessidade de se afirmar como pessoa... Ou porque aqueles a quem deve obedecer não sabem mandar, por ignorância, incompetência ou má vontade. Educar é uma arte que se aprende... muitas vezes no seu exercício. Até porque os educandos são diferentes, e bem, e é preciso adaptar-se a essas diferenças.

2. Na obediência, a criança precisa de tomar consciência, antes de mais, do bem que é para ela obedecer. Um bem que lhe advém do bem que lhe querem as pessoas a quem obedece. Este é um ponto fundamental: a obediência é parte integrante do amor de quem o dá e de quem o recebe. Mandar e obedecer são actos de amor... e, como tais, verdadeiramente eficazes.
3. Para que tal aconteça, é fundamental a comunhão com Deus que é por natureza amor... Ele está acima de tudo. É a Ele que as crianças são convidadas a obedecer. É n'Ele que se encontra a razão última e decisiva para a obediência (ou desobediência) aos diferentes agentes da sua educação. Daí que a catequese culmine com um momento forte de expressão de fé: a junção de todos na mesma oração: Deus, Jesus, os educadores e os educandos. Que seja um verdadeiro acto de fé.

MATERIAIS

- Figura de Jesus em silhueta (catequese anteriores);
- Dísticos: “Este é o meu Filho muito amado”; “Escutai-o”; “Amar”; “Respeitar”; “Verdade” (catequese anterior); “Obedecer”;
- Cartolinas (de cor diferente das recebidas em catequese anteriores), uma por cada criança;
- Canetas/ esferográficas e lápis de cores;
- Bíblia;
- Dois castiçais.

MÚSICAS

- O que fizerdes aos outros;
- Fala, Senhor;
- Deus, nosso Pai, que sois tão bom;
- É bom estarmos juntos,

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* a figura de Jesus em silhueta, com os dísticos colocados como no final da catequese anterior: “Este é o meu Filho muito amado”; “Escutai-o”; “Amar”; “Respeitar”; “Verdade”, e as cartolinas com os nomes das crianças e dos catequistas.
- *Na mesa:* a Bíblia rodeada de dois castiçais apagados.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Quem se lembra do **cântico** que cantámos no fim da última catequese?

Então cantemos outra vez. Já vejo que gostam muito dele. E eu também gosto. E se o cantássemos a bater palmas... Então, vamos a isso, de pé.

“O que fizerdes aos outros” (3ª e 4ª estrofes).

Digam-me: por que é que gostam tanto deste cântico?

Eu gosto muito da música, mas não gosto menos das palavras: “O que fizerdes aos outros”. Quem nos disse estas palavras?...

Isso mesmo: foi Jesus. E que nos disse Ele para nós fazermos aos outros?

Podem ler no placar, precisamente por cima da imagem de Jesus. Vamos todos ler ao mesmo tempo: “Amar”, “Respeitar”, “Verdade”. Se fizermos isto aos outros é a Ele, Jesus, que fazemos. Ele fica contente connosco. E nós? Também vos sentis felizes, quando amais os outros, respeitais os que são diferentes e dizeis a verdade?

E que terá Jesus hoje para nos ensinar? (*É possível que as crianças, pelo catecismo, respondam: “obedecer”. O catequista, sem dizer se é isso ou não, sugere*):

2. Vamos tentar descobrir todos em conjunto. Está bem?

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

Mas, para isso preciso de uma ajuda especial de um de vós. Quem se oferece?

O catequista chama para a frente das outras crianças uma das que se ofereceu e diz-lhe:

Estás mesmo disposto a fazer o que eu te vou pedir? (*Se disser “sim”*):

Mesmo sem saber o que vai ser?... Quer dizer que tens muita confiança em mim. É verdade?... Obrigado. Estou muito feliz por isso. Como estou também com os outros.

Até porque todos vão colaborar naquilo que te vamos fazer. (*Para os outros*):

Estão dispostos? Mesmo sem saberem o que é? Formidável.

Então é assim: vamos fazer um “exame” ao (N), e vamos ver se ele (ela) passa no “exame”. Vamos perguntar-lhe o que ele(a) fez ontem, para ver se ele(a) foi ou não obediente. Mas atenção: ele(a) não pode mentir, senão já não está a ser obediente e fica logo mal no exame. (*Voltando-se para a criança a ser examinada*): Prometes dizer sempre a verdade? (*Se não prometer, escolha-se outra criança*).

As perguntas vão ser feitas por todos: um de cada vez, e (*conforme o número de crianças*) cada uma faz só uma pergunta. Mas, atenção, não pode ser uma pergunta qualquer. Cada um faz uma pergunta sobre uma coisa que também tenha feito ontem. Por exemplo: quando a tua mãe (pai, avô, etc.) te chamou para te levatares, obedeceste logo? Esta pergunta só pode ser feita por alguém a quem tenha sucedido o mesmo. Mesmo que não tenha obedecido. Perceberam todos?

Então podemos começar. Quem faz a 1.^a pergunta ao (N)?...

O catequista pode ir ajudando, acompanhando o percurso que uma criança nesta idade, habitualmente, faz durante o dia. Registe para si a pessoa a quem a criança obedeceu ou desobedeceu. Se houver perguntas demasiado indiscretas ou ofensivas, impeça a resposta e advirta a criança que as fizer. No final pergunta aos outros:

Que vos parece: o/a (N), passou ou não no exame? Isto é, foi ou não obediente?

Se parecer oportuno, pode propor que lhe dêem uma classificação. Depois agradece à criança examinada:

Parabéns. Até aqui foste obediente. Por isso vamos todos dar-lhe uma salva de palmas. Mas repararam que não foi só o (N), que foi examinado? Cada um de vós, ao fazer a pergunta ou ao ouvir a pergunta de um colega, também estava a ser examinado. E agora digam-me: passaram todos no exame ou não?...

Agora vou distribuir uma cartolina para cada um de vós. Cada um vai desenhar nela uma flor com tantas pétalas, quantas as pessoas a quem devem obedecer. Um nome em cada pétala. Ao fundo, no caule da flor, escrevem o vosso nome.

2^a

Alternativa

Grupo grande

Vou distribuir por cada um de vós uma cartolina. (...)

Depois da distribuição:

Agora vão desenhar nessa cartolina uma flor. É uma flor, porque um dos modos de nós mostrarmos a nossa alegria e a nossa gratidão para com alguém é, muitas vezes, através das flores. A quem é que vós habitualmente oferecis flores?

Às pessoas que gostam de vós e de quem vós gostais. Pois bem, esta flor que ides desenhar, vai ser feita, não para todas as pessoas que gostam de vós, porque seriam muitas. Mas para as pessoas a quem deveis obedecer. Sabem o que é obedecer?... Isso mesmo: fazer o que alguém manda.

Então vão fazer assim: vão pôr o nome de cada uma dessas pessoas (pai, mãe, professor, etc.) em cada pétala. Desenhais tantas pétalas, quantas as pessoas a quem deveis obedecer. Estou para ver qual é a flor que vai ter mais pétalas.

Depois de desenharem as pétalas com os nomes das pessoas, vão escrever em baixo, no sítio do caule, o vosso nome. Perceberam todos?

3. Para as duas alternativas:

Durante o trabalho das crianças, o catequista afixa o dístico “Obedecer” por debaixo dos anteriores... Prepara umas tiras de papel recortadas em forma de pétalas de flor,

para nelas escrever as respostas das crianças: uma pétala para cada pessoa a quem devem obedecer. À medida que as for escrevendo, afixa-as em volta do dístico “Obedecer”. Para evitar que se prolongue o tempo das respostas, e uma vez que elas se repitam, pode ir perguntando apenas se as restantes crianças têm alguma pessoa a acrescentar. No final desta partilha de respostas, diz:

Que bela flor! Tantas pétalas, tantas pessoas a quem vós obedecéis. Mas será que obedecéis sempre? (...) Não se pode mentir.

De qualquer modo, proponho que cantemos outra vez o **cântico**:

“O que fizerdes aos outros” (4ª estrofe).

II. PALAVRA

1. Portanto, sempre que obedecemos aos outros (*exemplificar, conforme as respostas dadas*), estamos a obedecer a Jesus. Mas será isto, mesmo verdade? Será que temos sempre obrigação de obedecer a quem nos manda? *Deixar que se exprimam e, sem comentar, acrescentar:*

Vamos ver o que nos diz Jesus. Ou melhor o que fez Jesus: a quem é que Ele obedecia. Terá sido a todos da mesma maneira?

2. Há uma história que aconteceu com Ele, que vós já conheceis. É possível que alguns não se lembrem porque já foi no ano passado que ela vos foi contada. Mas eu ajudo a lembrarem-se.

Aconteceu quando Jesus tinha 12 anos e foi, juntamente com Maria, sua Mãe, e com S. José, a Jerusalém, ao templo, à casa de Deus. Ainda se lembram do que aconteceu? *Deixar que se exprimam, para a reconstrução de Lc 2, 41-49, depois concluir:*

Digam-me: não vos parece que Jesus desobedeceu à sua Mãe e a S. José? Por isso, eles ficaram tão assustados e Maria perguntou-lhe mesmo: “Filho, porque nos fizeste isto?”

Lembram-se de qual foi a resposta de Jesus? Querem ouvi-la, tal e qual vem na Bíblia?

Depois de acender os castiçais e os entregar a duas crianças, levanta a Bíblia, aberta em Lc 2, 48-49, e cantam:

“Fala, Senhor” (só o refrão).

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

**“Ao vê-lo,
ficaram assombrados
e sua mãe disse-lhe:
«Filho, porque nos fizeste isto?
Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!»
Ele respondeu-lhes:
«Porque me procuraveis?
Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?»
Palavra da Salvação”.**

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

3. Depois de pousados a Bíblia e os castiçais e as crianças se sentarem:

«Não sabíeis que devia estar na casa de meu Pai?» Foi assim que Jesus respondeu. Que Pai é este de quem Ele fala? Olhem para o placar. Querem ler comigo as palavras que este Pai que está no Céu disse no alto do monte? Então digamos: «Este é o meu Filho muito amado»; «Escutai-O».

Este é que era o verdadeiro Pai de Jesus. O Pai que ama Jesus muito, mesmo muito. E que, por isso, quer o seu maior bem. E sabe, mais do que ninguém, qual é o maior bem.

Maria e José também lhe queriam bem. Mas naquela altura não sabiam que o maior bem era Jesus ficar em Jerusalém, a falar com os sábios do templo. E foi só por isso que Jesus lá ficou. Depois voltou para casa com José e Maria, sua mãe. E sabem como é que Ele se comportava?

Então eu vou ler. Agora escusam de se levantar, porque é uma coisa muito pequenina, mas muito importante, mesmo muito. Então oiçam (*o catequista, depois de abrir a Bíblia, lê Lc 2, 51*):

**“Depois desceu com eles,
voltou para Nazaré
e era-lhes obediente”.**

Repete voltado para as crianças: Era-lhes obediente!

Depois de pousar a Bíblia:

4. Portanto, pode haver casos em que nós não somos obrigados a obedecer. Nalguns até devemos desobedecer. Sabem dizer quais são?...

Escutar as crianças e, se necessário, completar e concluir:

- Quando é uma pessoa desconhecida, não se deve obedecer. Mesmo que vos ofereçam coisas boas. Sabem que já houve meninos e meninas enganados. Portanto, muito cuidado.
- Quando é uma pessoa conhecida e nos manda fazer uma coisa má: mesmo que seja alguém que às vezes mostra gostar de vós. Mas, se vêem que é mesmo uma coisa má o que ela manda ou pede, então devem dizer que isso é mau e por isso não fazem.
- E quando não sabem bem se o que manda a pessoa amiga (pai, mãe, professor, etc.) é bom ou mau? Devem perguntar-lhe por que razão é que manda fazer isso. Se, mesmo assim, têm dúvidas, devem fazer o que ela manda, uma vez que essa pessoa quer mesmo o vosso bem e sabe mais do que vós.

Fora disso, quem desobedecer está a fazer mal. (*O catequista que seguiu a 1.^a alternativa, pode exemplificar com casos apresentados*).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. E quem é o nosso maior amigo, ainda mais do que os pais e os avós, etc? (*Se responderem Jesus*): E quem era o maior amigo de Jesus?

O seu Pai do Céu. Por Ele, Jesus fazia tudo. Nem que às vezes tivesse de desagradar e até desobedecer a pessoas cá da terra. Ao Pai do Céu é que temos de obedecer sempre, sempre, sempre. E porquê?

Sim, mas como é que Ele mostra que, também para cada um de nós, é Ele o nosso maior amigo?

Foi Ele que nos deu os nossos maiores amigos e as pessoas aqui na terra que nos querem tanto bem e a quem por isso devemos obedecer. (*Exemplificar com os nomes escritos na flor*).

Não querem manifestar a vossa alegria e gratidão por termos assim um Pai do céu tão bom? Então, podemos cantar-lhe um **cântico** que aprendemos no ano passado:

“Deus nosso Pai que sois tão bom”.

Depois de ensaiar, convidar as crianças a porem-se de pé, a levantar as mãos para o alto e a cantar:

“Deus nosso Pai que sois tão bom”.

2. *Depois de mandar sentar:*

Muito bem. Vejo que estão mesmo a ser obedientes, tal e qual foi Jesus: primeiro, obedientes ao Pai do céu.

Vamos agora falar mais um bocadinho daquelas pessoas aqui da terra a quem devemos obedecer: aquelas que estão escritas nas pétalas das cartolinas que têm. Podem pegar nelas: (*O catequista leia as que constam no placar*).

Há pessoas a quem queremos muito bem. Olhem: fazemos-lhes todas as coisas que Jesus nos manda fazer e que são também feitas a Ele: amar, respeitar, dizer a verdade e hoje, obedecer.

Mas, é preciso que essas pessoas queiram sempre o nosso bem e saibam qual é o nosso bem. Por exemplo, Maria e José, nessa altura, não sabiam qual era o maior bem para Jesus. Ou seja, essas pessoas têm de saber qual é o melhor bem para nós. Querem ajudá-las a isso?... Certamente! Queremos-lhes tanto bem. Então, para lhes quererem ainda mais bem, tenho uma proposta: rezar por elas a Deus nosso Pai. De acordo?

Vamos fazer duas coisas ao mesmo tempo: agradecer a Deus por nos ter dado essas pessoas e pedir-lhe que as ajude a serem melhores.

E podemos fazer assim: cantamos todos o cântico que acabamos de cantar; depois, cada um de vós lê os nomes das pessoas que têm escrito nas pétalas das vossas cartolinas. E, pelo meio, voltamos a cantar o mesmo cântico. Quando o cantarmos, levantamos todos as mãos, não para o alto, como há pouco, mas assim: com a cartolina nas palmas das mãos abertas, como quem está a oferecer as pessoas que estão lá escritas. (*O catequista exemplifique*).

Então ponham-se de pé e comecemos por cantar:

“Deus, nosso Pai, que sois tão bom”.

Se forem muitas as crianças, pode juntá-las em grupos maiores ou mesmo deixar algumas crianças, explicando as razões. Depois da última criança, concluir com o mesmo cântico:

“Deus, nosso Pai, que sois tão bom”.

3. *Se houver tempo:*

Estão contentes? Eu estou! E Jesus também, e Deus e as pessoas a quem obedecemos. É bom obedecer, não é? E fazer outras coisas que nos fazem felizes.

E se nós manifestássemos esta nossa alegria? Claro, a cantar mais um **cântico** de que certamente vão gostar. É este:

“É bom estarmos juntos”.

O catequista ensaia a 1.ª estrofe e sobretudo o refrão e conclui:

Gostam? Então preparem-se, porque na próxima catequese voltamos a cantá-lo. E só mais uma coisa: levem as cartolinas para casa. Podem mostrá-las aos vossos pais e às outras pessoas que têm o vosso nome lá escrito. E dizer-lhes que rezaram por elas para que elas vos ajudem a serdes obedientes. Depois guardam essa cartolina ao lado da outra que já levaram: aquela em forma de coração. Não as percam porque vão ser ainda muito precisas.

Para já, são precisas para se lembrarem, lá em casa, dessas pessoas e rezarem por elas. Está bem? Sois mesmo encantadores: convosco é mesmo bom estarmos juntos. Obrigado!

QUE BOM É TER JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A tentação do mais fácil

Cada catequese apresenta habitualmente, no seu desenvolvimento, duas alternativas da experiência humana. O objectivo é facilitar a adaptação do tema, nela tratado, à situação e às circunstâncias de vida, ao número de catequizandos e às condições e, por vezes, condicionalismos a que, compreensivelmente, está sujeito o encontro da catequese.

O que assim, de um modo explícito, vale para a primeira parte do encontro, é de aplicar a tudo o resto. Compete aos catequistas discernir qual o método e o modo, quais as vivências e orientações, a seguir e a propor aos catequizandos, que mais lhes permitam não só a apreensão e compreensão da mensagem, como também a sua vivência na fé e na prática da vida. Por isso, muitas das propostas feitas no guia devem ser lidas e aplicadas de modo crítico: sujeitando-as ao que mais ajuda a atingir os objectivos de cada encontro.

Há um critério nesta escolha e adaptação que é absolutamente de evitar: optar pelo mais fácil, pelo que dá menos trabalho, exige menos esforço da parte do catequista. Seria cair numa das falhas, infelizmente, mais frequentes na sociedade de hoje: a do facilitismo. Porque determinados objectivos não são atingidos ou determinados valores não são respeitados por alguns, procura-se que isso seja regulamentado, normalizado, oficializado. Veja-se o que acontece, por exemplo, na atitude assumida em muitos países na política familiar: porque o aborto é praticado por alguns, faz-se disso uma permissão para todos, sem muitas vezes, chamar a atenção para a possibilidade de abertura para outras soluções que permitam a vida a quem a tem como direito fundamental; ou porque entre casais surgem desentendimentos, regulamentam-se numa série de passos que permitem mais facilmente obter o divórcio do que realizar o casamento.

Os resultados desta opção, quase sistemática, por acertar a fasquia da exigência pelo nível mais baixo, sem pelo menos abrir perspectivas e incentivos para os que

podem alcançar graus mais elevados, estão à vista: diminuição assustadora da natalidade, medidas educativas nada facilitadoras da promoção de valores, nomeadamente, nas escolas... e, sobretudo, a oficialização de um egoísmo e individualismo que, mais cedo ou mais tarde, levará ao desmoronamento da sociedade. Alinhar por este modo de viver e actuar dentro da Igreja, designadamente na catequese, seria antes de mais, pela prática, destruir aquilo que está na sua raiz:

2. A radicalidade da mensagem cristã

Manifesta-se, antes de mais, no duplo mandamento herdado por Cristo, do Antigo Testamento, e por Ele confirmado como resumo da Lei, pela qual se orienta todo o agir moral, e como caminho para a vida eterna, a vida pela qual todos, consciente ou inconscientemente, suspiram: “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças, com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”(Lc 10, 27).

Quatro vezes “todo” em relação a Deus: um “todo” que abraça a totalidade do ser humano, com todas as suas partes constitutivas; um “todo” que corresponde à grandeza infinita de um Deus que se dá ao homem com um amor à mesma escala infinita do seu ser.

E se é nesta medida que somos amados, que desejamos e precisamos de ser amados, então o amor ao próximo acaba por se orientar pela mesma totalidade: amar o próximo como a mim mesmo é, na prática, amá-lo como Deus me ama.

Impossível? – Só para quem não acredita verdadeiramente em Cristo, que realizou este duplo amor na sua forma mais radical: pela entrega da vida, já durante a sua actividade messiânica de anúncio e instauração do Reino de Deus; e, de um modo pleno, no monte Calvário, onde a entrega antes iniciada atingiu a sua expressão máxima e definitiva. Um monte extremamente difícil de atingir, sobretudo pelo isolamento progressivo em que foi caindo, mas que, por isso mesmo, e pela entrega persistente e crescente ao Deus que até parecia tê-lo abandonado, se tornou no verdadeiro monte da transfiguração: foi aí que todo o seu ser se transformou e a glória de Deus passou a brilhar definitivamente no seu rosto.

Impossível para uma simples criatura humana, como é cada um de nós? – Mas é, no fundo, o que cada um de nós, exactamente na sua condição de criatura, mais deseja: subir, subir até atingir o mesmo grau de glorificação e experimentar o mesmo amor. E porque é por isso que, na realidade, suspiramos, arriscamos a mesma entrega, com a mesma radicalidade. A fé em Cristo e no Deus que nele se manifesta não permite meios termos: tem de ser total, como total é o amor de Deus a quem nos confiamos... e total é a felicidade que se alcança, lá no alto do monte da nossa própria transfiguração. Vale a pena tentar escalá-lo, na companhia de Cristo crucificado e ressuscitado e com a energia que Ele, pelo seu Espírito, transmite aos que a Ele se confiam.

3. “Felizes os olhos que vêem o que estais a ver”...

“Porque, digo-vos, muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvis e não o ouviram!” (Lc 10, 23-24).

São palavras ditas por Jesus num contexto significativo e provocatório. São precedidas do envio dos setenta e dois discípulos na mesma missão do anúncio, pela palavra e pela vida, do Reino de Deus realizada por Jesus (10, 1-16). Uma missão coroada de êxito, para aqueles que receberam o anúncio e para os discípulos que o realizaram e assim viram os seus “nomes escritos no Céu” (10, 20). Um êxito que levou Jesus a estremecer “de alegria, sob a acção do Espírito Santo”, e a manifestá-la numa oração de louvor ao “Pai, Senhor do Céu e da terra”, numa oração expressiva da comunhão total que os une (10, 21-22).

Felizes são aqueles que usufruem desta mesma comunhão e dos resultados que ela realiza neles e através deles: os que, levados por ela, se entregam de alma e coração ao anúncio do Reino de Deus, tal qual se manifestou em Jesus. Os de então e os de hoje.

Num mundo marcado e, lentamente, saturado pelo facilitismo asfixiante, são cada vez mais os que se entregam, com a mesma radicalidade, à vivência e ao testemunho da mensagem do amor, própria de Cristo: crianças, jovens e adultos que, em todas as áreas da sua vida, se deixam apaixonar por Cristo, de tal modo que não podem deixar de falar dele, numa linguagem feita mais por acções do que por palavras e, por isso, mais convincente, transformante, transfigurante.

Felizes os olhos que os vêem...Que neles vêem Cristo em acção e, assim, resistem à tentação de se orientarem pelo mais fácil. E felizes os catequizandos que são testemunhas desta radicalidade do amor... porque deles será o Reino dos Céus: no amor com que são amados pelos seus catequistas que, como concretização desse amor, não se poupam a esforços na preparação e execução de cada encontro da catequese, conquistando para isso colegas, que talvez nem sequer esta introdução lêem...levados pela tentação do mais fácil.

OBJECTIVOS

- Rever as catequese 1 a 7;
- Viver e exprimir a alegria de seguir Jesus;
- Manifestar a fé em Jesus pela adoração.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta catequese é feita uma revisão de todas as catequese anteriores, que formam uma unidade em torno da pessoa e mensagem de Jesus. Uma revisão ao nível de conhecimentos adquiridos e, sobretudo, de adesão de fé e de prática de vida.

2. Sendo Cristo o centro da vida de cada cristão, é fundamental que se sinta alegria por isso. Daí o cântico que, por um lado, ajuda a revisão, por outro, apela à adesão da fé.

3. A revisão é feita em sentido inverso à ordem em que as catequeses foram sucessivamente dadas. As crianças e os catequistas têm assim oportunidade de voltar a “subir” ao monte da transfiguração para aí, de novo, escutarem Deus e contemplarem Jesus que se apresenta no seu lugar único na história da salvação e na vida da Igreja e de cada cristão.

MATERIAIS

- Figura de Jesus em silhueta (catequeses anteriores);
- Cartolinas com os nomes das crianças e catequistas (catequeses anteriores);
- Dísticos: “Este é o meu Filho muito amado”, “Escutai-o”, “Amar”, “Respeitar”, “Verdade”, “Obedecer” (catequeses anteriores);
- Dísticos de “Moisés” e “Elias” (catequese 2);
- Bíblia;
- Dois castiçais.

MÚSICAS

- É bom estarmos juntos (com estrofes próprias);
- Fala, Senhor;
- Jesus, eu amo-Te.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: a figura de Jesus em silhueta, com os dísticos “Este é o Meu Filho muito amado”, “Escutai-O”, “Amar”, “Respeitar”, “Verdade”, e “Obedecer”, nos mesmos lugares das catequeses anteriores.
- *Na mesa*: a Bíblia, ladeada de dois castiçais já acesos.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Ainda se lembram do **cântico** que cantámos no fim da última catequese?... E gostam dele? Então vamos cantá-lo:

“É bom estarmos juntos” (1ª estrofe e refrão).

Muito bem. Vê-se mesmo que estão a sentir o que cantamos: que é bom sorrir, escutar, viver em Deus. Quem não gosta de sorrir, cantar e viver em Deus? Muito bem: viver em Deus é que nos faz cantar, sorrir, para todos nos sentirmos como se cantava no princípio do cântico. Quem se lembra?

Exacto: é bom estarmos juntos e sermos tão amigos que até nos chamamos irmãos. Aqui, no nosso grupo, somos mesmo irmãos. E que bom é sermos irmãos! Então vamos mostrar isso uns aos outros. De acordo?

Ponham-se de pé. Agora dêmo-nos as mãos ... e, assim, de mãos dadas, como amigos e irmãos cantemos outra vez:

“É bom estarmos juntos” (1ª estrofe e refrão).

2. Podem sentar-se. Agora tentemos saber como nos tornamos irmãos, para sorrir, cantar e estar em Deus.

1ª

Alternativa

Cada um vai pegar no seu catecismo. Agora, cada um, percorre nele todas as catequeses que já demos. *O catequista indica a página em que começa a 1ª catequese e a página em que termina a 7ª.*

Podem começar pelo fim ou pelo princípio.

O importante é isto: qual a catequese de que gostaram mais. Se for difícil escolhem só uma, podem também escolher duas. Está bem? Podem começar.

2ª

Alternativa

Estamos perto da festa do Natal. Quanto tempo falta?... E já se vêem sinais disso. Quais são?

E, de certeza, todos gostam do Natal. Ou há alguém que não goste?...

Então vão descobrir porquê: por que razão é que o Natal é bom. Isto é, cada um pensa um bocadinho naquilo de que mais gosta no Natal: em duas coisas que fazem do Natal uma festa especial, que nos faz felizes. Atenção, têm de ser só duas coisas.

A escolha de dois motivos é para evitar que as crianças refiram apenas as prendas, o motivo que habitualmente colocam em 1º lugar. Se, pelo menos, em 2º lugar não apresentarem Jesus e o seu nascimento, o catequista despertá-las-á para isso, como motivo central para o Natal cristão:

Já pensaram? Quem quer começar a dizer? (*Deixar que se exprimam. Se o grupo for numeroso, reduzir a partilha. O importante é dizer-lhes*):

O Natal é bom, faz-nos felizes, porque celebramos o nascimento de Jesus. O mais importante é Jesus. E porquê? Quem faz de nós um grupo de irmãos que sorri, canta e vive em Deus?

3. *Para as duas alternativas:*

Então vejamos como é que Jesus nos faz sorrir, cantar, em Deus.

Podemos servir-nos do placar:

Para as crianças que seguiram a 1ª alternativa, o catequista percorre igualmente todas as catequese, da 7ª à 1ª, perguntando quem, entre as crianças, escolheu essa catequese.

Começemos pelas palavras que colocámos lá na semana passada.

É a que está por baixo. Querem ler comigo todos ao mesmo tempo?

– **“Obedecer”**.

E agora digam: quem nos ensina a obedecer?

Muito bem: é Jesus. E como é que Ele nos ensina a obedecer?

*Recordar em poucas palavras a cena narrada em **Lc 2,41-51**.*

Será mesmo bom obedecer como fez Jesus e nos ensinou a fazer?... Se é bom, quer dizer que vós tendes sido ainda mais obedientes. É verdade?

Bom, mesmo que alguns ainda tenham falhado e tenham desobedecido, pelo menos sabem que é bom e, no futuro, vão fazer melhor.

Nesse caso, se é mesmo bom obedecer, podemos **cantar**. De acordo?

**“É bom obedecer
Como Jesus fazia”**

4. E que mais é bom? Vamos todos ler a outra palavra que está, no placar, por cima de obedecer:

– **“Verdade”**.

Todos sabemos que Jesus dizia a verdade. Dizia tanto, que Ele, na Última Ceia com os seus amigos, até disse umas palavras em que estava também a palavra “verdade”. Quem se lembra?...

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

E por que razão é que Ele dizia também “caminho” e “vida”?...

Exacto: Ele é o caminho para percorrermos, é a verdade para sermos felizes. Quando não dizemos a verdade, o que acontece?

As pessoas desconfiam umas das outras, não se entendem e só há desordem.

E vós, quereis dizer sempre a verdade?

Muito bem. Foi isso que todos prometeram.

E como é bom dizer a verdade, então podemos cantar:

**“É bom nunca mentir,
mas dizer a verdade”**

5. Podemos subir mais um degrau. Sim, estão a ver, no placar, que estamos como que a subir uma escada. Já subimos dois degraus, “obedecer” e “verdade”. Agora vem o 3º. Então passemos todos a esse.

Leiam todos comigo:

– **“Respeitar”**.

Mas respeitar a quem? Quem sabe?

Exacto: devemos respeitar a todos. Mas lembrem-se que Jesus chamou a atenção para algumas pessoas que nem todos respeitam?

*Ajudar a reconstruir a cena de **Mc 9, 38-41**.*

São pessoas diferentes de nós: de outra religião, terra, cor ou língua. E os doentes, os velhinhos, etc..

É bom respeitar a todos. E como quereis vós fazer isso?

Quereis mesmo? Não se pode mentir.

Então cantemos todos:

**“É bom olhar os outros
E a todos respeitar”**

6. Querem subir mais um degrau? E é difícil? Será para quem não quer seguir Jesus. Mas não é o vosso caso, pois não?

Então passemos ao degrau seguinte, lá no placar, e digamos todos ao mesmo tempo:

– **“Amar”**.

Lembrem-se por que razão Jesus disse isto aos discípulos?

*Ajudar a reconstruir a cena de **Mc 9, 33-37**.*

Como Jesus nos ama! Até nos põe ao seu colo, como fez àquele menino que apresentou aos seus discípulos. E porque Jesus nos ama, por isso, é que nós também somos capazes de amar.

E quem ama, esse é o maior de todos.

Que bom é amar com Jesus e como Jesus. Então cantemos:

**“É bom poder amar
Como ama Jesus”**

7. Pronto, já chegámos ao fim da escada. Já não há mais degraus.

Pelo menos no placar não está mais nenhum.

E a subir, a subir, onde é que nós chegámos?

Leiam as palavras que estão escritas por cima da figura de Jesus... Quem as disse?
E onde é que Deus as disse?

Lá no alto monte, bem pertinho do Céu.

*Ajudar a reconstruir o resto da cena de **Mc 9, 2-7**, colocando, se necessário, os dísticos de Moisés e Elias.*

Jesus todo luminoso e rodeado de Elias e Moisés, duas figuras vindas do Céu. E a voz de Deus...

Querem ler as palavras que Deus disse? Então vamos ler todos ao mesmo tempo: as que estão no alto e as que estão em baixo, ao fundo:

“Este é o meu Filho muito amado”.

“Escutai-o”.

E quem mais está lá em cima com Jesus?

Somos nós. Subimos as escadas que nos levam a Jesus. Subimos, porque escutámos o que Ele nos tem vindo a dizer. Escutámos e fizemos.

Por isso é que os nossos nomes estão escritos em volta de Jesus.

E não queremos que eles de lá saiam. Ou alguém quer?

II. PALAVRA

1. Quer dizer que vale a pena estar com Jesus. Que é mesmo, mesmo bom.
É o melhor que podemos ter.
Mas, com isto, já me estou a adiantar. Porque o próprio Jesus quer hoje dizer-nos que vale a pena estar com Ele.
Querem ouvir? Claro, já prometemos que o queremos escutar.
Então olhem: Ele, hoje, vai dizer-nos o que um dia disse aos seus discípulos. E disse-o também numa altura muito bonita.
Tinha mandado os seus discípulos irem por diversas terras a espalhar por toda a parte o nome e as palavras de Jesus. Eles foram e tudo correu muito bem. Correu tão bem que, quando voltaram para junto de Jesus, Ele não se conteve e pôs-se a agradecer a Deus, seu Pai do Céu, todas as coisas que os discípulos e Ele próprio tinham feito. E, quando acabou aquela oração, disse uma coisa que é também para nós. Querem escutar?
2. *O catequista convida duas crianças a pegarem nos castiçais e as restantes a levantarem-se, depois pega na Bíblia, aberta em **Lc 10, 23-24**, levanta-a e todos cantam:*

“Fala, Senhor”

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas”:

Crianças: “Glória a Vós, Senhor”.

Catequista:

**“Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
«Felizes os olhos que vêem e que estais a ver,
porque, digo-vos,
muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram,
ouvir o que ouvís e não ouviram.»
Palavra da Salvação”.**

Crianças: “Glória a Vós, Senhor”.

3. Depois de pousados os castiçais e a Bíblia e as crianças se sentarem:

Felizes! – Disse-nos Jesus. Nós somos mesmo felizes, por vermos Jesus e ouvirmos o que Ele nos diz. Muito mais felizes do que os profetas e reis que viveram antes d’Ele.

Sabem o que era um profeta? Eram pessoas muito, mesmo muito amigas de Deus e que falavam ao povo as palavras de Deus.

Quem dera a essas pessoas poderem ter sido Jesus. E porquê? Por aquilo que Deus diz de Jesus. Vejam outra vez no placar: “Este é o Meu Filho muito amado”.

Que bom é para nós ver, com os olhos do nosso coração, e ouvir, através da Bíblia, as palavras de Jesus. E, pondo em prática a sua Palavra, subir até ao monte onde Ele nos mostra Jesus e nos diz quem Ele é.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1. Não querem ter uma palavra e um gesto de gratidão e amizade para com Jesus?**
Então, eu proponho que façamos como fizemos, quando ouvimos pela primeira vez o que Deus disse de Jesus lá no alto do monte.
Ainda se lembram?
Ajoelhámo-nos e cantámos aquele **cântico**:

“Jesus eu amo-Te”.

Querem repetir hoje?

- 2. Esta oração pode ser feita numa igreja, se houver condições, como foi proposto na catequese 2.**

Então já podemos começar: Ajoelhem-nos (...) e agora benzemo-nos:

- **“Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen”.**

Agora **cantemos** levantando as mãos e depois pousando-as sobre o coração:

“Jesus eu amo-Te” (4x)

“Tu és Filho de Deus”

“Tu és o meu Senhor”

“Jesus eu creio em Ti”

Depois do primeiro verso, o catequista intercala algumas das respostas dadas pelas crianças e afixadas no placar, por exemplo:

- **Jesus, Tu nasceste para nós;**
- **Jesus, Tu crescestes como nós;**
- **Jesus, Tu falaste-nos de Deus Pai...**

Depois canta-se o segundo verso, de mãos erguidas:

“Tu és Filho de Deus” (...)

Depois o catequista diz:

- **Jesus, Tu és Deus como o Pai;**
- **Jesus, Deus, Teu Pai, é o Teu maior amigo;**
- **Jesus, Tu vieste do Céu para junto de nós...**

Depois canta-se o terceiro verso, inclinando levemente o corpo:

“Tu és o meu Senhor” (...)

Depois o catequista diz:

- **Jesus, Deus fez tantas coisas por meio de Ti;**
- **Jesus, Deus fez com que depois de morreres ressuscitasses;**
- **Jesus, Tu nos dás tantas pessoas que nos amam.**

No final volta-se a cantar, com os mesmos gestos, o primeiro verso do cântico ou o último.

“Jesus, eu amo-Te” ou “Jesus, eu creio em Ti” (...)

Termina-se com o sinal da cruz:

“Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen”.

3. Depois de se sentarem:

Hoje foi uma bela catequese, não foi? Eu também gostei muito de subir convosco até ao alto monte, por aqueles degraus todos.

Assim ficámos mais perto de Jesus e da festa do seu nascimento que está próxima. Não querem cantar outra vez a alegria de termos Jesus? Dizer como é bom ter Jesus? Então vamos fazê-lo de pé e a bater as palmas (*ou darmos as mãos*):

“É bom estarmos juntos”.

Conforme o tempo, podem cantar-se algumas ou todas as estrofes cantadas no decurso da Experiência Humana.

JESUS, FILHO DE MARIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Mães biológicas e mães afectivas

Esta é uma distinção muito ouvida nos últimos tempos e, infelizmente, pelas piores razões. Situa-se primariamente no campo jurídico e, para bem ser, deveria ficar por aí.

É que a mãe que o seja apenas a nível biológico, não merece o nome de mãe. Isso significaria, para já, que a vida se reduziria à sua dimensão física. E que isso está longe de ser verdade, basta olhar para o que se passa com qualquer criança: sem afecto, carinho e educação, até a vontade de se alimentar ela perde. Se um bebé saboreia o leite que bebe do seio materno, é também e, em muitas situações, principalmente pelo calor humano que a mãe, pelo contacto físico e pela ternura nele expressa, lhe transmite.

Mas não é fácil ser mãe afectiva: por falta de tempo e disponibilidade, por deficiência de formação e, principalmente, de ideias claras sobre o verdadeiro objectivo das manifestações afectivas. O afecto, pelo afecto, não basta. A criança precisa de saber e experimentar qual o fim por que é e precisa de ser amada. Uma mãe ou qualquer outro educador que se limite a fazer todas as vontadinhas aos educandos, pode estar a deseducá-los: a levá-los a fecharem-se num egoísmo que acabará, um dia, por fazer deles mães ou pais simplesmente biológicos. E se, ainda crianças, muitos desses educandos manifestam desequilíbrios, em muitos casos isso deve-se a afectos desequilibrados.

O afecto tem de ser completado pelo amor. E o amor quer, acima de tudo, o bem daqueles a quem se ama, mas um bem que se não pode reduzir ao que ele quer ou, pelo menos, ao que lhe apetece.

O amor autêntico educa para o amor, para a doação mútua entre quem ama e quem é amado. Uma doação que exige renúncias, sacrifícios, perda da vida, para que esta se torne mais vida naqueles a quem é dada.

Então, sim, a individualidade deixa de ser individualismo, o eu, próprio e necessário a cada pessoa, não cai no egoísmo. E há equilíbrio: no próprio e nas suas relações com os outros. E, quem diz equilíbrio, diz felicidade.

Uma felicidade que não é fácil de alcançar. Exige discernimento, ideias claras e capacidade para as aplicar no momento e na medida certa. Exige a união harmoniosa do afecto com o amor, porque o amor que não seja afectivo, também dificilmente conquista, transforma, educa.

Felizmente, há mães e pais que, na perspectiva exposta, merecem o nome que têm. Muitos deles conseguem-no, porque se tornaram e são sensíveis Àquele que é, por natureza, amor: o Deus que se manifestou sobretudo no dom do seu Filho Jesus Cristo, o Filho encarnado no seio, na vida e no amor de Maria.

2. “Felizes as entranhas que te trouxeram...”

São palavras transmitidas por Lc 11, 27-28: “Enquanto Ele falava, uma mulher, levantando a voz do meio da multidão, disse: «Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram»” (v. 27). Não há dúvida de que as palavras da mulher são ditas com a melhor das intenções. Qual é a mãe que se não sente orgulhosa pelo êxito e reconhecimento alcançado pelo filho que se formou no seu ventre e cresceu, amamentado pelo seu leite?

Mas, Maria foi mais do que isso, mais do que uma simples mãe biológica.

Daí a reacção de Jesus que, longe de contradizer as palavras da mulher, as completa: “Felizes, antes, os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática” (v. 28). Se alguém, para além de Jesus, o fez de um modo completo, foi Maria, sua Mãe.

“Ao anúncio de que dará à luz «o Filho do Altíssimo», sem conhecer homem, pela virtude do Espírito Santo, Maria respondeu pela «obediência da fé», certa de que «a Deus nada é impossível»: «Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Assim, dando o seu consentimento à palavra de Deus, Maria tornou-se Mãe de Jesus”(CIC 494).

“É graças à sua fé que ela vem a ser a Mãe do Salvador”: segundo S. Agostinho, “Maria é mais feliz por receber a fé de Cristo do que por conceber a carne de Cristo” (Ibidem 506).

Ouve-o de Isabel: “Feliz de Ti, porque acreditaste” (Lc 1, 45). Ao que ela responde com o “Magnificat” que, no dizer de Bento XVI, é “um retrato, por assim dizer da sua alma” e “está inteiramente tecido com fios da Sagrada Escritura, fios tirados da Palavra de Deus. Desta maneira se manifesta que ela se sente verdadeiramente em casa, na Palavra de Deus, dela sai e a ela volta com naturalidade. Fala e pensa com a Palavra de Deus; esta torna-se palavra dela, e a sua palavra nasce da Palavra de Deus (...). Vivendo intimamente permeada pela Palavra de Deus, pôde tornar-se mãe da Palavra de Deus encarnada”.

E como esta Palavra encontra a sua síntese no mandamento e na vivência do amor, conclui o Papa: “Enfim, Maria é uma mulher que ama. E como poderia ser de outro

modo? Enquanto crente que, na fé, pensa, com os pensamentos de Deus, ela não pode ser senão uma mulher que ama” (DCE 41)... E continua a sua fonte de amor para quem a Ela recorre, nomeadamente através da oração:

3. “Santa Maria, Mãe de Deus...”

Continuemos com as ternas palavras de Bento XVI, na mesma encíclica:

“À vida dos Santos, não pertence somente a sua biografia terrena, mas também o seu viver e agir em Deus, depois da morte. Nos Santos, torna-se claro que quem caminha para Deus não se afasta dos seres humanos, antes pelo contrário, está verdadeiramente perto deles.

Maria é disso o exemplo mais luminoso. A palavra do Crucificado ao discípulo – (...) «Eis aí a tua Mãe» (Jo 19, 27) – vai-se tornando sempre nova e verdadeira no decurso das gerações. Maria tornou-se realmente Mãe de todos os crentes. À sua bondade materna, e bem assim à sua pureza e beleza virginal, recorrem as pessoas de todos os tempos e lugares do mundo, nas suas necessidades e esperanças, nas suas alegrias e sofrimentos, nos seus momentos de solidão, e também na partilha comunitária; e sempre experimentam o benefício da sua bondade, o amor inesgotável que ela exala do fundo do coração.

Os testemunhos de gratidão, a ela tributados em todos os continentes e culturas, são o reconhecimento daquele amor puro que se não se vê a si próprio, mas apenas quer o bem. A devoção dos fiéis mostra, ao mesmo tempo, a infalível intuição de que um tal amor é possível: é-o graças à mais íntima união com Deus, em virtude da qual se fica totalmente permeado por ele – condição esta que permite, a quem bebeu na fonte do amor de Deus, tornar-se ele próprio uma fonte «da qual jorram rios de água viva» (Jo 7, 38)” (Ibidem 42).

Que esses rios de amor, cuja água viva é recebida de Maria, inunde o coração e a vida de cada catequista e dele passe para os catequizandos e destes para os seus pais e mães e outros educadores, para que não sejam pais apenas biológicos, nem simplesmente afectivos, mas pais amorosos, porque amados e amantes... e felizes!

OBJECTIVOS

- Iniciar a preparação da celebração de Natal;
- Descobrir Maria, a Mãe de Jesus, como modelo de fé e prática cristã;
- Confiar-se a Deus, pela mediação de Maria.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças, são, por natureza, especialmente sensíveis às manifestações de afecto. Por isso aderem, com muita facilidade, a Maria, na sua condição de Mãe, e para mais tratando-se da Mãe de Jesus, a quem estão ligados desde o início da caminhada catequética. É a partir dele que descobrem o verdadeiro lugar de Maria na história da criação e na vida da Igreja. Maria é assim quem melhor as pode levar a Jesus e vice-

versa. E, com ambos, podem e devem encontrar o caminho para Deus e, nele, para os homens. Um caminho trilhado no amor.

2. Outra realidade a que as crianças são particularmente sensíveis é a celebração do Natal. Mas, nem sempre, pelas melhores razões. No meio do consumismo dominante nesta época do ano, correm o perigo de ser conduzidas para o que é mais contrário à condição cristã: ao egoísmo, alimentado por presentes, extorquidos de modo, por vezes, violento. Ora o Natal cristão, como de resto todas as outras festividades, é acima de tudo a vivência do dom.
3. Nesse sentido, se procura, desde já, preparar as crianças para a celebração do Natal: pelo afecto que encontram especialmente em Maria e, por meio dela, pela fé em Deus que se faz dom, de um modo especial, na encarnação do seu Filho. Daí que, nesta catequese, o Natal seja preparado e, em parte, já celebrado, em ligação com todas as catequeses anteriores, em que a escuta da Palavra e a prontidão para a pôr em prática foram temas e objectivos dominantes.

MATERIAIS

- A Bíblia;
- Dois castiçais;
- Díptico “Ave Maria” (2ª alternativa da experiência humana);
- Letras separadas da AVE MARIA (1ª alternativa da experiência humana);
- Pagela com o texto da Ave Maria (1ª alternativa da experiência humana);
- Pagela com o texto da Ave Maria, sem algumas letras, conforme o Documento 1 (2ª alternativa da experiência humana);
- Gravuras com as imagens do Anjo e de Santa Isabel;
- Imagem da Nossa Senhora, usada no presépio (ou gravura correspondente);
- Canetas/esferográficas.

MÚSICAS

- Ave Maria, cheia de graça (A. Cartageno);
- Fala, Senhor;
- É bom estarmos juntos (com estrofe própria).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O *placar* está totalmente vazio.
- Na *mesa*: a Bíblia (ladeada de dois castiçais apagados, se não for seguida a sugestão proposta para a apresentação da imagem de Nossa Senhora).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Certamente já repararam que hoje não está nada no placar...

Porque será?

Para descobrirmos, digam-me antes qual é a festa que vamos ter daqui a *(o número de dias que faltam até ao Natal)* dias?

O Natal é a festa do nascimento de quem?

Jesus, o nosso maior amigo, que tantas coisas nos tem ensinado aqui na catequese. Vai ser, de certeza, uma festa muito linda: ainda mais bonita do que as nossas festas de anos. Quanto maior é o nosso amigo, mais gostamos de participar na festa do seu aniversário. É verdade ou não?

Pois bem, hoje vamos começar a preparar a festa do Natal de Jesus. De acordo?

Muito bem. Queremos festejar, não só em nossa casa e na Igreja, mas também aqui na catequese.

Então digam lá o que é que faz parte da festa do Natal?

Ouvir as crianças, até uma delas dizer:

O presépio. Pois bem, hoje vamos começar a construir o nosso presépio. Queremos que seja muito lindo e, por isso, é que começamos a fazê-lo hoje. E, também por isso, é que deixámos o placar livre. Vamos precisar dele para o presépio.

2. Como sabem, o presépio tem várias figuras. Querem dizer quais são as principais?

Deixar que as crianças se expressem e, sem comentários, concluir:

Não vou dizer se essas figuras chegam para o nosso presépio. Depois veremos. E também não digo por qual delas vamos começar. Quem vai descobrir sois vós. Estão dispostos?

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

Então eu vou distribuir por vós umas letras soltas, isto é, sem estarem juntas, para formar umas palavras. Quem as vai juntar sois vós. Posso dizer-vos que nessas palavras está o nome de uma das figuras do presépio. Mas não está só o nome. Além do nome há uma outra palavra. E não digo mais. Vós é que ides descobrir.

O catequista entrega às crianças as letras soltas da "AVE MARIA". Para facilitar a sua junção, as crianças podem deslocar-se para um espaço da sala onde, até no chão, possam colocar as letras. Se forem muitas, podem formar 2 grupos, cada um com as mesmas letras. Terminado o trabalho, o catequista propõe:

Não digam quais são as palavras. Digam só quantas são.

Agora, para ser mais bonito, proponho que as letras sejam apresentadas por vós na ordem certa. Isto é, primeiro levanta-se um menino com a primeira letra (*no caso de muitos*) e vem aqui à frente. Depois outro menino com a segunda letra, que se coloca ao lado do primeiro e assim sucessivamente até as palavras estarem completas.

Formado o grupo com as palavras, o catequista pergunta:

Então qual é a figura do presépio?...

E o que dizemos nós a Maria?

Muito bem: “Ave Maria”.

Pronto. Já temos o nome da 1ª figura do presépio e até o que temos para lhe dizer.

Então vamos colocar as palavras bem à vista de todos.

*O catequista afixa, uma por uma, as letras da **AVE MARIA** ao centro do placar. Depois continua:*

Mas estas palavras continuam com outras. Quais são?

Parece-me (*se for o caso*) que alguns de vós já se tinham esquecido desta oração tão linda a Maria, Mãe de Jesus. Por isso, eu vou distribuir por cada um, uma folhinha com a oração inteira. *Depois de ter entregue a cada criança uma pagela com a Ave Maria, o catequista propõe:*

E não querem lê-la do princípio ao fim?

Feita a recitação em grupo:

Agora podem escrever o vosso nome ao fundo: significa que querem rezar mais vezes essa oração e, no caso de perderem a folhinha, quem a encontrar sabe a quem pertence.

Depois de escritos os nomes, continuar:

Quem se lembra de quem fez esta oração, na primeira parte?

*Ajudar a reconstruir as cenas de **Lc 1, 26-28** e **1, 39-42**, para as palavras “**Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco**” e “**Bendita sois vos entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre**”, e continuar:*

Portanto, foram duas pessoas muito importantes: primeiro, um anjo que veio do Céu para anunciar a Maria que Deus a escolhera para ser a Mãe do Salvador. *O catequista afixa, no placar, do lado esquerdo do dístico “Ave Maria”, e voltada para ele, a figura do Anjo. Depois continua:*

A seguir foi S. Isabel que tão bem recebeu a prima Maria em sua casa.

O catequista afixa, no placar, do lado direito o dístico “Ave Maria” e voltada para ela, a figura de S. Isabel. Depois continua:)

E hoje somos nós que saudamos Maria com as mesmas palavras.
Na segunda parte, pedimos-lhe que ela, que está no Céu, junto de Deus, peça por nós para não andarmos no pecado, isto é, não nos comportarmos de um modo que desagrade a Deus e a Jesus.
Querem rezar todos esta oração?...
Então ponham-se de pé...
Finda a oração e depois de sentadas as crianças, continuar (no ponto 3):

2ª Alternativa

Grupo grande

Então, vou entregar a cada um de vós uma cartolina com várias palavras. Mas há palavras onde faltam algumas letras. E até podem faltar as letras de uma palavra inteira.

O trabalho de cada um consiste em completar as palavras, preenchendo os espaços vazios com as letras certas. É lá que hão-de descobrir o nome da primeira figura do nosso presépio. Mas não será só o nome. Estão lá outras palavras importantes.

No fim, não se esqueçam de escrever o vosso nome.

O catequista distribui por cada criança uma cartolina em forma de pagela com a letra da "Ave Maria", como consta do Documento 1. Concluído o trabalho das crianças, continua:

Primeiro, qual é o nome da figura do presépio?

E que mais dizemos a Maria?

*O catequista afixa no centro do placar o **dístico "Ave Maria"**. Depois convida:*

3. Quem se lembra de quem fez esta oração na primeira parte?

*Ajudar a reconstruir as cenas de **Lc 1, 26-28** e **1, 39-42**, para as palavras **"Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco"** e **"Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre"**...*

Portanto, foram duas pessoas muito importantes: primeiro, um anjo que veio do Céu para anunciar a Maria que Deus a escolheu para ser a Mãe do Salvador. (O catequista afixa, no placar, do lado esquerdo do dístico "Ave Maria" e voltada para ele, a figura de um anjo).

Depois foi a sua prima Isabel: foi com estas palavras "bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre" que ela recebeu e saudou Maria em sua casa. E pela mesma razão do anjo: por Maria ter sido escolhida para Mãe de Jesus. (O catequista afixa no placar do lado direito do dístico "Ave Maria" e voltado para ele, a figura de Santa Isabel. Depois continua:)

E hoje somos nós que saudamos Maria com as mesmas palavras.
Na segunda parte pedimos-lhe que ela, que está no Céu junto de Deus, peça por nós, para não andarmos no pecado, isto é, não nos comportemos de um modo que desagrade a Deus e a Jesus.
Querem rezar esta oração?
Então ponham-se de pé.

Finda a oração e depois de sentadas as crianças, continuar:

II. PALAVRA

1. Já descobrimos qual é a primeira figura do nosso presépio e até já sabemos como rezar-lhe. Mas ainda não a temos. E não a temos, porque queremos recebê-la bem. Querem aprender um cântico em que saudamos Maria com as palavras do Anjo que estão afixadas no placar? Então ouçam.

*O catequista ensaia pelo menos o refrão do **cântico “Ave Maria cheia de graça”** (de A. Cartageno), ou outro cântico com a mesma palavra no refrão. Depois convida as crianças a porem-se de pé, para o cantar, quando for introduzida a imagem de Nossa Senhora.*

O ideal é que seja uma imagem do presépio, de tamanho proporcionado ao tamanho da Bíblia. Senão, pode usar-se uma gravura em cartolina, no placar. Se for a imagem, é colocada ao lado da Bíblia; se for em cartolina, é afixada por baixo do dístico “Ave Maria”.

Procure-se que a entrada seja tão solene quanto possível. O ideal é que a imagem seja trazida de fora da sala, por um outro catequista, acompanhado de duas crianças, cada uma com um castiçal aceso.

Se não houver catequista, seja uma criança, previamente preparada e que, na altura própria, é convidada a sair para trazer a imagem. Só, em caso extremo, o catequista ou outra criança traga a imagem de um lugar da sala onde estava escondida até ao momento da sua apresentação. Depois de colocada a imagem no seu lugar, o catequista manda sentar as crianças e diz:

2. Que bela recepção demos à imagem da Mãe de Jesus!

Possivelmente, estão já com vontade de lhe rezar a oração que ensaiámos há pouco: a oração feita pelo Anjo e por S. Isabel.

Mas temos de esperar um bocadinho.

Antes, temos de saber melhor por que razão Maria, a Mãe de Jesus, é tão importante para nós. Sem dúvida que o mais importante é ela ser Mãe de Jesus. Mas vós sabeis que nem todas as mães são iguais. Há umas melhores e outras piores.

Maria foi, sem dúvida, a melhor Mãe. Mas porquê? Como é que ela se comportou como Mãe?

E que tal, se fosse o próprio Jesus a dizer-nos? Querem ouvir?

Então eu vou contar.

Um dia Jesus, já um homem bem crescido, estava a ensinar as pessoas. Olhem, até estava a responder a umas pessoas que não concordavam com o que Ele fazia e ensinava. Sim, infelizmente, havia e ainda hoje há pessoas que não se interessam por Jesus e até o combatem. Pois bem, estava Ele a responder àquelas pessoas, quando uma mulher, que estava a ouvi-lo, estava tão admirada com o que Ele dizia que não se conteve e disse: **“Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram”**. (*O catequista pode repetir*).

Estão a ver de quem falava aquela mulher?

As entranhas são a barriga; e os seios é onde os bebés bebem o leite das suas mães. Portanto, ela falava da Mãe de Jesus. E, por causa de Jesus, dizia que a Mãe dele devia ser muito feliz por ter um filho assim.

Se calhar, até já aconteceu convosco alguma coisa parecida (...) De qualquer modo, quanto melhores somos, mais contentes e felizes ficam as nossas mães.

Mas, falta saber o que Jesus respondeu. Querem saber?

3. Então, ponham-se de pé, como fazemos sempre, para escutar a Palavra de Jesus.
*O catequista, ladeado de duas crianças com os castiçais acesos, lê de **Lc 11, 28** depois de se cantar:*

“Fala, Senhor” (*refrão*).

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

“Jesus respondeu:

«Felizes, antes, os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática».

Palavra da Salvação”.

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

4. Podem sentar-se. Então quem é, para Jesus, mais feliz?

Exacto: “Os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática”.

E terá sido isso que fazia Maria, a Mãe de Jesus?

Lembram-se de alguma vez em que ela mostrava fazer a vontade de Deus? (*Deixar que se exprimam e completar*.)

Uma das vezes mais importantes, foi quando o Anjo lhe anunciou que Deus a escolhera para ser Mãe de Jesus, o Salvador. A terminar o encontro com o Anjo, Maria respondeu: **“Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua Palavra...”**.

Faça-se em mim, segundo a Tua Palavra. Como o Anjo falava em nome de Deus, Maria dispôs-se, com esta resposta, a fazer a vontade de Deus. E foi assim que ela se tornou a Mãe de Jesus: fazendo a vontade de Deus.

E por isso é que ela foi mesmo muito feliz. Não foi só porque trouxe Jesus, nove meses, no seu seio e, depois de Ele nascer, lhe dava mama, para Ele crescer. O mais importante para ser uma boa mãe é fazer sempre a vontade de Deus.

Como nós. Ainda se lembram do que Jesus nos tem dito, aqui na catequese, para fazermos e sermos felizes? Quem quer dizer?

Muito bem: amar, respeitar, dizer a verdade, obedecer...e tantas outras coisas que Jesus ainda tem para nos dizer.

Quem faz assim, como Maria, é que está em condições para fazer um presépio lindo. É o que estamos a fazer.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Tenho uma ideia, para irmos fazendo o nosso presépio mais lindo.

Já lá temos a imagem de Maria, mesmo pertinho da Bíblia, para mostrar que ela escutava sempre a Palavra de Deus e a punha em prática. Também temos as figuras do Anjo e de S. Isabel que nos ensinavam a primeira parte da “Ave Maria” e temos também o princípio da “Ave Maria”.

O resto está nas nossas mãos: nas cartolinas com esta oração tão linda, que todos (ou a maior parte de) vós já sabeis de cor.

Pois bem, a minha ideia é esta: que rezemos todos, em coro, esta oração, voltados para a imagem de Maria, e depois cada um ofereça a Maria a cartolina com essa oração e o nosso nome, para estar no presépio, junto de Maria: com o nosso nome escrito lá é como ficar sempre ao pé dela a dizer-lhe o que disse o Anjo e S. Isabel. De acordo?

Querem mesmo colocar-se ao lado de Maria?

Então, iremos fazer assim: depois de todos rezarmos a “Ave Maria”, cada um, à vez, aproxima-se aqui da imagem de Maria e da Bíblia e diz: “Ave Maria”, só o princípio desta oração. Se quiserem, podem também dizer: “Quero obedecer como Jesus”, ou “dizer a verdade”, ou “respeitar”, “amar”. Uma das coisas que Jesus nos ensinou a fazer. De acordo?

2. Então peguem na folhinha com a oração. Ponham-se de pé. E, antes de rezarmos, cantemos, voltados para Maria:

“Ave, Ave, Ave Maria” (só o refrão, repetido).

Agora, digamos todos ao mesmo tempo:

**“Ave Maria...
Santa Maria...”**

E agora, cada um, vai oferecer a oração com o seu nome, para ficar no presépio, dizendo: “Ave Maria” e uma daquelas coisas que fazemos para cumprir a vontade de Deus.

Se forem muitas as crianças, podem juntar-se em pequenos grupos e fazer a saudação, neste caso sem mais palavras, em conjunto.

Pelo meio, pode repetir-se o refrão do cântico ensaiado.

3. O nosso presépio está a ficar cada vez mais bonito. Mas ainda falta muita coisa. Vai ser para a semana. Para isso peço-vos três coisas:

Primeiro, convidem os vossos pais ou avós a virem à nossa última catequese, antes do Natal. Com eles, o presépio, que vamos completar, ainda vai ficar melhor.

Segundo, durante a semana, rezem todos os dias a oração que hoje aqui rezámos. Ela vem no catecismo. Assim, lembrem-se melhor de que os vossos nomes já estão junto do presépio. Está bem?

Terceiro, tragam as duas cartolinas que levaram para casa: aquela em forma de coração que tem, dum lado, o nome de um vosso colega e, do outro, nomes de pessoas que todos queremos respeitar e aquele com uma flor, com pétalas, com nomes de pessoas a obedecer. Vejam lá, não se esqueçam. Vão ser muito precisas para o nosso presépio. (*Se houver crianças que as esqueçam, o catequista forneça ele outras em substituição*).

4. Mas, não nos queremos ir embora, sem manifestar a nossa alegria pelo que hoje aprendemos e fizemos. Foi mesmo bom, não foi? Então de pé, cantemos o **cântico**: **“É bom estarmos juntos”**.

**“É bom estar com Maria
Mãe do Filho de Deus”.**

O catequista recolha a pagela com a “Ave Maria” e, durante a semana, escreva no verso, uma mensagem natalícia para os pais/educadores das crianças, que tenha a ver com os temas tratados até agora.

Para que as crianças convidem os pais e tragam as cartolinas preferidas, procure manter-se em contacto com elas, usando os meios mais aptos ao seu alcance.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Av _ _ _ r _ _

Che _ a _ e gr _ ç _

O S _ nh _ _ é _ o _ vos _ o

b _ n _ _ ta so _ s _ ó _

en _ _ e a _ m _ lh _ _ e _

e _ en _ i _ o é _ f _ u _ o

_ o v _ ss _ _ en _ re J _ _ _ _ .

S _ n _ a _ _ _ _ _

_ ãe d _ D _ _ _

_ o _ a _ p _ r _ ós p _ _ a _ o _ es

a _ _ r _ e _ a _ h _ _ a

d _ _ _ ss _ m _ r _ e

A _ _ n .

JESUS É DEUS CONNOSCO

(Celebração)

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Natal todos os dias?

Tornou-se quase um *slogan*: “Natal devia ser todos os dias”. A formulação (“devia”, no imperfeito) já deixa dúvidas acerca da convicção e da verdade da afirmação. Quer dizer que não é; que aqueles que o dizem, não parecem na disposição de fazerem que o seja; e que, talvez, nem sequer seja possível sê-lo.

Percebe-se o que está por trás da frase: o desejo de que o espírito, sobretudo da paz e concórdia, especialmente sentido e vivido no tempo natalício, se prolongue pelos restantes dias do ano. É como acontece com o Domingo que, se de facto, o é, tem incidências nos restantes dias da semana.

Mas, como só há por semana um Domingo, também a celebração do Natal é única no ciclo anual. Se todos os dias fossem Natal, deixaria de haver Natal. Este distingue-se do resto dos dias do ano, exactamente pelo que dele é específico e que, entre nós de países do hemisfério norte do planeta terrestre, só pode ser celebrado nesta altura do ano.

O Natal começou por ser uma festa pagã, da cidade de Roma: celebrava a 25 de Dezembro, isto é, no solstício de Inverno, o “Nascimento do Sol Invicto”, porque invencível relativamente às trevas em que lentamente e todos os anos se vai afundando. Numa época em que o disco solar já era venerado como divindade tutelar do Império Romano, o imperador Aureliano elevou-a, em 274, a festa estatal, numa tentativa de assim contribuir para a coesão e a paz do Império, então seriamente ameaçada.

Foram os cristãos de Roma os primeiros a opor-se à medida imperial. Na mesma data do ano, passaram a celebrar o Natal de Jesus, o único que, por ter vencido a morte para sempre, proclamavam como “Sol da Justiça”, com base em profecias do AT. A substituição terá sido facilitada pelos textos bíblicos que tratam do nascimento de Jesus. Deles irrompe a luz e a vida que, em plenitude, imperador ou estrela alguma

podem proporcionar.

Portanto, já por razões climatéricas, o Natal só pode ser celebrado no pino do Inverno. E então nos países onde as estações decorrem em ordem inversa? – Nesses, sente-se também aquele frio que não escolhe estação: o das relações humanas, contaminadas pelo egoísmo, a exploração, a miséria; onde falta aquele amor que, numa plenitude inexcusável, só foi vivido e transmitido pelo Deus que em Jesus Cristo, seu Filho, se tornou o Emanuel, o “Deus conosco”.

Mas, se as condições climatéricas contribuíram para acentuar os efeitos negativos desse frio e dessa escuridão destrutiva da vida, na sua dimensão social, então será mais fácil deixar-se conquistar por Aquele que, pelo menos para nós, nasce em cada 25 de Dezembro.

2. Jesus: o “Deus conosco”

“Emanuel” corresponde ao hebraico “Himmanu-el” que, à letra, significa “conosco-Deus”. Possivelmente na origem era um grito de confiança em Deus, usado na liturgia do templo de Jerusalém: “Deus está/esteja conosco”. Veja-se o refrão do Sl 46, 8.12: “O Senhor do universo está conosco!”, no meio das tribulações, medos e guerras a que o salmista se vê sujeito. E neste mesmo sentido aparece em Is 8, 10, a concluir uma série de desafios do profeta àqueles que, pela violência, ameaçam a existência do seu povo: “Traçai planos, que serão frustrados; ordenai ameaças, que não serão executadas, porque temos o «Himmanu-el»: Deus conosco”.

Um grito de confiança em Deus que adquiriu, segundo Is 7, 1-16, um alcance particular, no confronto do mesmo profeta com o rei Acáz. Na chamada guerra siro-efraimita (à volta do 734 a.C.), Acáz caiu na tentação de pedir socorro ao imperador da Assíria, uma medida que implicava uma sujeição a todos os níveis, incluindo o religioso. O profeta procura demovê-lo. Perante esta teimosia e irremovível falta de confiança em Deus, o profeta remata a sua intervenção com a célebre profecia: “Escuta, casa de David: não basta já ser molestos para os homens, senão que também ousais sê-lo para o meu Deus? Por isso, o Senhor, por sua conta e risco, vos dará um sinal. Olhai: a jovem está grávida e vai dar à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome de «Himmanu-el»” (v. 13-14).

A jovem era, na origem, provavelmente a rainha, que deveria dar à luz um descendente de Acáz, reconhecido e respeitado pela sua confiança em Deus. O Evangelista Mateus, influenciado pela 1ª tradução grega da Bíblia (is LXX), que interpreta “jovem” no sentido de “virgem”, aplica a profecia a José, precisamente no clima da incerteza em que se encontrava perante a gravidez inexplicável da Maria, sua esposa (Mt 1, 18-25): ao Filho que há-de nascer de Maria, “hão-de chamá-lo Emmanuel, que quer dizer Deus conosco” (v. 23).

E, de facto, assim será: nunca Deus esteve tanto conosco como em Jesus Nazaré. Uma presença salvífica que se prolonga para além da sua morte e ressurreição. O Evangelho termina com estas palavras, pronunciadas pelo Ressuscitado: “E eis que

estou convosco todos os dias até ao fim dos tempos” (Mt 28, 20). Portanto, Ele continua connosco.

3. Nos nossos dias

Ele continua connosco, antes de mais, através da sua Palavra, a Boa Nova do Reino de Deus: do Evangelho, passa para as igrejas, as famílias, as salas de catequese, onde continuamente volta a soar o grito de confiança: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5, 3). Pobres, são aqueles que, conscientes da sua fragilidade, das suas limitações, da falta de espírito, de ânimo, se confiam ao Deus que está connosco no Emmanuel que nos fala do alto monte, de junto de Deus.

Ele continua connosco, através daqueles que o seguem e que Ele continua a enviar no anúncio da mesma Boa Nova do Reino. Um anúncio em que as acções confirmam as palavras, em que o modo de viver e actuar é uma encarnação viva da mensagem que transmitem: “Recebestes de graça, dai de graça” (Mt 10, 8). É na gratuidade que o amor encontra a sua expressão mais visível e ilimitada... e conquista mais gente para a vida.

Ele continua presente, sempre que o semeador da Palavra sai a semear: uma sementeira sujeita a fracassos, desilusões, decepções, por falta de frutos; mas confiante de que haverá sementes que darão fruto: “umas cem, outras sessenta, outras trinta grãos por cada semente” (Mt 13, 8).

E, de facto, assim acontece: quantos não trocam tudo pela aquisição do “tesouro” e “pérola preciosa” que é o Reino de Deus (13, 44-46).

Contribuem para que Ele continue connosco, sempre que dois ou três se juntam na terra para pedir alguma coisa em seu nome, na certeza de que, assim, a hão-de obter do seu Pai que está nos céus (Mt 18, 19). Mesmo que isso pareça humanamente impossível: perdoar não apenas sete vezes, mas “setenta vezes sete” (18, 22). De facto, é no perdão ilimitado que o amor tem a sua expressão máxima.

Ele continua connosco, sempre que o alimentarmos, quando tem fome, o vestimos, quando anda nu, o visitamos, quando está doente ou preso, na certeza de que Ele nos dirá: “Sempre que fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40).

Ele continua connosco sempre que continuamos a ensinar tudo isto que Ele nos mandou fazer (28, 20): nomeadamente na catequese... e em mais este Natal que é único, como todos os Natais, se o soubermos acolher com a confiança de quem lhe grita: “O Senhor esteja connosco!” E Ele estará, de facto, no meio de nós.

OBJECTIVOS

- Dar sentido cristão à festa do Natal;
- Descobrir e acreditar que Jesus é Deus connosco;
- Celebrar o Natal em comunhão com Jesus e com os outros.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é constituída por uma celebração, feita na conclusão do 1º bloco de catequeses, centradas na condição divina de Jesus e nas orientações morais que d'Ele se foram recebendo. Como celebração, é nela acentuada a vivência da fé em Deus, no seu Filho Jesus Cristo e nalgumas outras figuras histórico-salvíficas através das quais Deus se revelou.
2. É acentuado o mistério da encarnação do Filho de Deus, fazendo-se uma unidade com as catequeses 1 e 2, em que a condição divina de Jesus foi revelada pelo próprio Deus: aquele que, é transfigurado no alto do monte, foi apresentado por Ele como Filho muito amado, é o mesmo que, pelo seu nascimento humano, se tornou o Deus conosco.
3. Tratando-se de uma celebração, para mais natalícia, é de todo conveniente a presença e participação dos pais das crianças ou outros educadores. É uma ocasião para eles próprios serem elucidados sobre o significado do Natal e o viverem com os seus filhos, na sala da catequese e, depois, no seio familiar e comunitário. Para que possam estar presentes, pode mesmo alterar-se o horário da catequese. Nesse caso, os pais devem ser avisados e preparados com muita antecedência.
4. As crianças não irão, na celebração, receber qualquer presente, a não ser o maior de todas: a do Filho de Deus que as ama e a quem elas amam. Nessa perspectiva, em vez de receber, são convidadas a dar prendas, mas não na linha do consumo dominante na sociedade; a prenda é a oferta dos próprios, em união em Cristo, aos pais e aos mais marginalizados da sociedade. O catequista entra também nesta oferta, especialmente na mensagem natalícia escrita aos pais/educadores das crianças, no verso da cartolina com a "Ave Maria".

MATERIAIS

- Figura de Jesus em silhueta (catequese 1);
- Dísticos: "Este é o meu Filho muito amado". "Escutai-o", "Amar", "Respeitar", "Obedecer", "Dizer a verdade", "Ave Maria" (catequeses anteriores);
- Dísticos de "Moisés" e "Elias" (se houver lugar no placar);
- Figura do Anjo e S. Isabel (catequese anterior);
- Cartolinas em forma de coração com os nomes das crianças e catequistas (catequese 1);
- Cartolinas com o texto da "Ave Maria" e uma mensagem (catequese anterior);
- Cartolinas em forma de coração com o nome das crianças e das pessoas a respeitar (catequese 5, a trazer pelas crianças);
- Cartolinas com uma flor e os nomes das pessoas a obedecer (catequese 7, a trazer pelas crianças);

- Imagens do presépio: Nossa Senhora, S. José, Menino Jesus, em tamanhos proporcionais ao da Bíblia;
- Dístico: “Deus Connosco”;
- Dois castiçais;
- Bíblia;
- Pedras de suporte à Bíblia (catequese 3);
- Motivos, de preferência natalícios, de ornamentação da sala.

MÚSICAS

- Dlim dlão;
- É bom estarmos juntos (estrofes com letras próprias);
- Fala, Senhor;
- Alegrem-me os céus e a terra;
- Senhor, para ti o meu coração.

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

Preparação da sala:

- *No placar*: a figura de Jesus em silhueta (catequese 1-8), rodeada dos dísticos “Este é o meu Filho muito amado”(na parte superior) e “Escutai-o” (na parte inferior), e preenchida pelos dísticos (em posição descendente) “Amar”, “Respeitar”, “Dizer a verdade”, “Obedecer” e “Ave Maria”. Junto deste e uma de cada lado as figuras do Anjo e da S. Isabel (catequese anterior). Se houver lugar, podem também afixar-se os dísticos de “Moisés” e “Elias”, na posição da catequese 1. Em volta, de um lado e outro, as cartolinas com os nomes das crianças e dos catequistas. Se as figuras do presépio (Maria, José e o Menino) forem em cartolina, serão afixadas ao fundo, mais próximas da Bíblia.
- *Na mesa*: a Bíblia em cima de 2/3 pedras (catequese 3), com as imagens de Nossa Senhora e de S. José, uma de cada lado e voltadas para a Bíblia, aberta em Mt 1, 18-25. De um lado e do outro, as cartolinas com o texto da Ave Maria (catequese anterior).
- *Nas paredes (e outros lugares)*: ornamentação festiva, de preferência de carácter natalício.

Intervenientes na celebração: além do catequista que preside, um pai/mãe para a leitura da Bíblia; e um outro/outra para introduzir a imagem do Menino Jesus, ladeada de duas crianças com castiçais acesos.

1. ENTRADA E ACOLHIMENTO

*Ainda fora da sala: à frente o catequista que preside, seguido das crianças em fila e dos seus familiares e outros catequistas, cantando o **cântico**:*

“Dim-dlão” (ou outro cântico natalício)

Depois de todos nos seus lugares, as crianças à frente e os adultos atrás, o catequista manda-os sentar e diz:

Que acham da nossa sala?

Está especialmente preparada, porque hoje, aqui na catequese, é dia de festa: celebramos o Natal de Jesus. Mas, estão aqui muitas coisas na sala que os vossos pais/avós não entendem. Não querem explicar-lhes? Começemos pelo placar:

De quem é aquela figura branca que está ao centro?...

E quem disse aquela palavra ao alto e ao fundo?

Ora leiam lá.

E de quem se trata?

E onde foram ditas?

E quem as disse?

Muito bem, no alto do monte, onde a figura de Jesus se tornou muito luminosa e rodeada de Moisés e Elias, Deus disse-lhe: “Este é o meu Filho muito amado” e “Escutai-o”. Portanto, Deus mandou-nos escutar Jesus, seu Filho.

E que nos tem dito Jesus? Olhem para o placar...

Exacto: amar, respeitar, dizer a verdade e obedecer. E vós tendes feito isso?

Vejam lá, os vossos pais/avós estão a ouvir...

Bom, umas vezes mais, outras menos. De qualquer modo, todos sabemos que é bom fazer o que Jesus nos mandou e Ele mesmo faz. Se é bom, então cantemos, de pé:

“É bom sorrir”

(com 1 ou 2 estrofes que tratem dos temas de que as crianças mais falaram; em último lugar a estrofe:)

“É bom estar com Maria, Mãe do Filho a Deus”.

2. ORAÇÃO

Repararam que também cantámos “É bom estar com Maria”. Onde é que ela está? É a 1ª figura do presépio, que acolhemos na catequese anterior. E rezámos-lhe uma oração. Lembrem-se quem fez essa oração?...

Por isso, lá estão também as figuras do Anjo e de S. Isabel em volta das palavras “Ave Maria”.

Querem rezá-la? Então vamos todos erguer as mãos e voltados, para a imagem da Mãe de Jesus, digamos todos ao mesmo tempo:

**“Ave Maria...
Santa Maria...”**

3. PALAVRA

Podem sentar-se. Já repararam que do outro lado da Bíblia e a olhar para ela está outra figura. De quem será?

Mas S. José não era o verdadeiro pai de Jesus. Quem era o verdadeiro pai?...

Exacto: até está escrito no placar, lá ao alto.

Quer dizer que S. José não devia entrar no presépio. Que acham?...

Ele tornou-se o pai adoptivo, como ainda hoje há tantos pais adoptivos. Só que com S. José foi um pouco complicado. Querem ouvir o que se passou?

Para vos apresentar a história, vou pedir a colaboração do/a Sr./a (*nome*) que vem aqui ler a palavra de Deus. Eu até lhe vou entregar a Bíblia.

Mas até ele/ela ler as palavras que Deus vai dizer, vou contar o que se passou antes. Foi assim: quando S. José soube que Maria, sua noiva, estava de bebé, ficou muito atrapalhado. Sabia que o bebé não era dele, mas não sabia de quem era. Como ele amava muito Maria, pensou mesmo em deixá-la em segredo. S. José era muito bom. Era um homem justo, diz ali na Bíblia.

Andava ele nisto, sem saber bem o que fazer, quando teve um sonho. E quem lhe havia de aparecer naquele sonho? Deus, o verdadeiro pai de Jesus. E que disse Deus?

Para ouvirem com mais respeito, ponham-se de pé e cantemos:

“Fala Senhor...”

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus”:

Todos: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

**“Naquele tempo,
Disse Deus a José, num sonho:**

Leitor/a: (Mt 1, 20-21)

**«José, filho de David,
não temas receber Maria, tua esposa,**

**pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo.
Ela dará à luz um filho,
ao qual darás o nome de Jesus,
porque Ele salvará o povo dos seus pecados»”.**

Catequista: Será que S. José fez o que Deus lhe disse?

É claro que fez. Por isso aquele que escreve esta história, S. Mateus, junta umas palavras ditas muitos séculos antes por um profeta, um homem que falava em nome de Deus. S. Mateus diz-nos que essas palavras se cumpriram em Jesus. Querem ouvir?

Leitor/a: (Mt 1, 23):

**“Eis que uma virgem conceberá
e dará à luz um filho;
e hão-de chamá-lo Emanuel,
que quer dizer: Deus connosco.”**

Catequista: “Palavra da Salvação”.

Todos: “Glória a Vós, Senhor”.

Depois de o leitor se afastar:

Podem sentar-se. Então S. José merece ou não estar no presépio?

Claro: sem Ele, Jesus não teria nascido, pelo menos em boas condições. E reparem como ele está, aqui na nossa mesa, a olhar para a Bíblia, onde vêm aquelas palavras do profeta. Ainda se lembram que nome é que esse profeta dizia para darem a Jesus?... Na língua deles é “Himmanu-el”. Mas S. Mateus traduz para a gente. Que quer dizer Emanuel? Deus (El) connosco (Emanu).

Então Jesus tinha dois nomes?

Não. Este segundo é só um título. Como às vezes se diz de uma pessoa que é, por exemplo, um homem de Deus, assim se diz de Jesus: Ele é Deus connosco.

E é mesmo. Olhem para o placar: que disse Deus de Jesus? – Este é o Meu Filho muito amado! Portanto, como Jesus era Filho de Deus, também José falava das coisas de Deus e falava muito com Deus.

Parece-nos que é de pôr aqui junto do presépio este título tão lindo dado a Jesus?...
*O catequista afixa o **dístico “Deus connosco”** por baixo do dístico “Ave Maria”.*

Fica mesmo bem: “Ave Maria” é para a Mãe de Deus; “Deus connosco” foi o que descobriu S. José.

E se nós cantássemos a alegria de termos Deus connosco? Então, de pé, cantemos:

**“É bom ter Deus connosco
Em seu Filho, Jesus”.**

4. ADORAÇÃO DO MENINO

Mas, estou a reparar que, no nosso presépio, falta a figura principal. Quem falta?... Então vamos receber a imagem do Menino Jesus. Vai ser trazido pela/o Sr./Sra. (*nome*), acompanhado de dois meninos com duas velas acesas. Voltemo-nos todos para a porta (*indicar qual*), por onde vai entrar. E cantemos com muita alegria:

“Alegrem-se os céus e a terra” (*ou outro cântico natalício*)

Depois de chegarem à frente , voltados para as crianças, o catequista, se achar oportuno, convida os presentes a irem beijar a imagem do Menino, nas mãos de quem a transportou. Durante o ósculo, continuem com o mesmo cântico ou outro. No final, a imagem do Menino é colocada em cima da Bíblia, aberta em Mt 1, 23-25 e ladeada dos dois castiçais acesos.

5. ORAÇÃO E GESTO DA PAZ

Digam lá se o nosso presépio não está lindo. E grande! Já repararam bem quantos estão em volta dele, a começar pelos que estão no placar. Até lá está cada um de nós, com o nome escrito naqueles coraçõezinhos. E mais aonde? – Nas pagelas com a Ave Maria.

Mas não é tudo. Não trouxeram mais cartolinas? Uma em forma de coração e outra com uma flor desenhada. E nas duas estão muitos nomes. Que nomes são?

Orem peguem nelas.

Que está escrito nas pétalas das flores?

Os nomes das pessoas a quem vós mais deveis obedecer. Não querem rezar por elas a Jesus?

Então fazemos assim: pegam nessa cartolina, colocam-na na palma da mão aberta e, voltados para Jesus no presépio, vamos oferecer a Jesus o nosso coração, o nosso amor por essas pessoas.

Se o grupo for pequeno, pode sugerir-se a algumas crianças que, antes da oração, leiam apenas alguns nomes.

Então cantemos todos:

“Senhor, para ti, o meu coração” (*repetido*).

Muito bem. Agora podem ir entregar essa flor ao vosso pai/mãe/avó com um beijinho. *Se houver crianças sem familiares, dizer-lhes que o façam em casa, do mesmo modo: com um beijo e votos de um bom Natal.*

Se quiserem, podem guardar isso para a noite de Natal, quando receberem os presentes.

Falta a outra cartolina em forma de coração e escrita dos dois lados: Dum lado, está o nome de um vosso colega e, do outro, estão nomes de pessoas que eles querem respeitar.

Querem também oferecer esses nomes a Jesus? São pessoas que vós também amais e respeitais. Então coloquem-na nas palmas das mãos, estendidas para Jesus, e cantemos:

“Senhor, para ti, o meu coração” (*repetido*).

E que vamos fazer a essas cartolinas?...

Eu proponho que cada um as entregue ao colega a quem pertence.

De acordo? Mas fazem assim: entregam a cartolina e desejam-lhe um bom Natal.

6. RITOS FINAIS E DE DESPEDIDA

Podem sentar-se. Ainda faltam duas coisas.

Primeiro é saber o que vão fazer com a cartolina em forma de coração e com nomes de pessoas a quem respeitam. Têm alguma ideia?

Então proponho o seguinte: vão ter um gesto de amizade e respeito para com ao menos duas dessas pessoas: podem escrever-lhe um cartão de boas festas, ou simplesmente telefonar-lhe. O melhor será visitá-la e oferecer-lhe uma prenda de Natal. Pode ser uma das muitas que irão receber.

Se isso não for possível, talvez por não terem o contacto dessa pessoa, podem pelo menos rezar a Jesus por ela. Nesse caso, proponho que coloquem esse cartãozinho no presépio que fizeram lá em casa.

Se fizerem isso, estão a dar uma grande alegria a Jesus e a fazer com que Deus esteja mais connosco.

A última coisa: que vamos fazer às cartolinas com a oração da Ave Maria, que estão aqui junto do presépio?... Proponho o seguinte: cada um leva a sua e, lá em casa, vai entregá-la ao pai e à mãe e convidá-los a rezar convosco essa oração a Nossa Senhora. De acordo?

*O catequista chama por cada criança e entrega-lhe a respectiva cartolina, com um gesto de carinho - beijo, carícia - desejando-lhe um bom Natal. Depois de todas distribuídas, propõe o seguinte **cântico** conclusivo:*

“Dlim-dlão” (*ou outro natalício*).

No final do encontro, o catequista procura obter dos pais, uma fotografia, tipo passe, de cada criança, necessária a partir da próxima catequese.

Aprendo a dizer “Pai Nosso”

2º BLOCO

Após o Natal, o Baptismo de Jesus é visto como manifestação do amor de Deus Pai e arranque da sua actividade messiânica de anunciar o Reino de Deus.

É dele que, nos encontros seguintes, Jesus nos fala: como seu Pai e nosso Pai.

- Com isso, e ao mesmo tempo, as crianças vão sendo progressivamente introduzidas na oração que Jesus nos deixou como modelo.
- À medida que a vão aprendendo e compreendendo o sentido das suas palavras, serão motivadas para fazerem dela a expressão da sua fé e será anunciada na oração, nomeadamente, na oração em Igreja.

Termina-se com uma referência vivencial ao Mistério Pascal: Jesus, entregando-se ao Pai pela oração, deu a vida por nós e, pela ressurreição, venceu a morte.

JESUS ANUNCIA-NOS O REINO DE DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A (re)descoberta do religioso

Há quem diga que o século XXI será o século do religioso. Embora o futuro só a Deus pertença, a verdade é que se notam, já desde finais do século passado, sinais visíveis daquilo que alguns chamam o regresso ao religioso. Nalguns meios, começou de um modo bastante desordenado: acolhendo-se a primeira oferta que aparece, sem um discernimento, minimamente, fundamentado de que o que é oferecido não será obra humana. Nestes casos, o que interessa às pessoas é a satisfação de uma necessidade, ao lado de muitas outras. E cai-se numa religião pelo menos, predominantemente consumista, em que cada um continua fechado em si próprio... e, muitas vezes, escravo da exploração económica dos muitos “fabricantes” de religiões, atentos às leis e orientações do mercado. Para algumas das vítimas quando dão por isso, já é tarde de mais.

Entretanto, isso tem tido pelo menos a vantagem de colocar muitos outros de sobreaviso. E hoje, nesta redescoberta do religioso, nota-se um crescente interesse pelas grandes religiões, aquelas com provas dadas, pelo bem que, durante os séculos da sua existência, têm proporcionado aos crentes que, nelas e a seu modo, têm encontrado o caminho da vida, a solução para as grandes questões que afectam o homem e, para as quais, só em Deus encontra uma resposta.

Visto de um modo muito genérico, este fenómeno tem, pelo menos nas sociedades ocidentais, a sua origem nos efeitos negativos de uma opção, que já dura séculos, por se construir a vida apenas sobre o homem: um humanismo sem Deus, que deu origem a uma série de desumanismos e que criou um vazio no qual a vida humana perdeu o seu sentido último. Só no campo político, a grande maioria das guerras e massacres que, no século passado, vitimou milhões de seres humanos, tanto na Europa como na Ásia, devem-se em última análise, directa ou indirectamente, à tentativa de banir Deus dos horizontes humanos.

E o ser humano, exclusivamente entregue a si próprio, sente-se perdido.

Ou vai, cada vez mais, sentindo-se perdido. Muitos há, ainda, que, pelo menos na prática, teimam viver na ilusão de construir o paraíso e, como tal, encontrar a razão de viver numa vida restringida ao imediato, ao consumo, ao prazer... aos limites deste mundo e, sobretudo, da sua condição de criaturas.

Mas, mesmo entre esses, são cada vez mais os sinais de desilusão e frustração, que manifestam de muitas maneiras, mas que, directa ou indirectamente, confluem para o desejo de regressar.

Para nós cristãos, a pergunta que se impõe é esta: que fazer para acolhê-los? Que resposta temos nós para lhes dar e, sobretudo, como dá-la?

2. “O Reino de Deus está próximo”

É com estas palavras que o Evangelista S. Marcos resume o “Evangelho de Deus” proclamado por Jesus Messias: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho” (1, 15).

Antes (1, 1-13) faz a apresentação de Jesus como “Cristo, Filho de Deus” (v.1). Ou melhor, coloca o próprio Deus a introduzi-lo aos leitores: primeiro através da citação de algumas passagens do AT, em que Deus se dirige a Cristo, para lhe indicar o mensageiro que, no deserto, há-de preparar os seus caminhos (vv. 2-3). De seguida, surge esse mensageiro, João Baptista, o último dos profetas, que aponta para Jesus como Aquele “diante do qual não sou digno de me inclinar para lhe desatar as correias das sandálias... Ele há-de baptizar-vos com o Espírito Santo” (vv. 7-8). Finalmente, aparece em cena o próprio Jesus que, no Baptismo administrado por João, recebe a energia vivificante do Espírito e ouve da boca de Deus estas palavras: “Tu és o meu Filho muito amado, em ti, pus todo o meu agrado” (vv. 9-11).

E é depois de vencer a prova a que é sujeito pelo tentador, nos 40 dias passados no deserto (vv.12-13), que Jesus, por sua vez, começa a anunciar Aquele que, deste modo tão solene, o havia apresentado: o Deus que, depois de um longo tempo de expectativa, finalmente intervém na história e vida dos homens, para estabelecer o seu Reino. Marcos chama a esta intervenção de Deus o seu Evangelho: uma Boa Nova que, se aceite pelo arrependimento e a fé dos ouvintes, pode transformar radicalmente as suas vidas, fazer com que Deus passe realmente a reinar neles.

É essa transformação que o resto do Evangelho de Marcos nos descreve: um Evangelho tecido por acções e palavras de Jesus que libertam os ouvintes e destinatários de toda a espécie de opressões, com destaque para aquelas que afastam as pessoas da sua relação com Deus. Jesus “não veio para abolir todos os males deste mundo, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado, que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas” (CIC 549).

No final da sua actividade messiânica, Ele próprio é vítima desse pecado: na sua morte consuma-se a rejeição que Ele, como Messias e Filho de Deus, teve de sofrer.

Mas foi então que Ele realizou, de um modo único e inexecedível, o que fora o programa de toda a sua vida: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos” (Mc 10, 45). Pagou com a sua vida a libertação que a todos oferece. Fez da morte a entrega da vida. Deu ao Evangelho que anunciava a sua expressão mais viva e eficiente: Deus passou a reinar nele e por Ele, como ressuscitado. De tal modo que, de mensageiro do Evangelho de Deus, Jesus passou definitivamente a ser o conteúdo desse Evangelho:

3. “Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”

É este o título que Marcos dá ao seu livro. A Boa Nova de que Jesus é o Messias e Filho de Deus, que antes era anunciado de viva voz, é por ele redigida por escrito, para que, deste modo, ultrapasse todas as fronteiras do tempo e do espaço e chegue até nós, com a energia vivificante com que era anunciado pelas testemunhas do Ressuscitado.

Sim, hoje somos nós os destinatários e, ao mesmo tempo, os mensageiros desta Boa Nova. Na medida em que nos deixarmos conquistar por ela, nos convertemos e acreditarmos naquele que nela é anunciado, tornamo-nos seus mensageiros. Na medida em que encontramos Cristo e ficamos por Ele possuídos, com o poder vivificante do seu amor, não podemos deixar dele dar testemunho. A libertação que Ele opera em nós impele-nos, de um modo irresistível, a tudo fazermos para que essa mesma libertação se torne real em todos aqueles com quem nos encontramos, com quem convivemos. É como que uma obrigação que nos é imposta, à maneira do que acontecia com Paulo: “Ai de mim, se não evangelizar!” (1 Cor 9,16).

Uma evangelização que, Ele, Jesus fez pela vida: predominantemente através das suas acções. Elas falavam por si. Nelas aparecia ao vivo o Reino de Deus que as suas palavras proclamavam.

E foi nesse mesmo sentido que Ele preparou os seus discípulos: para serem mensageiros do Evangelho, negando-se a si próprios, tomando a sua cruz, no seu seguimento (Mc 8, 34); tornando-se os últimos de todos e os servidores de todos (9, 35).

Numa época em que cresce o número daqueles que, em busca do religioso, andam à procura de Deus, é este o caminho a seguir para que eles encontrem Aquele de quem, de facto, necessitam: o Deus libertador que se manifestou de modo único em Jesus Cristo; o Deus que concede a sua vida àqueles que têm a dita de o encontrar nos que nele acreditam: em nós cristãos.

Para o catequista, são as crianças, os adolescentes ou os jovens a ele confiados. Mas são também tantos pais e outros familiares que, pelo bem que querem aos seus filhos, os levam à Igreja... na esperança, talvez inconsciente, de eles próprios encontrarem o Deus vivo que procuram... no Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

OBJECTIVOS

- Recordar a vivência do Natal cristão, como experiência do amor de Cristo e dos cristãos;
- Descobrir o amor de Deus, proclamado por Jesus na Boa Nova do Reino;
- Acolher, pela fé, o anúncio do Reino de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças são particularmente sensíveis ao afecto: para o receber e para o manifestar. Mais do que por simples palavras, deixam-se convencer e conquistar por razões e expressões afectivas. Por isso, as pessoas que mais admiram são as que mais amor lhes manifestam. Em primeiro lugar estão (ou deveriam estar) os pais ou outros familiares, como os avós, com os quais mais convivem.
2. Por isso, é sobre pessoas e experiências afectivamente marcantes, que, nesta catequese, se dá início ao anúncio do Reino de Deus, feito por Jesus Cristo. Através das pessoas, de quem mais directamente vivem, e através de Cristo, a quem se sentem ou devem sentir afectivamente ligadas, as crianças são conduzidas para Deus, a fonte última e determinante do amor, da vida e da paz. Não se trata de uma mera analogia entre o amor divino e o amor humano: Deus não é simplesmente comparado aos pais terrestres; Deus actua como Pai, através do seu Filho Jesus Cristo e dos pais das crianças ou outros familiares e educadores. É Ele que os faz amar, ainda que não tenham consciência disso.
3. Daí o esquema seguido por esta catequese, determinante para todas as seguintes: das experiências afectivas das crianças, estas são conduzidas, pela Palavra do Evangelho, para Deus. A mensagem do Reino de Deus, proclamada por Jesus no início da sua actividade pública, depois da experiência determinante do seu Baptismo, essa mensagem volta a ressoar na sala de catequese. E as crianças são motivadas a acolhê-la pela fé: é a resposta humana ao amor de Deus, uma resposta provocada pelo próprio Deus.
E se as crianças e os catequistas forem verdadeiramente conquistados por Ele, tornam-se mensageiros do mesmo amor, a começar pela família, o lugar onde, habitualmente, fazem a primeira experiência do amor de Deus.
4. Como motivo simbólico desta catequese é proposto o coração.
Será ele a fazer a unidade entre todas as catequese deste segundo bloco: aquele em que as crianças irão aprender a rezar a grande oração do Reino de Deus. Em volta do coração de Deus estarão as cartolinas representativas dos corações das crianças e dos catequistas. Para as tornar mais significativas, sugere-se que, além do nome, cada qual tenha também a fotografia de cada membro do grupo de

catequese. O catequista procura, obtê-las com tempo. Se, nesta catequese, ainda as não tiver ou tiver muito poucas, deixe a sua apresentação para a próxima catequese.

MATERIAIS

- Uma cartolina vermelha, recortada em forma de coração e com uma medida que ocupe cerca de 2/3 a 3/4 do placar;
- Pequenas cartolinas em forma de coração com os nomes e as fotografias das crianças e catequistas (as mesmas usadas nas catequese anteriores);
- Uma ou duas fotografias dos pais de uma ou duas crianças da catequese, num tamanho que os torne reconhecíveis na sala de catequese (2ª Alternativa);
- Dísticos: “Pais” (ou outro correspondente, conforme se indica no desenvolvimento), “Jesus” e “Deus”;
- Bíblia;
- Dois castiçais.

MÚSICAS

- Dlim-dlão (ou outro natalício);
- É bom estarmos juntos (estrofe própria – catequese 10);
- Jesus Cristo é Senhor.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* vazio ou só uma cartolina vermelha em forma de coração com um tamanho que ocupe 2/3 a 3/4 do espaço do placar.
- *Na mesa:* a Bíblia, rodeada de dois castiçais apagados, e as cartolinas, em forma de coração, com os nomes e as fotografias das crianças.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista convida as crianças a cantar o **cântico** com que terminou a catequese da celebração do Natal:*

“Dlim-dlão” (ou outro natalício).

Vejo que não se esqueceram do cântico de Natal que cantámos na última catequese: aquele em que celebrámos o nascimento de Jesus, juntamente com os vossos pais e outros familiares. Quer dizer que gostavam do cântico e da celebração. É verdade?... Mas, no final dessa catequese, também combinámos fazer uma coisa durante o tempo de Natal. Quem se lembra do que foi? (*Ouvir as crianças*).

Foi rezar a “Ave Maria” e ter um gesto de amizade com, ao menos, uma daquelas pessoas que estavam assinaladas naquele coração.

Quem teve esse gesto de amizade? *Deixar que as crianças contem e ter uma palavra de louvor para aquelas que o fizeram. Mas não prolongar. No final da partilha, concluir:*

Foram gestos muito bonitos (*exemplificar*) que vos deixaram felizes, porque fizeram felizes essas pessoas. Querem cantar a alegria que todos sentimos? Então cantemos:

“É bom estarmos juntos” (*refrão e a seguinte estrofe:*)

**“É bom ter Deus connosco,
em seu Filho Jesus”.**

Se no placar ainda não estiver afixado o coração gigante referido atrás, o catequista afixa-o neste momento e diz:

2. Hoje no nosso placar, temos um coração muito grande. Quase não podia ser maior, senão nem cabia no placar.
De quem será este coração? Vamos tentar descobrir a quem é que ele pertence. De acordo?

1ª
Alternativa

Vamos fazer assim. Cada um de vós pensa naquela pessoa de quem mais gosta. Tem que ser uma pessoa com quem vós conviveis, que vedes, com quem falais. Uma ou duas pessoas. Mais não. Portanto, qual a pessoa viva e com a qual conviveis e de quem gostais mais. Pensem um bocadinho...

E agora digam lá. Quem quer começar?

Depois de todas as crianças se pronunciarem, o catequista escreve numa cartolina o nome da pessoa,

ou das duas pessoas mais mencionadas. Espera-se que seja o pai e/ou a mãe. Se não for, escreve a que realmente for mais querida pela maioria.

Se a maioria das crianças mencionar Jesus, nesse caso pergunta por outra pessoa, para além de Jesus.

Depois afixa o nome dessa pessoa por cima, mas de fora, do coração afixado no placar.

2ª

Alternativa

O catequista afixa, por cima e do lado de fora do coração, uma fotografia, em formato que seja visível de todos, dos pais de uma ou duas crianças da catequese. Mas têm de ser pais que têm um bom relacionamento entre si, com os seus filhos e uma prática cristã reconhecida. Depois pergunta:

Conhecem as pessoas que estão ali nas fotografias?

Deixar que se exprimam e convidar a(s) criança(s), cujos pais constem da fotografia, a virem para a frente e a contarem algo sobre os seus pais:

O amor que têm por eles, as razões por que os amam, isto é, o que os pais dela(s) lhe(s) fazem como pais. No final, agradece o testemunho da(s) criança(s) e pergunta às outras:

Quem de vós também tem pais assim, tão amorosos?

3. Para as duas alternativas:

Então quer dizer que este coração grande (*apontar o placar*) é o dos vossos pais (*ou a pessoa mais mencionada, na 1ª alternativa*)?

Sim, os vossos pais têm um coração grande, um coração de quem vos ama muito. Mas, será assim tão grande?

Digam lá: Quem é que faz com que os nossos pais nos amem tanto? Quem coloca no seu coração um amor tão grande? *Deixar que se exprimam e, adaptando as respostas, continuar:*

Em muitos casos é, de facto, Jesus. Sem Jesus, os nossos pais não gostariam tanto de nós. Pelo menos aqueles pais (*ou outras pessoas*) que amam muito Jesus, esses amam-nos muito mais.

Então, nesse caso o coração (também) é o de Jesus. Estão de acordo?

O catequista afixa, por baixo do dístico “pais” ou outro idêntico, o dístico “Jesus”.

De facto, Jesus ama-nos mesmo muito. E um dos sinais disso é Ele dar-nos pessoas que nos amam tanto, pessoas com um coração grande.

Mas, agora podíamos fazer a mesma pergunta a Jesus: para Ele, qual é a pessoa de quem gosta mais? É alguém que tem um coração grande, muito, muito maior do que o que está ali no placar? Não digam quem é. Acho que deve ser Ele, Jesus, a dizer-nos. Não acham também?

II. PALAVRA

1. *Depois de pegar na Bíblia:*

Está aqui escrito na Bíblia: É logo no princípio dos Evangelhos que nos falam de Jesus e onde Jesus nos fala.

Ora bem, antes de Jesus nos falar dessa Pessoa de quem gostava mais, é essa Pessoa que fala para Ele. Sim, para Jesus.

Foi assim: quando Jesus já era grande e tinha cerca de 30 anos, resolveu sair da sua terra para ir ter com João Baptista. João Baptista era seu primo. Acontecera que João Baptista também tinha saído da sua terra, para ir para junto de um rio, chamado Jordão. Aí convidava as pessoas a serem melhores, a não fazerem maldades que causam desordem e ofendem a Deus e aos outros. E as pessoas que aceitavam o convite de João, ele baptizava-as: lavava-as com água, para significar que queriam mesmo emendar-se, ser melhores, ser mesmo bons.

Aconteceu que Jesus foi ter com ele para ser também baptizado por ele. Não é que Jesus fizesse maldades. Mas queria mostrar a todos que estava de acordo com o que João Baptista ensinava e fazia.

E sabem o que aconteceu quando Jesus foi baptizado por João Baptista?

Antes de eu ler, peço a dois de vós que venham aqui segurar nos castiçais que vou acender.

*Depois de acesos, e de todas as crianças se porem de pé, a catequista lê de **Mc 1, 10-11**:*

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Marcos”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

**“Quando Jesus saiu da água,
viu serem rasgados os Céus
e o Espírito descer sobre Ele como uma pomba.
E do céu veio uma voz:
«Tu és o meu Filho muito amado,
em ti pus todo o meu agrado»...”**

O catequista repete, lentamente, as palavras de Deus, e comenta:

Primeiro, de quem são estas palavras vindas do Céu?...

E repararam que são muito parecidas com aquelas que Deus disse no alto monte, onde Jesus se tornou muito, muito luminoso?

Lá, no alto monte, foram ditas aos discípulos, aqui, no Batismo de Jesus, é a Ele que Deus as diz. Deus diz-lhe que o ama muito, mesmo muito.

E que aconteceu a seguir? Vem aqui na Bíblia.

Passadas algumas semanas, prenderam João Baptista. Foram umas pessoas que não lhe queriam bem. E então que fez Jesus?

*O catequista lê de **Mc 1, 14-15**:*

**“Depois de João ter sido preso,
Jesus foi para a Galileia,
e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo:
«Completou-se o tempo
e o Reino de Deus está próximo:
arrependei-vos
e acreditai no Evangelho.»
Palavra da Salvação.”**

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

2. Depois de pousada a Bíblia e os castiçais e as crianças se sentarem:

Que fez Jesus, depois de ouvir a voz de Deus?

Foi anunciar o Evangelho de Deus. “Evangelho” significa Boa Notícia.

Jesus começou a dizer a todas as pessoas uma boa notícia que Ele tinha recebido de Deus: que o Reino de Deus está próximo.

Sabem o que é um reino?

É uma terra, mas são mais as pessoas que vivem nessa terra. Por exemplo, as pessoas todas do nosso país. Ou até do mundo inteiro. Quando essas pessoas ficam a conhecer a Deus e fazem o que Deus nos manda, então é Deus quem manda nelas. E temos o Reino de Deus: onde as pessoas já não sofrem nem fazem maldades, mas sentem que são amadas, e são muito felizes.

Pois bem, foi o que Jesus começou a fazer. Depois de Ele ouvir a voz de Deus e sentir que Deus o amava muito, mesmo muito, começou a pregar, a dizer a toda a gente: o Reino de Deus está próximo. O que é preciso é as pessoas arrependerem-se e emendarem-se das suas maldades e ouvirem o que Deus nos manda: que as pessoas se amem umas às outras e assim reine a paz entre todos.

3. Então agora, já sabemos qual é a resposta de Jesus à pergunta: de quem é que Ele gosta mais. Quem é?

O catequista, em silêncio, afixa, por baixo do dístico anterior e ligado ao coração, o dístico: “Deus”.

Este coração grande é o coração de Deus. Foi o Reino de Deus que Jesus nos veio anunciar. Com um pedido: que as pessoas se arrependam e acreditem, aceitem as palavras de Jesus, a Boa Notícia que Ele traz; que as pessoas amem a Deus, como Jesus. Foi Deus que nos deu Jesus e, por meio de Jesus, nos tem dado tantas pessoas que nos amam.

Exemplificar com a pessoa mencionada pelas crianças.

Olhem, eu sei um cântico em que nós dizemos e cantamos aquilo que hoje Deus e Jesus nos disseram. Querem ouvir?

O catequista ensaia o cântico:

“Jesus Cristo é Senhor” (refrão e 1ª estrofe).

O refrão pode ser acompanhado dos seguintes gestos:

“Jesus Cristo é o Senhor (mãos erguidas e corpo inclinado)

Que do seu Pai nos trás (mãos e braços abertos, e, juntamente com a cabeça voltada para o alto)

Um Reino só de amor (mãos pousadas no coração)

Um Reino só de paz” (todos de mãos dadas).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. É um cântico bonito não é? E cantado com o nosso corpo todo, ainda é mais bonito. Com este cântico estamos a proclamar o que Jesus hoje nos disse de Deus seu Pai: que Ele nos traz um Reino só de amor, um Reino só de paz. Então vamos cantá-lo, agora de pé.

“Jesus Cristo é Senhor” (refrão e 1ª estrofe).

2. *Depois de as crianças se sentarem:*

Já sabemos que aquele coração grande é o de Deus: ninguém nos ama tanto como Ele. O amor de Jesus e das outras pessoas vem de Deus. As pessoas que procuram amar como Ele, estão a aceitar o seu Reino, o seu amor, a sua paz.

E nós também queremos fazer parte desse grupo de pessoas. Ou há aqui alguém que não queira?...

Então falta alguma coisa no placar. O que será?

Somos nós todos. Querem ou não estar também no placar, juntamente com as pessoas que já lá estão?

Então vamos fazer assim: eu vou dar a cada um de vós aquele coraçõzinho com o nome de cada um, aquele coração que já lá estava nas outras catequeses. (*No caso de já todos ou a maioria ter a fotografia colada na cartolina:*) Só que agora está um bocadinho diferente. Vai ser uma surpresa.

O catequista chama por cada criança e entrega a cada uma, a respectiva cartolina com o nome e/ou a fotografia. Depois convida as crianças à sua entrega:

Agora vamos colocar o nosso coração junto ao de Deus.

Cada um vem aqui, junto da Bíblia, com o coraçõzinho com a vossa fotografia nas mãos abertas e diz:

“Obrigado, meu Deus, pelo teu grande amor”.

Querem dizer todos, para não se esquecerem?

“Obrigado, meu Deus, pelo teu grande amor”.

Se as crianças forem muitas e/ou não houver tempo, a oração pode ser feita ou por pequenos grupos ou por todos ao mesmo tempo. O(s) catequista(s) faz(em) também a sua entrega. No final, cantam todos:

“Jesus Cristo é Senhor”.

3. Só falta uma coisa. Mas não é para fazerem aqui. E lá em vossa casa. Estão a ver que junto ao coração de Deus não estamos só nós, mas também Jesus. E quem está lá no alto? – Exactamente: as pessoas, da terra, de quem mais gostais. São pessoas que, pelo amor que nos têm, nos mostram Deus, nos ensinam como Deus nos ama. Então, eu proponho o seguinte: lá em casa, vão contar a essas pessoas o que hoje aprendemos aqui e que elas também estão junto do coração de Deus. Se conseguirem lembrar-se, até lhes podem ensinar o cântico que hoje aprenderam. Ele vem no nosso catecismo. Combinado? – Depois hão-de contar-nos como é que essas pessoas reagiram. Já estou com muita curiosidade.

JESUS REZA A DEUS SEU PAI

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A oração na vida

Há cada vez mais pessoas a rezar. Graças a Deus!

Depois de uns tempos em que, nomeadamente entre os cristãos, muitos privilegiavam a acção, em detrimento da oração, hoje nota-se o movimento oposto. Com manifestações diversas:

- Há cada vez mais pessoas que procuram retirar-se para, individualmente ou em grupo e no silêncio exterior e interior, se entregarem a escutar a Palavra de Deus, a confrontar com Ele a sua vida, a confiar-lhe as suas ânsias, preocupações e alegrias. Pessoas que, dedicam um ou mais dias, a fazer os seus exercícios espirituais e, neles, se encontram... em Deus.
- Há cada vez mais pessoas que, nalguns casos durante dias e até semanas, peregrinam a pé para um santuário, sobretudo o de Fátima. São dias de silêncio, meditação, diálogo, por vezes íntimo, com fortes momentos de oração pessoal e comunitária, ao ritmo do andamento, da caminhada... para Deus.
- Há cada vez mais pessoas que procuram, no silêncio e recolhimento de uma igreja, diante do Santíssimo exposto ou no sacrário, de uma imagem sagrada, ou simplesmente sentadas num recanto, saborear a paz que o lugar proporciona, a paz que se obtém através do encontro consigo próprias... e com Deus, diante de manifestações ou sinais da sua presença.
- Há cada vez mais pessoas, muitas delas na flor da juventude ou no início de uma vida profissional prometedora, que deixam tudo para entrar no recolhimento de um convento de clausura... para se sentirem mais próximas de Deus.
- Há cada vez mais pessoas que, por livre iniciativa, não conseguem passar, pelo menos um Domingo, sem saborear a felicidade de, em Igreja, experimentar o amor extremo de Jesus, que se torna sacramentalmente presente entre nós através de celebração eucarística e de outras expressões de oração comunitária.

- Há cada vez mais pessoas a integrarem-se em movimentos que privilegiam acções e vivências da oração, realizadas sobretudo em comunidade.
- Há até pessoas que, não estando filiadas em grupos religiosamente organizados, em Igrejas ou religiões, precisam, periodicamente, de se entregar à meditação, em busca de uma espiritualidade que lhes permita encontrarem-se consigo próprias e angariar forças para as lutas com que se vão deparando no seu dia-a-dia.

As razões para esta (re)descoberta da importância e necessidade da espiritualidade e, na maioria dos casos mencionados, da oração, são muitas e variadas. Mas na base de todas elas está, directa ou indirectamente, a (re)descoberta de que, sem Deus, a vida não tem sentido... e de que é fundamental dar-lhe espaço na própria vida, em tempo e lugares próprios: a convicção de que nem só de pão vive o homem (Dt 8, 3; Mt 4, 4), para que o pão de que se vive dê força e sabor à vida... Aliás, de acordo com os hábitos e as convicções, as palavras e as acções de Jesus Cristo.

2. “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra”...

Foi com estas palavras que Jesus iniciou uma das suas mais belas e eficazes orações de bênção... e se tornou o modelo privilegiado da oração cristã.

“A *bênção* exprime o movimento de fundo da oração cristã: ela é o encontro de Deus com o homem: nela se encontram e unem o dom de Deus e o acolhimento do homem. A oração de bênção é a resposta do homem aos dons de Deus: uma vez que Deus *abençoa*, o coração do homem pode responder *bendizendo* Aquele que é a fonte de toda a bênção” (CIC 2626).

No caso de Jesus, a bênção de Deus acabara de se manifestar na missão a que enviará os setenta e dois discípulos: um envio iniciado com um insistente convite à oração “ao dono da messe” para “que mande trabalhadores para a messe” (Lc 10, 2); um envio, talvez por isso, coroado de êxito: “Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: «Senhor, até os demónios se sujeitaram a nós, em teu nome!».” Ao que Jesus respondeu com palavras que terminam assim: “Não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos no Céu” (10, 17-20), que o mesmo é dizer, em Deus.

“Nesse mesmo instante, Jesus estremeceu de alegria sob a acção do Espírito Santo e disse: Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (10, 21).

E se a bênção de Deus está na origem da oração da bênção pronunciada por Jesus, na alegria do Espírito Santo, esta mesma oração torna-se a fonte de mais bênçãos. A começar pelo próprio Jesus que, na sua oração sente e vive com especial intensidade a comunhão vital que o une ao Pai, assim imediatamente expressa: “Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho houver por bem revelar-lho” (10, 22). Trata-se de um conhecimento afectivo, conforme o sentido predominante que o verbo

“conhecer” e seus derivados têm na tradição bíblica: um conhecimento do amor, da fusão de duas pessoas numa comunhão tão profunda e fecunda que dá origem à terceira pessoa divina, a do Espírito com que Deus se comunica e penetra na vida dos seres que dele vivem, pela fé; o Espírito que faz delas “filhos adotivos” e os leva, na oração filial mais íntima, a clamar: “Abbá, ó Pai” (Rm 8, 15).

É deste modo que o Espírito divino, dado aos mais pequeninos, isto é, àqueles que têm consciência da sua condição de criaturas limitadas, dependentes e carentes de vida, faz com que, nas suas vidas, vivam da oração.

3. A vida da oração

A oração é, também para eles, para nós, fonte de vida, antes de mais pelo lugar de onde brota.

“De onde procede a oração do homem? Seja qual for a linguagem da oração (gestos e palavras), é o homem todo que reza. Mas para designar o lugar de onde brota a oração, as Escrituras falam às vezes da alma ou do espírito ou, com frequência, do coração (mais de mil vezes). É o *coração* que ora. Se ele estiver longe de Deus, a expressão da oração será vã.

O coração é a morada onde estou, onde habito (e segundo a expressão temática ou bíblica, aonde «eu desço»). É o nosso centro oculto, inapreensível, quer para a nossa razão quer para a dos outros: só o Espírito de Deus é que o pode sondar e conhecer. É o lugar da decisão, no mais profundo das nossas tendências psíquicas. É a sede da verdade, onde escolhemos a vida ou a morte. É o lugar do encontro, já que, à imagem de Deus, vivemos em relação: é o lugar da aliança.

A oração cristã é uma relação de aliança entre Deus e o homem em Cristo. É acção de Deus e do homem; jorra do Espírito Santo e de nós, toda orientada para o Pai, em união com a vontade humana do Filho de Deus feito homem” (CIC 2562-2564).

E se a oração se situa e brota deste meu centro vital, não pode haver pedaço nenhum da minha vida que fique fora desta relação vital com Deus: nem da minha vida pessoal nem daqueles que fazem parte da minha vida. Daí que a minha oração seja mais rica, mais completa, se para ela eu conseguir conquistar aqueles de quem e para quem vivo. Como? – Através da oração que faço por eles... Até que, mais cedo ou mais tarde, seja também uma oração com eles, nomeadamente com aqueles que, pela catequese, Deus me confiou... pela confiança que deposita em mim. E que feliz eu serei, se o conseguir, numa época em que tanta necessidade se sente de oração! Tão feliz que possa também eu exclamar: “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra!”...

OBJECTIVOS

- Alegregar-se por tomar parte no anúncio do Reino de Deus;
- Descobrir na oração de Jesus a expressão da sua comunhão com Deus;
- Sentir a felicidade de ser envolvido na oração de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é a primeira de um conjunto sobre a oração, em que se insere, como parte central, a oração dominical. Como se aprende a rezar, sobretudo rezando, todas estas catequese têm um cunho essencialmente prático. Às crianças são oferecidos meios e modelos de oração, que são convidadas a assumir como oração própria.
2. Na sua base está a experiência vivificante e gratificante do Reino de Deus. É pela fé, expressa e vivida na oração, que o Reino de Deus é acolhido. E é pela colaboração no anúncio do Reino que Deus reina naqueles que a Ele aderem. Daí que, nesta catequese, as crianças partam da sua experiência de testemunhas do amor de Deus, especialmente na família, paralela à missão dos setenta e dois discípulos, enviados por Jesus, como mensageiros do Evangelho do Reino.
3. E a oração feita por Jesus, na sequência do êxito da missão dos setenta e dois, deve ser experimentada pelas crianças como motivada por elas próprias. Ver que Jesus está a rezar por elas é o melhor meio para elas se sentirem no coração de Deus, a quem Jesus se entrega, num comovente e imponente hino de louvor. E quanto mais se sentirem amadas por Deus, mais força terão para continuar a anunciá-lo.
4. Para tudo isto é fundamental que o catequista se insira no mesmo dinamismo do amor divino: é preciso que reze realmente, quando leva as crianças a rezar; ou melhor, para que possa levar as crianças à oração.

MATERIAIS

- Cartolina em forma de coração (catequese anterior);
- Dísticos “Pais/Mães”, “Jesus” e “Deus” (catequese anterior);
- Figura de Jesus em oração (de frente e com os braços erguidos para o Céu) que, na 1ª alternativa da experiência humana, será recortada em cerca de seis partes;
- Dístico “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra”, cujas palavras, na 2ª alternativa da experiência humana, são separadas;
- Canetas/esferográficas;
- Bíblia;
- Dois castiçais.

MÚSICAS

- Jesus Cristo é Senhor;
- Obrigado Jesus, porque és meu amigo (com uma leve mudança na letra).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar* estão afixados, como no final da catequese anterior: a cartolina em forma de coração (de Deus), rodeada das cartolinas com os nomes e fotografias das crianças e catequistas e, por cima, os dísticos: “Pais/Mães” (ou o correspondente), “Jesus” e “Deus”
- *Na mesa* estão colocados dois castiçais apagados e, no meio, a Bíblia.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Quem se lembra ainda do *cântico* que aprendemos na última catequese?... (O catequista ajuda a recordá-lo e a cantá-lo, de pé:)

“Jesus Cristo é Senhor”

(só o refrão, acompanhado dos gestos ensaiados nessa catequese).

Quem de vós o cantou lá em casa?...

E algum de vós fez o que eu sugeri? Algum contou ao pai/mãe que ele(s) estão ali escritos por cima do coração de Deus?

E os pais gostaram?

Deixar que as crianças se expressem. Se nenhuma seguiu a proposta, incentivá-las a fazê-lo na 1ª oportunidade. Depois concluir:

Mas não sois vós os únicos que levam (ou querem levar) aos outros as palavras de Jesus de que o Reino de Deus já começou com Ele: um Reino só de amor, um Reino só de paz. Tem havido e há ainda hoje muitos, mesmo muitos amigos de Jesus que não se contêm sem contar aos outros a Boa Notícia trazida por Jesus.

E será que Jesus fica contente? – É claro que sim. Fica tão, tão contente que... Não digo. Não digo, porque quero que sejais vós a descobrir o que Jesus faz, quando anunciamos o seu Reino de amor e paz. Querem experimentar, descobrir?

2. Vai ser uma espécie de jogo.

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

Vou entregar-vos as peças dum “puzzle”. O vosso trabalho consiste em juntá-las. E assim irão descobrir como reage Jesus, quando os seus amigos levam aos outros a feliz notícia do Reino de Deus, como fez o próprio Jesus.

O catequista entrega as peças, (à volta de seis ou mais, conforme a capacidade e o tempo das crianças) da figura de Jesus a rezar, que, a seu tempo, será afixada no placar. Para facilitar a sua junção, podem usar uma base em cartolina e afastar-se para um lugar da sala mais apropriado.

Logo que as peças estejam juntas, uma (ou duas) criança(s) traz a figura para a frente das outras, junto à mesa e ao centro. O catequista pergunta:

Que estará Jesus a fazer?...

Sim. Está a rezar. Mas a rezar porquê? E que estará Ele a rezar?

2ª Alternativa

Grupo grande

Para já, preciso da colaboração nove meninos e meninas. Chamarei um por um destes nove e vou entregar a cada um uma palavra que até pode ser só uma letra. São as palavras de uma frase, mas vou dá-las fora da sua ordem. E o que é que os outros têm de fazer? – Descobrir qual é a ordem certa das palavras e dizer aos que têm as palavras para se porem nessa ordem.

O catequista, à medida que chama as crianças, vai entregando a cada uma, as palavras soltas e fora de ordem: “Bendigo-te/ó/Pai/Senhor/do/Céu/e/da/Terra”. Depois das nove crianças estarem alinhadas e voltadas para as restantes, começa por perguntar qual será a primeira... A respectiva criança desloca-se então para a ponta esquerda, e assim sucessivamente. Procure que se mantenha um mínimo de ordem, nem que para isso tenha de interromper a reconstrução da frase.

No final pergunta:

Estas palavras são dirigidas a quem?

E por que razão Jesus bendiz e louva a Deus?

II. PALAVRA

1. Eu vou contar...

Se foi seguida a 1ª alternativa, o catequista coloca-se ao lado da criança que segura o quadro; na 2ª alternativa, coloca-se ao centro, entre as crianças que seguram as letras.

Depois de Jesus começar a anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus, começaram a juntar-se a Ele alguns amigos: eram homens e mulheres que aceitavam a sua Boa Notícia, se convertiam e andavam com Jesus. Como nós hoje. Sim, nós também

aceitámos a Boa Notícia do Reino de Deus. Em sinal disso, até cantámos aquele cântico (e alguns até o cantaram lá em casa).

Ora bem, quando já eram muitos os discípulos de Jesus e já sabiam bem o que Jesus fazia pelo Reino de Deus, pelo seu amor e a sua paz, Jesus mandou um grupo deles, os melhores, a irem por outras terras anunciar também que o Reino de Deus, o seu amor e a sua paz, tinha começado com Jesus.

Diziam a toda a gente que Jesus era mesmo o enviado por Deus, o seu Filho muito amado. E não se limitavam a anunciar isso, mas faziam muitas coisas boas que tinham visto Jesus a fazer. Foi como fizeram alguns de vós desde a última catequese. Passado um tempo, esses discípulos de Jesus voltaram e contaram-lhe tudo o que tinham feito e como muitas pessoas tinham aceite a Boa Notícia do Reino de Deus, se tinham convertido, se tinham tornado amigos de Deus e dos outros.

E sabem o que fez Jesus, depois de ouvir o que lhe contavam aqueles discípulos?...

2. Peço aos meninos que têm a figura de Jesus ou as suas palavras para as levantarem. Agora é que vamos ver como é que essa figura/essas palavras de Jesus aqui aparecem. Para ouvirem ponham-se de pé.

*O catequista acende os castiçais, entrega-os a duas crianças e, no meio, lê de **Lc 10, 21-22**:*

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

**“Nesse mesmo instante,
Jesus estremeceu de alegria
Sob a acção do Espírito Santo
E disse:
«Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra,
Porque escondeste estas coisas
Aos sábios e aos inteligentes
E as revelastes aos pequeninos.
Sim, Pai,
Porque assim foi do teu agrado.
Tudo me foi entregue por meu Pai,
E ninguém conhece quem é o Filho
Senão o Pai,
nem quem é o Pai
senão o Filho
e aquele a quem o Filho**

houver por bem revelar-lho.»
Palavra da Salvação”.

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

3. *Depois de sentadas as crianças e pousada a Bíblia e os castiçais, o catequista afixa, na parte superior do coração de Deus e em semicírculo, o dístico “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra”. Se tiver sido seguida a 2ª alternativa, são as palavras que têm as respectivas crianças, que, depois de as entregarem ao catequista, voltam para os seus lugares. O catequista pega então na figura de Jesus a rezar ou aponta para ela, no caso de estar nas mãos da criança que seguiu a 1ª alternativa:*

Cá está! Depois de aqueles discípulos voltarem de espalhar a Boa Notícia do Reino de Deus, Jesus ficou tão contente que até estremeceu de alegria. Ficou cheio do Espírito Santo e disse esta oração tão linda:

“Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra”.

Mas Jesus louvava e agradecia a Deus por que razão? O que disse Ele a seguir? Bendisse a Deus por Ele ter mostrado o seu Reino de amor e paz aos pequeninos. Quem eram esses pequeninos?

Eram pessoas diferentes daquelas que se consideravam muito importantes, pensavam que sabiam tudo e não ligavam a ninguém.

Essas pessoas não aceitavam a Boa Notícia de amor e de paz que Jesus trazia e espalhava por meio dos discípulos.

Os pequeninos eram as crianças, como vós, mas eram também pessoas grandes, desejosas de aprender a ser boas, desejosas de ouvir o que Deus comunicava por meio de Jesus.

Por elas é que Jesus louvava e agradecia a Deus.

E quem são essas pessoas hoje? *(Deixar que as crianças se expressem e completar):*

São também as pessoas a quem nós anunciamos Jesus, a sua Boa Notícia do Reino de Deus, e passam a ser amigos, a viver no amor e na paz.

São essas pessoas e também aquelas que espalham a notícia do Reino de Deus. Sois vós! Olhem para Jesus no placar...

Que lindo: Jesus a rezar, a agradecer a Deus por nós!...

Estão contentes? Então, eu proponho que cantemos outra vez o **cântico** em que anunciamos o Reino de Deus, um reino só de amor e de paz:

O catequista levanta um pouco a figura de Jesus a rezar ou pede às crianças da 1ª alternativa que o façam e, todos de pé e com gestos, cantam:

“Jesus Cristo é Senhor” (só o refrão).

4. Podem sentar-se. E agora digam-me: que vamos fazer com esta imagem de Jesus a rezar? Onde a devemos colocar?

Deixar que as crianças se expressem e, conforme as respostas, propor:

Lembram-se de que Jesus, depois de rezar pelos pequeninos, disse mais umas palavras sobre Ele e Deus seu Pai.

Eu vou ler outra vez (lê **Lc 11, 22**):

“Tudo me foi entregue por meu Pai;
e ninguém conhece quem é o Filho
senão o Pai,
nem quem é o Pai
senão o Filho
e aquele a quem o Filho
houver por bem revelar-lho”.

Quem é o Pai de que fala Jesus?

A Deus ninguém conhece tão bem como Jesus conhece e ama.

Se Deus conhece e ama tanto a Jesus e Jesus conhece e ama tanto a Deus seu Pai, então onde devemos colocar esta imagem de Jesus a rezar a Deus seu Pai?

O catequista, em silêncio, coloca a imagem de Jesus no coração de Deus, deixa contemplar por uns momentos e diz:

Jesus só pode estar no coração de Deus. E, para mais, a rezar-lhe.

E quanto mais lhe reza, mais está no coração de Deus seu Pai.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Jesus, no coração de Deus, a rezar por quem?...

A rezar também por nós; a agradecer e louvar a Deus seu Pai por nós: por aqueles de nós que já demos a conhecer o seu Reino de amor e de paz.

Não querem agradecer-lhe a oração que Ele fez por nós?...

Fazemos assim: Eu vou dizer outra vez a oração de Jesus e, sempre que eu parar, levantamos todos os braços para o alto, como está a fazer Jesus, e cantamos:

**“Obrigado, Jesus, porque és meu amigo
Obrigado Jesus, porque rezas por mim”.**

Estão a ver que é um bocadinho diferente do que costumamos cantar. Aqui dizemos “porque rezas por mim”. Ao rezar por nós, Jesus mostra que gosta de nós.

Então ponham-se de pé... Agora, olhemos todos para Jesus, sem dizer nada. *Depois de um breve silêncio:*

Comecemos por nos benzer: **“Em nome do Pai...”**

Também voltado para a imagem de Jesus, o catequista reza lentamente e de braços levantados:

**“Bendigo-te, ó Pai,
Senhor do Céu e da Terra,
porque revelastes estas coisas
a estes pequeninos.”**

Todos: “Obrigado, Jesus...porque rezas por mim” (refrão).

Catequista:

**“Sim, ó Pai,
foi assim do teu agrado
que estes pequeninos
levassem a Boa Nova do teu Reino
aos seus pais, avós, familiares e amigos.”**

Todos: “Obrigado, Jesus...porque rezas por mim” (refrão).

“Em nome do Pai”...

2. Podem sentar-se. Repararam que Jesus agradeceu a Deus a Boa Notícia que vós levastes aos vossos pais, avós, colegas, familiares. Aqueles que ainda o não fizeram, vão fazê-lo esta semana. Senão Jesus não tem razão para agradecer a Deus por eles. Tenho uma ideia de como podem fazer: por meio do vosso catecismo. Vem lá a oração de Jesus. Mas, ainda não está completa. Faltam as primeiras palavras, aquelas que estão no placar. Quer dizer que, antes de nos irmos embora, temos de escrevê-las. Senão, podem esquecê-las. Então vamos a isso.
3. *Terminado o trabalho das crianças:*
Agora não se esqueçam: lá em casa mostram aos vossos pais como é que Jesus, na catequese de hoje, rezou por vós.
E se os vossos pais ou avós vos ouvirem, então Jesus também reza por eles. Ele reza por todos os que aceitam o Reino de Deus seu Pai. Se eles aceitarem, então podeis ler-lhes, no vosso catecismo, a oração que Jesus faz.
Para não se esquecerem, proponho que cantemos outra vez:

“Jesus Cristo é Senhor” (refrão e com gestos).

“SENHOR, ENSINA-NOS A REZAR”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. É difícil rezar

Todos o sentimos, uns mais do que outros. Umas vezes mais do que outras. Sobretudo rezar bem.

O Catecismo da Igreja Católica, n.º 2725, explica-nos porquê: «A oração é um dom da graça e uma resposta decidida da nossa parte. Pressupõe sempre um esforço. Os grandes orantes da Antiga Aliança antes de Cristo, bem como a Mãe de Deus e os santos com Ele no-lo ensinam: a oração é um combate. Contra quem? Contra nós mesmos e contra as astúcias do Tentador que tudo faz para desviar o homem da oração e da união com o seu Deus. Reza-se como se vive, porque se vive como se reza. Se não se quiser agir habitualmente segundo o Espírito de Cristo, também não se pode orar habitualmente em seu nome. O «combate espiritual» da vida nova do cristão é inseparável do combate da oração».

Depois indica-nos quais as *objecções* que temos de enfrentar:

- “*Concepções erróneas da oração*. Alguns vêem nela uma simples operação psicológica; outros, um esforço de concentração para chegar ao vazio mental; outros ainda, reduzem-na a atitudes e palavras rituais. No inconsciente de muitos cristãos, rezar é uma ocupação incompatível com tudo o que têm de fazer: não têm tempo. Os que procuram a Deus na oração desanimam depressa, porque não sabem que a oração também vem do Espírito Santo e não somente de si próprios” (CIC 2726).
- “Certas *mentalidades* «deste mundo» que nos invadem, se não estivermos atentos. Por exemplo: só é verdadeiro o que se pode verificar pela razão e pela ciência (mas orar é um mistério que ultrapassa a nossa consciência e o nosso inconsciente); os valores são a produção e o rendimento (mas a oração é improdutivo, logo inútil); o sensualismo e o conforto são os critérios do verdadeiro, do bem e do belo (mas a oração, «amor da beleza»... deixa-se encantar pela glória do Deus vivo e verdadeiro); em reacção ao activismo, temos a oração apresentada como fuga do

mundo (mas a oração cristã não é uma saída da história nem um divórcio da vida)” (Ibidem 2727).

- “Os *nossos fracassos na oração*: desânimo na aridez, tristeza por não dar tudo ao Senhor, porque temos «muitos bens», decepção por não sermos atendidos segundo a nossa própria vontade, o nosso orgulho ferido que se endurece perante a nossa indignidade de pecadores, alergia à gratuidade da oração, etc.. A conclusão é sempre a mesma: de que serve orar? Para vencer tais obstáculos, é preciso combater com humildade, confiança e perseverança” (Ibidem 2728).

É preciso pedir insistentemente, a Jesus, como fizeram os discípulos:

2. “Senhor, ensina-nos a rezar” (Lc 11, 1)

Ensina-nos a rezar com a frequência e a persistência com que tu rezaste, nomeadamente, nos momentos mais decisivos da tua actividade messiânica:

- Quando subiste das águas do Jordão com que foste baptizado, para, com a força do Espírito e as palavras do Pai, partires pelas terras da Palestina, na bela e feliz missão de instaurares o Reino de Deus (Lc 3, 21-22);
- Quando, na sinagoga de Nazaré, te dispuseste a anunciar a Boa Nova aos pobres, conforme a palavra profética que leste e comentaste (Lc 4, 16- 21);
- Quando tomaste a decisão de alargar o anúncio do Reino a outras cidades, para além de Cafarnaúm, por onde começaste (Lc 4, 42);
- Quando, perante os sucessos da tua missão, te afastavas para lugares solitários (Lc 5, 16);
- Quando subiste ao monte e, durante toda a noite, te preparaste para escolher os doze discípulos que irias constituir teus Apóstolos (Lc 6, 12-16);
- Quando de novo subiste ao monte, onde foste transfigurado diante dos três discípulos que, como os restantes, tanta dificuldade sentiam em escutarem o desejo de te seguirem até ao sacrifício da cruz. (Lc 9, 28-36);
- Quando os setenta e dois discípulos, por ti enviados a anunciar o Reino de Deus, regressaram com a alegria expressa nas palavras com que te relataram o êxito da sua missão (Lc 10, 17-24);
- Quando a tua oração suscitou neles o desejo e o pedido de aprenderem de ti a rezar (Lc 11, 1);
- Quando te retiraste para o Monte das Oliveiras e te preparaste para beber o cálice do sofrimento que te estava a ser preparado (Lc 22, 39-46);
- Quando, suspenso na cruz, respondeste à injustiça e ignominia da crucifixão com o pedido de perdão para os teus algozes (Lc 23, 34);
- Quando, finalmente, ofereceste ao Pai o teu Espírito e, assim, venceste para sempre a morte (Lc 23, 46).

Se foi assim, pela oração, que realizaste a tua missão salvífica, então ensina-nos a rezar a oração que tu mesmo nos ensinaste, para, com ela, sermos mensageiros

dignos da missão que nos confiaste de sermos tuas testemunhas até aos confins da terra (Act 1, 8).

3. “Rezai, pois, assim”...

É assim que Jesus introduz a oração que o Evangelho de Mateus nos transmite, na versão que se tornou mais comum na tradição da Igreja (Mt 6, 9-13; cf Lc 11, 2-4).

Chamamos-lhe oração “dominical”, que o mesmo é dizer, “do Senhor”, não apenas por ter Jesus, na sua condição de Senhor, por seu autor, mas também porque nela nos é oferecido um compêndio do Reino de Deus em acção.

Na primeira parte entregamo-nos a Deus, a quem chamamos Pai, para que o seu nome seja santificado, o seu Reino se manifeste em plenitude, a sua vontade seja feita por todos, sempre e em toda a parte. Deixamos assim, que o Deus do Céu tome posse de nós, para nos tornarmos agentes do seu Reino na terra onde vivemos: com o pão necessário para o corpo e o perdão imprescindível para uma paz que seja segura e duradoira, estaremos em condições de vencer as contínuas tentações de nos desviarmos dos caminhos da vida, até saborearmos a definitiva vitória sobre o mal que de todos os lados nos ameaça. A fé, dominante na primeira parte, é assim completada pela caridade e a esperança que nascem em nós à medida que rezamos a segunda parte. Entregues ao Deus do Céu, contribuímos para que o seu Reino se torne mais visível e palpável na terra. Por isso, o Catecismo da Igreja Católica (2767-2772) chama ao Pai Nosso “a oração da Igreja”: pela sua ligação indissociável ao Espírito que lhe dá vida, no coração dos crentes, o mesmo Espírito que anima a Igreja, o Espírito que, fazendo de nós filhos de Deus, nos leva a clamar: “Abbá, Pai” (Rm 8, 15); e ainda porque é missão central da Igreja dar testemunho vivo do Reino de Deus de que já participa... na medida em que se entrega a Deus pela oração que o Senhor, seu fundador, nos deixa, sempre que lhe pedimos: “Senhor, ensina-nos a rezar!” – Uma oração que nos abre o caminho para a oração, e que devemos repetir tantas vezes que, na sua simplicidade e profundidade, nos ajude a vencer as dificuldades, de rezar, que todos continuamos a ter.

Vence-las-emos, também, se nos tornarmos como crianças – aquelas que Deus nos confia na catequese – identificando-nos com elas, na sua dependência de nós e do Senhor a quem nos entregamos... se a elas nos entregarmos, com o amor do Senhor em nós.

OBJECTIVOS

- Descobrir o poder da oração na vida e obras de Jesus;
- Dispor-se a aprender de Jesus a rezar;
- Acolher e rezar a oração que Jesus nos ensinou.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Uma catequese sobre a oração só resulta, se for feita em oração e em união com Jesus que é, para nós cristãos, o maior modelo de oração.
Por isso, a experiência humana já é feita a rezar: assume-se a oração feita por Jesus na catequese anterior, em que Ele rezou por aqueles a quem vai ensinar a rezar, mostrando, ao mesmo tempo, o lugar e o poder que a oração teve na sua vida e actividade messiânica.
2. Daí brota o desejo das crianças de, tal como os discípulos de Jesus, dele aprenderem a rezar. E o pedido repetido “Senhor, ensina-nos a rezar” é mais uma oração que lhes abre o caminho para acolherem a oração do Reino. A sua descoberta e apresentação pelas próprias crianças é o modo ideal para a acolherem e fazerem dela a oração que os identifica como cristãos.
3. Finalmente, na expressão de fé, juntam-se as duas componentes: o desejo de rezar, expresso no pedido feito a Jesus, e a resposta de Jesus, na oração que as crianças já rezam com Ele.
4. Se tudo for feito em clima de oração, as crianças ficam com o desejo de aprofundar, na teoria e na prática, a infinita riqueza espiritual que lhes é oferecida com o Pai Nosso: quanto mais se entregarem a Deus, maior será a felicidade de se deixarem possuir por Ele, com todos os dons que só Ele pode oferecer.

MATERIAIS

- Cartolina em forma de coração (catequese anterior);
- Imagem de Jesus a rezar (catequese anterior);
- Cartolinas com os nomes e fotografias das crianças e catequista(s) (catequese anterior);
- Dísticos: “Pais/ Mães”; “Jesus”; “Deus”; “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra” (catequese anterior); “Senhor, ensina-nos a rezar”;
- Folhas/ cartolinas com cada uma das preces do Pai Nosso, tantas quantas as crianças (Documento 1);
- Canetas/ esferográficas;
- Bíblia;
- Dois castiçais.

MÚSICAS

- Obrigado Jesus, porque és meu amigo (com leve mudança na letra; ver catequese anterior);
- Deus nosso Pai, que sois tão bom;
- CD com a letra e música do Pai Nosso (melodia oficial).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar* está o que foi deixado no final da catequese anterior: o coração grande (em cartolina), sobre ele a imagem de Jesus em oração, por cima (em ordem ascendente) os dísticos: “Bendigo-te ó Pai, Senhor do Céu e da Terra”, “Deus” (fora do coração), “Jesus”, “Pais/Mães” (ou o correspondente) e os corações com os nomes e fotografias das crianças e catequista(s).
- *Sobre a mesa*: a Bíblia, ladeada de dois castiçais já acesos.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Olhemos todos para o placar (*o catequista, de lado contempla-o também e diz:*) Está ficar cada vez mais lindo, não acham?...

Aquele coração grande!... Representa o coração de quem?...

E quem está já no coração de Deus?...

E que está Jesus a fazer?...

E Jesus está a dizer a Deus o quê?...

E está a bendizer a Deus por quem?...

Será só por nós?...

Depende: se vós fizestes o que vos propus na última catequese, não está a rezar só por nós (*ou outras pessoas, referidas pelas crianças*). Quem de vós contou aos pais e/ou avós, irmãos, etc. o que Jesus nos mostrou aqui na catequese? (*Deixar que as crianças se exprimam e, conforme as respostas, continuar.*)

Então Jesus, agora, também reza por essas pessoas que, através de vós, aceitam o Reino de amor e de paz, de Deus seu Pai. Querem rezar com Ele?

Então ponham-se de pé... Vou outra vez dizer a oração de Jesus e vós respondeis, levantando os braços para Ele:

“Obrigado, Jesus, porque és meu amigo

Obrigado, Jesus, porque rezas por mim.”

Quando dizeis “por mim” estais também no lugar das pessoas às quais dissestes a Boa Notícia do Reino de Deus.

Todos preparados?... Então, comecemos por nos benzer:

Todos: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen.”

Catequista:

“Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra,
porque revelastes o teu reino de amor e de paz
aos pequeninos que crêem em ti”.

Crianças: “Obrigado, Jesus,... porque rezas por mim”.

Catequista:

“Sim, ó Pai, foi assim do teu grado,
que estes pequeninos que tanto amas
levassem a Boa Notícia do teu Reino
aos seus pais, avós e outras pessoas que assim crêem em ti
e te agradecem com elas”.

Crianças: “Obrigado, Jesus,... porque rezas por mim”.

Todos: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen”.

2. Podem sentar-se. O placar está a ficar lindo, mas ainda não está completo. Há muitas coisas que Jesus ainda tem para nos dizer e que iremos colocar lá. Qual será a surpresa que Jesus hoje nos irá fazer?

Vamos tentar descobrir:

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

Peguemos no catecismo e vamos abri-lo na primeira catequese. (*O catequista pode indicar a página*).

Que está aí?

Jesus no alto do monte com três amigos seus, Pedro, Tiago e João, e a tornar-se luminoso, muito luminoso.

E, depois, ouviram aquelas palavras de Deus: “Este é o meu Filho, muito amado. Escutai-o”

Sabem por que razão aconteceu tudo isto? Sabem o que antes fez Jesus, para que Deus falasse dele assim? Não digo ainda. Passemos antes à catequese 11. (*O catequista pode indicar a página*):

Aí fala-nos do Baptismo de Jesus. E que palavras é que Deus disse a Jesus?

Exacto: foram quase as mesmas que disse lá no alto do monte, só que, no Baptismo, as disse directamente a Jesus: “Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus todo o meu agrado.”

E que tinha feito Jesus, para Deus lhe dizer estas palavras tão amigas?

Não foi só por causa do Baptismo. Nos dois lados, no monte e no Baptismo, Jesus tinha feito outra coisa muito importante: Jesus, antes, rezou a Deus, seu Pai. Falou com Ele, como Filho que gosta muito de Deus e, por isso, é que Deus, depois, declarou que também o amava muito.

Estão a ver como, para Jesus, era muito importante rezar? E Ele rezava muitas, muitas outras vezes. Quando tinha alguma coisa importante para fazer, rezava primeiro a Deus, seu Pai.

Ora bem, quando os discípulos se aperceberam disto, um dia, um deles fez este pedido a Jesus:

*O catequista, em silêncio, afixa, ao fundo do placar, o **dístico**: “**Senhor, ensina-nos a rezar**”, deixa contemplar por uns breves momentos... e depois diz:*

Querem ler todos comigo?...

“Senhor, ensina-nos a rezar” (repetir mais duas vezes).

2ª

Alternativa

Grupo grande

Primeiro digam-me: estão a ver todos aqueles corações com os vossos nomes e fotografias? Lá estão... *O catequista pode dizer os nomes de algumas crianças, talvez as mais distraídas.*

Não gostavam que os vossos nomes e fotografias passassem também para dentro do coração de Deus?

Eu também gostava muito. E, de certo modo, já lá estamos. Se Jesus está lá a rezar também por nós, quer dizer que Ele, dentro do coração de Deus, está a pensar em nós e em todos aqueles que Ele tanto ama.

Mas será que nós já estamos em condições de colocar lá os nossos nomes e fotografias? Não teremos nós também de fazer bem feito aquilo que Jesus está a fazer?

Olhem, eu vou contar-vos o que aconteceu um dia com os discípulos de Jesus que andavam sempre com Ele, escutavam o que Ele dizia e viam o que Ele fazia. E notavam uma coisa muito importante. Querem saber o que era?

Era isto: eles viam como Jesus rezava muitas, mesmo muitas vezes. E viam que Jesus, por rezar tantas vezes a Deus seu Pai, ainda fazia as coisas muito melhor. Começaram a notar que era a oração que levava Jesus a ser muito mais amigo de todos, a fazer pelas pessoas coisas maravilhosas.

E, ao verem isto, sabem o que é que um deles disse um dia a Jesus?

*O catequista, em silêncio, afixa ao fundo do placar o **dístico** “**Senhor, ensina-nos a rezar**”, deixa contemplar por uns breves momentos... e depois diz:*

Querem ler todos comigo o que disse aquele discípulo?

“Senhor, ensina-nos a rezar” (*repetir mais duas vezes*).

II. PALAVRA

1. Que lindo. Afinal também nós pedimos a Jesus que nos ensine a rezar. (*Para a 2.ª alternativa:*) É que se não soubermos e não quisermos rezar, não estamos totalmente em condições de entrar no coração de Deus. Ele ama-nos, mas nós também o queremos amar. E, na oração, mostramos que o amamos. Querem fazer todos outra vez aquele pedido dos discípulos?

Então, digam comigo:

“Senhor, ensina-nos a rezar”.

2. E qual será a resposta de Jesus? Que nos irá Ele dizer para sabermos rezar bem? Em vez de ser eu a dizer, quero que sejais vós a descobrir. Vamos fazer assim: vou entregar a cada um de vós uma folha com partes da resposta de Jesus. Em cada folha está um pedaço da sua resposta ao nosso pedido. Mas não estão lá as letras todas. Será que vós sois capazes de adivinhar que letras é que faltam lá? Experimentem. Senão, eu posso ajudar. Mas seria mesmo bonito que fosseis vós a descobrir. Seria sinal de que aquilo que Jesus nos diz para rezar é mesmo o que nós precisamos de saber.

O catequista distribui por cada criança uma folha ou cartolina com apenas uma das frases do Pai Nosso, conforme consta do documento 1. Se forem mais de sete as crianças, as mesmas preces serão distribuídas por várias, tantas quantas as necessárias. Se forem menos de sete, algumas crianças receberão mais do que uma prece.

As folhas/cartolinas, com as preces, poderão ser usadas, sucessivamente, nas catequeses seguintes em que, prece por prece, vão sendo afixadas no placar, na figura de Jesus.

Cada folha deve estar numerada de 1 a 7, para facilitar a reconstrução. Durante o trabalho das crianças, pode colocar-se uma música de fundo com a letra do Pai Nosso, na melodia usada oficialmente nas celebrações litúrgicas.

3. Então foi difícil encontrar as letras certas? Vamos ver se todos acertaram. Para alguns foi, certamente, fácil, porque já conheciam as palavras de Jesus. Quem já sabia? Então vamos lê-las, uma por uma, conforme o número indicado na folha. Primeiro serão os meninos com o número um, depois o número dois e, assim, até aos sete.

Quando chegar a vez de cada um, aquele/a(s) que tem (têm) esse número põe(m)-se de pé e lê(em) para todos.

Mas, primeiro, vou introduzir as palavras que ides ler, com o que vem aqui na Bíblia, onde Jesus nos fala.

*O catequista pega na Bíblia em **Mt 6, 9-13**:*

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo S. Mateus”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

“Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
«Rezai, pois, assim:

1ª(s) Criança(s): «Pai nosso, que estás nos Céus,

2ª(s) Criança(s): Santificado seja o vosso nome,

3ª(s) Criança(s): Venha a nós o vosso Reino;

4ª(s) Criança(s): Seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no Céu.

5ª(s) Criança(s): O pão nosso de cada dia nos dai hoje,

6ª(s) Criança(s): Perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoámos a quem nos tem ofendido,

7ª(s) Criança(s): E não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal.»

4. Pousada a Bíblia e sentadas as crianças:

Que bonito! Hoje fostes vós a dizer as palavras de Jesus. Sabem o que isto significa? Significa que quereis mesmo rezar como Jesus nos ensina: rezar uma oração feita por Ele.

Pensei bem? Quereis mesmo rezar como Jesus acaba de nos ensinar?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Então, vamos rezar mesmo. Vamos rezar, juntamente com Jesus, como está ali representado no placar.

Vai ser assim: fazemos também o pedido que está escrito no placar: “Senhor, ensina-nos a rezar”. O pedido é dito por todos e antes de um de vós dizer a parte da oração que tem. Isto é, todos pedimos, ao mesmo tempo: “Senhor, ensina-nos a rezar.” Depois, o primeiro menino(a) diz a sua parte. De seguida fazemos todos, ao mesmo tempo, o mesmo pedido: “Senhor, ensina-nos a rezar”. Todos pedimos e só um lê a sua parte.

Sendo várias crianças, com a mesma prece, o catequista escolha a criança que vai dizer.

2. Estão todos preparados? Então ponham-se de pé.
E agora voltados para Jesus peçamos:

Todos: “Senhor, ensina-nos a rezar”.

1ª Criança: “Pai nosso, que estás nos Céus”,

Todos: “Senhor, ensina-nos a rezar”.

2ª Criança: “Santificado seja o vosso nome”,

Todos: “Senhor, ensina-nos a rezar”.

3ª Criança: “Venha a nós o vosso Reino”,

Todos: “Senhor, ensina-nos a rezar”.

**4ª Criança: “Seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no Céu”.**

Todos: “Senhor, ensina-nos a rezar”.

5ª Criança: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”,

Todos: “Senhor, ensina-nos a rezar”.

**6ª Criança: “Perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoámos a quem nos tem ofendido”,**

Todos: “Senhor, ensina-nos a rezar”.

7ª Criança:

**“E não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal.”**

Todos: “Senhor, ensina-nos a rezar”.

Todos: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen”

3. Podem sentar-se. Será que Jesus está contente connosco?

E vós também estais contentes?

É uma oração muita linda, não é? É a mais linda que temos. Ensinada e rezada por Jesus, para nós rezarmos, não podia ser melhor.

Agora temos de a rezar bem. E rezar bem não é só sabê-la de cor. É preciso nós percebermos, sentirmos bem o que estamos a rezar. Mas, vamos ter tempo para a aprender e rezar cada vez melhor.

Como sinal disso, vamos agora fazer assim: colocar perto de Jesus e ao pé da Bíblia as folhas que receberam e completaram. Vamos pôr ao pé de Jesus, porque Ele quer continuar a ensinar-nos a rezar.

Então, vai ser assim: cada um de vós vem aqui entregar a sua folha, enquanto todos cantamos a Deus a nossa alegria por nos ter dado Jesus e Ele nos ajudar a rezar a Deus. Quando cada uma vier aqui faz assim:

Primeiro, faz uma inclinação à Bíblia e a Jesus, depois coloca a sua folha na mesa e depois benze-se: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen”

Estão de acordo?

Então, cantemos primeiro:

“Deus, nosso Pai, que sois tão bom”...

Depois de todos entregarem, voltam a cantar, mas com os braços erguidos para o alto.

4. Uma última coisa. Lá em casa, contem aos vossos pais e familiares o que hoje Jesus nos ensinou e perguntem-lhes se eles não querem rezar também a oração que Ele nos ensinou. Se ainda a não sabem de cor, podem servir-se do catecismo.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

1.ª Folha

PA__ N__SS__ QU__E__TA__S NOS C__US

2.ª Folha

S__NTIF__CADO S__JA O V__SS__ N__M__

3.ª Folha

V__NH__ ANÓ__ O V__SS__ R__IN__

4.ª Folha

S__JA F__ITA A VOSSA V__NTA__E AS__ N__TER__CO_O NO CÉ_
ASS_M NA T__ERRA C__OMO N__CÉU

5.ª Folha

O PÃ__ NOSS__ D__C__DA D__A NO__ D__I H__JE.

6.ª Folha

P__RDOAI-N__S AS N__SSAS OFENSAS ASSIM COM__ NÓ__
PERDOAMOS A QU__M NOS TEM OF__NDI__O.

7.ª Folha

E NÃO NOS D__IXEIS C__IR EM T__NTAÇÃO M__S L__VRAI-NOS
D__M__L.

“PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉUS”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Pai”

Escreve o poeta que “todo o homem quando é pai, toda a mulher quando é mãe, são a imagem de Deus, de onde toda a vida vem” (F. Melro). Como se o termo “pai” e “mãe” tivessem sido aplicados primeiro a Deus. Historicamente, porém, deu-se o inverso: em sentido próprio e original, pai e mãe são os progenitores de um ser humano ou animal. E ainda hoje é, predominantemente, esse o sentido em que são usados. Só daí é que passaram a ser aplicados a outros seres que, a seu modo, contribuem para nossa vida. Entre eles e de um modo muito especial, Deus.

Na Sagrada Escritura e por influência de outras culturas e religiões com implicações na tradição bíblica, é sobretudo “Pai” que Deus é chamado. De facto é a Ele, de nome próprio IaHVeH, que Israel atribui a vida que tem como povo: foi Ele que interveio, decisivamente, na sua libertação do Egito e noutras libertações ao longo da história; foi com Ele que Israel fez um pacto de aliança que lhe garante a existência que tem até aos nossos dias. Por isso, já no Antigo Testamento, Deus é invocado pelos crentes, primariamente, como Pai e, nalguns casos, é também, pelo menos, comparado a uma mãe. Uma relação de paternidade e maternidade que, vista do lado dos filhos, é sobretudo de fé e implica o reconhecimento de IaHVeH como Deus único e verdadeiro. Jesus adopta esta fé, mas dá-lhe uma expressão nova, fruto da sua relação única com Deus. É hoje um dado indiscutível, entre os investigadores históricos, que Jesus, quando se dirigia a Deus, lhe chamava habitualmente “*Abbá*”, um termo aramaico, diminutivo de “*Ab*”, que, por isso, se devia traduzir por “Papá” e que até então era usado apenas no âmbito familiar: dos filhos, predominantemente da tenra idade, para com os pais, ou, também, para com os adultos idosos. Nunca, porém, e tanto quanto é conhecido da época, do ser humano, por mais crente que fosse, para com Deus. Portanto, entre Jesus e Deus havia uma ligação de filiação e paternidade idêntica àquela em que “filho e pai” eram usados em sentido próprio. Jesus manifestava a consciência e a convicção de, “naturalmente”, ser Filho de Deus.

E transmite essa relação aos seus. Aos discípulos, que lhe pediram “Senhor, ensina-nos a rezar”, Ele respondeu, na versão de Lc 11, 2, provavelmente a mais original: “Quando rezardes dizei: «Pai»...”. O termo, que assim é traduzido para grego, a língua do NT, era provavelmente em aramaico, a língua falada por Jesus, “*Abbá*”. A melhor prova disso é o facto de S. Paulo citar esse termo, no seu original, em duas passagens relativas à relação filial com Deus, adquirida pelos crentes a partir do Baptismo (Rm 8, 15; Gl 4, 6). Em ambos os lugares, quem assim nos permite dirigir-nos a Deus é o seu Espírito e do seu Filho Único, Jesus Cristo: o mesmo Espírito que une, em comunhão “natural”, Jesus com Deus, une-nos ao mesmo Deus seu Pai, através da união da graça e da fé que se estabeleceu entre Jesus Cristo e nós. N’Ele, o Filho, tornamo-nos também filhos e podemos, em toda a razão, chamar a Deus “Papá”, “*Abbá*”. Com que efeitos?

2. “Pai Nosso”

Na versão de Mt 6, 9, ao termo “Pai” é acrescentado o pronome possessivo “Nosso”. Não para exprimir “uma posse, mas sim uma relação totalmente nova com Deus” (CIC 2786). Qual, em concreto?

“Quando dizemos Pai «nosso», reconhecemos, antes de mais nada, que todas as suas promessas de amor, anunciadas pelos profetas, se cumpriram na *Nova e Eterna Aliança* no seu Cristo: nós tornámo-nos o «seu» povo e Ele é doravante o «nosso» Deus” (Ibidem 2787).

Mas este “nosso”, que assim assenta na nossa condição de povo de Deus, tem o seu fundamento em Cristo. “Rezando ao «nosso» Pai, é ao Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que nós nos dirigimos pessoalmente. Não dividimos a divindade, pois que o Pai é a sua «fonte e origem», mas confessamos desse modo que o Filho é por Ele gerado eternamente e que d’Ele procede o Espírito Santo” (Ibidem 2789). Neste sentido, neste “nosso” com que invocamos a Deus como Pai, está também envolvido, embora a um nível infinitamente superior, Jesus Cristo. Sempre que rezamos, Ele reza connosco, uma vez que é o seu Espírito divino que reza em nós.

E que acontece entre os crentes que, deste modo, unem, na mesma oração, as suas vozes e os seus corações? “Gramaticalmente, «nosso» qualifica uma realidade comum a várias. Há um só Deus que é reconhecido como Pai por aqueles que, pela fé no seu Filho Único, renasceram d’Ele pela água e pelo Espírito. A *Igreja* é esta nova comunhão de Deus com os homens; unida ao Filho Único, que se tornou o «primogénito de muitos irmãos» (Rm 8, 29), ela está em comunhão com um só e mesmo Pai, num só e mesmo Espírito Santo. Ao rezar Pai «nosso», cada baptizado reza nesta comunhão: «A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma» (Act 4, 32)” (Ibidem 2790).

“Por fim, se rezamos em verdade o «Pai Nosso», saímos do individualismo, pois o amor que nós acolhemos dele nos liberta. O «nosso» do princípio da oração do Senhor, tal como o «nos» das quatro últimas petições, não é exclusivo de ninguém. Para que

seja dito em verdade, as nossas divisões e oposições têm de ser superadas (Ibidem 2792): as que tantas vezes separam os crentes uns dos outros e também as que, eventualmente, os separam dos não crentes. “Os batizados não podem dizer Pai «nosso», sem levar até junto d’Ele todos aqueles por quem Ele deu o seu Filho bem-amado. O amor de Deus é sem fronteiras; a nossa oração deve sê-lo também” (Ibidem 2793).

Mas, como chegar até lá, até a um horizonte que está muito para além das nossas capacidades humanas?

3. “Pai Nosso que estais nos Céus”

Céus, “não significa um lugar («o espaço»), mas um modo de ser; não é o distanciamento de Deus, mas a sua majestade. O nosso Pai não está «algures», está «para além de tudo» o que podemos conceber da sua santidade. E é por ser três vezes Santo que Ele está mesmo junto do coração humilde e contrito:

«É com razão que estas palavras: ‘Pai Nosso que estais nos Céus’ se referem ao coração dos justos, nos quais Deus habita como em seu templo. Por isso, também aquele que ora há-de desejar ver morar em si Aquele a quem invoca» (S. Agostinho). «Os ‘Céus’ também poderiam muito bem ser aqueles que trazem em si a imagem do mundo celeste e em quem Deus mora e passeia» (S. Cirilo de Jerusalém)” (Ibidem 2794).

Neste caso tem plena razão o poema antes citado: “Todo o homem quando é pai, toda a mulher quando é mãe, são a imagem de Deus, de onde toda a vida vem” (F. Melro). Uma imagem em que se reflecte, se manifesta e actua o próprio Deus... Desde que o pai e a mãe d’Ele aprendam a ser pai e mãe... Se assim realmente acontecer, os filhos não só encontrarão nos pais aquele Deus que, pelo amor infinito que nos tem, merece mais do que ninguém ser chamado Pai, mas começarão desde já a saborear aquele Céu, aquela vida e felicidade por que aspiram, participando, activamente, no amor que está na sua origem.

Para que assim seja, rezamos ao nosso Pai que está nos céus, para que os pais e mães, nomeadamente os das crianças da catequese, sejam verdadeiros mediadores e reveladores de Deus para os seus filhos... pondo também os filhos a rezar por eles... e não esquecendo que a oração da fé ou a fé em oração tudo pode, a oração em que, quais filhos tão amados, nos entregamos confiantes a Deus nosso Pai.

OBJECTIVOS

- Compreender o sentido da invocação “Pai Nosso que estais nos Céus”;
- Descobrir a paternidade divina como modelo e fonte da paternidade e maternidade humanas;
- Rezar pelos pais e mães (ou outros educadores).

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças desta idade mostram, habitualmente, uma grande admiração e respeito pelos seus pais. Neste sentido, são eles o ponto de apoio para a descoberta da paternidade divina: nos pais e mães, as crianças podem descobrir o rosto e a expressão do amor de Deus, para aprender a invocá-lo como Pai.
2. Infelizmente, também há pais e mães que não merecem esse título. Por isso, o catequista esteja atento a possíveis experiências negativas, procurando “substituir” os pais biológicos pelos pais afectivos ou por aqueles pais que as crianças desejariam ter.
3. Mas, se os pais são a “revelação” da paternidade divina, também há que seguir o caminho inverso: só em Deus eles encontram a luz e a força para serem pais e mães que se preocupam por uma educação integral dos seus filhos. Daí que as crianças sejam convidadas a rezarem ao Pai dos Céus pelos seus pais da terra... e, deste modo, a manifestarem o amor que devem sentir por eles.
4. Tratando-se de mais uma catequese sobre a oração, é feita, toda ela, em clima de oração: a começar pela experiência humana que já é um momento de oração.
5. A sugestão de escrever (e enviar pelo correio) uma carta para os pais, dá a toda a catequese um maior significado: a mensagem para os pais, de que as crianças se tornam portadoras, pode, deste modo, adquirir maior solenidade e mais impacto, aparecendo mais como revelação de Deus em que estão envolvidas as crianças.
6. A carta com a respectiva mensagem, é a primeira peça de sete que, no final, irão constituir um puzzle com todo o Pai Nosso. O catequista providencie para que nenhuma se perca.

MATERIAIS

- Cartolina em forma de coração (catequese anteriores);
- Imagem de Jesus a rezar (catequese anteriores);
- Dísticos: “Pais/Mães”, “Jesus”, “Deus” (catequese anteriores);
- Cartolinas com os nomes e fotografias das crianças e catequista (catequese anteriores);
- Dístico: “Pai Nosso que estais nos Céus”;
- Dísticos com proposta da mensagem para os pais (ver Expressão de Fé);
- Dois castiçais;
- Bíblia.

MÚSICAS

- Pai Nosso que estais nos Céus (Carlos Silva);
- Fala, Senhor;
- Vós, Senhor, sois o nosso Pai.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: a cartolina em forma de coração (catequese 11-13), sobre ela a figura de Cristo em oração (catequese 12-13), por cima os dísticos “Pais/ Mães”, “Jesus”, “Deus” (catequese 11-13), em volta as cartolinas com os nomes e as fotografias das crianças e do catequista.
- *Na mesa*: só a Bíblia e os castiçais, conforme a sugestão seguida na experiência humana.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois do acolhimento em pequenos grupos, a catequese começa com a introdução solene do início do Pai Nosso: no dístico “Pai Nosso que estais nos Céus”. Pode ser feita de dois modos:*

1ª

Alternativa

Grupo grande

Se possível de um modo solene: um catequista ou uma criança, previamente preparada, traz nas mãos, à altura do peito e voltado para a frente, o dístico referido. É precedido de duas outras crianças, cada uma com um castiçal aceso. Antes da entrada, o catequista prepara as outras crianças com as seguintes palavras ou semelhantes:

Hoje a catequese vai começar de um modo diferente: vamos ter uma surpresa que nos vem de fora da sala, trazida por alguns colegas vossos. Enquanto eles entram, cantamos um cântico que vamos aprender num instante.

O catequista ensaia o refrão do cântico “Pai Nosso que estais nos Céus”.

Agora, ponham-se de pé para recebermos a surpresa.

Durante a entrada cantam o cântico referido, com as estrofes suficientes para o acompanhamento do cortejo. Chegados à frente, o catequista recebe o dístico das mãos da criança e afixa-o no placar por cima da figura de Jesus à altura superior do peito.

2ª
Alternativa

Grupo pequeno

Se não for possível esta forma solene, o catequista comece por ensaiar o mesmo cântico, convidando as crianças a porem-se de pé, e pegue no dístico “Pai Nosso...”. Todas cantam o refrão e uma estrofe e, no final, afixa o dístico no lugar referido anteriormente.

2. Podem sentar-se. Alguém é capaz de adivinhar porque é que nós hoje começámos assim a catequese?

Foi por causa do que Jesus nos disse na última catequese. Lembram-se? Nós pedimos-lhe que Ele nos ensinasse a rezar e Ele ofereceu-nos uma linda oração que começa com as palavras que estão ali no placar e que nós até aprendemos a cantar. Querem cantar outra vez, para não se esquecerem?

“Pai Nosso que estais nos Céus”.

A propósito, algum de vós rezou, lá em casa, esta oração? (*Deixar que se exprimam e perguntar se o fizeram com os pais*).

E eles gostaram de rezar convosco? E será que eles entenderam o que quer dizer “Pai Nosso que estais nos Céus”? (...)

3. Tenho uma ideia: e se vós fosseis hoje escrever uma carta aos vossos pais (*ou outras pessoas que ocupem o seu lugar*)? Sim, uma carta. Pode ser entregue por mão ou enviada pelo correio (*esta segunda hipótese só é apresentada, se for viável*). Vai ser, de certeza, uma bela surpresa para eles: receber uma carta de vós. Estão de acordo? Falta saber o que vão escrever na carta. Têm alguma ideia? Pensem um bocadinho, mas a olhar para as primeiras palavras da oração que Jesus nos ensinou. Tem que ser alguma coisa que tenha a ver com estas palavras de Jesus...
Depois de um curto silêncio, para reflexão, o catequista continua:

Então já pensaram? Não se esqueçam daquilo em que pensaram. E quem ainda não tem nenhuma ideia, não se preocupe porque Jesus vai ajudar-nos: aos que ainda não têm ideia do hão-de escrever aos pais e àqueles que já têm.

II. PALAVRA

1. Olhem outra vez para as primeiras palavras da oração que Jesus nos ensinou. Porque será que Ele não nos ensinou a dizer apenas “Pai”? Porque será que Ele juntou “nosso” e, depois, “que estais nos Céus”? (*O catequista aponta para a respectiva frase*).

Querem ouvir a explicação? Quem a dá é o próprio Jesus.

Foi assim: Ele estava a explicar aos seus discípulos que eles e nós podemos preocupar-nos com as coisas para viver: com a alimentação, o vestuário, a casa. São coisas que são precisas, não são? – Sem comida, sem roupa para vestir e sem casa para habitar, não podemos ser felizes. Quem pode ser feliz, se passa fome? Ou anda mal vestido, sem agasalho?

Mas só isso não chega para sermos felizes. Por exemplo, se os meninos e as meninas têm alimento, têm livros, têm brinquedos, podem ir à escola, mas não têm ninguém que vos ame, que se interesse por vós, e em vez disso alguém que até vos despreza, são felizes?

Mas há alguns pais e mães que fazem isso? Dão tanta coisa aos filhos, mas não têm tempo ou não o querem ter para estar com eles e os ajudar nas coisas da escola e da catequese, nos jogos, a brincar, etc.. E, depois, há ainda aqueles que só pensam nos seus filhos e não ligam aos outros ou até os desprezam. São pais só para os seus filhos. E aqueles meninos e meninas que não têm que comer, que vestir? Que não têm quem os ame aqui na terra?

2. Para evitar isso, isto é, para que todos, a começar pelos pais, dêem aos filhos mais do que o alimento e o vestuário e pensem também nas pessoas que pouco ou nada têm, foi para isso que Jesus nos disse... Querem ouvir?

*O catequista abre a Bíblia em **Mt 7, 9-11** e convida:*

Então ponham-se de pé e cantemos todos:

“Fala, Senhor” (*só o refrão*).

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo S. Mateus”.

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

“Naquele tempo,

disse Jesus aos seus discípulos:

**«Qual de vós,
se o seu filho lhe pedir pão,
lhe dará uma pedra?
Ou, se lhe pedir peixe,
lhe dará uma serpente?
Ora bem, se vós, sendo maus,
sabeis dar coisas boas aos vossos filhos,
quanto mais o vosso Pai que está nos Céus
dará coisas boas àqueles que lhas pedirem.»
Palavra da Salvação”.**

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Podem sentar-se.

3. Que nos diz Jesus?

Que o Pai que está nos Céus dá coisas boas àqueles que lhe pedirem. Se os pais da terra, mesmo os maus, já dão algumas coisas boas aos seus filhos... Por exemplo, não dão uma pedra em vez de pão, ou alguma serpente em vez de peixe. Que horror! O Pai que está nos Céus é muito, muito melhor. Ele só dá coisas boas: dá amor, carinho... e a todos...

Por isso dizemos que Ele está nos Céus: nele só há amor.

E por isso, é que Ele nos deu Jesus, que tanto nos ama, a nós e a todas as pessoas. Ama até as pessoas más, mas para que elas sejam boas. E Ele, Jesus, ama a todos, como o seu Pai que está nos Céus.

Percebem então porque é que Ele, ao ensinar-nos a rezar, nos manda dizer: “Pai Nosso que estais nos Céus”? Está nos Céus porquê?...

Porque ama muito mais do que qualquer pai e mãe da terra. Por isso é que Ele está nos Céus: os pais e as mães da terra não conseguem amar como o Pai que está nos Céus. Mas vivem, procurando amar como Ele. E, por isso, é que eles rezam ao Pai que está nos Céus.

E que acontece aos pais e às mães da terra que rezam ao Pai que está nos Céus?... São melhores pais e melhores mães: amam muito mais os seus filhos e até as pessoas que não são os seus filhos. Mas que precisam de amor, de carinho.

De certeza que conhecem pais e mães assim. Ora pensem lá um pouco... (*silêncio breve*).

Que bom termos pais e mães assim. Pais e mães que aprendem do Pai que está nos Céus a serem bons pais e boas mães.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Olhem, eu conheço um **cântico** para nos ajudar a dizer que estamos contentes e felizes por termos todos um Pai, o Pai de Jesus que é também nosso Pai. Querem aprender?

O catequista ensaia o refrão:

“Vós, Senhor, sois o nosso Pai”.

Depois convida a cantá-lo, como oração.

2. Agora que já o sabemos, podemos cantá-lo, com o nosso coração e as nossas mãos voltadas para o Pai que está nos Céus. Querem?...

Então ponham-se de pé... Voltemos os olhos para Jesus que reza connosco. Levantemos as mãos para o alto... E cantemos:

“Vós, Senhor, sois o nosso Pai” (refrão).

Agora vamos cantá-lo de mãos dadas. Sabem porquê? Porque ao cantarmos a Deus, que é Pai de todos, somos amigos e irmãos uns dos outros. E um sinal disso é darmos as mãos uns aos outros, bem apertadinhas, em sinal da nossa amizade. Então de mãos dadas cantemos:

“Vós, Senhor, sois o nosso Pai” (refrão e quarta estrofe).

E agora cantemos, ainda de mãos dadas, mas a pensar nos nossos pais e mães da terra. Se eles estivessem aqui, também lhes dávamos as mãos. Então, unidos a eles cantemos:

“Vós, Senhor, sois o nosso Pai” (refrão e quarta estrofe).

3. Podem sentar-se. Agora já estão em condições de escrever a carta ao pai e à mãe. Já todos sabem o que lhes podem escrever. O que será? *Deixar que se exprimam e, conforme as respostas, orientá-las para o seguinte:*

Podemos escrever-lhes o que Jesus hoje nos disse. Repararam que Ele até falava mais para os pais e mães: os pais e mães que, até alguns que são maus dão coisas boas aos filhos: pão e nunca pedras, peixe e nunca uma serpente.

Mas, para nos darem não apenas alimento e vestido, mas também muito amor e um amor para com todos, precisam de rezar a Deus nosso Pai que está nos Céus. Ele é que nos dá esse amor maravilhoso que Jesus nos tem.

Querem escrever isto aos vossos pais?... Para isso eu vou distribuir por vós a folha de carta. Mas só começam a escrever depois de eu explicar. Precisam de saber, pelo menos, de que lado devem escrever.

O catequista distribui por cada criança a folha ou cartolina em que estão escritas as primeiras palavras do Pai Nosso: “Pai Nosso que estais nos Céus”, conforme indicado no Documento 1. Depois explica:

Que está escrito nessa folha?

Digam todos outra vez e ao mesmo tempo: **“Pai Nosso que estais nos Céus”**.

Muito bem. É o princípio da oração que Jesus nos ensinou. Desse lado da folha, não vamos escrever mais nada. Mas do outro lado sim. Do lado detrás é que escrevemos a carta para o pai e/ou a mãe. E que lhes vamos escrever? O que Jesus nos ensinou hoje. Podem escrever uma das frases que eu vou afixar no placar ou outra parecida. Está bem?

O catequista afixa, por baixo do dístico “Pai Nosso que estais nos Céus”, as seguintes frases:

“Queridos pais

- Obrigado(a) por me ensinarem a rezar, como Jesus nos ensinou, ao nosso Pai que está nos Céus.
- Obrigado(a) por todas as vezes que rezais comigo ao nosso Pai que está nos Céus.
- Hoje Jesus ensinou-nos que Deus é o melhor Pai, o Pai que está nos Céus, e ajuda todos os pais da terra a serem bons.
- Gosto muito mais de vós, depois de saber que todos temos um Pai que está nos Céus, um Pai que é amigo de todos.
- Teu filho ou tua filha: (Nome)
- Data:

Os catequistas acompanham as crianças na escolha e formulação das mensagens. Podem ser adaptadas a cada caso.

Se o catequista achar viável, prepare um envelope para cada criança e os respectivos selos, e convide as crianças a escreverem neles a direcção dos pais.

Se elas não souberem, ajude-as, tendo, nesse caso, recolhido os dados necessários: nome dos pais, rua, código postal e localidade. No fim da catequese convide as crianças a irem, em grupo, colocarem as cartas no marco de correio mais próximo.

4. *Depois de escritas as cartas:*

Antes de levarmos as nossas cartas, proponho que rezemos a Deus pelos nossos pais. Fazemos assim: colocamos todos a carta na palma das mãos abertas, em sinal de oferta, e depois cantamos o princípio do Pai Nosso. De acordo?
Então ponham-se de pé... carta nas mãos... e cantemos:

“Pai Nosso que estais nos Céus” (*refrão e quinta estrofe*).

Sabem: estou com muita curiosidade em saber como vão reagir os vossos pais com esta bela surpresa. Depois contem. Mas digam-lhes para eles guardarem bem a carta, porque ainda vai ser precisa.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Um coração dividido em 7 peças, cada uma com uma parte do Pai Nosso, para serem sucessivamente distribuídas pelas crianças, nesta catequese e nas próximas seis.

“SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Santificado seja”...

Não é fácil compreender todo o alcance significativo desta primeira prece da Oração Dominical. Por várias razões.

Antes de mais, a nível teórico. Veja-se, nesse sentido, a explicação que nos é oferecida pelo Catecismo da Igreja Católica, nº 2807:

“A palavra «santificar» deve ser entendida, aqui, antes de mais, não no seu sentido causativo (só Deus santifica, torna santo), mas sobretudo num sentido estimativo: reconhecer como santo, tratar de um modo santo. É assim que, na adoração, esta invocação é, por vezes, entendida como louvor e acção de graças. Mas esta petição é-nos ensinada por Jesus na forma optativa: um pedido, um desejo, e expectativa na qual Deus e o homem estão empenhados. Desde a primeira petição ao nosso Deus, mergulhamos no mistério íntimo da sua divindade e no drama da salvação da nossa humanidade. Pedir-lhe que o seu nome seja santificado é envolvermo-nos «no desígnio benevolente que Ele de antemão formou a nosso respeito» (Ef 1,9), para que «sejamos santos e imaculados diante d'Ele, no amor» (Ef 1, 4)”.

Mas, como fazer para nos envolvermos neste desígnio de Deus? É a dimensão prática, a dificuldade de rezar, de se entregar a uma oração que seja verdadeiramente uma expressão da fé, a fé em exercício. Isto não é fácil, porque não depende só de nós, não depende, primariamente, de nós. Mas depende, por outro lado, totalmente de nós.

Não depende de nós, porque, na fé, o primeiro passo é dado por Deus.

“É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o Seu Filho como vítima da expiação pelos nossos pecados” (1 Jo 4,10). A fé é a resposta humana a este amor extremo de Deus. Mas, se é Deus quem primeiro nos ama, então a fé é um dom que nos vem d'Ele. É Ele quem, pelo amor, desperta em nós a entrega, a adesão a Ele. Quer dizer que, da nossa parte, o primeiro passo para a fé consiste em escutar, aprender, deixar-se amar. A fé é precedida

da “audição” que se torna “ob-audição”, isto é, sujeição total àquilo que ouvimos, Àquele que se revela naquilo que ouvimos: o Evangelho maravilhoso do seu amor inexcedível, um amor que é fonte de vida plena.

E, nesta sequência, a fé depende totalmente de nós. É que podemos rejeitar o amor. Se isso acontece ao nível simplesmente humano, também pode acontecer na nossa relação com Deus. Aí talvez ainda mais, pela dimensão do amor com que Ele nos ama e, por isso mesmo, pelo grau de amor que exige de nós. Um amor correspondente àquele com que se é amado. O amor de Deus não exige apenas algo de nós, mas exige tudo: “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”, porque “o Senhor é nosso Deus; o Senhor é único” (Dt 6, 5.4).

É neste mistério de amor que somos convidados a mergulhar para que o Deus que assim se manifesta seja verdadeiramente santificado em nós, ou melhor santifique em nós. Porque nós não nos comprometemos, em primeiro lugar, em santificá-lo, mas pedimos-lhe que seja Ele a fazê-lo. E a petição é exactamente essa fé em exercício: é pedir-lhe humildemente que seja Ele a fazer o que só Ele pode fazer... depois de mostrar que, realmente, o pode fazer. Como?

2. O santo nome de Deus...

É santo, porque identificativo do seu ser, o Santo por excelência. À pergunta feita por Moisés ao Deus, que se manifesta na sarça ardente, sobre qual é o seu nome, Ele responde: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3, 14). Uma expressão, possivelmente inspirada no nome IahVeH, que indica acima de tudo uma presença activa, salvífica: IahVeH é Deus, na medida em que está com os seus, para os libertar da escravidão mortífera a que estão a ser sujeitos e os conduzir para uma terra onde, em plena liberdade, poderão saborear leite e mel. IahVeH é um Deus vivo, na medida em que dá a vida. IahVeH é impensável sem os seus, sem nós... Como nós somos impensáveis sem Ele, ou devemos ser.

E é nesta grandeza, na sua glória inexcedível, que Ele é Santo. Santo, porque está acima de tudo o que é caduco, terreno, limitado.

Santo, porque é inexcedível no seu amor infinito. Santo, para ser reconhecido, respeitado, adorado como tal. Santo, e por isso só acessível àqueles que, por Ele eleitos, purificados e santificados, lhe pertencem.

Foi este respeito sagrado, manifestado nomeadamente nas leis purificativas que condicionavam a participação no culto, que levou os judeus crentes, depois da experiência terrível do exílio na Babilónia (587 a.C.), a nem sequer ousar pronunciar o nome IahVeH. Substituíam-no de diversos modos, o mais frequente, pelo hebraico “Adona” que, à letra, significa “meu Senhor”. Uma substituição que teve uma incidência decisiva na primeira tradução da Bíblia para grego, conhecida pelos LXX. Aí o nome próprio de Deus é, quase sempre, traduzido por “Kyrios”– “Senhor”. Um título que se

impôs como nome, nomeadamente entre os primeiros cristãos que liam a Bíblia, predominantemente, na referida tradução grega.

Mas foi um título bem escolhido. “Senhor” exprime poder, aquele poder infinito que só Deus tem; exprime glória, aquela em que só Ele se revela e que nós crentes lhe reconhecemos, designadamente quando o glorificamos; exprime, pelas duas razões referidas, santidade, aquela que faz dele um Deus único, diferente de nós em tudo, mas pelo amor extremo com que está próximo de nós, tão próximo que se fez um Deus connosco, de um modo único, em seu Filho Jesus Cristo .

Daí que a mesma santidade que é reconhecida a Deus, é igualmente atribuída a Jesus Cristo. Ele é, por excelência, o Santo de Deus:

“É em Jesus que o nome do Deus Santo nos é revelado e dado, na carne, como salvador: revelado pelo que Ele é, pela sua Palavra e pelo seu sacrifício. É o coração da sua oração sacerdotal: «Pai Santo [...] por Eles eu me consagro (ou santifico) para que também eles sejam consagrados na verdade» (Jo 17,19). Porque Ele próprio «santifica» o seu nome, é que Jesus nos «manifesta» o nome do Pai. No termo da sua Páscoa é que o Pai lhe dá então o nome que está acima de todo o nome: «Jesus é Senhor, para glória de Deus Pai» (Fl 2, 11)– o nome que nos faz santos (CIC 2812).

3. ...Através dos seus Santos

Na aceção mais corrente, o título de “Santos” é hoje aplicado a uma elite de cristãos, já falecidos, que, pela sua canonização, nos são propostos como modelos de santidade.

Mas nos primeiros tempos do cristianismo não era assim: por santos, eram tratados todos os cristãos. Era assim que, por exemplo S. Paulo, se lhes dirigia nas suas cartas: “aos chamados santos” (Rm 1, 6; 1 Cor 1, 2...).

Isto é, aos que, pelo chamamento de Deus no Evangelho em que haviam acreditado e pelo Baptismo, se haviam tornado “santos”, propriedade divina, pessoas em quem Deus reina e se manifesta. A santidade, antes de ser um conceito moral, tinha um sentido ontológico: era expressiva do ser, antes de o ser do agir. É que o agir moral só é possível, quando na sua base e na sua fonte está o ser. Sem a transformação operada pela graça de Deus, recebida pela fé e o Baptismo, ninguém é suficientemente capaz, dum modo radical e persistente, de viver de um modo santo. A santidade a nível moral pressupõe a graça de Deus: para se viver conforme se é, tem de primeiro ser-se.

Por outro lado, se não se vive conforme se é, deixa-se, mais cedo ou mais tarde, de se ser o que é. Quem não vive ou procura viver como santo, facilmente cai no pecado e perde a comunhão com o Deus Santo, deixando, assim, de ser santo.

Que fazer para que tal não aconteça? – Recorrer permanentemente às fontes da santidade, às ofertas da graça divina, nomeadamente à Palavra de Deus, aos sacramentos, à participação activa na vida especificamente eclesial... e à oração.

Sobretudo àquela oração em que deixamos que seja Deus a actuar em nós, a santificar-nos permanentemente; aquela oração em que, à oferta que Deus faz de si mesmo, associamos a oferta da nossa vida, dos nossos meios; aquela oração em que nos deixamos amar por Ele, para Ele amar em nós; aquela oração que começa com a petição: “Santificado seja o vosso nome” – em cada um de nós e naqueles a quem, fortalecidos pelo seu amor, nos entregamos, para que também eles possam vir a rezar com toda a confiança: “Santificado seja o vosso nome”.

Façamo-lo com Jesus, que continua a rezar por nós, sempre que Ele diz: “Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que me deste” (Jo 17, 11). E Ele di-lo, sempre que lemos ou escutamos a sua oração, na Igreja que é sua e a que pertencemos... com aqueles a quem, em cada encontro da catequese, nos dirigimos, para rezar por eles e com eles.

OBJECTIVOS

- Compreender o significado da prece “Santificado seja o vosso nome”;
- Descobrir o sentido e a importância do nome “Senhor”;
- Contribuir para a santificação do nome de Deus, pela oração em união com Jesus e por uma vida em união com Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Só é possível compreender um pouco do alcance significativo da primeira prece da Oração Dominical através da sua prática. Daí que ela seja introduzida depois de as crianças entrarem em oração, um dos melhores meios para reconhecer como o nome de Deus é santo.
2. No mesmo clima de oração, as crianças se associam a Jesus, para o escutarem na santificação do nome de Deus, seu pai, pela oração... que Ele faz exactamente e também por aqueles que a Ele se entregam pela fé em oração.
3. Daí que a oração de Jesus volte a ser repetida e ainda mais personificada: à oração que Jesus, pela boca do catequista, faz pelas crianças e pelos seus, elas juntam-se, cantando o início da oração que dele estão a aprender.
4. Na pagela que levam com esta segunda prece do Pai Nosso, serão convidadas a escrever os nomes e outros dados dos seus Santos patronos: se possível os que têm o mesmo nome delas (mas só se isso acontecer com todas) ou então o Santo patrono da paróquia. Pela coincidência do nome, que diz muito às crianças desta idade, podem encontrar no patrono mais um incentivo à santidade. O catequista procure todos os meios para ajudar as crianças na recolha de dados biográficos sobre o Santo escolhido.

5. Nesta catequese usam-se muito os gestos que podem acompanhar as expressões da oração. Sejam bem explicados e, sobretudo, executados com respeito, não se esquecendo que a santificação inclui uma entrega total a Deus, de alma e corpo.

MATERIAIS

- Cartolina em forma de coração (catequeses anteriores);
- Figura de Jesus em oração (catequeses anteriores);
- Cartolina com os nomes e fotografias das crianças e catequistas (catequeses anteriores);
- Dísticos: “Pais/Mães”, “Jesus”, “Deus”, “Pai Nosso que estais nos Céus” (catequeses anteriores);
- Dísticos: “Senhor”; “O Senhor salva”; “Santificado seja o vosso nome”;
- Bíblia;
- Dois castiçais;
- Canetas/esferográficas.

MÚSICAS

- Vós, Senhor, sois o nosso Pai;
- Pai Nosso que estais nos Céus;
- Santo, Santo, Santo é o Senhor (J. P. Martins).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: como na catequese anterior, a cartolina em forma de coração, com a imagem de Jesus em oração e, acima do coração, os dísticos (em ordem ascendente) “Deus”, “Jesus”, “Pais/Mães”; sobre a imagem de Jesus (peito) o dístico “Pai Nosso que estais nos Céus”; em volta (de fora) do coração, as cartolinas com os nomes e fotografias das crianças e catequistas.
- *Na mesa*: a Bíblia, aberta em Jo 17, 17-19 (ladeada de dois castiçais apagados, para a 2ª alternativa da experiência humana).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Então, os vossos pais já receberam as vossas cartas? E como reagiram eles? Que fizeram e disseram? (*Ouvir as crianças e, conforme a resposta, adaptar as seguintes palavras*):
Que bonito! Vós comunicastes aos vossos pais aquilo que eles vos mostram: ao serem bons pais e boas mães estão a mostrar-nos como Deus é nosso Pai; ao serem

bons pais e boas mães, estão a mostrar-nos como Deus é nosso Pai. Ele é que coloca no coração dos pais e mães o amor que eles nos têm.

Por isso, quanto mais rezam a Deus, nosso Pai que está nos Céus, mais bons pais e mães eles são. E até são bons para outras pessoas que não fazem parte da vossa família, mas que precisam de amor e carinho (*se as crianças deram testemunhos neste sentido, exemplificar com isso*).

Acho que todos devemos estar muito contentes e agradecidos a Deus nosso Pai que está nos Céus. Não lhe querem agradecer?

Então vamos cantar-lhe o **cântico** que aprendemos na última catequese: **“Vós, Senhor, sois o nosso Pai”**. Mas hoje vamos cantá-lo com gestos novos.

É assim: quando cantamos pela 1ª vez, “Vós, Senhor”, juntamos e erguemos as nossas mãos (*o catequista ergue as mãos*) e, ao mesmo tempo, inclinamos o nosso corpo para baixo (*o catequista exemplifica*). Ora façam lá...

Depois, quando cantamos, a 1ª vez, “sois o nosso Pai”, cruzamos as mãos abertas sobre o coração (*o catequista exemplifica*). Façam também...

Muito bem. Agora passamos à repetição das mesmas palavras, mas com gestos diferentes: quando dizemos pela 2ª vez “Vós, Senhor”, levantamos as mãos, os braços e os olhos para o alto (*o catequista exemplifica*); e quando cantamos pela 2ª vez “sois o nosso Pai”, damos as mãos uns aos outros. Experimentem lá: olhos e braços para o alto... e agora de mãos dadas.

Experimentemos agora, do principio ao fim, ao mesmo tempo que cantamos...

Uma vez que já todos sabemos, então ponham-se de pé e, com muito respeito para com Deus, cantemos com o nosso corpo todo:

“Vós, Senhor, sois o nosso Pai” (*refrão e 4ª estrofe*).

2. Podem sentar-se. Foi muito bonito: cantámos a Deus nosso Pai pelos pais que Ele nos dá e para que sejam melhores pais e melhores mães.

Agora digam-me: perceberam o significado de todos os gestos que fizemos quando cantámos? Começemos pelos últimos:

– Porque nos demos as mãos, no fim?

Exacto: quando rezamos a Deus nosso Pai, somos irmãos e irmãs uns dos outros; irmãos que se amam como Deus nos ama.

– E porque levantámos as mãos para o alto?

Porque Deus está nos Céus; isto é, é muito melhor do que qualquer pai e mãe da terra.

– E porque juntamos as mãos no coração?

Óptimo! Para significar o amor: o amor de Deus e o amor que Ele põe no coração dos que lhe rezam.

– Só falta um gesto: porque erguemos as mãos e baixámos o corpo, quando cantámos pela 1ª “Vós Senhor”? Quem é capaz de adivinhar?

Querem saber ao certo porquê? Por que razão, quando dissemos a palavra “Senhor”, erguemos as mãos e inclinámos o corpo?

Vamos todos ver. Mas vamos cantar primeiro as palavras “**Pai Nosso que estais nos Céus**”.

Depois de cantarem uma vez:

Agora ponham-se de pé e voltemo-nos todos para a porta da sala (se for a 1ª alternativa:)

1ª

Alternativa

Grupo grande

*Um catequista ou uma criança, previamente preparada e precedida de duas com os castiçais acesos, entra, lentamente, na sala com o **dístico “Santificado seja o vosso nome”**, à altura do peito e voltado para a frente, ao mesmo tempo que todos cantam: “**Pai Nosso que estais nos Céus**”*

(refrão e 1ª estrofe... e outras até o catequista recebe o dístico e o afixar no placar por baixo do anterior “Pai Nosso que estais nos Céus”. As outras crianças pousam os castiçais de cada lado da Bíblia, afastam-se para os lugares e todas se sentam).

2ª

Alternativa

Grupo pequeno

*Em vez do cortejo, o catequista acende os castiçais e pode chamar uma criança à frente, coloca nas suas mãos o **dístico “Santificado seja o vosso nome”**, que o mantém à altura do peito, voltada para as outras crianças, e todos cantam:*

“Pai Nosso que estais nos Céus” (refrão e 1ª estrofe).

Findo o cântico, o catequista afixa o dístico, manda a criança para o lugar e que todas as outras se sentem.

II. PALAVRA

1. Ainda não se esqueceram da pergunta:

Que significa ter as mãos juntas e erguidas (o catequista faz o gesto)?

Significa que estão, como numa seta, a apontar para o alto, para Deus.

E porque inclinamos o corpo?

É em sinal de respeito. Faz-se muitas vezes, na igreja e até fora da igreja. Para mostrar o respeito por alguém, inclinamo-nos diante dessa pessoa.

Mas hoje, inclinamo-nos quando cantámos uma palavra. Qual é?

E já sabiam que “Senhor” é um dos nomes mais antigos que as pessoas dão a Deus?

O catequista afixa, a seguir ao dístico “Deus”, o dístico “Senhor”.

E porque lhe chamamos “Senhor”?...

Porque é Ele quem manda no mundo; foi quem tudo criou, os astros, as plantas, os animais; é Ele quem mais nos ama. Tanto, tanto, que nos deu Jesus. Por isso, lhe chamamos “Senhor”.

Querem cantar-lhe outra vez, com os gestos que aprendemos?

Então ponham-se de pé.

“Vós, Senhor, sois nosso Pai” (*refrão e 2ª estrofe*).

2. Podem sentar-se. Mas nós também chamamos Senhor a Jesus. Sabem porquê? Porque Jesus é o Filho mais amado por Deus. Tanto, que Ele pode fazer, bem e totalmente, as coisas de Deus. Deus está presente nele.

Olhem: até no nome “Jesus” está a Palavra “Senhor”. Ou melhor, aquela palavra que, na língua de Jesus, corresponderá à nossa palavra “Senhor”. Por isso, o nome “Jesus” quer dizer...

O catequista em vez de dizer, afixa a seguir a “Jesus” o dístico “O Senhor salva” e deixa contemplar...

Jesus quer dizer, na nossa língua, “o Senhor salva”: Deus, o Senhor, salva-nos sobretudo através de Jesus. Querem louvá-lo por isso?

Então, de pé, cantemos com o corpo todo:

“Vós, Senhor, sois o nosso Pai” (*refrão e 1ª estrofe*).

3. Podem sentar-se.

Sabem o que é que nós temos estado a fazer com este cântico, cantado como a nossa oração e com os gestos de respeito?...

Olhem para o placar e para as últimas palavras que lá afixámos.

Querem ler todos, ao mesmo tempo, comigo?

“Santificado, seja o vosso nome”.

E agora outra vez, mas desde o princípio da oração:

**“Pai Nosso que estais nos Céus
Santificado seja o vosso nome”**

Pois bem, com a nossa oração, feita com o corpo todo, já estávamos a santificar o nome de Deus, nosso Pai que está nos Céus.

Porque nos inclinámos com respeito ao nome de Deus... que é? – Senhor!
Porque reconhecemos que Ele merece todo o nosso respeito. E merece, porque é diferente de nós. Ele pode tudo, Ele é o maior amigo de todas as pessoas, Ele ama a todos mais do que qualquer pessoa aqui da terra. Por isso é que dizemos que é “Santo”. “Santo” quer dizer que é diferente de nós, muito, mesmo muito melhor do que nós.

Já tínhamos ouvido esta palavra “Santo”? (*Deixar que se expressem e orientar as respostas para o seguinte*):

Nós, na missa, até cantamos esta Palavra “Santo”, dizendo por exemplo, que “Santo é o Senhor”. Querem cantar?...

O catequista ensaia o cântico e pode acompanhá-lo com gestos: “Santo” de olhos e mãos erguidas para o alto, “Senhor” mãos erguidas e corpo inclinado.

“Santo, Santo, Santo é o Senhor” (*J.P. Martins ou outro*).

4. Mas nós usamos a palavra “Santo” também para outras pessoas (*se as crianças referiram alguma, recordar*).

“Santas” são as pessoas que mais amigas são de Deus. São seus amigos porque são santificados por Ele: tornam-se boas amigas, como Deus.

Sabem quem é a pessoa mais santa?

É Jesus, Jesus é santo e santificou o nome de Deus, manifestando a maior amizade e o maior respeito para com Deus. E fez com que outras pessoas ganhassem a mesma amizade e o mesmo respeito por Deus. Porque Ele sabia que, quanto mais amizade e mais respeito têm para com o Deus Santo, para com o Senhor, mais felizes essas pessoas são.

E até rezou a Deus por esses seus amigos.

Querem ouvir um pedacinho dessa oração?

Então ponham-se de pé. E agora, para ouvirmos com mais respeito, cantemos o cântico que acabámos de aprender (*com gestos*).

“Santo, Santo, Santo é o Senhor” (*só o refrão*).

E então ouçam:

O catequista lê lentamente de Jo 17, 17-19:

“Naquele tempo,

Jesus rezou assim a Deus, seu Pai:

«Pai Santo,

Santifica na verdade

Aqueles que Tu me deste.

A tua Palavra é a verdade.

**Tu me enviaste ao mundo
E também eu os enviei ao mundo
E por eles eu me santifico a mim mesmo
para que também eles sejam santificados
na verdade»”.**

Cantemos outra vez (*com gestos*)

“Santo, Santo, Santo é o Senhor”

5. Sentem-se. Jesus acaba de rezar por nós. Que bom. Pediu a Deus para que Ele, o Pai Santo, nos santifique: nos ajude a viver na verdade, isto é, segundo as palavras que Ele nos disse: a viver no amor. Quanto mais amamos os outros, mais santos somos e mais ajudamos os outros a serem santos. Querem assim ser santos e ajudar os outros a santificarem o nome de Deus nosso Pai?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Então vamos fazer assim: eu vou dizer outra vez a oração que Jesus fez por nós. E vós respondeis com o **cântico “Pai Nosso que estais nos Céus”**. Mas agora com as mãos levantadas para o alto, para Deus, o nosso Pai que está nos Céus. De acordo? Então ponham-se de pé. Voltemos os olhos para Jesus e cantemos com Ele:

Crianças: “Pai Nosso que estais nos Céus”.

Catequista (*De lado e voltado para a figura de Jesus a rezar:*)

**“Pai Santo,
santifica na verdade
estes meninos e meninas
que são teus e querem ser santos”.**

Crianças: “Pai Nosso que estais nos Céus”.

Catequista:

**“Pai Santo,
Santifica também todos os cristãos
que andam pelo mundo além
para que vivam segundo a tua Palavra
e sejam cada vez mais Santos
em união contigo, Pai Santo.”**

Crianças: “Pai Nosso que estais nos Céus”.

Catequista:

**“Pai Santo,
santifica de modo especial
os pais, avós, familiares e amigos
destes meninos e meninas
para que, juntamente com eles,
vivam segundo a Tua Palavra
e sejam cada vez mais santos
em união contigo, Pai Santo”.**

Crianças: “Pai Nosso que estais nos Céus”.

Catequista: *(canta a 1ª estrofe):*

**“Como Jesus nos revela,
assim aclamamos Deus:
Santo, Santo é o vosso nome
Pai Nosso que estais nos Céus”.**

Todos: “Pai Nosso que estais nos Céus”.

2. Podem sentar-se. Depois desta oração feita por Jesus, ficamos todos mais santos. E agora todos merecem receber uma folhinha com mais este pedaço da oração que Jesus nos ensinou.

O catequista distribui a segunda peça do “puzzle” com o Pai Nosso.

O que está aí escrito?

Então digam todos: **“Santificado seja o vosso nome”**.

Muito bem. É uma folha muito preciosa. Não a percam.

Mas ainda a podemos fazer mais bonita. Querem saber como?

É assim: do outro lado da folha vão escrever o vosso nome, que é para nunca a perderem. A folha é vossa.

Mas vão escrever também um outro nome. Qual será?

*Se todas as crianças tiverem nomes de que haja Santos com o mesmo nome, o catequista propõe que escrevam o nome desse Santo. Senão, convida-as a escrever o nome do Santo patrono da paróquia. Neste caso e se for possível, podem passar pela igreja para verem a imagem desse Santo, junto da qual podem cantar o **“Santo, Santo, Santo é o Senhor”**. Para além do nome, convida a procurarem, junto dos pais ou outras pessoas, saber outros dados da sua vida: quando e onde viveram, o que fizeram, quando morreram, etc., e a escrevê-los no verso da cartolina e a trazerem-na, no próximo encontro de catequese.*

“VENHA A NÓS O VOSSO REINO”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Reino

Discute-se se é de aplicar este termo à realidade que é objecto da pregação e da actividade messiânica de Jesus. Antes de mais, porque a palavra grega correspondente (“Basileia”), usada no Novo Testamento, pode traduzir-se de diversos modos: por “realeza”, a dignidade e regime monárquico; por “reino”, o estado ou território com regime monárquico; e por “reinado”, o governo ou domínio exercido por um soberano. Defendem alguns, e com razão, que só o último significado é adequado ao que Cristo anunciou e inaugurou: “o reinado de Deus”, que nem se confina a um território, mas é universal, nem se trata de uma simples dignidade, mas do seu exercício.

Mas, mesmo traduzido por “reinado”, há ainda quem ache tratar-se de uma linguagem inadequada para os nossos dias. Já não vivemos no tempo da monarquia, e as que temos por mais perfeitas que sejam, dificilmente são de associar ao que Deus, o Deus de Jesus Cristo, realmente é. Como imaginar o esplendor, a riqueza, para não falar em comportamentos morais pouco dignos, num Deus que se fez pobre, humilde, solidário com os mais miseráveis e sujeito ao patíbulo mais ignominioso e doloroso da cruz? Não está isso em radical contradição com o modo como foi e continua a ser exercido o poder em regimes monárquicos?

Mas outros, entretanto, contrapõem: e será muito diferente o que se passa noutros regimes considerados mais democratas, isto é, em que o poder está nas mãos do povo. Na prática a diferença está apenas no modo de chegar ao poder. A partir daí pouco se distinguem. A não ser que...

Para já, o principal problema não parece ser de linguagem. Há muito que “reino” e “reinar” passaram a ser usados em sentido figurado e metafórico. Basta consultar um dicionário, sobretudo idiomático, para ver a gama de aplicações que esses vocábulos têm.

O problema situa-se, sim, ao nível daquilo que é expresso por tal linguagem. Um problema antiquíssimo: já em Israel, quando se pensou adoptar o regime monárquico, no séc. XI a.C., houve uma forte oposição. Porque, noutros estados em que estava vigente, os monarcas eram mesmo aquilo que o termo, na sua origem etimológica, exprime: só eles (“mono”) exerciam o poder, e de um modo tão absoluto que se arrogavam dignidades divinas, procuravam controlar as divindades a seu belo prazer. Daí a oposição em Israel e o aparecimento do profetismo, onde, como voz crítica de Deus durante todo o tempo da monarquia, se defendia que o único Rei a que todo o povo, incluindo o rei terreno, se devia submeter, era Deus.

E é exactamente nessa perspectiva que se situa a actividade e a mensagem de Jesus Cristo:

2. O Reino de Deus

É assim que o “Evangelho” segundo S. Marcos, dos quatro o único que assim intitula o seu livro, sintetiza o “Evangelho” anunciado por Jesus Cristo, Filho de Deus: “Completo-se o tempo, e o Reino (no sentido de reinado) de Deus está próximo (ou está em aproximação): arrependei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1, 15). O anúncio da intervenção salvífica de Deus, esperada havia séculos, é completado com a exortação à fé e à conversão. A conversão ou inversão no modo de pensar (metánoia) e de agir é o pressuposto para a fé, a total sujeição a Deus.

E assim acontece no resto do Evangelho: Jesus, aos sinais do reino, expressos nas suas acções poderosas contra todas as manifestações do mal, junta sempre, de um modo explícito ou implícito um convite à entrega de fé ao Deus que nele se revela e actua. Sem fé, não há milagres.

Não que Jesus fosse incapaz de os realizar, mas porque o objectivo último, nas suas intervenções, era levar a que Deus realmente passasse a reinar, a exercer o seu domínio salvífico, naqueles que acolhem a sua mensagem e eram beneficiários do bem que realizava.

Esta é, de resto, uma constante em todos os outros Evangelhos. Por exemplo, em Jo 3, 1ss, no diálogo entre Jesus e Nicodemos. Quando este manifestava a sua admiração pelos “sinais” (o termo joanino para os milagres) realizados por Jesus, este responde: “Em verdade, em verdade te digo: quem não renascer do Alto não pode ver o Reino de Deus”. E “renascer do Alto” é “nascer da água e do Espírito”. Isto é, do Espírito de Deus que tem na água um dos símbolos mais tradicionais e significativos e que é parte integrante do sacramento do renascimento espiritual, o Baptismo. Quer dizer que só quem acolhe este Espírito vivificante, oferecido por Jesus, com os seus milagres e as palavras que os acompanham, só esse participa no Reino de Deus. Só quem aceita o reinado de Deus em toda a sua vida, passa a usufruir dos bens que só Deus pode dar: em última análise, da vida eterna, experimentada já neste mundo, por um amor ilimitado, aquele que tem a sua expressão máxima na total entrega da vida, realizada por Jesus na sua morte e glorificação.

É com base nisto que Jesus, em Lc 17, 20-21, a quem lhe perguntava: “quando chegaria o Reino de Deus”, responde:

3. “O Reino de Deus está entre vós”

A preposição traduzida por “entre” é susceptível de ser traduzida de outros modos, entre eles por “em”. Neste caso poderia ser entendida numa perspectiva pessoal: está em cada crente que, pela fé, se sujeita totalmente ao Deus anunciado por Jesus Cristo, deixa que Ele exerça o seu domínio sobre ele... e por meio dele.

E, na medida em que cada crente se une aos outros crentes pelo mesmo amor que recebe de Deus, “entre” eles passa também a estar presente o “Reino de Deus”. É nesse sentido que na *Lumen Gentium* se afirma: “o Reino de Cristo já está misteriosamente presente na Igreja (3); ela é o “gérmen e princípio do mesmo Reino na terra” (5). É o gérmen e princípio, na medida em que nela se vive de Cristo, a maior concretização e manifestação do domínio de Deus na terra; na medida em que ela o reconhece como “Senhor”, o título divino originariamente dado a Deus, como Cabeça de que ela, com cada um dos seus membros, é o Corpo.

Mas a Igreja é também “gérmen e princípio do Reino de Deus”, na medida em que a Ele totalmente sujeita, o anuncia pela Palavra e sobretudo pela vida: se torna, internamente, expressão viva do amor de Cristo e, externamente, o põe em prática numa total entrega, sobretudo aos carenciados de qualquer espécie de bem, material e espiritual... e, por essa entrega, os conquista para a conversão, à fé no único Deus vivo e verdadeiro.

Para isso, precisa do reinado da oração: de, no seu conjunto e em cada um dos seus membros, humildemente reconhecer as suas fraquezas, fragilidades e limitações e, conseqüentemente, se confiar ao único Deus, para que Ele reine mais e mais sobre ela e nela. Neste sentido, a oração é parte integrante, imprescindível, do Reino de Deus.

Por isso Jesus nos deixou o Pai Nosso, a oração por excelência do Reino de Deus. E não é por acaso que no centro da primeira parte está a prece: “Venha a nós o vosso Reino”. De facto, é para ela que confluem os dois pedidos envolventes: “Santificado seja o Vosso nome” e “Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no Céu”: quanto mais santificado for o Seu nome e mais feita for a Sua vontade, mais Deus reina.

Não se esqueça, porém, que este reinado de Deus só se manifestará em plenitude, quando Cristo voltar, na sua última vinda, para estabelecer, definitivamente e para todos, o Reino de Deus que já iniciou e, felizmente, já está entre nós. É nesta esperança, fundada na fé, que ousamos pedir: “Venha a nós o vosso Reino”. É que “esta petição é o «Maranatha», o clamor do Espírito e da esposa: «Vem, Senhor Jesus!»” (CIC 2817) – o grito que nos faz viver, nomeadamente, com e para as crianças que nos foram confiadas, na expectativa do Reino de Deus.

OBJECTIVOS

- Acolher a petição “Venha a nós o vosso Reino” e compreender o seu significado;
- Aperceber-se de que o Reino de Deus já começou com Jesus;
- Rezar e comprometer-se para que o reino de Deus se manifeste no mundo de hoje.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Uma vez que todas as petições da oração dominical estão interligadas e se completam mutuamente, a catequese começa por colocar as crianças a rezar a prece apresentada no encontro anterior: a santificação do nome de Deus é já um contributo para que o seu Reino se torne mais real entre nós. É, por isso, nesse contexto, que é solenemente apresentada a petição “Venha a nós o vosso Reino”. O ambiente de oração em que é acolhida já é uma participação activa naquilo que, por ela, é pedido a Deus.
2. Na base desta prece está a convicção de que o Reino de Deus já começou em Jesus. Por isso, a prece é explicada e situada na actividade messiânica de Jesus. Uma actividade que é continuada, até aos nossos dias, pela Igreja a que pertencemos.
3. Tratando-se de uma tarefa que só podemos realizar em comunhão de fé com Deus, a oração é imprescindível. Por isso, o compromisso no estabelecimento do Reino de Deus tem de estar intimamente ligado à oração. Por esta, se feita com fé, Deus já começa a reinar em nós, para nos capacitar para a realização no compromisso assumido. Dê-se, por isso, muito relevo à expressão de fé conclusiva.

MATERIAIS

- Cartolina em forma de coração (catequese anteriores);
- Figura de Jesus em oração (catequese anteriores);
- Dísticos: “Pais/Mães”, “Jesus”, “Deus”, “Pai Nosso que estais nos Céus” e “Santificado seja o Vosso nome” (catequese anteriores);
- Cartolinas com os nomes e fotografias das crianças (catequese anteriores);
- Dístico: “Venha a nós o vosso Reino”;
- Imagens de situações e pessoas, indicativas de sofrimento;
- Pagelas com a prece “Venha a nós o vosso Reino” (do puzzle do Pai Nosso), uma para cada criança;
- Bíblia;
- Dois castiçais;
- Canetas/esferográficas.

MÚSICAS

- Santo, Santo, Santo é o Senhor (catequese anterior);
- Jesus Cristo é Senhor;
- Pai Nosso que estais nos Céus;
- CD com o Pai Nosso, na melodia oficial usada na liturgia.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: como nas catequeses anteriores, ao centro, está a cartolina em forma de coração (de Deus) e, sobre ela, a imagem de Jesus em oração, com os dísticos (em ordem descendente) “Pai Nosso que estais nos Céus” e “Santificado seja o Vosso nome”; ao alto e fora do coração, os dísticos (em ordem descendente): “Pais/Mães”, “Jesus” e “Deus”. Em volta do coração, as cartolinas com os nomes e fotografias das crianças e dos catequistas.
- *Na mesa*: a Bíblia (e, na 2.^a alternativa da experiência humana, dois castiçais apagados).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Trouxeram as folhinhas que receberam na última catequese (*se ninguém trouxe, servir-se do placar*)? Que está escrito nelas? Primeiro lemos todos, ao mesmo tempo, as palavras de Jesus:

“Santificado seja o Vosso nome”.

E lembram-se ainda do **cântico** com que acompanhámos essas palavras de Jesus? Aquele cântico que, às vezes, escutamos na missa?

“Santo, Santo, Santo é o Senhor” (*refrão e 1.^a estrofe*).

Querem cantá-lo com gestos? “Santo” de braços abertos; “Senhor”, de mãos erguidas e corpo inclinado.

Então ponham-se de pé. Olhemos para a figura de Jesus no placar... e agora cantemos todos ao mesmo tempo:

“Santo, Santo, Santo é o Senhor” (*refrão e 1.^a estrofe*).

2. Podem sentar-se. Agora digam o que escreveram do outro lado. Além do vosso nome, escreveram mais algum nome?

O catequista deixa que todas as crianças digam pelo menos o nome do Santo que escreveram. Se não forem muitas as crianças, deixa também que indiquem outros dados da vida dos respectivos Santos. Se for o Santo patrono da paróquia, devem fazê-lo.

Essas pessoas, além do nome que têm, são chamadas também “Santos”. Porquê?

Porque durante toda a sua vida santificaram o nome de Deus. Louvavam a Deus, como nós acabamos de fazer.

Querem fazer outra vez? Agora em união com todos esses santos e muitos outros... De pé, em sinal de respeito:

“Santo, Santo, Santo é o Senhor” (*refrão e 2.^a estrofe*).

Podem sentar-se. Há um outro cântico que todos os santos também gostavam muito de cantar. É que esse cântico também nos ajuda a sermos santos, porque nos mostra o que Jesus fez para que as pessoas sejam mais amigas de Deus e sejam mais santas.

Nós já o aprendemos e cantámos aqui. Vamos ver se ainda se lembram dele. É este:

“Jesus Cristo é Senhor”.

Querem cantá-lo?

“Jesus Cristo é Senhor”.

Depois de todos cantarem o refrão, o catequista diz:

E como é que Jesus nos trouxe de Deus, seu Pai, um reino só de amor, um reino só de paz?

Sim, foi de muitas maneiras. Uma delas podemos vê-la já.

Vamos pôr-nos de pé e cantemos outra vez:

“Jesus Cristo é Senhor”.

Depois de cantarem o refrão, o catequista, para a 1.^a alternativa, convida as crianças a voltarem-se para a porta da sala:

**1^a
Alternativa**

Grupo grande

*Como nas duas catequeses anteriores, uma criança, previamente preparada, entra da parte de fora da sala com o **dístico**: “**Venha a nós o vosso Reino**”, à altura do peito, precedida de duas outras crianças com os dois castiçais acesos. Caminham lentamente para junto da mesa. Durante o cortejo, todas cantam, ao ritmo das palmas, o **cântico**:*

“Jesus Cristo é Senhor” (*refrão e estrofes suficientes para o cortejo*).

Chegadas junto da mesa, a criança que transporta o dístico, no meio das que levam os castiçais, mostra-o às restantes, até terminarem o cântico. Depois, o catequista afixa-o no placar por baixo do anterior: “Santificado seja o Vosso nome”. As crianças voltam a sentar-se.

2ª
Alternativa

Grupo pequeno

Em vez do cortejo, o dístico “Venha a nós o vosso Reino” é apresentado junto da mesa. Pode ser apresentado pelo catequista ou, de preferência, por uma criança. Num caso ou no outro, é ladeado por duas crianças com os castiçais que o catequista acende. Durante a apresentação, todas cantam:

“Jesus Cristo é Senhor” (refrão e 1.ª estrofe).

Depois do cântico, o catequista afixa o dístico no lugar indicado na 1.ª alternativa. Pousados os castiçais, um de cada lado da Bíblia, todos se sentam.

II. PALAVRA

1. Foi lindo, não foi? Jesus a trazer-nos aquelas palavras para nós rezarmos, e nós a recebê-las a cantar, batendo as palmas, que Ele nos traz um reino só de amor e só de paz.

Querem ler comigo as palavras de Jesus? Então digamos todos ao mesmo tempo:

“Venha a nós o vosso Reino”.

São palavras que nós rezamos a Deus, nosso Pai. Querem dizê-las todas, desde o princípio? Então digamos:

**“Pai Nosso que estais nos Céus,
Santificado seja o Vosso nome,
Venha a nós o vosso Reino”.**

2. Mas, antes de Jesus nos ensinar esta oração, Ele já tinha começado a mostrar como é que o Reino de Deus, seu Pai, vem até nós. Talvez já não se lembrem. Mas eu ajudo. Abram os vossos catecismos na catequese 11. (O catequista indica a página e recorda às crianças o primeiro anúncio do reino de Deus, feito por Jesus).

Jesus, depois do seu Baptismo e de S. João Baptista ter sido preso, começou a dizer essas palavras que estão escritas no vosso catecismo. Leiam todos comigo:

“O Reino de Deus está próximo:
convertei-vos e acreditai no Evangelho”.

O Evangelho era a Boa Notícia que Ele dizia em todos os lugares por onde passava.

3. Mas Jesus não se limitava a anunciar o Reino de Deus: aquilo que Deus faz para que as pessoas vivam felizes.

Não. Ele também fazia muitas pessoas felizes, afastando delas os males que as faziam sofrer. E que fazia Ele?

Não posso aqui contar tudo. Mas posso dizer o que aconteceu um dia, quando João Baptista ainda estava preso.

Pois bem, João Baptista, mesmo na prisão, tinha ouvido dizer o que Jesus andava a fazer. E queria certificar-se se era mesmo verdade: se Jesus era mesmo enviado por Deus, seu Pai. Então, mandou uns amigos dele junto de Jesus.

E querem saber o que respondeu Jesus? Eu leio.

*O catequista convida as crianças a levantarem-se e lê em **Mt 11, 4-5**:*

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Mateus”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

“Jesus respondeu aos enviados de João Baptista:

«Ide contar a João o que vedes e ouvis:

Os cegos vêem e os coxos andam,

os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem,

os mortos ressuscitam

e a Boa Nova é anunciada aos pobres».

Depois de uma brevíssima pausa o catequista comenta:

Estão a ver? Jesus curava os cegos, os coxos e outros doentes e ajudava os pobres. Afastava o que fazia sofrer as pessoas. Isto é já o Reino de Deus.

Então cantemos:

“Jesus Cristo é Senhor” (só o refrão e batendo palmas).

Mas, mesmo assim, ainda havia pessoas que duvidavam se era mesmo o Reino de Deus. E perguntavam a Jesus, quando é que o Reino de Deus havia de chegar.

Ouçam a resposta de Jesus, do Evangelho segundo **S. Lucas (17, 21)**:

«Reino de Deus está entre vós».

Palavra da Salvação”.

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

4. Podem sentar-se. Ouviram bem? O Reino de Deus está entre nós. Como é que ele está entre nós?

Está dentro das pessoas que conhecem e amam Jesus. E está entre elas, se elas fazem como Jesus: se elas se amam umas às outras, se vivem em paz umas com as outras. Então sim: aí está já o Reino de Deus, porque aí está Jesus.

Mas será que isso acontece em toda a parte?

*O catequista pode mostrar duas ou três **imagens actuais de cenas de guerra, de pobreza e miséria** e pergunta:*

Pois bem, é por isto que Jesus nos manda rezar as palavras que hoje nos trouxe. Para nunca mais nos esquecermos delas, vamos todos dizê-las outra vez e aos mesmo tempo:

“Venha a nós o vosso Reino” (*pode repetir-se*).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista afixe ou encoste, ao fundo do placar, as imagens que mostrou antes de dizer às crianças o seguinte:*

De certeza que conhecem outros casos de pessoas a sofrer: umas por causa de doenças, outras porque são desprezadas e abandonadas. Por exemplo, alguns velhinhos.

Depois, há pessoas que andam sempre zangadas umas com as outras. Eu sei lá, há tanto mal ainda por aí. Às vezes até bem perto de nós e, quem sabe, até nas nossas famílias.

Querem pensar um bocadinho nalgum caso que conheçam, nem que seja pela televisão. Mas o melhor é serem pessoas bem perto de nós, pessoas que por qualquer razão andam a sofrer.

Então pensem lá um bocadinho, cada um para si. Para não se distraírem até podem fechar os olhos.

2. Depois de algum silêncio, o catequista distribui por cada criança a **pagela**, do “puzzle” do Pai Nosso, com a prece: **“Venha a nós o vosso Reino”** e diz:

Nessa folha está a parte da oração que Jesus hoje nos ensinou: “Venha a nós o vosso Reino”.

Na parte de trás está em branco. Mas é aí que cada um de nós vai escrever casos daqueles em que estiveram a pensar: casos de pessoas a sofrer e às quais ainda não chegou o Reino de Deus, trazido por Jesus.

Se algum não for capaz de escrever, diga-me, que eu ajudo.

*Pode colocar-se como **música de fundo** a melodia e a letra do Pai Nosso, já usada na catequese 13.*

3. Depois de todas as crianças escreverem, o catequista convida-as à oração:

Agora vamos rezar por essas pessoas que escreveram nas vossas folhas. De acordo? Rezemos para que o Reino de Deus, de paz e de amor, venha também para elas.

Fazemos assim: cantamos o princípio da oração que Jesus nos ensinou: **“Pai Nosso que estais nos Céus”** e, depois, aqueles que quiserem, lêem o que escreveram na sua folha. E depois de alguns lerem, voltaremos a cantar “Pai Nosso que estais nos Céus”.

Conforme o número de crianças, juntem-se as suas folhas, de modo que o refrão seja cantado não mais do que quatro ou cinco vezes. Se poucas ou nenhuma criança ler a sua prece, o catequista leia o que escreveu e, se necessário, formule uma ou duas orações, baseando-se, por exemplo nas imagens mostradas: Antes de cantarem o refrão pela última vez, pode cantar-se a seguinte estrofe:

**“De tudo sois origem
Pai Nosso que nos dais vida:
Dais a toda a humanidade
Vossa paterna guarida”.**

4. Sentem-se. Sabem uma coisa: com esta nossa oração, tão bem feita, já estivemos a fazer, ainda que pouco, para que o Reino de Deus venha, e porque, ao rezar ao Pai do Céu, estivemos unidos a Jesus. E onde Jesus está, está lá Reino de Deus. Por isso, Ele está, certamente, contente connosco.

Mas ainda vai ficar mais contente se cada um de nós fizer uma coisa que eu vou dizer. Querem ouvir?

É assim: cada um de vós vai fazer alguma coisa por aqueles que escreveram na folha: por aquela pessoa ou pessoas que aí escreveram e por quem já rezámos. Mas não basta rezar, Jesus também rezava e depois fazia o bem.

Estão dispostos a fazer alguma coisa? Uma visita, uma palavra, ou ao menos rezem por ela(s) todos os dias. Estou para ver quem faz alguma coisa. Ou melhor, Jesus é que está para ver. E tragam a folha para o próximo encontro. É para ver quem faz alguma coisa pelas pessoas aí escritas.

E aquela folha que receberam na outra catequese, tragam-na também. É que ela vai também ser muito precisa.

E uma vez que hoje nos portámos tão bem, acolhendo a Jesus, a sua oração e o seu Reino, proponho que cantemos outra vez:

“Jesus Cristo é Senhor” (*refrão batendo palmas*).

“SEJA FEITA A VOSSA VONTADE”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Pelos seus frutos os conhecereis”

É com estas palavras que Jesus responde a uma questão já antiga e sempre actual: como se distinguem os verdadeiros dos falsos profetas, aqueles que se “apresentam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes” (Mt 7, 15). Apresentam-se hoje, por exemplo, à frente de seitas, formadas à revelia do cristianismo oficial ou de outras religiões, com o fim de extorquir as fontes de vida, tantas vezes já escassas, de pessoas a braços com problemas de toda a espécie. Apresentam-se talvez dentro da própria Igreja, servindo-se dos meios mais sagrados da transmissão da graça divina de que ela é depositária, para proveito exclusivo ou, pelo menos, prioritário daqueles que os administram.

Um pecado, em muitas situações, sacrílego, em que, facilmente, se pode cair... como culpado e como vítima. Com a agravante de os culpados, quando descobertos, se desacreditarem não apenas a si próprios, mas de levarem à rejeição da mensagem que anunciam e, pior ainda, do Deus de que se servem.

Nesta perspectiva, o leque de prevaricadores é muito mais largo do que o daqueles que se apresentam com pretensões proféticas. Qualquer cristão que reduza a sua prática cristã aos momentos que passa dentro das paredes de um templo e que, no dia-a-dia, leva uma vida contrária àquilo que aí lhe é oferecido, prova, de facto, dar maus frutos. E tem que, no mínimo, pôr-se a si próprio a questão se não é mesmo uma árvore má. É que a “árvore boa não pode dar maus frutos, nem a árvore má dar bons frutos”, diz-nos ainda Jesus; “E toda a árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo” (Mt 17, 18-19), a não ser que, entretanto, receba um enxerto que transforme radicalmente a seiva que corre dentro dela, para se tornar uma árvore que dê bons frutos. Deus não cessa de oferecer a sua graça, e a conversão, da parte do ser humano, é possível a todo o momento. Na história, não faltam casos desses, até aos nossos dias.

É uma questão, esta da árvore e dos seus frutos, que se põe também em relação à catequese, ou, se preferirmos, à evangelização: aos catequizandos e aos catequistas. Se a vida destes não corresponde, pelo menos por um esforço sério e persistente, à mensagem de que são mediadores... Se a mensagem não se manifesta ao vivo na sua prática da vida, então devem perguntar-se a si próprios se não estão a ser falsos profetas, ou em vias disso; e se os frutos que produzem não acabarão por produzir sementes de que, por sua vez, nascem árvores más, com maus frutos ou sem frutos nenhuns. Perante os resultados de tantas caminhadas catequéticas, desde a infância, passando pela adolescência e até à juventude, a questão não pode deixar de colocar-se... a partir das advertências que o Senhor Jesus continua a fazer-nos:

2. “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor”...

“...Entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos Céus” (Mt 7, 21).

São palavras inseridas na parte final do chamado “Sermão da Montanha”, isto é, proferido por Jesus no “monte” da revelação de Deus (Mt 5, 1). E porque vêm de Deus apresentam-se com uma radicalidade, nas suas promessas e nas suas exigências, ao nível de quem as faz.

Prometem uma vida plenamente feliz a quem se reconhece “pobre em espírito” (Mt 5, 3), isto é, carente da vitalidade que tem a sua fonte última no Espírito, o sopro vital do Deus vivo e verdadeiro.

Uma vida feliz, porque o mesmo Deus leva aqueles, que a Ele se abrem e se entregam pela fé, à prática de uma “misericórdia” que nasce de um “coração puro” e conduz à construção da verdadeira paz, mesmo tendo que enfrentar “perseguições por causa da justiça” que anunciam e põem em prática (5, 7-10)... para serem “sal da terra” e “luz do mundo”: pelas suas “boas obras”, podem levar os que as vêem e delas usufruem a glorificar o Pai que está nos Céus (5, 13-16).

Uma vida plenamente feliz, porque de acordo com as palavras da “Lei e os Profetas”, como é proclamada e vivida por Jesus (5, 17-20): na radicalidade de quem não se contenta em “não cometer adultério”, mas evita todo o olhar desejoso de possuir a mulher ou marido alheios (5, 27-30); na radicalidade de quem sabe que, ao unir-se em casamento a um ou uma divorciada, está a cometer adultério (5, 31-32); na radicalidade de quem não se limita a não jurar falso, mas rejeita toda a palavra e comportamento contrários à verdade (5, 33-37); na radicalidade de quem não apenas diz não à vingança, mas se sacrifica a si próprio, num perdão sem limites (5, 38-42); na radicalidade de quem ama todo o próximo, nem que seja o inimigo (5, 43-47). É a radicalidade de quem tudo faz para ser perfeito como o “Pai celeste é perfeito” (5, 48).

Por isso, os que dele vivem, se guardam de fazer as suas boas obras para serem vistos pelos homens: nas esmolas que dão, nas orações que proferem, no jejum que praticam (6, 1-18). É que os tesouros que acumulam já neste mundo, não podem

estar confinados ao louvor que recebem dos outros (6, 19-24), mas já fazem parte do Reino do Deus a quem se confiam, sejam quais forem as suas preocupações (6, 25-33). E, nele, não julgam os outros (7, 1-5), mas conscientes das suas próprias fragilidades, entregam-se a Ele pela oração persistente, sabendo que o “Pai que está nos Céus dará coisas boas àqueles que lhas pedem” (7, 11).

Nisto estão, pois, a Lei e os Profetas renovados e revitalizados por Jesus: “O que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles” (7, 12).

Não há dúvida de que é duro um caminho destes e estreita a porta a que conduz (7, 13-14). Mas será impossível de percorrer? Sobretudo conhecendo-se a vida por Ele prometida e os meios que Ele nos oferece?

3. “Seja feita a vossa vontade”...

À letra, a terceira e última prece da Oração Dominical deveria traduzir-se assim: “Seja feita a vossa vontade, como no Céu assim na terra”. Primeiro vem o Céu e só depois a terra. Porque é no Céu que se cumpre plenamente a vontade de Deus e é do Céu, isto é, de Deus, que nos vem a capacidade para cumprir a sua vontade, na nossa caminhada terrena. E quem diz do Céu, diz de Cristo.

“Foi em Cristo e pela sua vontade humana que a vontade do Pai se cumpriu perfeitamente e de uma vez para sempre. Ao entrar neste mundo Jesus disse: «Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade» (Heb 10, 7). Só Jesus pode dizer: «Faço sempre o que é do seu agrado» (Jo 8, 29). Na oração da sua agonia, Ele conforma-se totalmente com esta vontade: «Não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lc 22, 42). Eis por que Jesus «se entregou pelos nossos pecados (...) consoante a vontade de Deus» (Gl 1, 4). «Em virtude dessa mesma vontade é que nós fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo» (Heb 10, 10)” (CIC 2824).

Quer dizer que a nossa oração só será verdadeiramente eficaz, se realizada em total união a Cristo. “Nós pedimos ao nosso Pai que una a nossa vontade à do seu Filho, para que se cumpra a vontade d’Ele, o seu plano de salvação para a vida do mundo. Somos radicalmente impotentes para tal, mas unidos a Cristo e com o poder do seu Espírito Santo, podemos entregar-lhe a nossa vontade e decidir escolher o que o seu Filho sempre escolheu: fazer o que é do agrado do Pai” (Ibidem 2825).

E sabendo que este mesmo Cristo não apenas nos ensina a rezar, mas reza connosco, na Igreja que é o seu Corpo e a que pertencemos, então é numa oração feita assim que já estamos a cumprir a vontade de Deus. E se esta oração passa, deste modo, a fazer parte da nossa vida, temos o caminho para fazermos de toda a nossa vida uma oração: uma vida vivida na sua doação, na gratuidade do amor, na felicidade antecipada do Reino de Deus.

Oração e prática da vida não podem ser dois compartimentos estanques, separados. Como não o são a árvore e os seus frutos. Só da árvore da nossa comunhão com Deus, vivificada com a seiva da fé em oração, nascem os frutos das boas obras. Só na prece insistente “seja feita a vossa vontade como no Céu assim na terra”,

encontramos força para cumprir a vontade de Deus, ou melhor, para Deus realizar em nós aquilo que lhe pedimos, como fez em Cristo.

OBJECTIVOS

- Acolher e compreender a prece “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”;
- Descobrir a importância da prática da vontade de Deus;
- Rezar e comprometer-se, pela oração, em fazer a vontade de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A catequese está construída de uma forma e com uma dinâmica semelhante às das anteriores: num ambiente de oração, as crianças descobrem como o cumprimento da vontade de Deus depende da ajuda de Deus, pedida na prece correspondente, e do compromisso próprio, manifestado na coragem de rezar em união com Cristo.
2. Procure-se motivar as crianças pela positiva, despertando nelas a alegria e a gratidão a Deus pelo bem que já realizam no cumprimento da sua vontade. Naquilo que realizam pela vinda do Reino de Deus, estão a fazer a sua vontade. Mas que as crianças que ainda não se sentem suficientemente motivadas ou pouco ou nada fizeram, não se vejam, por isso, excluídas. Pelo contrário, o catequista terá uma atenção especial para com elas... sabendo que, assim, ele próprio está a realizar a vontade de Deus.
3. Como já foi dito, as sucessivas preces do Pai Nosso formam uma unidade. Daí que isso comece a transparecer nas sucessivas cartolinas que as crianças vão recebendo. Nesta catequese já se chama a atenção para o resultado final: o coração que todos, no seu conjunto, irão formar; o coração que as levará a sentirem-se mais no coração de Deus, se lhe rezarem com fé e confiança.

MATERIAIS

- Cartolina grande em forma de coração (catequese anteriores);
- Figura de Jesus em oração (catequese anteriores);
- Dísticos: “Pais/ Mães”, “Jesus”, “Deus”, “Pai Nosso que estais nos Céus”, “Santificado seja o vosso nome”, “Venha a nós o vosso Reino” (catequese anteriores);
- Cartolinas com os nomes e fotografias das crianças (catequese anteriores);
- Dístico: “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”;
- Imagens: uma com uma pessoa em atitude de oração a outra em actividade caritativa;
- Cartolinas, uma para cada criança (do puzzle com o Pai Nosso), com a prece “Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu”;
- Canetas/esferográficas;
- Dois castiçais;
- Bíblia.

MÚSICAS

- Jesus Cristo é Senhor;
- Pai Nosso que estais nos Céus;
- CD com melodia oficial do Pai Nosso.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: como nas catequese anteriores, ao centro, está a cartolina em forma de coração (de Deus) e sobre ele a imagem de Jesus em oração, com os dísticos (em ordem descendente) “Pai Nosso que estais nos Céus” e “Santificado seja o vosso nome” e “Venha a nós o vosso Reino”; ao alto e fora do coração, os dísticos (em ordem descendente): “Pais/Mães”, “Jesus” e “Deus”. Em volta do coração, as cartolinas com os nomes e fotografias das crianças e dos catequistas.
- *Na mesa*: a Bíblia (e, na 2.^a alternativa da experiência humana, dois castiçais apagados).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Hoje, começamos a nossa catequese a cantar. Eu sei que vós gostais e eu também. Ou há alguém que não goste?... Pois bem, o **cântico** que vamos cantar foi o último que cantámos na última catequese:

“Jesus Cristo é Senhor” (*refrão e 2.^a estrofe*).

Repararam bem nas palavras que eu cantei?... Vou dizê-las (ou cantá-las) outra vez:

“Porque Deus é nosso Pai
E Jesus o nosso Irmão
Nós dizemos sim à paz,
À guerra dizemos não”.

Será que todos nós dizemos não à guerra? Vamos ver.
Peguem na folha que receberam na última catequese.
De um lado está escrito: “Venha a nós o vosso Reino”. Querem dizer todos comigo?

“Venha a nós o vosso Reino”.

E o que está escrito do outro lado da folha? O que escreveu cada um de vós? Alguém quer ler? (*Deixar que algumas crianças leiam*).

Muito bem. Agora vamos ver quem de vós fez alguma coisa por essa pessoa que está escrita na vossa folha. Quem fez? (*Deixar que se exprimam algumas crianças. Conforme a resposta, se fizeram ou não, o catequista adapte as seguintes palavras*):

Aqueles meninos e meninas que fizeram o que contaram (*pode exemplificar*), não só rezaram a Deus “Venha a nós o vosso Reino”, mas fizeram já alguma coisa para que o seu reino de amor e de paz venha a nós (*se ninguém fez, incentivar para que o faça*).

E agora, sim, ainda podemos cantar com mais alegria: “Jesus Cristo é Senhor”.

Cantemos de pé a bater as palmas.

Mas antes pousem a folha ou coloquem-na dentro do vosso catecismo:

“**Jesus Cristo é o Senhor**” (*refrão e 2.^a estrofe*).

2. Que bonito. Penso que Jesus está muito contente: não só por cantarmos, mas sobretudo porque fizemos alguma coisa pela paz e o amor do Reino de Deus. Querem saber melhor o que isso significa?

1^a

Alternativa

Grupo grande

Então voltemo-nos todos para porta da sala e vejamos o que Jesus hoje nos envia.

*Como na catequese anterior, faz-se o cortejo com a 3.^a prece do Pai Nosso: Uma criança, previamente preparada, entra da parte de fora da sala com o **dístico**: “**Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu**”, à altura do peito, precedida de duas outras crianças com os dois castiçais acesos. Caminham lentamente e em silêncio para junto da mesa.*

*Chegadas junto da mesa, a criança que transporta o dístico, no meio das que levam os castiçais, mostra-o às restantes. Então, o catequista convida todas as crianças a cantarem de novo: “**Jesus Cristo é Senhor**” (*refrão*).*

Depois, o catequista afixa o dístico no placar por baixo do anterior.

2^a

Alternativa

Grupo pequeno

Eu vou mostrar, mas antes tenho de acender as velas, porque se trata de uma palavra de Jesus.

O catequista pede a duas crianças para segurarem os castiçais e depois mostra o **dístico**: **“Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”**. Deixa contemplar e convida a cantar:

“Jesus Cristo é Senhor” (refrão).

II. PALAVRA

1. Depois de pousadas as velas, uma de cada lado da Bíblia, e de afixado o dístico no placar, por baixo do dístico **“Venha a nós o vosso Reino”**, o catequista manda sentar as crianças e diz:

Querem ler todos comigo as palavras que Jesus hoje nos traz?

“Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”.

Porque será que Jesus nos manda rezar estas palavras a Deus nosso Pai que está nos Céus? Será mesmo importante fazer a vontade de Deus?

Peguem nos vossos catecismos e abram-nos na catequese 9. O catequista indica a página com as palavras: **“Felizes, antes, os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática”**.

Querem ler todos comigo as palavras aí escritas? Depois da leitura em conjunto:

Lembram-se quando é que Jesus disse essas palavras?

Exacto: foi quando uma mulher lhe disse que Maria era feliz por ser a Mãe de Jesus. E Jesus respondeu que Ele é muito mais feliz, por escutar a Palavra de Deus e a pôr em prática. É como as nossas mães e os nossos pais. Eles são felizes, se escutarem a Palavra de Deus e a puserem em prática. E nós também...

2. Olhem, é tão importante, que Jesus voltou a dizê-lo mais vezes. Muitas vezes mesmo. Uma delas foi pouco depois de ensinar a oração que temos vindo a aprender. Querem ouvir?
Então vamos fazer assim: para nos prepararmos para ouvir Jesus, primeiro põem-se de pé.

O catequista pega na Bíblia, aberta em **Mt 5, 21**, coloca-se de modo que todas as crianças possam ver o placar e convida:

Agora olhem todos para o placar, com Jesus em oração, e de mãos erguidas rezamos todos a parte da oração que lá está escrita:

**“Pai Nosso que estais nos Céus
Santificado seja o vosso nome
Venha a nós o vosso Reino
Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”.**

E agora ouçam todos o que Jesus nos diz no Evangelho segundo S. Mateus.

O catequista lê lentamente:

**“Nem todo o que me diz:
Senhor, Senhor,
entrará no Reino dos Céus,
mas sim aquele que faz a vontade
de meu Pai que está nos Céus”.**

O catequista pode repetir, se possível voltado para as crianças.

Rezemos, outra vez, as palavras que Jesus nos ensinou:

**“Pai Nosso que estais nos Céus
Santificado seja o vosso nome
Venha a nós o vosso Reino
Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”.**

- 3. O catequista depois de mandar sentar as crianças e pousar a Bíblia, afixa de um lado e do outro, **duas imagens**, uma com uma **pessoa em atitude de oração** e outra, se possível, com a mesma **pessoa em actividade caritativa**. Depois diz, apontando para as respectivas imagens:*

Que está aqui a fazer esta pessoa (*em oração*)?

Está a rezar. Como nós tantas vezes fazemos. Está a dizer a Jesus: “Senhor, Senhor”. Ainda há pouco nós cantamos: “Jesus Cristo é o Senhor”.

Agora digam-me: basta rezar, dizer a Jesus: “Senhor, Senhor”, para fazer parte dos amigos de Jesus, como foi por exemplo Nossa Senhora? E então o que é preciso fazer?

E o que está a fazer a mesma pessoa na outra imagem? Está a fazer o bem, para que haja um Reino só de amor, só de paz. Assim é que esta pessoa cumpre a palavra de Jesus: está a fazer a vontade do nosso Pai que está nos Céus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Conhecem pessoas assim, que rezam e depois procuram fazer a vontade de Deus? Peguem na folha que receberam na última catequese, aquela em que está escrito “Venha nós o vosso Reino”

Se houver crianças que tenham realizado a tarefa sugerida, o catequista pode pedir a duas delas que venham para junto de si: pede a uma que leia a oração “Venha a nós o vosso Reino”, depois afixa essa cartolina sobre a imagem com a pessoa em oração; de seguida, pede á outra criança que leia o que escreveu no verso da sua cartolina e, depois, afixa-a sobre a imagem com a pessoa em acção caritativa. Depois continua:

Afinal também vós procurais fazer as duas coisas: rezais e fazeis o bem (*pode mencionar o bem feito por essa criança*).

Entrega de novo as cartolinas às respectivas crianças e convida todas:

Então podemos cantar e agradecer outra vez a Jesus o que Ele está a fazer por meio de vós? Cantemos todos, batendo palmas:

“Jesus Cristo é Senhor” (*refrão*).

2. O catequista distribui por cada criança a cartolina/folha com a 3.^a prece: “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu” e diz:

Primeiro, vamos todos ler ao mesmo tempo o que está escrito em mais esta folha:

Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”.

Isto é o que Jesus hoje nos manda rezar. Mas Ele também nos disse que não basta rezar. É preciso fazer o que nós pedimos: “fazer a vontade de Deus”. E (alguns de) vós já fazeis isso. O que prometestes na última catequese?

Então, vão escrever isso no outro lado da cartolina que acabaram de receber: o bem que fizeram àquelas pessoas que estão escritas nas cartolinas que tem as palavras “Venha a nós o vosso Reino”: escrevam o que fizeram por elas.

Os que ainda não fizeram, escrevam o que pensam e prometem fazer.

O catequista pode colocar, como música de fundo, a mesma melodia com o Pai Nosso, já usada nas catequeses anteriores. Procure ainda ajudar as crianças que tenham dificuldade em escrever. No final, convide-as a fazer a seguinte oração:

3. Agora vamos todos agradecer a Deus pelo bem que Ele nos ajuda a fazer, para podermos entrar no seu Reino de amor e de paz. De acordo?

Fazemos assim: primeiro colocam as folhas que acabaram de escrever nas mãos abertas (*o catequista exemplifica*) e, assim com as folhinhas nas mãos, cantamos todos: “Pai Nosso que estais nos Céus”. Depois rezamos todos ao mesmo tempo: “Seja feita a Vossa vontade assim na terra como nos Céus”. De seguida, os que quiserem ler o que escreveram podem fazê-lo. Quem se oferece? Depois de alguns lerem, voltamos a rezar: “Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no Céu”; no fim voltamos a cantar: “Pai Nosso que estais nos Céus”.

Então ponham-se de pé... colocamos as folhinhas nas mãos... Voltamo-nos todos para figura de Jesus a rezar e cantamos:

“Pai Nosso que estais nos Céus” (refrão).

Agora rezemos todos:

“Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu”.

Se nenhuma criança se propuser a ler o que escreveu, o catequista formule uma oração, com base no que as crianças fizeram ou nas duas imagens afixadas no placar. No fim, todos cantam:

“Pai Nosso que estais nos Céus” (refrão e 4.^a estrofe).

4. *Depois de mandar sentar as crianças:*

Já experimentaram juntar as três folhinhas com a oração que Jesus nos ensinou? Ora experimentem lá (*o catequista pode ajudar a uni-las*).

Agora digam: além das palavras de Jesus, que vos parece que essas folhinhas estão a formar?

Exacto: um coração. Já têm nas mãos uma parte desse coração. Sabem o que é que isso quer dizer? Que tendes aí uma parte da oração que todos temos de ter no nosso coração. Porque é uma oração que nos leva a ter um coração bom, cheio de Deus, do seu amor e da sua paz.

Mas não se esqueçam, não chega rezá-la. A oração só está completa, se também fizermos aquilo que rezamos: se fizermos a vontade de Deus e outras coisas que Jesus nos vai dizer nas outras partes da oração. Para já guardem essas partes. Não as percam. E rezem o que lá está. Quando essa oração estiver completa, vamos ter uma surpresa. Depois verão.

Pode terminar-se com o refrão do cântico: “Jesus Cristo é Senhor”.

“O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A fome

A fome, vista como a sensação que traduz desejo de comer, é um fenómeno natural. Pressupõe a continua renovação do nosso corpo e contribui para ela. Mas só se esse desejo e essa necessidade de comer forem satisfeitas. Caso contrário, a fome paralisa esse processo vital da renovação, quando se torna carência alimentar, subalimentação. Então, em vez de fenómeno natural, é exactamente o oposto: contra a natureza e a vida

Um fenómeno “contra-natura” que, infelizmente, se está a tornar cada vez mais natural, aqui no sentido de, frequente, comum. E nem é preciso deslocar-nos para outros continentes, de onde nos chegam cada dia as imagens mais horrorosas. Talvez sem cores (ainda) tão dramáticas, a fome, ou melhor, os carentes de uma alimentação suficiente e condigna, encontram-se bem perto de nós, talvez mesmo na nossa vizinhança. Alguns tentam encobri-la. É a chamada pobreza ou mesmo miséria envergonhada. Mas outros há, e são cada vez em maior número, que não resistem mais e lá vão, cada dia, bater à porta de instituições que lhes sirvam ao menos uma refeição por dia, digna desse nome.

O seu número aumenta quase na mesma proporção em que aumenta a quantidade da riqueza de uns tantos, cada vez menos. Os (poucos) ricos são cada vez mais ricos e os (muitos) pobres cada vez mais pobres. E aí é que está o escândalo. Escreve Bento XVI na Exortação Apostólica “Sacramento da Caridade”, nº 90: “Com base em dados estatísticos disponíveis, pode-se afirmar que bastaria menos de metade das somas imensas globalmente destinadas a armamentos para tirar, de forma estável, da indigência o exército ilimitado dos pobres”.

Escreve o Papa, ainda no mesmo lugar, que “é impossível calar diante das imagens impressionantes dos grandes campos de deslocados ou refugiados - em várias partes do mundo – amontoados em condições precárias para escapar a sorte pior, mas carenciados de tudo. Porventura estes seres humanos não são nossos irmãos e irmãs?

Os seus filhos não vieram ao mundo com os mesmos legítimos anseios de felicidade que os outros?”

As causas são muitas, situam-se a diversos níveis, pessoais, sociais e estruturais, fazem parte do crescente e cada vez mais dominante processo de globalização, em que tudo é definido à escala mundial.

Seria, por isso, tarefa irrealizável e, porventura, inútil, falar delas aqui. Mas há uma a que não podemos furtar-nos. Até porque tem a ver também com a fome dos ricos, a fome que eles ilusoriamente procuram saciar à custa da vida dos pobres. É aquela fome que, segundo Am 8,11, “não é fome de pão nem sede de água, mas de escutar a Palavra do Senhor”. Que só ela pode matar também a fome insaciável à custa da fome dos outros, é confirmado por Cristo, quando nos diz:

2. “Dai-lhes vós mesmos de comer”

O desafio é feito aos discípulos em Mc 6, 36, isto é, em pleno relato do que nos habituámos a chamar a multiplicação dos pães (6, 34-54). Na realidade, porém, é mais do que isso. A fome de pão é precedida da fome da Palavra.

Pelo menos é por aí que Jesus começa: ao ver “uma grande multidão”, “teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor”. Começou então a ensinar-lhes muitas coisas” (6, 34). O Evangelista não diz que coisas são. Mas, pelo conjunto do seu livro, só pode tratar-se do anúncio do Evangelho de Deus com que Jesus inicia a sua actividade messiânica: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho” (1, 15). Um convite à fé em Deus, presente e actuante em Jesus, que os Doze foram por Ele enviados a anunciar (6, 7-13).

E é na sequência desse envio que a multidão, como ovelhas desgarradas, acorre a Jesus, faminta de luz, orientação, aquela que só Deus pode dar. Daí que Jesus comece por ensiná-los. Só na fé no mesmo Deus, os crentes encontram a coesão e a comunhão necessária para serem o seu povo, aquele de que Jesus é pastor.

A cena está decalcada naquilo que, quando Marcos escreveu o seu Evangelho, já era prática da Igreja e continua a sê-lo até aos nossos dias: primeiro é necessária a evangelização, aprofundada pela catequese. Só depois tem lugar a celebração sacramental. Só na fé, é acolhida a graça oferecida pelos sacramentos.

E como, no caso da Eucaristia, a mesa do pão é precedida da mesa da palavra, assim também Jesus, só depois de congregar pela palavra a multidão desgarrada, lhes sacia a fome: “Tomou, então, os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao Céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e dava-os aos seus discípulos, para que eles os repartissem” (6, 41). Os gestos de Jesus são praticamente idênticos aos da última ceia em que o pão repartido é o seu corpo (14, 22). De facto, é aí que se dá a verdadeira multiplicação dos pães: aquela em que o corpo de Cristo, oferecido na morte da cruz em remissão pelos pecados da humanidade, se torna presente no pão consagrado, para saciar a fome de vida plena àqueles que, na fé, o recebem,

para, por sua vez, oferecerem os seus próprios corpos, as suas vidas, no altar do mundo (cf Rm 12, 1).

É nesse contexto que tem pleno sentido e actualidade o desafio de Jesus: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Assim quando celebram a Eucaristia, devem consciencializar-se cada vez mais de que o sacrifício de Jesus é por todos; e, assim, a Eucaristia impele todo o que acredita nele a fazer-se «pão repartido» para os outros e, conseqüentemente, a empenhar-se por um mundo mais justo e fraterno. “Como sucedeu na multiplicação dos pães e dos peixes, temos de reconhecer que Cristo continua, ainda hoje, a exortar os seus discípulos a empenharem-se pessoalmente: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mt 14, 16). Na verdade, a vocação de cada um de nós consiste em ser, unido a Cristo, *pão repartido para a vida do mundo*» (SC 88). E é neste contexto que adquire todo o seu sentido a prece, oferecida por Jesus:

3. “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”

Na sua base está a confiança num Deus que, pela fé, nos liberta das preocupações exageradas e exclusivas pelo que havemos de comer e de vestir. “Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo”, diz-nos Jesus (Mt 6, 33).

Trata-se de uma justiça, vivida e construída no amor. E aí o “acréscimo” não tem limites. Vida partilhada significa vida alargada àqueles com quem a partilhamos. O nosso pão passa a ser o seu pão, para, por sua vez, se tornar pão de outros.

“Trata-se do «nosso» pão, de «um» para «muitos». A pobreza das bem-aventuranças é a virtude da partilha. Ela convida a comunicar e a partilhar os bens materiais e espirituais, não por coacção, mas por amor, para que a abundância de uns remedeie a necessidade dos outros” (CIC 2833).

Se é partilhado por amor, não dispensa o nosso trabalho. Pelo contrário: pedir a Deus o pão de cada dia empenha-nos e capacita-nos para o obtermos, tanto quanto as nossas forças o permitem. Só que, uma vez obtido, isto é, “tendo nós feito o nosso trabalho, o alimento continua a ser uma dádiva do nosso Pai. É bom pedir-lho dando-lhe graças por ele. Tal o sentido da bênção da mesa numa família cristã” (Ibidem 2834).

Por isso é aí, na refeição de uma família em volta da mesma mesa, que a prece tem mais sentido. No pão que os filhos recebem das mãos dos pais vai a vida destes. E, se os pais, juntamente com o pão para o corpo, souberem transmitir aos filhos a Palavra do Deus que neles e por eles actua, então os filhos encontrarão a força e a orientação de que precisam para eles próprios, um dia, serem transmissores da mesma vida.

Neste contexto, todo o catequista é, deve ser, um pai ou uma mãe: pelo tempo e as energias que gasta na preparação e na realização dos encontros de catequese; pelo empenho com que transmite aos catequizandos o carinho, o amor de que eles

necessitam para, nele ou nela, descobrirem Deus em acção; pela Palavra de Deus de que é portador, depois de, ele ou ela própria, a ter acolhido na sua própria vida. Para tudo isso é fundamental que cada dia, se dirija ao Pai para lhe pedir: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Tanto mais que é na oração que encontra o único alimento que pode saciar a sua própria fome e a fome daqueles a quem se dá.

OBJECTIVOS

- Reconhecer a importância do pão e de outros alimentos para a vida;
- Acolher e compreender a petição “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”;
- Rezar a mesma petição juntamente com uma oração para antes da refeição.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Uma vez que a segunda parte da Oração Dominical está dependente das preces da primeira parte, a catequese começa com a recitação da primeira parte, mas cantada. Propõe-se que se use a melodia oficialmente seguida nas celebrações litúrgicas, para facilitar a participação das crianças nessas mesmas celebrações, sobretudo a da Eucaristia.
2. Sugere-se que os móveis da sala estejam ordenados de um modo o mais parecido possível com uma sala de jantar: sobretudo com a mesa, onde será colocada a cesta do pão, a ser rodeada pelas cadeiras em que se sentam as crianças.
3. De entre os muitos significados da prece hoje introduzida, destaca-se a necessidade do alimento, para as crianças e para os que sofrem com a fome e a subnutrição. A relação com o pão eucarístico é tocada muito ao de leve, mas o suficiente para, um dia, as crianças compreenderem que o corpo de Cristo entregue por nós capacita-nos para partilharmos o nosso pão e a nossa vida.
4. Unida à prece pelo pão de cada dia, é apresentada uma oração para ser rezada antes das refeições. É nestas que as crianças encontram mais sentido para o que pedem no Pai Nosso: para si, para os pais e para os que passam fome.

MATERIAIS

- Cartolina em forma de coração (catequese anteriores);
- Figura de Jesus em oração (catequese anteriores);
- Dísticos: “Pais/mães”, “Jesus”, “Deus”, “Pai Nosso que estais nos Céus”, “Santificado seja o vosso nome”, “Venha a nós o vosso Reino”, “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu” (catequese anteriores);
- Cartolinas com os nomes e fotografias das crianças e catequistas (catequese anteriores);
- Dístico “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”;

- Um pão ou dois (conforme o número de crianças) cortado em tantas fatias quantas as crianças;
- Uma cesta para o pão;
- Sacos de plástico para as fatias do pão;
- Uma mesa, se possível redonda e mais baixa;
- Dois castiçais;
- Bíblia;
- Canetas/esferográficas.

MÚSICAS

- Pai Nosso (melodia oficial, seguida na liturgia);
- Vós, Senhor, sois o nosso Pai;
- Jesus Cristo é Senhor;
- C/D com o Pai Nosso.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: está a cartolina grande em forma de coração (de Deus) e, sobre ela, a figura de Jesus em oração, com os dísticos (em ordem descendente) “Pai Nosso que estais nos Céus”, “Santificado seja o vosso nome”, “Venha a nós o vosso Reino”, e “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”; por cima e fora do coração, os dísticos “Pais/Mães”; “Jesus” e “Deus”; em volta do coração, da parte de fora, as cartolinas com os nomes e as fotografias das crianças e catequistas.
- A *mesa* com a Bíblia é deslocada mais para o meio da sala, de modo que as cadeiras das crianças possam formar quase um círculo em volta dela.
- Ou, de preferência, pode colocar-se nesse lugar (mais a meio da sala) uma outra mesa, mais baixa, onde, no desenrolar da catequese, serão colocados os pães.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Hoje a nossa sala está um bocadinho diferente. Temos mais uma mesa (ou a mesa mais ao meio da sala) e nós estamos todos em volta dela. Querem saber porquê?
2. Vai ser mais uma surpresa. Para já, só digo que é por causa da oração que Jesus nos tem vindo a ensinar e que nós temos aprendido tão bem.
De certeza que todos vós já sabeis de cor as palavras que estão afixadas no placar. Olhem, para as rezarmos ainda melhor, tenho uma ideia: não gostavam de as aprender a cantar. Alguns de vós, se calhar, já sabem cantá-las.
Nós, às vezes, cantamo-las na missa. Querem aprender? Assim, podemos nós cantá-las também, quando elas são cantadas na missa.

É assim:

O catequista ensaia a 1ª parte do Pai Nosso, na melodia oficialmente proposta para a liturgia. No final, convida as crianças:

Agora que já sabemos cantar, podemos fazê-lo a rezar. Querem?
Então, ponham-se de pé. Agora, levantamos os nossos braços e mãos para Deus e, voltados para Jesus que reza connosco, cantemos:

**“Pai Nosso que estais nos Céus,
santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no Céu”.**

3. Podem sentar-se. Que lindo: todos a cantar a uma só voz!

Bom, agora vamos ver qual vai ser a 1ª surpresa que Jesus nos traz hoje. Alguém é capaz de adivinhar?

É possível que, devido às catequeses anteriores, digam que se trata da 4ª prece do Pai Nosso: “O pão nosso”...

O catequista, em vez de comentar as respostas, limita-se a dizer:

1ª

Alternativa

Grupo grande

Levantem-se e olhem todos para a porta da sala. De lá é que vem a surpresa. *Um outro catequista, ou uma criança, previamente preparada, entra pela porta transportando uma cestinha com um pão, relativamente grande, que pode já vir cortado em tantas fatias quantas as crianças. Se estas forem muitas, podem ser dois pães. O catequista ou a criança que o traz, dá a volta por detrás das cadeiras e, pela frente da sala, primeiro detém o pão nas mãos, para todos verem, e depois coloca-o em cima da mesa, ao centro.*

2ª

Alternativa

Grupo pequeno

Levantem-se e, em silêncio, esperem um bocadinho, enquanto eu vou buscar a surpresa.

O catequista sai da sala e traz a cestinha com o pão, do mesmo modo como é proposto na 1ª alternativa.

4. *Para as duas alternativas:* Podem sentar-se. Por esta é que vós não estáveis à espera (*adaptar, se alguma criança tiver posto a hipótese*)!

Um pão (ou dois) e como ele é grande!

É mesmo parecido com o pão que comemos lá em casa. E que bem que ele sabe. Sobretudo quando estamos com fome. Nessas alturas, até o comemos, sem mais nada. Outras vezes é acompanhado com outras comidas. Gostam mais do pão com quê? *Deixar que as crianças se expressem e concluir:*

Todos nós gostamos, uns mais do que outros, de pão. Porquê?

Porque precisamos dele: sem o pão e outras comidas, não podemos viver. Quem não comer, começa a ficar cada vez mais fraco e pode até morrer. E, infelizmente, há pessoas, muitas delas, meninos e meninas como vós, que morrem por falta de alimento. Que isso nunca aconteça convosco.

E não acontece porquê? Quem vos dá o pão e os outros alimentos?

Sim, são os vossos pais ou outras pessoas no lugar deles (*exemplificar com casos que eventualmente tenham sido mencionados pelas crianças*).

Mas agora digam-me: quem faz com que os pais (e outras pessoas) nos dêem o alimento? *Se as crianças se referirem a Deus, não comentar, mas dizer apenas:* Vamos ver. Vai ser a segunda surpresa que Jesus nos traz.

II. PALAVRA

1. *A apresentação da 4ª petição do Pai Nosso. Pode ser feita de dois modos, conforme a dimensão do grupo:*

1ª

Alternativa

Grupo grande

De pé, vamos cantar outra vez as palavras da oração que Jesus nos está a ensinar. Elevemos as nossas mãos para Deus e cantemos:

**“Pai Nosso que estais nos Céus,
santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no Céu”.**

Agora, voltemo-nos para a porta da sala e vejamos o que Jesus nos oferece.

*Duas crianças à frente trazem os castiçais acesos e são seguidas por uma outra com o **dístico** levantado: “**O pão nosso de cada dia nos dai hoje**”. Caminham lentamente*

e, chegadas à frente do placar, deixam que as outras crianças contemplem. Depois, o catequista afixa o dístico no placar, a seguir ao anterior: “Seja feita a vossa vontade”. Os castiçais são colocados na mesa com o pão, um de cada lado. Depois convida as crianças a rezar essas palavras.

2ª

Alternativa

Grupo pequeno

Faz-se o mesmo: cântico da 1ª parte do Pai Nosso, seguido de apresentação da 4ª prece, mas pelo catequista, ladeado de duas crianças com os castiçais acesos...Deixa contemplar e afixa-o no lugar indicado na 1ª alternativa, fazendo o mesmo com os castiçais. Depois convida as crianças:

Querem rezar todos comigo as palavras que Jesus nos ensina? Então, de mãos erguidas, rezemos:

“O pão nosso de cada dia nos dai hoje” (repetir duas vezes).

2. Podem sentar-se. Sabem por que razão Jesus nos manda rezar estas palavras a Deus Pai: a pedir-lhe que nos dê o pão de cada dia?
Abram os vossos catecismos na catequese 14. (O catequista indica a página com as palavras de Jesus que terminam assim: “Quanto mais o vosso Pai que está nos Céus dará coisas boas àqueles que lhas pedem”, e convida as crianças):

Podemos ler todos, ao mesmo tempo, as palavras de Jesus aí escritas. (Depois da leitura):

Com quem é que Jesus compara o Pai do Céu?

E que acontece com os pais da terra que rezam ao Pai do Céu?

São melhores pais e melhores mães: Fazem tudo para que não falte nada aos seus filhos: o alimento, a roupa, os livros...

Portanto, é o Pai do Céu que coloca no coração dos pais da terra mais amor pelos seus filhos. É Ele que lhes dá força para trabalhar e poderem alimentar-nos.

Não querem agradecer ao Pai do Céu o pão que nos dá através das pessoas que trabalham para o fazer e nós recebemos?

Podemos cantar-lhe: “Vós, Senhor, sois o nosso Pai”.

De pé... pensem nos nossos pais e noutras pessoas que contribuam para a nossa alimentação... e, de braços levantados, cantemos:

“Vós, Senhor, sois o nosso Pai” (refrão e 1ª estrofe).

3. *Depois de as crianças se sentarem, o catequista mostra-lhes uma ou duas **imagens de pessoas subnutridas**, deixa contemplá-las e coloca-as ou junto da cesta com o pão ou no placar junto do dístico “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”, num caso ou no outro, de modo a continuarem a ser vistas pelas crianças. Depois diz-lhes: Conhecem pessoas assim, a morrer à fome?*

Felizmente não somos nós.

Mas sabem o que Jesus nos diz? Vou contar-vos uma história que se passou com Ele.

*O catequista pega na Bíblia, aberta em **Mc 6, 35-44**, e conta por palavras suas:*

Um dia, andava muita gente com Jesus, mesmo muita: uns milhares de pessoas. Já andavam com Ele havia bastante tempo e estavam num lugar deserto, onde não havia casas, em que pudessem encontrar alimento. As pessoas começaram a ter fome. E os amigos de Jesus disseram-lhe. Sabem o que respondeu Jesus?

O catequista lê da Bíblia:

Jesus respondeu aos discípulos:

***“Dai-lhes vós mesmos de comer”** (repete, voltado para as crianças).*

Jesus manda aos seus amigos que dêem de comer às pessoas que passam fome, como aquelas que estão ali representadas (aponta para as imagens).

Mas como é que nós podemos dar de comer a tantas pessoas?

Foi o que perguntaram então os discípulos de Jesus. É que eles, mesmo que quisessem não tinham dinheiro que chegasse para comprar pão para tanta gente. Então Jesus fez um grande milagre.

O catequista pousa a Bíblia, pega na cesta com o pão e diz devagar e com certa solenidade:

Jesus pegou em cinco pães e dois peixes que algumas pessoas lá tinham, elevou os olhos para Deus, deu-lhe graças por aqueles pães e depois entregou-os aos discípulos para eles distribuírem pelas pessoas.

E sabem o que aconteceu? Todas as pessoas comeram quanto quiseram e, no fim, ainda sobejaram doze cestos cheios com os restos dos pães.

O que é que Jesus quis mostrar com este milagre?...

Que as pessoas devem fazer como Ele: Dar graças a Deus pelos alimentos que têm. E Deus que é amigo de todos, sobretudo das pessoas que passam fome, faz com que os que lhe rezam, façam tudo para que todos tenham alimento.

Sobretudo as pessoas que vão à missa. É principalmente para essas que Jesus diz: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.

E é por causa disso que Ele nos ensina a rezar aquelas palavras que hoje nos ofereceu. Querem rezá-las outra vez?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Vamos rezá-las de duas maneiras. Primeiro vou entregar a cada um de vós mais uma folhinha com as palavras que vamos rezar.

O catequista distribui por cada criança a pagela do “puzzle” do Pai Nosso com as palavras “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Depois diz:

Já todos temos as palavras de Jesus, para as aprendermos bem.

E agora vamos rezá-las assim: primeiro, cantamos aquela parte do Pai Nosso que já aprendemos a cantar; de seguida, iremos rezar essa oração, a pensar nas pessoas que Deus nos dá para termos pão e alimento e depois nas pessoas que passam fome. Está bem?

Então ponham-se de pé... e cantemos todos:

**“Pai Nosso que estais nos Céus,
santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no Céu”.**

Catequista: Agora pensemos um bocadinho nas pessoas que Deus nos dá para termos alimento: os pais e outras pessoas. *(Depois de um brevíssimo silêncio):* e agora rezemos por essas pessoas:

Todos: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

Catequista: Agora pensemos nas pessoas que passam fome, por não terem quem lhes dê de comer, lembrando-nos das palavras de Jesus:

“Dai-lhes vós mesmos de comer”.

Depois de um brevíssimo silêncio:

Todos: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

Catequista: Cantemos outra vez:

“Pai Nosso que estais nos Céus...”

2. Podem sentar-se. Antes de rezarmos outra vez, têm que fazer outra coisa. Escrever no outro lado dessa folhinha uma oração que vem no vosso catecismo. *O catequista indica a página com a oração para antes da refeição.*

É uma oração para nós rezarmos antes de comermos, antes das nossas refeições. Primeiro vamos todos lê-la.

Depois da leitura:

Agora copiem-na para a parte de trás da folhinha.

Enquanto as crianças copiam, o catequista pode colocar como música de fundo a melodia com a oração do Pai Nosso. Ao mesmo tempo, coloca cada fatia do pão que está sobre a mesa num saco de plástico, para ser entregue uma a cada criança. Depois de elas copiarem a oração, diz-lhes:

Agora vão levar para casa, não só a oração que Jesus nos ensinou hoje juntamente com a oração que escreveram para rezar antes da refeição, mas também...uma fatia do pão que estava aqui na mesa.

O catequista distribui as fatias e depois diz:

Antes de nos irmos embora, temos de agradecer a Deus esse alimento, não acham? Fazemos assim: de pé... numa mão a fatia de pão e na outra a folhinha com a oração... Primeiro rezamos as palavras que Jesus nos ensinou e depois a oração para antes da refeição.

“O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

Oração para antes da refeição:

Dou graças, pelo pão que Deus me dá, não o devo estragar. Há muitos meninos que o não têm.

3. Falta saber o que vão fazer com a fatia de pão.

Tenho uma ideia: levam-na para casa e, quando tomarem a próxima refeição com a vossa família, levam-na para a mesa, para repartir com as pessoas que comerem convosco. Acham boa a ideia?

Mas olhem: podem contar-lhes como é que receberam esse pão e o que Jesus hoje nos ensinou: a rezar “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” e “Dai-lhes vós mesmos de comer”.

E mais uma coisa: podem rezar com as outras pessoas que comerem convosco a oração para antes da refeição. De acordo?

Mas também está no catecismo outra oraçãozinha para depois da refeição.

Olhem, se couber, escrevam-na também na mesma folhinha: aquela que já tem a oração para antes da refeição. E rezam as duas, uma antes e outra depois de comer. E a folhinha, guardem-na bem, junto das outras.
E agora podemos cantar a nossa alegria pelo que Jesus hoje nos ofereceu do Reino do seu Pai. Então cantemos:

“Jesus Cristo é Senhor” (*refrão*).

“PERDOAI-NOS AS NOSSAS OFENSAS”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Assim como nós perdoamos”?!

Há pessoas que sentem dificuldade e algumas rejeitam mesmo rezar a segunda prece da segunda parte da Oração Dominical. Dizem que não são capazes... de perdoar. Mas continuam a sentir necessidade do perdão de Deus.

É uma reacção de levar a sério. Para já significa que se toma a oração com responsabilidade, que se acredita no seu valor, se tem consciência das suas implicações e seus efeitos no resto da vida, e, vice-versa, do lugar que a vida tem ou deve ter na oração, de modo que a vida seja vivida em oração e toda a oração tenha a ver com a vida.

Significa, depois, que se tem consciência das próprias incapacidades. Perdoar exige que a pessoa se transcenda a si própria: que vença as barreiras criadas pelas ofensas, os maus tratos, as injustiças, as injúrias, numa palavra, a perda de vida, causada por quem contra ela atentou... e continuar a dar-se a ele ou ela, não como se nada tivesse acontecido, mas no meio daquilo que realmente aconteceu. Quanto mais se sente a ofensa, maior é o perdão e o amor que nele se manifesta.

A relação restabelecida pelo perdão é sempre diferente da anterior à ofensa. E pode sê-lo, deve sê-lo para melhor. Porque só no amor é possível perdoar e é no perdão que o amor tem a sua prova maior e ganha a sua máxima consistência. Quem perdoa mostra que aquele ou aquela a quem se perdoa é, de facto, tudo para quem perdoa. Por ele ou ela tudo se fez, a tudo se renuncia, nomeadamente à vida perdida com a ofensa.

Ora, se isto, contando apenas com as próprias forças, é humanamente impossível ou, pelo menos, tremendamente difícil, como fazer o perdão de Deus dependente da própria incapacidade? Como pedir-lhe que me perdoe na mesma medida em que eu perdoar, se eu não sou capaz de perdoar? Não será reduzir o poder, o amor infinito de Deus à dimensão das minhas próprias fraquezas e fragilidades? Numa palavra, não

será exactamente pedir-lhe que me não perdoe? Que não me dê aquilo de que afinal preciso para realizar o que Ele exige de mim e pelo qual, no fundo do meu ser, eu tanto anseio?

Sim, porque manter-se de relações cortadas, para não dizer, responder a ofensa com ofensa, deixa-me triste, infeliz.

Não apenas porque a vida é feita de relações e, isolando-me na minha individualidade, sou eu a primeira vítima, mas porque, na fome e sede da vida, de uma vida ilimitada, tenho uma necessidade quase inata de me dar sempre e em todas as situações. Mas como? Sem Deus? Como entender o “assim como” que precede o “nós perdoamos”?... e, pelo menos aparentemente, condiciona a primeira parte da prece:

2. “Perdoai-nos as nossas ofensas”

A ordem dos membros da frase, neste caso, não é arbitrária. Embora seguido de um “assim como”, na realidade começamos por pedir, primeiro, “perdoai-nos as nossas ofensas”. Mas em que sentido?

Vejamos a explicação do Catecismo da Igreja Católica (nº 2839): “Começamos a orar ao nosso Pai com um sentimento de audaciosa confiança. Suplicando-lhe que o seu nome seja santificado, pedimos-lhe para sermos cada vez mais santificados. Mas, apesar de revestidos da veste baptismal, não deixámos de pecar, de nos desviar de Deus. Agora, nesta nova petição, voltamos para Ele, como o filho pródigo, e reconhecemo-nos pecadores na sua presença, como o publicano.

A nossa petição começa por uma “confissão” na qual, ao mesmo tempo, confessamos a nossa miséria e a sua misericórdia. A nossa esperança é firme, pois que, em seu Filho, «nós temos a redenção, a remissão dos nossos pecados» (Cl 1, 14). E encontramos nos sacramentos da sua Igreja o sinal eficaz e indubitável do seu perdão.” Portanto, o segredo está em fazer do pedido do perdão de Deus uma confissão da nossa miséria e da sua misericórdia, devidamente comprovada e já experimentada. De resto, é perante a grandeza infinita desta misericórdia divina que nós, mais facilmente, reconhecemos a nossa miséria. Não nasce esta da ausência da misericórdia? Não é perante a experiência de um amor imenso que eu reconheço a gravidade de uma ingratidão para com quem assim me ama?

Por isso, a prece começa, e bem, por me colocar em Deus, tal qual me encontro e me sinto, e por me levar a abandonar-me a Ele. Um abandono à sua graça e misericórdia; que não pode ficar sem efeitos, nomeadamente, nas minhas relações com os outros. Do abandono em Deus “revela-se como possível o amor ao próximo no sentido enunciado por Jesus, na Bíblia. Consiste, precisamente, no facto de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem sequer conheço. Isto só é possível a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão da vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas também segundo a perspectiva de Cristo. O seu amigo é o meu amigo” (Bento XVI, Deus é Amor, nº 18).

E para Cristo, até os inimigos se tornaram amigos. Porque foi sobretudo por eles que Ele deu a vida, doando-a até à última gota de sangue, a fonte da vida. E só nele, no Deus que nele se revela, eu encontro a capacidade para me transcender e perdoar:

3. “Assim como” Deus nos perdoa

“Este «como» não é único no ensinamento de Jesus. «Sede perfeitos *como* o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5, 48); «sede misericordiosos *como* o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6, 36); «dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros *como* Eu vos amei» (Jo 13, 34). Observar o mandamento do Senhor é impossível quando se trata de imitar do exterior o modelo divino. Trata-se de uma participação vital, vinda «do fundo do coração», na santidade, na misericórdia e no amor do nosso Deus. Só o Espírito, que é «nossa vida» (Gal 5, 25), pode fazer «nossos» os mesmos sentimentos que existiram em Cristo Jesus. Então, a unidade do perdão torna-se possível, «perdoando-nos, mutuamente, *como* Deus nos perdoou em Cristo» (Ef 4, 32)” (CIC 2842).

“A parábola do servo desapiadado, que conclui o ensinamento do Senhor sobre a comunhão eclesial, termina com estas palavras: «Assim procederá convosco o meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do fundo do coração» (Mt 18, 35). É aí, de facto, «no fundo do coração», que tudo se ata e desata. Não está no nosso poder deixar de sentir e esquecer a ofensa, mas o coração que se entrega ao Espírito Santo muda a ferida em compaixão e purifica a memória, transformando a ofensa em intercessão” (Ibidem 2843).

Quer dizer que é na intercessão que tudo se resolve e se esgota: uma intercessão que é, ao mesmo tempo, reconhecimento e confissão da própria culpa (se for o caso) e, pelo menos, da própria incapacidade.

E se a oração é, assim, o caminho para o perdão, “o perdão é o cume da oração: o dom da oração só pode ser recebido em sintonia com a compaixão divina” (Ibidem 2844).

Nesse caso, a solução para a incapacidade de perdoar não está em deixar de rezar: “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Mas é exactamente o contrário: a prece é de repetir tantas mais vezes, quanto maior for a dificuldade de perdoar. Até porque nela é o próprio Deus que, tratando-se da sua palavra, actua... em Cristo, que tão bela intercessão nos deixou e continua a rezar connosco, no seu Corpo, que é a Igreja, que vive do perdão e para o perdão.

OBJECTIVOS

- Tomar consciência dos próprios pecados para deles pedir perdão a Deus;
- Acolher e compreender a prece “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”;
- Dispor-se a viver o perdão de Deus no perdão ao próximo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Também a prece da Oração Dominical, hoje apresentada, só pode ser verdadeiramente compreendida e acolhida, se vivida durante o acto catequético. Se é uma oração, tem de fazer-se dela uma oração. Daí que o encontro tenha, na prática, o dinamismo de uma celebração penitencial, de resto, bem situada no tempo quaresmal.
2. O exame de consciência introdutório situa-se, pelo menos no início, no percurso catequético feito até agora pelas crianças. Porque estas podem ser diferentes, de grupo para grupo, o catequista escolhe a alternativa que melhor se adapte ao seu grupo. Entretanto, o leque de possíveis ofensas é alargado a outros campos da vida das crianças. É fundamental a relação com Deus: todo o pecado, mesmo feito ao próximo, é sempre uma ofensa a Deus, e é de Deus que se recebe o perdão que leva ou deve levar à reconciliação com o próximo.
3. A “reentrada” das crianças e catequistas (com as respectivas cartolinas) no convívio com Deus, só é festa, plenamente, depois de todo o percurso do perdão: depois de, com o perdão de Deus, as crianças pelo menos se dispuserem a reconciliar-se com os outros e a colaborar na reconciliação entre eles.
4. A sala mantém-se com uma disposição quase idêntica à da catequese anterior, não apenas por causa da ligação entre as duas primeiras preces da segunda parte do Pai Nosso, mas também para, de algum modo, lembrar às crianças o lugar e o momento mais privilegiado da vivência do perdão: a Eucaristia, onde o gesto da paz é dado a seguir à Oração do Senhor.

MATERIAIS

- Cartolina em forma de coração (catequese anteriores);
- Figura de Jesus a rezar (catequese anteriores);
- Dísticos: “Pais/Mães”, “Jesus”, “Deus”, “Pai Nosso que estais nos Céus”, “Santificado seja o vosso nome”, “Venha a nós o vosso Reino”, “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”, “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” (catequese anteriores);
- Cartolina com os nomes e fotografias das crianças (catequese anteriores);
- Dístico: “Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”;
- Cartolina com a prece “perdoai-nos as nossas ofensas...” do puzzle com o Pai Nosso, um para cada criança;
- Cesta (catequese anterior);
- Dois castiçais;
- Bíblia;
- Canetas/esferográficas.

MÚSICAS

- Jesus Cristo é Senhor;
- Quantas vezes;
- Cantai o Senhor é bom;
- Fala, Senhor;
- Pai Nosso que estais nos Céus (ou em alternativa:);
- Vós Senhor sois o nosso Pai;
- C/D com a e melodia do Pai Nosso, usado na liturgia.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: a cartolina em forma de coração (de Deus) com a imagem de Jesus em oração e, sobre ela, os dísticos (em ordem descendente) “Pai Nosso que estais nos Céus”, “Santificado seja o vosso nome”, “Venha a nós o vosso Reino”, “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu” e “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”; fora do coração, na parte superior, os dísticos (em ordem descendente) “Pais/ Mães”, “Jesus” e “Deus”.
- *Sobre a mesa*, deslocada mais para o meio da sala (como na catequese anterior e como alternativa à proposta seguinte), a Bíblia e a cesta vazia (usada na catequese anterior) e dois castiçais apagados.
- Ou uma outra mesa, mais baixa, no mesmo lugar e com os mesmos elementos indicados.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Olhem para o placar: Não acham que falta lá qualquer coisa? O que será?
Exactamente: faltam os coraçõezinhos com os nossos nomes e as nossas fotografias. Não vos parece que deviam lá estar?...
Eu cá também gostava que estivessem. E porque será que não estão? (*Deixar que se exprimam e concluir*):
Se calhar, não merecemos ter os nossos nomes e fotografias no placar, junto do coração de Deus e da imagem de Jesus a rezar.
2. Mas, não merecemos porquê? O que é que nos faltará para merecermos? Vamos tentar descobrir. Querem?

1ª

Alternativa

Para crianças menos interessadas e participativas nas catequese anteriores:

Continuemos a olhar para o placar: agora para a oração que Jesus nos tem ensinado aqui.

E agora pensem um bocadinho e digam-me:

– Têm rezado esta oração todos os dias? Se não rezam, quer dizer que se não interessam de Deus que é tão nosso amigo. Não lhe rezar, como rezava Jesus e nos ensina a rezar, é ser ingrato para com Deus...

– E têm procurado ser amigos dos vossos pais, avós, irmãos e familiares?

Se não são, estão a ser ingratos para com Deus que nos dá os pais e tantas coisas que recebemos deles.

– E têm procurado interessar-se pelas pessoas mais pobres? Por exemplo, por aquelas pessoas que escreveram nas folhinhas que vos dei com as orações “Venha a nós o vosso reino” e “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”?

Se não ligamos a essas pessoas e até as desprezamos, estamos a desprezar Jesus e Deus, nosso Pai que está nos Céus.

E quem despreza Deus não merece estar com Ele...

– E mostraram lá em vossa casa a oração para antes da refeição que aprendemos na catequese da semana passada?

E rezaram-na antes de cada refeição? Se não a rezam, não agradecem a Deus o alimento que ele nos dá...

– E na escola e no jogo? Têm respeitado os vossos colegas e têm-nos ajudado sempre? Ou são invejosos e querem tudo para vós?

E quando vos fazem mal? Desculpam-nos e perdoam-lhes?

Quem não perdoa, não pode estar ao lado de Deus.

O catequista pode, conforme tenha sido o comportamento das crianças, nomear outros factos negativos, sobretudo se passadas na catequese.

2ª

Alternativa

Para crianças mais interessadas, participativas e colaboradoras na catequese.

Começemos por cantar o cântico que tanto gostamos de cantar: “Jesus Cristo é Senhor”. Mas peço-vos que estejam bem atentos às palavras que irei (ou iremos) cantar depois do refrão. Está bem? Então cantemos:

“Jesus Cristo é Senhor” (*refrão e 3ª estrofe*).

Cantámos, e bem, que Jesus nos traz um Reino só de amor, um Reino só de paz. E cantámos ainda:

**“Vós, homens, não inventeis,
A paz à vossa maneira
Pois à maneira de Deus
Paz é amor sem fronteiras”.**

Paz é amor sem fronteiras. Será que os homens, as pessoas fazem assim: amam a todos à maneira de Deus?... Lembram-se daquelas imagens (*o catequista pode mostrá-las*) com pessoas a morrer à fome? Porque será que isso acontece?

É claro que vós não estais de acordo com isso. E procurais mesmo fazer o contrário: procurais amar a todos, sobretudo os mais necessitados. Fizestes o que vos propus quando recebestes as folhinhas com as palavras “Venha a nós o vosso reino” e “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”. Lembram-se? Exacto: ajudastes essas pessoas mais pobres e desfavorecidas.

E digam-me cá: também rezastes lá em casa a oração para antes da refeição?

E os vossos pais? Contaram-lhes o que Jesus aqui nos ensinou: “Dai-lhes vós mesmos de comer?”

Já procurais fazer a vontade de Deus e por isso, estais a colaborar com Jesus na vinda do seu Reino de amor e de paz.

Portanto até podia pôr os nossos nomes e fotografias junto do coração de Deus.

Mas, antes disso, vamos pensar bem: será que cada um de vós é sempre, sempre assim? Por exemplo:

- Rezam todos, todos os dias, a Deus nosso Pai que está nos Céus?...
- Têm rezado, antes e depois de todas as refeições?...
- E têm sido sempre obedientes aos vossos pais e avós?...

Atenção: não se pode mentir...Senão, ainda estão a afastar-se mais de Deus.

– E com os colegas e irmãos: nunca se zangaram com eles? Têm-nos ajudado sempre que eles precisam? Ou quereis tudo para vós?

– E quando se zangam, procuram fazer a paz?

Se calhar, nalgumas coisas temos falhado. Eu sei que custa um pouco pensar nas coisas menos boas que fazemos. Mas é preciso, senão, não podemos estar junto de Deus. E vós quereis estar. Quereis estar mesmo?

Quem se comporta assim, sem ser amigo de Deus e dos outros, não pode estar junto do coração de Deus. E vós quereis? Senão, nem vale a pena vir à catequese. E como seríamos nós, sem catequese!

Então, querem mesmo estar junto do coração de Deus?...

3. *Para as duas alternativas:*

Então faremos assim: vou distribuir por cada um de vós o coraçõzinho com o seu nome e a sua fotografia. Depois, com ele sobre as mãos abertas, vamos todos pedir perdão a Deus pelas coisas más que fazemos, as maldades que cometemos ou pelo bem que não fazemos. Para pedir-lhe perdão, iremos cantar assim (*O catequista ensaia o refrão do cântico:*) “Quantas vezes”.

Como vêem é um cântico para pedir perdão a Deus.

Então levantem-se. Coloquemos o nosso coraçõzinho nas mãos abertas... e cantemos:

“Quantas vezes” (*estrofes 1 a 5*).

Em vez deste cântico, pode cantar-se outro, nomeadamente o “Senhor tende piedade de nós”, usado no acto penitencial da celebração eucarística, ou simplesmente rezar o acto de contrição que, neste caso, tem de ser rapidamente ensaiado e explicado. No final do pedido de perdão, o catequista diz:

Agora já podemos por o nosso coraçõzinho aqui na cesta que está em cima da mesa, junto da Bíblia. Vem um por um, quando chega em frente da mesa faz uma inclinação e só depois coloca o seu coraçõzinho.

Depois de todos ou alguns colocarem, o catequista convida:

Agora já podemos manifestar a nossa alegria pelo perdão que Deus nos dá. Cantemos um **cântico** novo:

“Cantai, o Senhor é bom” (*2ª e 3ª estrofes*).

Em vez deste cântico, pode cantar-se “Jesus Cristo é Senhor” – 3ª estrofe, sobretudo se tiver sido seguida a 2ª alternativa da experiência humana.

II. PALAVRA

1. Mas, afinal, os nossos coraçõezinhos ainda não estão afixados no placar, junto do coração de Deus!...E as velas em cima da mesa continuam apagadas!

Faltará ainda alguma coisa?

Deixar que as crianças tentem adivinhar e, conforme as respostas, concluir:

Sim, falta uma coisa muito, muito importante. Nós recebemos o perdão de Deus. Ou melhor: estamos para receber. Porque só o podemos receber se fizermos uma coisa muito importante. O que será?

Vamos escutar Jesus. E, para o escutarmos melhor, vamos acender as velas... E agora, de pé, cantemos:

“Fala, Senhor...”

Catequista (da Bíblia, aberta em **Mt 5, 23-24**, lê calmamente:)

“Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Mateus”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

“Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
«se fores apresentar uma oferta sobre o altar
e ali te recordares
de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti,
deixa lá a tua oferta diante do altar,
e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão:
depois volta para apresentar a tua oferta».
Palavra da salvação”.

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

2. Podem sentar-se...

Estão a ver o que falta?...

Exacto: reconciliar-nos com os outros. Só assim podemos estar junto do coração de Deus. Isto é, junto do altar. O altar é aquela mesa que está na igreja, para a missa. Não somos dignos de estar na missa, sem estarmos de bem com todos, sem perdoarmos.

Mas, como fazer para perdoar?...

Jesus vai ensinar-nos. Querem ver como? Então, ponham-se de pé.

(Como nas catequeses anteriores, é feita a apresentação solene da 5ª prece do Pai Nosso:)

1ª

Alternativa

Grupo grande

*Duas crianças pegam nos castiçais, já acesos, e afastam-se com eles para fora da sala de onde regressam, à frente de uma outra criança que traz, levantado, o **dístico**: “Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Em silêncio e à frente, por detrás da mesa, apresenta-o às outras crianças que o contemplam por uns momentos. Depois o catequista diz:*

Cá está o que devemos dizer e fazer para recebermos o perdão de Deus. Querem dizer todos comigo?

“Perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido”:

Olhem, é tão importante, nós perdoarmos aos outros, que Jesus depois de ensinar estas palavras para rezarmos a Deus nosso Pai, diz-nos: Querem ouvir?
O catequista pega na Bíblia, em Mt 6,14-15, e lê calmamente:

**«Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas,
«também o vosso Pai do Céu vos perdoará a vós.
Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas,
também o vosso Pai não vos perdoará as vossas».**
Palavra da salvação”.

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Depois o catequista afixa o dístico por baixo do anterior: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”. As crianças com os castiçais colocam-nos em cima da mesa, com a Bíblia e a cesta. E todos se sentam.

2ª
Alternativa

Grupo pequeno

A apresentação é feita pelo catequista, ladeado de duas crianças com os castiçais, seguindo o esquema proposto na 1ª alternativa.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Digam-me: é fácil perdoar aos outros? Àqueles que nos fazem mal: nos batem, nos aleijam, nos roubam, nos chamam nomes feios e ofensivos?
Não é fácil, mas é preciso. Senão, não estamos de bem com Deus de quem Jesus é o maior amigo. Jesus que nos traz o Reino de Deus, só de amor e só de paz. Jesus ama a todos, mas quer que nós amemos a todos. E vós quereis?!...
Então, antes de lhe pedirmos a coragem para amar e perdoar aos que nos ofendem e fazem mal, eu vou distribuir por vós mais uma folhinha com as palavras que hoje Jesus nos ensina para rezarmos.
O catequista distribui por cada criança a peça do puzzle da Oração Dominical, com as palavras “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” e, depois, pede o seguinte:

Agora, e antes de as rezarmos, vão pensar se há alguma pessoa, algum colega, familiar, que vos tenha ofendido. Se não se lembrarem de nenhum, então pensem nalguma pessoa que vos tenha ofendido, vos tenha feito mal. E se não encontrarem ninguém que vos tenha ofendido, para vós lhes perdoardes, pensai em alguém que tenha feito mal, por exemplo, ao vosso pai ou à vossa mãe ou a outro familiar ou amigo. Pensem e depois escrevam o nome dessa pessoa no outro lado da folhinha que receberam com as palavras de Jesus.

Durante o trabalho das crianças, o catequista pode colocar, como música de fundo, a oração do Pai Nosso na melodia seguida na liturgia.

2. Agora, sim, já podemos rezar as palavras que Jesus hoje nos ensinou e como Ele as ensinou a rezar: pedimos perdão a Deus, para ele nos dar coragem para perdoarmos aos outros: por exemplo, àquela pessoa que escreveram no outro lado da folhinha. Fazemos assim: de pé ...cantemos primeiro a Deus nosso Pai:

“Pai Nosso que estais nos Céus” (ou “Vós, Senhor sois o nosso Pai”).

Agora rezemos-lhe as palavras que Jesus hoje nos ensinou:

**“Perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido”.**

Agora cada um olha para o nome da pessoa que escreveu no outro lado da folhinha e diga, baixinho, o nome dela a Deus que também lhe quer perdoar.

Depois de um brevíssimo silêncio:

Rezemos, por essa pessoa, as palavras que Jesus nos ensinou:

**“Perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido”.**

E agora fazemos entre nós como fazemos na missa: damos um abraço ou aperto de mão ou um beijo aos colegas que estão ao nosso lado:

“Saudai-vos na paz de Cristo”.

O catequista saúda também, procurando as crianças que mais dificuldades têm manifestado em integrar-se.

Depois deste gesto do perdão e da paz cantemos:

“Cantai o Senhor é bom” (refrão e 2ª estrofe) ou
“Jesus Cristo é Senhor” (refrão e 3ª estrofe).

3. Só falta uma coisa. Que será?...

Voltar a afixar os vossos nomes e fotografias no placar junto do coração de Deus. Agora, sim, já o podemos fazer, depois de pedirmos perdão a Deus e nos termos disposto a perdoar.

Se houver tempo, o catequista distribui cada cartolina pela respectiva criança que, por sua vez, a traz à frente, entrega ao catequista que a vai fixando no placar em volta do coração.

Se o tempo for escasso, o catequista afixa directamente as cartolinas, ajudado, se necessário, por outro catequista. Durante isso, podem cantar de novo, com as crianças de mãos dadas:

“Cantai o Senhor é bom” ou
“Jesus Cristo é Senhor”.

4. Levem a folhinha que hoje receberam e juntem-na às outras.

Mas, antes disso, não se esqueçam de falar com a pessoa que está escrita lá por trás: para fazer a paz com ela ou ela com outros. Está bem?

Então,

“Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.”

“NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. As tentações: um bem ou um mal?

Esta é uma questão a que não é fácil de responder. A própria terminologia é ambígua: quer no original grego, quer na tradução portuguesa, “tentar” tanto é usado no sentido de “empregar todos os meios para conseguir algo”, “esforçar-se por”, “empreender” e “experimental”, como, mais negativamente, “instigar, induzir ou seduzir para o mal” ou “deixar-se seduzir”.

E mesmo o substantivo “tentação” significa, em si, “acto ou efeito de tentar”: pode ser entendido no sentido positivo de “tentativa” ou “acção que tem por fim pôr em execução um projecto ou uma ideia”; mas também é usado, e talvez mais frequentemente, “como impulso para a prática de uma coisa censurável ou não recomendável”.

Isto quer dizer, para já, que as tentações fazem parte da vida, no seu necessário processo de desenvolvimento e crescimento. Quem não tenta, não arrisca, também não vai longe. E, nesse caso, já está a cair no sentido negativo do termo: a ceder à tentação da indolência, da preguiça, do medo.

Tentar, e até ser tentado, implica, pelo menos no termo grego correspondente, ter que submeter-se a um peso que põe à prova as forças humanas de quem é submetido. O desfecho tanto pode ser o de sucumbir e até perder a vida perante a violência da prova, como o de sair mais reforçado nas capacidades postas à prova.

Nesta segunda hipótese, a tentação ou prova é um bem, ou, pelo menos, acabou por se resolver como tal. E, seja em que âmbito for da vida, só assim é que esta se desenvolve. Veja-se, a título de exemplo, as inúmeras provas a que uma criança, desde a mais tenra idade, é sujeita ou até se sujeita a si própria.

E o que sucede a um nível simplesmente humano passa, conseqüentemente, para as relações do homem com Deus. Há casos em que é o próprio Deus que tenta, põe à prova: por exemplo, nas humilhações e privações por que fez passar o seu povo no deserto, “para te ensinar que nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca do Senhor” (Dt 8, 3). Há outros casos em que Ele permite que o

Tentador, seu adversário, ponha os crentes à prova, os tente, para os fortalecer na sua fé: um dos casos mais célebres é o do livro de Job. Nesse contexto percebe-se o que Paulo escreve aos cristãos de Corinto: “Não vos surpreendeu nenhuma tentação que tivesse ultrapassado a medida humana. Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças, mas, com a tentação, vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar” (1 Cor 10, 13).

Mas, em todos estes casos, o perigo de o homem, e sobretudo, se for crente, se afastar de Deus e tentar colocar-se no seu lugar (e morrer) é, pelo menos, pressuposto (cf Gn 3, 15s). Daí as palavras de Tg 1, 13: “Deus não é tentado pelo mal, nem tenta ninguém”. Nesse sentido são também de interpretar:

2. As tentações de Jesus

Aparecem descritas nos três Evangelhos Sinópticos (Mt 4,1-11; Mc 1, 12-13; Lc 4,1-13), logo a seguir ao seu Baptismo, e são localizadas nos 40 dias que Ele passou no deserto. O que é duplamente significativo: com o simbolismo do número 40, indicativo de toda uma vida, dá-se já a entender que as tentações, aí sintetizadas, se estenderam por toda a actividade pública de Jesus, onde, de facto, se confronta com toda a espécie de forças do mal, que tentam desviá-lo do cumprimento da sua missão de, até à morte e ressurreição, anunciar e instaurar o Reino de Deus; apresentadas na sequência do Baptismo, quer dizer que as tentações têm a ver com o dinamismo aí recebido pela descida do Espírito e pela declaração de amor filial da parte do Pai. Isto é, as tentações de Jesus inserem-se, também elas, no seu processo de “crescimento” e de transmissão da vida.

E, de facto, assim é. Quem conduz Jesus ao deserto das privações e das provações é o Espírito acabado de receber (Mt 4, 1); e, em todas as tentações, Ele é confrontado com a sua condição de Filho de Deus: “Se és Filho de Deus”... prova-o, mas sempre contra Deus ou, o que se dá no mesmo, no lugar de Deus.

Isto (segundo Mt e Lc), nos três géneros de relações, fundamentais à vida de qualquer ser humano:

- Na relação com os bens necessários para a alimentação, aqui localizada apenas a nível corporal, mas que se pode estender a todos os outros campos em que precisamos de ser alimentados.
Precisamos do “ter”, desde que não sejamos por ele possuídos e engolidos.
- Na relação com as outras pessoas, a um nível tão alargado quanto possível, até – porque não? – abranger “todos os reinos do mundo” (Mt 4, 8). Precisamos do “poder”, desde que não nos sujeitemos ao terrível poder do mal, prostrando-nos perante ele, até o adorarmos.
- Na relação com o Transcendente de que todos temos necessidade, até aqueles que pensam ou dizem que não. O religioso está inscrito na nossa natureza para suprir as suas debilidades e incapacidades de alcançar uma vida que a transcende.

Precisamos de Deus... desde que não tentemos sujeitá-lo aos nossos caprichos ou mesmo desejos mais dignos.

Três tentações paradigmáticas, comuns a qualquer ser humano. Jesus não cedeu e tornou-se assim modelo para quem, como Ele, quer participar no Reino de Deus, deixando que Deus exerça sobre Ele o seu poder, o seu amor. Jesus é modelo sobretudo no caminho seguido para vencer o Tentador e sair mais reforçado na sua comunhão com o único Deus vivo e verdadeiro: responde sempre com citações bíblicas, ou seja, com a Palavra de Deus que lê ou escuta, interioriza e personaliza... e reza. Nesse sentido, nos ensinou também a rezar, dizendo:

3. “Não nos deixeis cair em tentação”...

A expressão traduzida por “deixar cair” não é clara no texto grego original. À letra deveria traduzir-se por “conduzir”. Neste caso, pede-se a Deus que até das tentações Ele nos poupe. Mas, não será pedir-lhe demais? Perante o que vimos, em relação a Cristo e a qualquer ser humano, não são as tentações até necessárias à vida?

Por isso, outros, baseando-se num compreensivo pressuposto aramaico (a língua falada por Jesus), preferem traduzir por “deixar cair”, no sentido de não ceder a inevitáveis tentações a que continuamente somos sujeitos. E resistir a elas pode mesmo tornar-nos mais fortes. Por que meios e em que sentido?

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (n.º 2846), “esta petição implora o Espírito de discernimento e de fortaleza”:

- Discernimento “entre a provação, necessária ao crescimento do homem interior em vista de uma virtude «comprovada» (Rm 5, 3-5), e a tentação que conduz ao pecado e à morte”; discernimento “entre «ser tentado» e «consentir» na tentação”; discernimento que desmascare “a mentira da tentação: aparentemente o seu objecto é «bom, agradável à vista, desejável» (Gn 3, 6), quando, na realidade, o seu fruto é a morte” (Ibidem 2847), porque no lugar de Deus, o Autor da vida.
- Fortaleza, porque não cair em tentação “implica uma *decisão do coração*: «Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração [...]. Ninguém pode servir a dois senhores» (Mt 6, 21.24) «Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também segundo o Espírito» (Gl 5, 25). É neste «consentimento» ao Espírito Santo que o Pai nos dá a força” (Ibidem 2848).

E isso só é possível pela oração, como Jesus e com Jesus: a oração acompanhada pela vigilância ou, se preferirmos, a vigilância alimentada pela oração. E com uma confiança que nasce e se alimenta da mesma oração: da união com Cristo que já venceu, e de que maneira, “o príncipe deste mundo” (Jo 12, 31; 14, 30), também chamado “Diabo” (do grego “dia-bolos” – “separador”) que se mete entre nós e Deus, para nos separar.

É nesse sentido que, com Ele, rezamos: “Livrai-nos de todo o mal” (ou “Maligno” em quem se concentram todas as manifestações do mal).

Esta é uma prece que, certamente, muito diz a muitos catequistas, cada vez mais sujeitos a tantas tentações: desde o desânimo perante inúmeras contrariedades, passando pela inércia ou preguiça na preparação e realização dos encontros da catequese, até desentendimentos provocados ou sofridos. Razões mais que suficientes para rezar ao Deus que pode, e só Ele, fazer que não caiam em tais tentações...antes, delas saiam mais fortalecidos, para seu próprio bem e dos catequizandos a quem ensinam a rezar.

OBJECTIVOS

- Reviver, pela oração, as duas primeiras preces da segunda parte da Oração Dominical;
- Acolher e compreender a última prece da Oração Dominical;
- Rezar a Deus para que ajude a não cair nas tentações.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A última prece da Oração Dominical é a consequência das suas anteriores, na perspectiva futura de uma vida em comunhão com Deus. Daí que a experiência humana seja preenchida com a recordação vivencial das duas catequese anteriores. Como isso é fundamental, não são apresentadas duas alternativas. Entretanto, o catequista, como sempre, procure adaptar as propostas à situação do seu grupo, nunca perdendo de vista os objectivos a atingir.
2. A palavra é preenchida pela última prece da Oração Dominical e pelo relato das tentações de Jesus. Apenas se faz alusão à primeira e última tentação, porque para crianças, nesta fase da caminhada catequética, será difícil compreender a segunda. Nos anos seguintes, terão ocasião de aprofundar o texto bíblico proposto.
3. Na expressão de fé, à oração individual, com base na dimensão pessoal que deve ter toda a oração, junta-se a oração comunitária: não só no grupo de catequese, mas também na comunidade a que pertence o grupo. Por isso se insiste em que seja usada a melodia do Pai Nosso oficialmente proposta para a liturgia. Com boa vontade e com o jeito que deve ter todo o bom catequista, as crianças poderão ganhar gosto pela referida melodia. Sobretudo sabendo que, assim, podem participar mais activamente nas celebrações das suas comunidades.
4. Tenha-se, desde já, a preocupação de preparar o próximo encontro, onde a presença dos pais ou seus substitutos é de primária importância. Um catequista, com engenho e empenho, conseguirá certamente que eles estejam realmente presentes. Para isso, é necessário que sejam avisados e motivados com bastante antecedência.

MATERIAIS

- Cartolina grande em forma de coração (catequese anteriores);

- Figura de Cristo em oração (catequeses anteriores);
- Cartolina com os nomes e fotografias das crianças e catequistas (catequeses anteriores);
- Dísticos “Pai/Mãe”, “Jesus”, “Deus”, “Pai Nosso que estais nos Céus”, “Santificado seja o vosso nome”, “Venha a nós o vosso Reino”, “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”, “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” e “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (catequeses anteriores);
- Dístico “E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”;
- Cartolinas com a prece “Perdoai-nos as nossas ofensas...” do puzzle com o Pai Nosso, uma para cada criança;
- Imagens da fome (catequese 18) e da guerra;
- Cesto (catequeses anteriores) com dois panos para a sua dupla cobertura;
- Bíblia;
- Dois castiçais;
- Canetas/esferográficas.

MÚSICAS

- Vós, Senhor, sois o nosso Pai;
- Cantai o Senhor é bom;
- Jesus Cristo é Senhor;
- Pai Nosso (melodia oficial da liturgia).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: a cartolina em forma de coração (de Deus) e, sobre ela, a imagem de Jesus em oração com os dísticos (em ordem descendentes) “Pai Nosso que estais nos Céus”, “Santificado seja o vosso nome”, “Venha a nós o vosso reino”, “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”, “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” e “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nos perdoamos a quem nos tem ofendido” fora do coração, na parte superior, os dísticos (em ordem descendente) “Pais/Mães”, “Jesus” e “Deus”.
- *Sobre a mesa*, deslocada um pouco para o meio da sala (como nas duas catequeses anteriores): dois castiçais apagados, a ladear a Bíblia e a cesta (usada nas duas catequeses anteriores) com as folhas/cartolinas (do puzzle com o Pai Nosso) que serão, a seu tempo, distribuídas pelas crianças, com as palavras “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”, cobertas com um pano e, sobre esse pano, o dístico, com as mesmas palavras, a ser, a seu tempo, afixado no placar, também este dístico devidamente coberto com um pano.

- Em vez da mesa anterior, pode colocar-se uma outra mesa, mais baixa, com os mesmos elementos (como nas duas catequeses anteriores).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Já repararam na cesta que está aqui em cima da mesa?

Hoje está coberta com um pano. Que estará lá dentro, assim tão escondido? Vejam lá se conseguem adivinhar?

É claro que eu não digo. Vai ser uma surpresa. Uma ou duas.

Mas, antes de descobrirmos as surpresas, vejamos para que é que esta cesta serviu nas catequeses anteriores. Lembram-se?

*Deixar que as crianças se exprimam e, depois, sem comentários, mostrar as **imagens de pessoas subnutridas**, usadas na catequese 18, e, de seguida, afixá-las no placar, ao lado do dístico “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Depois comentar:*

Aqui na cesta tínhamos um pão (ou dois) bastante grande. Até chegou para cada um de vós levar uma fatia para casa, para repartir com as pessoas que, lá em casa, comem convosco.

A propósito disso: têm rezado a oração para antes e depois de cada refeição? Podíamos rezar hoje aqui a oração para o fim da refeição. Querem? Então, para ninguém se enganar, abram os vossos catecismos na página onde ela se encontra. *O catequista indica a página e depois convida as crianças a rezarem de pé, na seguinte ordem:*

Primeiro rezamos aquela parte da **oração** que Jesus nos ensinou:

“O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

Agora, rezemos a oração para depois da refeição:

Dou graças, pelo pão que Deus me dá, não o devo estragar. Há muitos meninos que o não têm.

2. Podem sentar-se. É uma oração linda, não é? Com ela agradecemos a Deus, nosso Pai, pela comida que tomamos. E agradecemos, para que não aconteçam coisas como as que aquelas imagens (*apontar*) mostram. São horríveis, não são? – Sabem por que é que isto acontece?

Porque as pessoas não querem partilhar a sua comida com os mais pobres. E isto desagradava muito a Deus.

Mas há outras coisas que desagradam a Deus.

*O catequista mostra uma ou duas **imagens com sinais e efeitos da guerra**... afixa-as no placar, ao lado do dístico com as palavras “Perdoai-nos as nossas ofensas,*

assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”, e depois comenta:

Estão a ver o resultado das guerras, das maldades e das ofensas que as pessoas fazem?

Nós não fazemos coisas tão más e tão graves, porque ainda somos pequenos. Mas algumas maldades fazemos. Lembram-se do que fizemos aqui na última catequese?...

Os coraçõezinhos, com os nossos nomes e fotografias, tinham sido tirados do placar, de junto do coração de Deus. Porque quem faz maldades não pode estar junto de Deus. E que fizemos nós para voltarmos a ter lugar junto do coração de Deus?

Primeiro pedimos perdão a Deus... E foi então que os nossos coraçõezinhos passaram aqui para dentro da cesta que está junto da Bíblia. E quando é que eles puderam voltar para junto do coração de Deus?

Exacto: depois de fazermos a paz aqui, uns com os outros, e de prometermos a Deus perdoar a quem nos ofende. E a propósito: quem fez alguma coisa para isso?

Deixar que se exprimam. Se fizeram, dizer que Deus está contente. Se ninguém e nada fizeram, incentivar nesse sentido, para serem dignos de estar junto ao coração de Deus. Depois, completar:

Se todas as pessoas fizessem assim, não havia guerras, mortes e destruições como aquelas que estão ali representadas (*apontar*).

Mas nós não queremos, senão perdoar. E quando o fazemos, ficamos muito felizes. Lembram-se do cântico que cantámos ao Senhor pelo perdão que Ele nos dá e nos ajuda a fazer?

E se nós o cantássemos outra vez?

Então fazemos assim: de pé, rezemos primeiro as palavras de Jesus:

**“Perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido.”**

E agora cantemos:

“Cantai, o Senhor é bom” (*refrão e 2ª estrofe*).

3. Podem sentar-se. Repararam nas palavras que eu (nós) cantei (cantámos):

“O reino chegou ao meu coração”. É o reino de Deus, só de amor, só de paz. O amor que mostramos, por exemplo, quando partilhamos o nosso alimento e a paz que temos, quando perdoamos uns aos outros como Deus nos perdoa.

E repararam que isto saiu desta cesta (*apontar para ela*): saiu o pão que partilhámos e saíram os nossos corações, perdoados, para voltarem para junto de Deus.

Será que a cesta nos pode dar ainda mais alguma coisa, para vivermos no Reino de Deus, no reino do amor e da paz?...

Vamos ver. Vai ser a primeira surpresa.

II. PALAVRA

1. O catequista acende as velas, pode pedir a duas crianças que as segurem, depois convida uma outra criança a vir tirar o primeiro pano e, depois, a pegar no **dístico** “**Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal**” que levanta e mostra às outras crianças, para o contemplarem por uns momentos. De seguida diz:
Querem todos ler o que está ali escrito?... Então digamos, todos ao mesmo tempo:

**“Não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal”** (podem repetir).

As crianças pousam os castiçais, o catequista afixa o dístico no placar, por baixo dos restantes, e comenta:

Que bela prenda que Jesus hoje nos oferece! Sim, é uma autêntica prenda. Sabem porquê?

Olhem outra vez para aquelas imagens de fome e de guerra. São imagens horrorosas. E nós não queremos contribuir para que coisas daquelas aconteçam. Por isso, já pedimos a Deus que nos dê a nós e a todas as pessoas, o pão de cada dia, já pedimos perdão pelas nossas ofensas e prometemos perdoar aos outros, para que haja paz.

Mas será que conseguimos fazer sempre isso?

Às vezes somos tentados a não fazê-las: a não sermos amigos de todos, a não ajudar os mais necessitados, a vingá-los quando nos fazem mal. E, para não cairmos na tentação de fazermos essas coisas, que devemos fazer?...

2. Vamos aprender melhor com Jesus. É que Ele também foi tentado. Sim, sim, foi tentado pelo Maligno ou o Diabo que é inimigo de Deus: quer que as pessoas se voltem contra Deus e façam o contrário do que Deus nos mandou fazer, para sermos felizes, no seu Reino só de amor e de paz.

Querem saber o que aconteceu um dia com Jesus?...

Eu vou contar

*O catequista pega na Bíblia, aberta em **Mt 4, 1-11**, e conta por palavras suas:*

Olhem, foi logo a seguir ao seu Baptismo. Lembram-se? Quando o Pai do Céu lhe disse: “Tu és o meu Filho muito amado”.

Depois disso, Jesus afastou-se para o deserto, onde não há casas nem pessoas, para aí, no deserto, se preparar para ir anunciar o Reino de Deus e convidar as pessoas a serem amigas de Deus.

Ora, aconteceu que aí no deserto, o Diabo, o inimigo de Deus, tentou Jesus a fazer várias coisas que são contra a vontade de Deus.

Primeiro desafiou-o a transformar as pedras em pães, para ter muitos, muitos pães,

mas só para si. E quem tem muitos alimentos só para si, que acontece? Vejam aquelas imagens de fome (*apontar*).

Sabem o que respondeu Jesus?... Ponham-se de pé para ouvir com mais respeito.

O catequista lê: **Mt 4, 4:**

Catequista: “Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Mateus”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

“Jesus respondeu ao Tentador:

«Está escrito:

**Nem só de pão vive o homem,
mas de toda a palavra
que sai da boca de Deus».”**

O catequista conta:

Mais tarde, num alto monte, o Tentador mostrou-lhe muitas, muitas terras, dizendo a Jesus que tudo aquilo era seu. Jesus, se queria ter aquilo tudo, só precisava de se ajoelhar diante do Diabo e tudo seria dele. Sabem o que respondeu Jesus:

O catequista lê: de **Mt 4, 10:**

«Está escrito:

**Ao Senhor, teu Deus, adorarás
e só diante dele te ajoelharás».**

“Palavra da Salvação”.

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

3. Podem sentar-se. (Depois de pousar a Bíblia, o catequista comenta):

Estão a ver: se Jesus quisesse possuir todas aquelas terras só para ele, que aconteceria?

Olhem para aquelas imagens da guerra... É isto que acontece, quando há alguns que querem tudo para si. Por isso é que matam os outros. É horrível, não é?

E que fez Jesus, para não cair naquelas tentações?

Pensou só em Deus. Pensou que só ter pão e alimentos, sem Deus que nos leva a partilhá-los, faz com que haja tanta fome e tanta miséria.

E adorou, entregou-se só a Deus, rezando-lhe todos, todos os dias. Pois bem, é

exactamente isto que Ele hoje nos oferece: aquelas belas palavras, saídas da nossa cesta, para nós as rezarmos.

Querem fazê-lo já?...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Para isso, vamos ter outra surpresa que vem da cesta ali em cima da mesa. Já de lá saiu o pão, saíram os nossos coraçõezinhos que hoje estão ali juntos do coração de Deus; hoje saíram de lá aquelas palavras tão importantes que Jesus nos ensinou. E que faltará ainda sair?...

É uma prenda para cada um de vós...Querem que eu descubra?...

*O catequista tira o pano que cobre as cartolinas com a **oração "Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal"**, mostra uma delas às crianças e diz:*

Aqui estão escritas as mesmas palavras que estão no placar, só que será uma folhinha para cada um de vós, para cada um poder rezar, muitas vezes, as palavras da oração que Jesus nos ensina.

Já disseram que querem rezá-la, já.

Então, iremos fazer assim: Primeiro, cantaremos todos a Deus nosso Pai. Porque é a Ele que rezamos, como fez Jesus. Depois, cada um de vós, um de cada vez, vem aqui, tira a sua folhinha, olha para as imagens da fome e da guerra que está ali no placar e, só depois disso, reza as palavras de Jesus que vem na folhinha.

Depois de rezá-las é que volta para o seu lugar com a sua folhinha.

Perceberam todos? Eu ajudo-vos.

De pé cantemos, de braços levantados:

"Vós, Senhor, sois o nosso Pai" (só o refrão).

As crianças aproximam-se como foi indicado. Se forem muitas, podem vir em pequenos grupos e rezar em conjunto. Se o catequista achar oportuno e para quebrar a monotonia, pode ir intercalando as orações individuais com o refrão do mesmo cântico ou outro adaptado:

"Cantai o Senhor é bom" ou "Jesus Cristo é Senhor".

2. Pronto. Agora, já temos completa toda a oração que Jesus nos ensinou.

Podíamos agora rezá-la toda do princípio ao fim. Querem?

Mas, ainda será melhor, se nós a cantássemos. Já sabemos a primeira parte a cantar, agora só falta a segunda. Querem aprender?

O catequista volta a cantar a 1ª parte, na melodia usada na liturgia, e ensaia a 2ª. No final, convida as crianças:

Agora já podemos rezar esta bela oração, a cantar. Vamos pôr-nos de pé... de braços levantados para Deus... com os olhos em Jesus, cantemos:

“Pai Nosso que estais nos Céus...”

3. Podem sentar-se. Falta saberem o que vão fazer com essa folhinha que receberam hoje. Não acham que seria bonito escrever, no outro lado, qualquer coisa? Podem escrever umas palavras que vêm no catecismo.

*O catequista indica a página onde vem a **aclamação**: “**Vosso é o reino e o poder e a glória para sempre.**” Se o tempo for escasso, pede para o fazerem em casa. Conclui assim:*

Levem a folhinha para casa, juntem-na às outras e não se esqueçam de as trazer todas para a próxima catequese. Vai ser muito bonito.

E convidem também os vossos pais e/ou avós para virem à próxima catequese. É muito importante. E digam-lhes para eles trazerem ou mandarem aquela folhinha com o princípio do Pai Nosso.

*O catequista pode enviar todas estas comunicações aos pais, através de uma carta ou outro meio eficiente. Se eles não puderem estar presentes, procure obter deles a referida cartolina com o início do Pai Nosso. O encontro pode ser concluído com o **cântico “Jesus Cristo é Senhor”** ou **“Cantai o Senhor é bom”**.*

Em Jesus somos irmãos

3º BLOCO

Nestes encontros, as crianças são levadas a redescobrir e a celebrar, em comunidade, que:

- Jesus Cristo, está vivo e vive connosco, o Espírito Santo, na acção de fazer de nós Filhos de Deus, irmãos em Cristo, e membros da Igreja, principalmente pelo Baptismo.

Tema dos últimos encontros é o mandamento do amor, a Deus e ao próximo ensinado por Jesus durante a sua vida pública, e realizado por Ele sobretudo na sua morte e ressurreição.

Encerra-se o ano com a entrega solene da oração do Pai-Nosso, no seio da comunidade.

QUE BOM É VIVER EM DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Precisamos de catequistas santos...

E já os temos, graças a Deus.

Sim, a santidade é, antes de mais, uma graça de Deus. “Foi Ele que nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor. Predestinou-nos para sermos adoptados como seus filhos por meio de Cristo, de acordo com o beneplácito da sua vontade, para que seja prestado louvor à glória da sua graça, que gratuitamente derramou sobre nós, no seu Filho bem-amado. É em Cristo, pelo seu sangue que temos a redenção, o perdão dos pecados, em virtude da riqueza da sua graça, que Ele abundantemente derramou sobre nós, com toda a sabedoria e inteligência. Manifestou-nos o mistério da sua vontade e o plano generoso que tinha estabelecido, para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no Céu e na terra” (Ef 1, 4-10). É este o percurso da santidade que parte de Deus e se realiza na sua intervenção salvífica em Jesus Cristo: fomos por Ele escolhidos, predestinados, libertados do pecado, através do Evangelho que nos foi anunciado; fomos e somos por Ele amados, com um amor encarnado de um modo único por Cristo e concretizado no perdão; fomos por Ele constituídos colaboradores na realização plena do seu plano salvífico: tudo submeter a Cristo.

Precisamos de catequistas que acolham esta graça, recebida pela primeira vez no seu Baptismo, confirmada pelo azeite santo do Crisma, permanentemente alimentada pelo corpo e o sangue de Cristo, dados na Eucaristia, e renovada pelo perdão oferecido na reconciliação. É sobretudo por meio destes sacramentos que Deus nos fez santos: passa a habitar em nós e nós nele, como sua propriedade, membros do seu povo eleito, para proclamarmos as maravilhas daquele que nos chamou das trevas à sua luz admirável (1 Ped 2, 9).

Precisamos de catequistas que se entreguem a esta missão, de corpo e alma: a missão de transmitir a fé em que vivem e de que vivem, pelo “anúncio e o testemunho

vivo, entusiasmante do Evangelho” (Conferência Episcopal Portuguesa, Para que acreditem e tenham vida, nº 2). Um testemunho, por isso mesmo, contagiante. É no modo dedicado, generoso e gratuito com que eles se entregam à sua missão que os catequizandos se deixam conquistar para o percurso salvífico para o qual Deus continua a chamar os que “escolheu em Cristo antes da criação do mundo” (Ef 1, 4). Uma entrega aos outros que exige a entrega total a Deus, especialmente pela oração.

2. A oração dos Santos

Bem podemos chamar assim à Oração Dominical. Ela é “dominical”, isto é, do Senhor, porque Aquele, que reconhecemos como “Senhor”, exerce sobre nós o seu domínio, pela total obediência ao Deus único e verdadeiro, Senhor do Céu e da terra. E Jesus, também Ele o Senhor, ao oferecer-nos esta oração, conduz-nos à mesma sujeição, pela qual somos santos, propriedade do Deus Santo.

Vejamos como isso acontece, na sequência dos dois conjuntos de petições de que é composta esta oração.

“O primeiro conjunto leva-nos até Ele, para Ele: o vosso nome, o vosso Reino, a vossa vontade! É próprio do amor pensar, em primeiro lugar, n’Aquele que amamos. Em cada um dos três pedidos, nós não «nos» nomeamos, mas o que nos move é o «desejo ardente», é mesmo «a ânsia» do Filho bem-amado pela glória de seu Pai: «Santificado seja [...], venha [...], seja feita». Estas três súplicas já foram atendidas no sacrifício de Cristo Salvador, mas agora estão orientadas, na esperança, para o seu cumprimento final, enquanto Deus não é tudo em todos” (CIC 2804).

“O segundo conjunto de petições segue a dinâmica de certas epicleses eucarísticas: é oferta das nossas expectativas e atrai o olhar do Pai das misericórdias. Parte de nós e diz-nos respeito já agora, neste mundo: «Dai-nos [...], perdoai-nos [...], não nos deixeis [...], livrai-nos». A quarta e quinta petição dizem respeito à nossa vida, como tal, quer para a alimentar, quer para a curar do pecado. As duas últimas dizem respeito ao nosso combate pela vitória da vida, que é o próprio combate da oração” (Ibidem 2805).

“Pelas três primeiras petições, somos confirmados na fé, repletos de esperança e abraçados pela caridade. Criaturas e, além disso, pecadores, devemos pedir por nós – um «nós» à medida do mundo e da história – que entregamos ao amor sem medida do nosso Deus. Pois é pelo nome de Cristo e pelo Reino do seu Espírito Santo que o nosso Pai realiza o seu desígnio de salvação para nós e para todo o mundo” (Ibidem 2806).

Em resumo: “As três primeiras, mais teologais, atraem-nos para a glória do Pai; as quatro últimas, como caminhos para Ele, expõem a nossa miséria à sua graça” (Ibidem 2803).

Elevamo-nos, portanto, para Deus e, n’Ele, descemos para nós.

Um percurso feito:

3. Em comunhão com Cristo, o Santo de Deus

A riqueza do Pai Nosso não está apenas no seu conteúdo. Esta oração, é também o modelo para toda a oração.

Daí que o percurso nela percorrido se repita em muitas outras orações, com destaque para aquelas que o próprio Cristo faz nos Evangelhos. Por exemplo Jo 17, 20-23, onde Jesus, depois de rezar ao Pai Santo pelos discípulos de então, pede por todos os crentes que, ao longo da história haveriam de acreditar nele, levados pela palavra dos mesmos discípulos:

“Não rogo só por eles, mas também por aqueles que, por meio da sua palavra, hão-de crer em mim, para que todos sejam um só, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti: que eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. Eu dei-lhes a glória que tu me deste, de modo que sejam um, como nós somos um. Eu neles e tu em mim, para que cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que tu me enviaste e que os amaste a Eles como a mim.”

À comunhão com Deus, na sua qualidade de Pai, corresponde a comunhão entre aqueles que a Ele se entregam como filhos. A primeira é condição imprescindível para a segunda: só no amor ilimitado de Deus é possível um amor igualmente ilimitado entre nós. Só na comunhão com o Deus do Céu se obtém a comunhão entre aqueles que nele crêem, mas que continuam no mundo, não sendo já do mundo.

O elo entre o Céu e a terra é feito por Aquele que desceu do Céu para dar a vida ao mundo: “o Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer” (Jo 1, 18). É Ele, como bom pastor, que nos continua a dizer: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (10, 10). É Ele, depois de vencer a morte pelo dom total da sua vida, que nos dá o Espírito Santo Paráclito: “O Espírito da Verdade, que há-de guiar-nos para a verdade completa” (16, 13).

Por isso, na oração que dirigimos a Deus, dizemos habitualmente: “Por nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo”. Isto é, sempre que rezamos, fazemo-lo em união com Cristo... que continua a rezar connosco, pelo Espírito que, em nós, nos une a Ele e ao Pai... e uns aos outros, como membros do seu corpo, a Igreja de que somos membros.

Que o seu Espírito Santo e Santificador penetre em cada um de nós, para sermos os catequistas santos de que precisamos: escutando a oração que Cristo faz por nós para, dignamente, podermos rezar aquela que Ele nos deixou, como caminho para Deus e, d’Ele, para os catequizandos a quem somos enviados, para que também eles sejam santos.

OBJECTIVOS

- Fazer a revisão das catequises sobre o Pai Nosso;
- Compreender a unidade e complementaridade das duas partes do Pai Nosso;
- Rezar o Pai Nosso como oração por excelência do Reino de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é de revisão e de síntese de toda a Oração Dominical. A sua necessidade justifica-se, não apenas pela revisão, mas sobretudo para as crianças se aperceberem de que a primeira parte do Pai Nosso, em que o crente se volta e se coloca em Deus, exige a segunda parte, em que os seus pedidos, na relação com Deus, têm efeitos na relação do crente consigo próprio e com os outros. E vice-versa: a vida inter-humana só é possível, numa plenitude desejável, a quem se entrega a Deus pela fé.
2. O símbolo do coração tem aqui um lugar especial como expressão de amor: a criança sentir-se-á tanto mais no coração de Deus, por Ele amada e a Ele entregue pelo amor, quanto mais tiver Deus no seu próprio coração, através da oração que, vinda de Deus através de Cristo, se torna o meio privilegiado para a comunhão com Deus.
3. Toda a catequese deve decorrer numa oração contínua. Mesmo a Palavra escutada é, pelo menos no início, uma oração que, vinda de Cristo, é o meio por excelência, para fazer do Pai Nosso uma verdadeira oração. A sua ligação, na expressão de fé, com a celebração eucarística permite às crianças uma maior inserção na vida da Igreja que tem o seu centro na Eucaristia.
4. A presença e colaboração dos pais ou outros familiares é de todo desejável, para não dizer, imprescindível: com eles, tem outro sentido e outra eficácia a oração das crianças. Por isso, o catequista use de todos os meios ao seu alcance, para que os pais estejam presentes ou se façam representar.
5. O catequista procure também que as crianças se não esqueçam das sucessivas peças do “puzzle” com o Pai Nosso que foram recebendo nas catequese anteriores. É possível haver crianças que tenham perdido ou se esqueçam de algumas. Para essa eventualidade, o catequista prepare umas tantas de reserva.
6. Dada a mobilidade da festa da Páscoa, é possível que, nalguns anos, pelo menos esta catequese tenha de passar para o tempo depois da Páscoa. Mesmo nesse caso, procure-se que a unidade de toda a Oração Dominical se não perca.

MATERIAIS

- Cartolina em forma de coração (catequese anteriores);
- Imagem de Jesus em oração (catequese anteriores);
- Dísticos com as sucessivas petições do Pai Nosso (catequese anteriores);
- Cartolinas com os nomes das crianças e catequistas (catequese anteriores);
- Dísticos “Pais/Mães”, “Jesus” e “Deus” (catequese anteriores);

- Peças do “puzzle” com o Pai Nosso, distribuídas nas catequese anteriores e a trazer pelas crianças e os pais ou outros familiares;
- Dísticos “Como tu estás em mim e eu em ti, assim eles estejam em nós”, “Que eles sejam um só, como tu estás em mim e eu em ti” e (se necessário) “Vosso é o Reino e o poder e a glória para sempre”;
- Dois panos para cobrir os dísticos com as duas partes do Pai Nosso;
- Bíblia;
- Dois castiçais.

MUSICAS

- É bom estarmos juntos;
- Obrigado Jesus (levemente modificado);
- Pai Nosso (melodia oficial);
- Jesus Cristo é Senhor.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *Placar*: cartolina em forma de coração (de Deus) com a imagem de Cristo em oração e os dísticos com o Pai Nosso; por cima (e de fora) os dísticos “Pais/Mães”, “Jesus” e “Deus”; de fora e a envolver a cartolina em forma de coração, as cartolinas com os nomes e fotografias das crianças e catequistas. As palavras com o Pai Nosso devem estar cobertas com dois panos: um sobre os dísticos da 1ª parte e outro sobre os dísticos da 2ª parte. Os panos serão retirados durante a catequese, na altura indicada.
- *Mesa*: Bíblia e dois castiçais apagados.
- *Cadeiras*: para as crianças (à frente) e para os pais ou seus substitutos (atrás).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de uma saudação especial aos pais e/ou outros familiares das crianças, o catequista adopta uma das seguintes alternativas ou mesmo as duas, neste caso, devidamente adaptadas.*

1ª

Alternativa

Aconselhável para a presença de pais e outros familiares.

Ainda se lembram do cântico “É bom estarmos juntos”? Aquele em que todos cantamos “É bom sorrir, é bom cantar, é bom viver em Deus”.

Já não o cantamos há muito tempo. Das últimas vezes que o cantámos aqui, foi

quando os vossos pais e outros familiares estiveram connosco. E lembro-me que eles também cantaram.

Uma vez que eles hoje estão aqui de novo, podíamos voltar a cantá-lo. Acham bem? E eles vão cantar connosco. Até porque o cântico é muito bonito. Para ser ainda melhor, até o podíamos cantar de mãos dadas.

Assim mostramos mais que nos sentimos felizes por estarmos juntos.

Então, ponham-se de pé. Demo-nos as mãos e cantemos.

“É bom estarmos juntos” (1ª e 2ª estrofe)

Podem sentar-se. Repararam que nós cantámos que é bom viver em Deus. Por isso é que sorrimos e cantamos com tanta alegria. É mesmo bom viver em Deus?

E como será que nós vivemos em Deus? Que devemos nós fazer para viver em Deus? *Deixar que se exprimam e, adaptando-se às respostas, continuar:*

Temos que ver um pouco melhor o que é viver em Deus. Primeiro porque é muito importante. E, depois, para que queremos que os vossos pais e familiares também saibam e estejam de acordo connosco.

Estais a ver? Hoje sois vós os catequistas dos vossos pais e familiares. Estão prontos para lhes fazer catequese? Eu vou ajudar-vos, para sair tudo certinho. E, depois, servimo-nos dos catecismos e do placar. Está lá tudo. Só que não está tudo à vista. Sabem porquê? É por causa dos vossos pais.

Queremos fazer-lhes algumas surpresas. É por isso que não lhes mostramos tudo de uma vez.

Só mostramos, quando nós e eles estivermos mesmo dispostos a fazer o que Jesus, no placar, já está a fazer. O que é?

Está a rezar. Pois bem, também nós precisamos de rezar. Mas rezar bem. Só assim é que vivemos em Deus.

2ª

Alternativa

Olhem para o placar. Está lindo, não está?

Algumas coisas já sabem o que significam. Por exemplo: De quem é aquele coração gigante?

Representa o coração de Deus. Ele tem um coração muito, mesmo muito maior do que aquele. Maior do que o mundo inteiro. É que Deus ama todas as pessoas. Até os maus. Ele ama os maus, mas é para eles se tornarem bons e poderem estar no coração de Deus.

Deus também os ama; mas se eles não amarem a Deus, então não querem estar no seu coração.

E quem está já no coração de Deus? Vejam no placar.

É Jesus. E que está Ele a fazer?

Jesus está sempre no coração de Deus. Mas a rezar está ainda mais.

E vós? Não gostáveis de estar também no coração de Deus?

Quem é que não gosta?!

Estão a ver os coraçõezinhos com os nossos nomes e as nossas fotografias?

Não gostariam que eles passassem também para dentro do coração de Deus?

Vamos a ver se somos capazes. Temos de fazer como Jesus. Fazer o quê?

Olhem, é aquilo que hoje está coberto. Só iremos descobrir quando Jesus nos disser

mais uma vez o que devemos fazer. Isto é, depois de rezarmos com Jesus e como

Ele nos tem ensinado.

2. *Para as duas alternativas:* Para isso, vamos seguir o catecismo. Podem abri-lo na **catequese 13**. *O catequista indica a página do início dessa catequese e diz:*

Como se chama essa catequese?

Pois bem, vamos começar por rezar essa oração: pedir outra vez a Jesus que nos ensine a rezar. Sim, se Ele não nos ensinar, não saberemos rezar bem.

Então poisem os vossos catecismos. Ponham-se de pé. Todos de mãos erguidas (*o catequista ergue as mãos*). Olhemos todos para a imagem de Jesus no placar. E agora digamos ao mesmo tempo:

“Senhor, ensina-nos a rezar” (*repetir duas vezes*).

II. PALAVRA

1. Podem sentar-se.

Ainda se lembram de quem é que disse pela 1ª vez estas palavras? Foram os amigos de Jesus. E porquê?

Porque viram Jesus a rezar. E viram que Jesus, depois de rezar, ainda era mais amigo de Deus e de todas as pessoas.

Pois bem, é o que nós vamos ter aqui nesta catequese.

Vamos ter Jesus a rezar. Imaginem, a rezar por nós.

Assim é que Ele nos ensina a rezar bem. Sim, não basta rezar. É preciso rezar bem.

E Jesus vai, de seguida rezar a Deus por nós.

Ele não rezou somente pelos amigos que andavam com Ele. Depois de ter rezado por eles, rezou também por todos os que haviam de se tornar seus amigos, até hoje.

Isto é, todos os que haviam de escutar a sua palavra, que se converterem a Ele, que acreditaram nele. E quem são eles?

Somos nós e muitas outras pessoas: os nossos pais, avós, familiares e todos os cristãos. Jesus vai rezar por todos. Então vamos ouvir com muita atenção. Irão ver que Ele, com a sua oração, diz o que devemos fazer para rezarmos bem e estarmos no coração de Deus, vivermos em Deus. Ponham-se de pé.

O catequista acende os castiçais, abre a Bíblia em **Jo 17, 20-21** e lê, calmamente, as seguintes palavras (a leitura pode também ser feita com a ajuda de um pai ou mãe):

Catequista: “Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João”:

Todos: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

“Naquele tempo,
Jesus rezou assim:

Pai/Mãe:

«Pai Santo,
não te peço só por estes,
mas também por aqueles que,
por meio da sua palavra,
hão-de acreditar em mim.
que eles sejam um só,
como tu, ó Pai, estás em mim
e eu em ti:
que assim também eles estejam em nós
e o mundo acredita que tu me enviaste».

Catequista: Palavra da Salvação”.

Todos: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista: Não querem agradecer a Jesus, por Ele ter rezado por todos nós?
Então cantemos:

“Obrigado Jesus, porque és meu amigo.
Obrigado Jesus, porque rezas por mim”: *(repetir)*.

2. Podem sentar-se.

O que é que Jesus acaba de pedir ao Pai para nós?

São duas coisas. Qual é a primeira?

O catequista descobre 1ª parte do Pai Nosso e afixa a seu lado o **dístico**: “**Como tu estás em mim e eu em ti, assim eles estejam em nós**”.

Depois convida as crianças:

Leiam todos comigo as palavras que acabei de afixar no placar:

“Como tu estás em mim e eu em ti assim eles estejam em nós”.

Pois bem, é isto que nós procuramos fazer, quando rezamos aquelas palavras da oração que Jesus nos ensinou para nós rezarmos: a 1ª parte do Pai Nosso. Para vermos melhor como isso acontece, vamos servir-nos do nosso catecismo. Podem abri-lo na **catequese 14**. *O catequista indica a página com referências ao texto de **Mt 7, 9-11** e pede a uma criança para o ler de pé:*

“Se o filho pedir pão, o pai não lhe dará uma pedra, e se lhe pedir peixe, não lhe dará uma serpente. Os pais dão coisas boas aos filhos, mas o Pai do Céu dá muito mais.”

Muito bem. É por isso que chamamos a Deus “Pai Nosso que estais nos Céus”. Agora passamos à **catequese 15**. *O catequista indica a página em que vem o texto referente a **Jo 17, 17.19** e pede a uma criança para o ler de pé:*

“Pai Santo, santifica na verdade aqueles que Tu me deste. Por eles eu me entrego para que fiquem a ser inteiramente teus, por meio da Verdade.”

Obrigado. Estão a ver por que rezamos: “Santificado seja o vosso nome”.

Vamos à **catequese 16**. *O catequista indica a página do catecismo em que vem o texto relativo a **Lc 17, 21; Mt 11, 4-5** e pede a uma criança para o ler de pé:*

**“O Reino de Deus já está entre vós:
Os cegos vêem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem,
os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres.”**

Bonito. Por esta razão é que dizemos: “Venha a nós o vosso Reino”. E porque dizemos “seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu? – **catequese 17**. *O catequista indica a página com o texto de **Mt 7, 12** e pede a uma criança que o leia de pé:*

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade do meu Pai que está no Céu.

Pronto. Quem faz como Jesus nos mostra em todas estas palavras que lemos, pode rezar as palavras do Pai Nosso. Querem rezá-las todas? Com elas, estamos em Deus, com Jesus. Então ponham-se de pé. Levantemos as mãos e os braços para Deus e rezemos todos, ao mesmo tempo:

**“Pai Nosso que estais nos Céus,
santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no Céu”.**

3. Podem sentar-se.

Falta a segunda coisa que Jesus pediu ao Pai por nós. Lembrem-se do que foi?
*O catequista descobre a segunda parte do Pai Nosso e afixa a seu lado o **dístico**:*
**“Que eles sejam um só,
Como tu estás em mim e eu em ti”.**

Depois convida as crianças:

Leiam todos comigo as palavras que Jesus também rezou por nós:

“Que eles sejam um só
como tu estás em mim e eu em ti”.

Sabem o que quer dizer “um só”?

Quer dizer que somos tão amigos uns dos outros que quase somos uma só pessoa.
Tão unidos estamos uns aos outros!

Isto acontece, se rezarmos bem a segunda parte do Pai Nosso.

Para isso, vamos recordar as palavras que Jesus nos disse, quando nos ensinou a rezar.

Primeiro na **catequese 18**. *O catequista indica a página do catecismo com as palavras relativas ao texto de **Mc 6, 35-44** e pede a uma criança que o leia de pé:*

“Uma grande multidão seguia Jesus. E, como foram para lugar deserto, não tinham de comer. Então Jesus disse aos seus discípulos: «Dai-lhes vós mesmos de comer». Eles, porém, só tinham cinco pães e dois peixes. Jesus tomou-os e erguendo os olhos para ao céu abençoou-os e deu-os aos seus discípulos para que os repartissem. Todos comeram e, no fim, sobraram doze cestos com bocados de pão e os restos do peixe.

Todos estavam maravilhados com o milagre de Jesus”

É por isso que rezamos “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”. O pão para nós e para todos os que precisam de comer.

Mas isso ainda não chega, para sermos um só, muito amigos de todos.

Abram os vossos catecismos na **catequese 19**. *O catequista indica a página com o texto relativo a **Mt 5,23-24** e pede a uma criança que o leia de pé:*

“Se fores, portanto, apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão.”

Cá está. Precisamos de perdoar aos outros, porque é para isso que Deus nos perdoa. E para que perdoemos sempre, o que é preciso?

Abram o catecismo na **catequese 20**. O catequista indica a página com o texto relativo a **Mt 4, 1-11** e pede a uma criança que o leia de pé:

“Então, o Espírito conduziu Jesus ao deserto, e Jesus foi tentado pelo diabo. Jejuou durante 40 dias e 40 noites e, por fim, teve fome. Então o Tentador disse-lhe: «Se Tu és Filho de Deus, ordena que estas pedras se transformem em pães». Respondeu-lhe Jesus: «Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus».

O Diabo conduziu-o depois à cidade santa e colocou-o sobre o pináculo do templo e disse-lhe: «Se tu és o Filho de Deus lança-te daqui abaixo, pois está escrito que Deus dará ordens aos seus anjos para te sustentarem nas suas mãos».

Mas Jesus disse-lhe: «Não tentarás o Senhor teu Deus!».

Mas o diabo insistia em tentar Jesus, então conduziu-o a um monte muito alto e mostrando-lhe todos os reinos do mundo, disse-lhe: «Tudo isto te darei, se prostrado, me adorares». Respondeu-lhe Jesus: «Vai-te Satanás, pois está escrito: Ao Senhor teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto».

Então o diabo deixou-o e chegaram os anjos e serviram-no”.

Muito bem. Como Jesus disse não ao Tentador, também nós pedimos a Deus: “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”:

Se dissermos não ao tentador, seremos amigos de Deus e amigos uns dos outros.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Digam-me cá: para nós rezarmos bem esta segunda parte do Pai Nosso como é que podíamos ter as nossas mãos?

Na primeira parte, para estarmos em Deus, levantámos as nossas mãos para o alto, para Deus. E agora podíamos rezar com as mãos dadas. É um sinal da nossa união. Primeiro, levantamos as mãos para o Céu e, em Deus, damos as mãos uns aos outros, quando pedimos a Deus as coisas que precisamos aqui na terra.

Acham bem?

Então, hoje iremos fazer assim com as nossas mãos. E os nossos familiares vão fazer o mesmo.

Mas, antes disso, temos ainda de combinar mais algumas coisas.

Eu acho que devíamos cantar. Já aprendemos a cantar o Pai Nosso todo. E a cantar

ainda é mais bonito. Querem que eu vos lembre como é? *O catequista pode ensaiar rapidamente a melodia oficial.*

Muito bem. Assim até fazemos como às vezes costuma ser na missa.

Mas na missa ainda fazemos mais uma coisa. Depois de todos cantarem o Pai Nosso, o senhor Padre reza uma outra oração.

E, quando ele acaba, as pessoas respondem com umas palavras.

Lembram-se quais são? Eu até vos pedi para as escreverem na última folhinha que vos entreguei com as palavras do Pai Nosso. Quem as escreveu?

E todos as sabem de cor? Então vamos aprendê-las melhor.

Se achar necessário, o catequista pode afixar o dístico “Vosso é o Reino e o poder e a glória para sempre”, ao fundo dos dísticos com o Pai Nosso.

Digamos todos:

“Vosso é o Reino e o poder e a glória para sempre”.

Depois de memorizada a aclamação, o catequista continua:

Com estas palavras estamos a louvar, a bendizer a Deus: a dizer-lhe que é Ele que reina, que está em nós. Só o podemos fazer, se rezarmos bem o Pai Nosso.

Mas, na missa, ainda fazemos outra coisa que já fizemos aqui: um gesto de paz. Pois bem, hoje também fazemos: é que ao rezar a Deus, até com as nossas mãos, estamos em paz uns com os outros. Estão de acordo? Então ponham-se de pé e preparem as vossas mãos: primeiro para o Céu e depois, damo-las uns aos outros.

2. Cantemos então como o Senhor nos ensinou:

Todos: “Pai Nosso que estais nos Céus...”

Catequista:

**“Livrai-nos de todo o mal, Senhor,
e dai ao mundo a paz em nossos dias,
para que, ajudados pela vossa misericórdia,
sejamos livres do pecado e de toda a perturbação,
enquanto esperamos a vinda gloriosa
de Jesus Cristo nosso salvador.”**

**Todos: “Vosso é o Reino e o poder
e a glória para sempre.”**

Catequista: “Saudai-vos na paz de Cristo”.

Todos: *Gesto de paz.*

3. Podem sentar-se. Faltam ainda duas coisas, que só podemos fazer agora.

A primeira é colocarmos os nossos coraçõezinhos dentro do coração de Deus. Com a nossa oração tão bem rezada, mostrámos que queremos e podemos passar para o coração de Deus.

Então vamos fazer assim: eu vou pegar no coraçõezinho de cada um de vós, dizer o nome, e quem é que o vai colocar no coração de Deus? Que vos parece?

Eu proponho que seja o vosso pai, mãe, avó. Os que não tiverem aqui ninguém, posso ser eu (ou outro catequista) a colocar.

Depois do pai ou mãe ou eu colocar o coraçõezinho no coração de Deus, o pai ou a mãe ou eu damo-vos aquela folhinha que ainda falta para completar as folhinhas todas que receberam com o Pai Nosso. Trouxeram-nas?

Então podem prepará-las e começar já a juntá-las pela sua ordem.

Depois de cada criança ter preparado o seu “puzzle” com o Pai Nosso, o catequista faz como indicou atrás: vai tirando do placar cartolina por cartolina, diz o nome da criança que se pode pôr de pé, entrega-a ao pai ou outros familiares que se aproximam da frente e a coloca no interior da cartolina representativa do coração de Deus. No final, o catequista coloca lá a sua própria cartolina e o dístico “Pais/Mães”.

4. Que lindo! Todos no coração de Deus, até os pais e as mães. E porquê?

Porque temos no nosso coração a oração que Jesus nos ensinou.

Olhem para as folhinhas, agora todas juntas, que tendes nas vossas mãos. Não formam elas um coração? Representa o vosso. Estais no coração de Deus, porque tendes Deus no vosso coração.

Não as percam. Um dia hão-de voltar a ser precisas.

E agora podemos cantar aquele cântico que aprendemos e já cantámos aqui: “É bom sorrir, é bom cantar, é bom estar em Deus.” É que estamos mesmo em Deus.

Fazemos assim: de pé... Coloquem o coração com o Pai Nosso nas mãos abertas. E agora cantemos todos:

“É bom sorrir, é bom cantar”... (*refrão e 2ª e 5ª estrofe*).

Também pode cantar-se: “Jesus Cristo é Senhor” (1ª estrofe).

“PAI, NAS TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPIRITO”

(Celebração)

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Quando sou fraco”...

Não nos faltam ocasiões e situações em que o experimentamos: as nossas fraquezas, fragilidades, insucessos. Em todos os campos da nossa vida: física e psíquica, pessoal e social, humana e religiosa. Infelizmente... ou felizmente?

Em si, as fraquezas são, no mínimo, desagradáveis. Pelo incómodo, o sofrimento e a dor que causam em nós próprios e naqueles que fazem parte da nossa vida; por travarem ou impedirem o desejo e o esforço natural de crescermos e nos desenvolvermos para uma vida plena e feliz.

Mas também são um desafio a não nos resignarmos, a procurarmos os meios necessários para as vencermos, a deixarmos que despertem em nós energias adormecidas, a procurarmos auxílio nos outros e, deste modo, a aprofundarmos a comunhão com eles, a entregarmo-nos com redobrada intensidade ao Deus que tudo pode, como Senhor do Céu e da terra; numa palavra, a sermos mais humanos e mais cristãos.

Temos, para isso, inúmeros exemplos. É o caso de Paulo a quem pertencem as palavras: “Quando sou fraco...” Escreve-as no final de uma das páginas mais belas das suas cartas, em 2Cor 11, 16-12, 10. São palavras conhecidas por “discurso de loucos”. Por várias razões: primeiro, porque, com elas, se gloria do que, aos olhos dos outros, ainda hoje seria motivo de vergonha. Passará pela cabeça de alguém que se tenha por normal, que queira subir na vida e que, para isso, tem de mostrar os sucessos que o imponham diante dos outros, passará pela sua cabeça apresentar-se exactamente com o contrário? Que exponha, como credenciais do seu valor e das suas capacidades, os açoites que sofreu, os flagelos a que foi sujeito, os apedrejamentos que quase lhe tiraram a vida, os naufrágios de que foi salvo por

acaso? Alguém que passou por toda a espécie de perigos de morte, desde os que provêm de desgraças da natureza até aos que são provocados pela malícia humana? Alguém que passou “noites sem dormir, passou fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez” (11, 27)?

Será um super-homem? De modo algum. Paulo não se gloria de ter vencido todos esses perigos e obstáculos, mas diz claramente: “Da minha fraqueza é que me gloriarei” (11, 30). E, para que não restem dúvidas, acrescenta, em forma de juramento: “O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito pelos séculos, sabe que não minto” (11, 31).

Uma loucura, aos olhos humanos, também porque na raiz e base destas fraquezas está uma outra loucura: “um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1 Cor 1, 23). A cruz, como sofrimento arrepiante e expressão máxima de ignomínia.

Como foi possível a Jesus fazer dela a confirmação definitiva da sua condição de Messias, de Ungido de Deus? Que caminho seguiu Ele para transformar o fracasso em vitória, a vergonha em glória?

2. Com Cristo em oração

Os relatos da paixão e morte de Jesus estão, nos três Evangelhos Sinópticos, envolvidos em dois momentos de oração. S. Lucas junta um terceiro. São momentos decisivos, porque é neles, ou melhor, imediatamente antes deles, que Jesus se sente, com mais intensidade, a vacilar.

O primeiro segue-se à Última Ceia em que Jesus anuncia a traição de Judas e as negações de Pedro, agravadas por este lhe jurar que nunca o abandonaria. Jesus retira-se para o Monte das Oliveiras, onde o assalta a tentação, provavelmente, de recuar, fugir. Vence-a, entregando-se à oração. Uma oração tão intensa que, segundo Lc 22, 43, “o suor tornou-se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíam por terra”. Um esgotamento físico de quem, todo Ele, se esgota em Deus.

O segundo segue-se imediatamente à crucificação, no meio de dois malfeitores. A dor e o rebaixamento da cruz, confirmado pela corte que lhe é dada. Como se de um criminoso, de um culpado de alta traição, se tratasse. À injustiça da sentença e da sua execução, responde com a oração, a súplica a Deus do perdão. Porque, diz Ele, “não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Não sabiam que, pelo amor que tem a sua prova máxima no perdão, o sofrimento acabaria em confirmação daquilo que Ele realmente era: o Messias de Deus. “Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?” – Tal é a pergunta que, já ressuscitado, coloca aos discípulos de Emaús, ainda incrédulos (24, 26).

O terceiro momento da oração coincide, praticamente, com a sua morte ou, talvez melhor, com a confirmação da sua morte. Porque já antes, “por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. O Sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio” (Lc 23, 44-45). Os sinais visíveis da presença do

Deus da vida tinham desaparecido. Foi nessa ausência que Ele, “dando um forte grito, exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito». Dito isto, expirou” (23, 46). O espírito, o hálito vital, é entregue ao Deus a quem pertence. O Deus que, de facto, não está ausente. As últimas palavras gritadas por Jesus são tiradas do Sl 31, 6. São, portanto, Palavra de Deus. O último suspiro de Jesus é, por isso, preenchido pelo próprio Deus. Maior comunhão não existe.

O único termo que não faz parte do Salmo é “Pai”. Jesus acrescenta-o, como havia feito em todas as outras orações. Em todas elas Ele trata Deus por Pai, que, no original aramaico, correspondia a “Abbá”, expressivo da maior intimidade, da maior confiança, da maior entrega. Jesus abandona-se nas mãos do Pai, quando se sente mais “criança”, mais frágil. E é assim que Ele obtém de Deus o que lhe faltava para ser o Messias de Deus: a energia para se manter fiel a si próprio, ao amor sem fronteiras, até a dos inimigos, fiel ao Deus de quem vive e com quem passa a viver, depois de passar pela máxima fraqueza, a de um moribundo que vence a morte para sempre e nos abre o caminho para a mesma vitória: o caminho que, imprescindivelmente, passa pela oração.

É esse o caminho seguido por Paulo e que o leva a exclamar:

3. ...“Então é que sou forte”

Também estas palavras do Apóstolo são precedidas da referência a uma oração. Neste caso, dirigida a Cristo, na sua condição gloriosa de “Senhor”.

Perante talvez a maior fragilidade, “um espinho na carne”, provavelmente uma doença crónica, humilhante e dolorosa, conta ele: “A respeito dele, pedi três vezes ao Senhor que o afastasse de mim. Mas Ele respondeu-me: «Basta-te a minha graça. Pois a força é na fraqueza que se manifesta plenamente o meu poder»” (2 Cor 12, 8-9). Paulo ouve da boca de Jesus o que Ele próprio havia vivido, o segredo da sua existência e da sua missão messiânica, que culminou com o mistério da cruz. E a graça, o amor gratuito e total de Deus, passou definitivamente a ser também a sua graça. A graça que tudo pode, exactamente por ser graça: dom de Deus que se dá, levado unicamente pelo amor que tem a quem se dá, independentemente da falta de méritos daqueles a quem se dá.

É esta graça que Paulo recebe de Cristo, através da oração com que a Ele se entrega: a graça com que, quando perseguia os cristãos, Cristo se lhe manifestou, para o converter e constituir como seu Apóstolo, essa mesma graça é renovada nele, quando, na fraqueza, lhe pede insistentemente (três vezes) que o liberte do espinho na carne. Daí a reacção do Apóstolo: “Com a maior alegria, portanto, me gloriarei antes das minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo” (2 Cor 12, 9).

E que “força de Cristo” é esta que passa a habitar nele com mais intensidade? É o Evangelho que anuncia: a Boa Nova da vitória de Cristo sobre a morte, através da sua própria morte, ou melhor, dom da vida, feito definitivamente na morte.

É este Evangelho que aparece ao vivo no Apóstolo: nas suas fraquezas, nos seus

sofrimentos, causados na sua maioria pela sua missão de Apóstolos manifestava-se com especial intensidade a graça que anunciava. Pelo sofrimento, adquirido por causa de Cristo, revelava-se, de um modo especial, o amor com que Cristo deu a sua vida por nós. Cristo continuava a dar-se através daquele que a Ele se dera, desde a sua conversão e vocação, conquistado pelo seu amor infinito.

Serei eu, como catequista, e perante tantas contrariedades, fraquezas e insucessos, causados pela missão que assumi... serei eu capaz de fazer minhas as palavras de Paulo: “Quando sou fraco, então é que sou forte”? Tudo depende da minha oração: da minha entrega filial ao Deus de Jesus Cristo, uma entrega mais necessária, quando em mim não encontro a energia de que preciso; a entrega que o próprio Cristo me ajuda a fazer, de modo especial através da oração que Ele coloca nos meus lábios e reza comigo, como o fez na cruz: “Pai Nosso que estais nos Céus?”... Que o mesmo é dizer: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”.

OBJECTIVOS

- Celebrar o mistério da morte de Jesus;
- Descobrir o lugar e a importância da oração na vivência da paixão e morte de Jesus;
- Unir-se a Jesus, pela oração, na oferta da vida a Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta celebração, é vivido o mistério pascal na sequência das catequeses anteriores: a oração que Jesus nos ensinou é vivida e, em parte, rezada por Ele no drama que culminou com a entrega definitiva e total da sua vida na cruz. As crianças são convidadas a associar-se a Jesus na mesma oração e na oferta da própria vida. Isto decorre sobretudo na liturgia da palavra, onde são proclamadas as três orações, pelas quais Jesus, no Evangelho de S. Lucas, se foi entregando a Deus.
2. Procure-se dar uma solenidade especial à adoração da cruz: é nela que está concentrada toda a liturgia da Sexta-feira Santa, em que as crianças deverão participar. Depois desta catequese, encontrarão, certamente, mais sentido nos gestos que acompanham e exprimem essa adoração.
3. A celebração pode ser feita na igreja. Ai terá mesmo mais sentido e atingirá mais facilmente o objectivo de levar as crianças a participar na liturgia da celebração pascal. Neste caso, devem fazer-se as devidas adaptações. E, sobretudo, procure-se que na igreja não haja qualquer espécie de perturbações.
4. Podem convidar-se os pais e/ou outros familiares das crianças para participarem na celebração. A sua presença contribuirá, certamente, para uma maior vivência da parte das crianças. Neste caso, podem convidar-se e preparar-se alguns dos familiares, por exemplo, para fazerem as leituras.

MATERIAIS

- Cartolina em forma de coração (catequeses anteriores);
- Figura de Jesus em oração (catequeses anteriores);
- Cartolinas com os nomes e fotografias das crianças e catequistas (catequeses anteriores);
- Dísticos: “Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua”, “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” e “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”;
- Um crucifixo de um tamanho que permita ser visto e reconhecido por todos os participantes e se adapte às dimensões da sala;
- Um sopé para o crucifixo (se necessário);
- Dois castiçais;
- A Bíblia.

MÚSICAS

- Cristo Jesus, tu me chamaste;
- Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito;
- Jesus, eu amo-Te;
- O Senhor salvou-me;
- Vitória, tu reinarás.

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

Preparação da sala:

- *No placar*: a cartolina em forma de coração (de Deus) e sobre ela a figura de Jesus em oração; em volta da figura de Jesus, as cartolinas com os nomes e as fotografias das crianças, no interior ou no exterior do coração, conforme se tenha já realizado ou não a catequese anterior.
- *Na mesa*: a Bíblia

I. ACOLHIMENTO E ENTRADA

1. *Fora da sala, o catequista acolhe as crianças e prepara-as, ensaiando com elas os cânticos menos conhecidos que serão cantados na celebração.*

*Entram em fila, na seguinte ordem: à frente o catequista que preside, seguido das crianças e dos restantes catequistas. Durante a entrada, cantam o **cântico**:*

“Cristo Jesus, tu me chamaste” (1ª, 3ª e, se necessário, 4ª estrofe).

Depois de todos estarem nos seus lugares, o catequista diz:

Que bem que vós cantastes!

E cantámos para quem?

E que dissemos nós a Jesus?

Exacto: “Estou aqui”. Ele chamou cada um de nós. Hoje e já mais vezes.

Reparem no placar. Lá estão os vossos nomes (*o catequista pode dizer alguns e, se não forem muitos, pode mesmo dizê-los todos*).

Ele chama cada um pelo seu nome, aqui na catequese, servindo-se da minha voz. E cada um de nós respondeu: “Estou aqui”.

Então cantemos outra vez, agora a olhar para a imagem de Jesus:

“Cristo Jesus, tu me chamaste” (só o refrão).

II. ORAÇÃO

No placar estão os nossos nomes. E que mais está?

O coração de Deus e Jesus dentro dele: Jesus está a rezar. Por isso Ele está no coração de Deus. Já vimos, nas catequese anteriores, o que acontece às pessoas que rezam bem, como Jesus. (*Se tiver sido feita a catequese anterior, o catequista pode referir-se ao lugar que as crianças já ocupam no coração de Deus*).

Mas falta lá, no placar, alguma coisa. Que será?

Falta a oração que Jesus nos ensinou. E sabem porque não está lá?

É porque ela já está noutra parte: está no nosso coração. Gostamos tanto dela que já nem precisamos de a ler. Já a sabemos de cor.

E se nós a rezássemos. Querem?

Então vamos rezá-la assim: damo-nos as mãos uns aos outros... e levantamo-las, para Deus. (*Se tiver sido feita a catequese anterior, a primeira parte pode ser de mãos levantadas e a segunda parte de mãos dadas*). Olhem todos para o coração de Deus e rezemos a uma só voz:

“Pai Nosso que estais nos Céus...”

III. PALAVRA

1. Podem sentar-se.

Não sei se repararam bem no que cantámos há pouco: “Quero subir à montanha.”

Que montanha, que monte será este?

É que nós hoje vamos mesmo subir à montanha. Sem sairmos daqui, vamos ver Jesus a subir a uma montanha. Não é aquela em que Deus lhe falou. Lembra-se? Aquela montanha em que Jesus ficou todo iluminado e Deus disse: “Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o.”

Hoje a montanha é outra. E em vez de Deus falar, é Jesus que vai falar a Deus, lhe vai rezar. E vai-lhe rezar, porque lá, nesse monte, vai acontecer a Jesus uma coisa

muito, mesmo muito desagradável.

Eu vou contar.

Como sabem, Jesus era muito bom: veio anunciar o Reino de Deus, fez coisas maravilhosas. Por exemplo: matou a fome a muitas pessoas. Lembram-se?

Mas, com o andar do tempo, começaram a aparecer pessoas que queriam mal a Jesus. E cada vez era pior. Eram pessoas que até procuravam maneira de o prender para o matarem.

E Jesus sabia disso: sabia que, mais cedo ou mais tarde, iriam prendê-lo e matá-lo. Mas Ele não tinha medo. Pelo menos não deixava de falar de Deus, ensinar as pessoas e de fazer o bem, sobretudo aos mais necessitados.

Ora aconteceu que um dia houve uma festa muito importante. Chamava-se a festa da Páscoa. E, nessa festa, muitas pessoas iam a Jerusalém que era a cidade principal do país de Jesus. Era aí que a festa era maior. Jesus também lá foi com os seus discípulos, embora Ele soubesse que provavelmente o iriam prender.

Dessa festa fazia parte uma refeição importante. Jesus, depois de chegar a Jerusalém, fez essa refeição com os seus discípulos. Foi aquela refeição em que Ele lavou os pés os seus discípulos. Lembram-se?

Pois bem, Jesus sabia que seria a última vez que comia com eles. Por isso, já noite dentro, quando acabaram a refeição, Jesus retirou-se, acompanhado dos discípulos, para um jardim, onde havia muitas oliveiras. Por isso, se chama a esse jardim “Jardim das Oliveiras”. E aí começou a sentir-se muito triste ... Ele sabia que a seguir o iam prender. Infelizmente um dos seus discípulos já tinha ido ter com os inimigos de Jesus para lhes dizer onde é que eles o podiam prender.

Jesus estava muito triste, até por ser um dos discípulos que estava a colaborar na sua prisão. E quase, quase sentiu vontade de fugir.

Mas, se fugisse, como é que Ele fazia a vontade de Deus? Como é que Ele continuaria a ensinar as pessoas sobre Deus?

Sabem o que fez Ele?...

Olhem para o placar: Que está lá Jesus a fazer?

Pois bem, para vencer aquele medo, foi o que Jesus, naquele Jardim das Oliveiras, começou a fazer.

Querem ouvir a oração que Ele disse a Deus?

2. Então, ponham-se de pé

O catequista que preside ou outro abre a Bíblia em Lc 22, 42 e lê:

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor.”

Catequista:

**“Jesus pôs-se de joelhos
e começou a rezar, dizendo:
«Pai, se quiseres,
Afasta de mim este cálice;
Contudo, não se faça a minha vontade,
Mas a tua».
Palavra da salvação”.**

Crianças: “Glória a vós Senhor.”

*Finda a leitura, o catequista afixa, abaixo do rosto de Jesus, o **dístico: “Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua”** e comenta:*

Lembram-se de Jesus nos ter ensinado umas palavras muito parecidas?

Quais são?

Exacto: “seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu.”

Foi o que fez Jesus: em vez de fugir, pediu a Deus que lhe desse coragem para fazer sempre e até ao fim a sua vontade.

Querem unir-se a Jesus e dizer, todos, as palavras que Jesus nos ensinou?

Então fazemos assim: primeiro eu digo as palavras de Jesus e depois vós respondeis com as palavras do Pai nosso, semelhantes às de Jesus. Vamos rezá-las de mãos erguidas:

Catequista: “Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua.”

Crianças:

**“Seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no Céu.”**

- 3.** A seguir Jesus foi mesmo preso. E, depois de andarem com Ele de um lado para o outro, acabaram por condená-lo à morte. Foi horrível.

Primeiro porque Ele não tinha feito mal nenhum. E depois foi o modo como resolveram matá-lo: numa cruz. E quando estava na cruz ainda gozaram com Ele, dizendo-lhe palavras feias e provocatórias.

E sabem como reagiu Jesus?

Foi de novo, com uma oração a Deus seu pai. Querem ouvir?

*O catequista que preside ou outro abre a Bíblia em **Lc 23, 34** e lê:*

**“Jesus dizia:
«Pai,**

**perdoa-lhes,
porque não sabem o que fazem».
Palavra da salvação.”**

Crianças: “Glória a vós Senhor.”

O catequista afixa, por baixo do dístico anterior, o dístico: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” e diz:

Podem sentar-se.

Também estas palavras de Jesus são muito parecidas com umas que Ele nos ensinou para nós rezarmos. Quais são?

Isso mesmo: “Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.”

Mas há uma diferença. Olhem bem para as palavras ditas por Jesus.

Ele não precisa de pedir perdão para os seus pecados, porque nunca tinha feito nenhum. Mas pede perdão para aqueles que o estavam a ofender. E de que maneira. Será que Ele também está a pedir perdão para os nossos pecados, as nossas maldades? Nós não estávamos lá a ofendê-lo. Mas, às vezes, fazemos algumas maldades: esquecemo-nos de rezar, ofendemos os outros, temos muita dificuldade em perdoar, desobedecemos...

Ora pensem lá um bocadinho, para ver se nós, às vezes, não fazemos essas coisas más. Podem até fechar os olhos, para pensarem melhor.

Depois de um breve silêncio:

Já pensaram e, possivelmente, viram que nós também ofendemos a Deus.

Pois bem, Jesus, na cruz, pede perdão a Deus, também para os nossos pecados. Sobretudo para as vezes em que não somos capazes de perdoar aos outros e nos vingamos deles, lhes fazemos mal.

Querem aproveitar a oração que Jesus faz por nós e pedir perdão a Deus para os nossos pecados?

Fazemos assim: primeiro dizemos todas as palavras do Pai Nosso “perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” e depois eu digo as palavras de Jesus.

Ponham-se de pé...de mãos erguidas... a olhar para o coração de Deus... e agora digamos todos:

Todos:

**“Perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido.”**

Catequista:

**“Pai, perdoa-lhes,
porque não sabem o que fazem.”**

4. Podem sentar-se.

Que bom. Jesus acaba de pedir perdão a Deus pelos nossos pecados. É que mesmo os que não estavam lá a ofender Jesus, quando pecam, quando fazem ou dizem maldades, estão a colaborar para o mal que fizeram a Jesus. Por isso, fizemos muito bem em pedir perdão pelos nossos pecados.

Mas, voltemos ao que aconteceu com Jesus na cruz... É que ainda falta uma coisa muito importante que Ele fez.

Depois de Ele pedir perdão para os que lhe faziam mal, ainda troçavam mais dele. E Jesus ia perdendo as forças, cada vez mais.

Mas ainda foi capaz de fazer outra oração. Foi a últimas e das mais bonitas. Querem ouvir? Então ponham-se de pé.

*O catequista que preside ou outro abre a a Bíblia em **Lc 23, 46** e lê calmamente:*

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Lucas”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor.”

Catequista:

**“Dando um forte grito,
Jesus exclamou:
«Pai,
nas tuas mãos
entrego o meu espírito».
Dito isto, expirou.
Palavra da salvação.”**

Crianças: “Glória a vós, Senhor.”

*Pousada a Bíblia, o catequista afixa, por baixo dos dísticos anteriores, o **dístico “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”** e comenta:*

Foi assim que Jesus morreu. Ou melhor, deu a sua vida. Deu-se todo a Deus seu Pai: entregou-lhe o seu espírito, a sua vida... Por aqueles que o ofendiam, por nós.

Querem acompanhar Jesus nesta oferta da sua vida?

Então, não vamos apenas rezar as suas palavras. Vamos cantá-las, para as rezarmos melhor e nunca mais nos esquecermos delas. Eu canto uma vez e, a seguir, vós

cantais o mesmo. Mas, também com as nossas mãos, agora levantadas, em sinal de oferta (*o catequista exemplifica*).

Catequista (*canta:*)

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

Crianças (*de mãos levantadas, repetem:*)

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

IV. ADORAÇÃO DA CRUZ

1. Podem sentar-se.

Já repararam como Jesus, na cruz, rezou grande parte da oração que Ele nos ensinou. E, sobretudo, mostrou como devemos rezá-la. Vejam o placar.

Quando rezamos esta oração, estamos a entregar-nos a Deus: entregamo-nos, ao pedir-lhe que se faça sempre a sua vontade, vencendo o medo; entregamo-nos a Deus, ao perdoar aos outros, em vez de lhes respondermos com a vingança.

Devem estar muito agradecidos a Jesus. Eu estou. E gostava de lhe mostrar toda a minha admiração e gratidão.

Mas como?

Olhem, vamos começar por acolher com muito respeito a imagem de Jesus na cruz. De pé e em silêncio, voltem-nos todos para a porta da sala.

2. *Neste momento é trazida a Santa Cruz: à frente, duas crianças cada uma com um castiçal aceso, seguidas de outra criança ou um catequista, sobretudo se a cruz for pesada, que a traz, levantada. Entram vagorosamente na sala até junto da mesa e do placar. Aí voltam-se para as restantes crianças e deixam contemplar por uns momentos. Depois o catequista diz:*

Agora podemos manifestar a nossa admiração e gratidão a Jesus. Podemos adorá-lo na cruz onde deu a vida por nós.

Fazemos assim: quando chegar a vez de cada um, aproximamo-nos da cruz; chegando lá, fazemos uma genuflexão: dobrando o nosso joelho, damos um beijo a Jesus (outro gesto, como uma carícia ou até um abraço) e depois benzemo-nos.

Ao benzer-nos, fazemos no nosso corpo uma cruz. Com isto mostramos que queremos fazer como Jesus na cruz. É como se a sua cruz passasse para o nosso corpo, para a nossa vida.

O catequista é o primeiro a fazer os três gestos. Depois, ele próprio segura a cruz e as crianças que seguram os castiçais pousam-nos na mesa, para também elas fazerem a adoração. No final, a cruz é dependurada no placar, por cima da imagem de Jesus

em oração, ou, se tal não for possível, é colocada em cima da mesa, mas num sopé, de modo a continuar a ser vista por todos. Durante a adoração e depois de as primeiras crianças o fizerem, pode cantar-se um **cântico** apropriado. Por exemplo:

“Jesus eu amo-Te” (ou:)

“O Senhor salvou-me” (ou:)

“Vitória, tu reinarás” (ou:)

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito” (este pode ser gravado e passar com música de fundo).

V. ORAÇÃO E GESTO DA PAZ

Foi muito bonito o que nós fizemos a Jesus. Eu gostei muito. E vós, de certeza, também. Mas, não basta mostrar a Jesus a nossa gratidão. Temos de fazer o que Ele nos ensinou. E agora podemos fazer ainda melhor: rezar, como Ele rezou, a **oração** que nos tem ensinado. Assim ficamos mais unidos a Deus, seu Pai e nosso Pai, e unidos uns aos outros.

Vamos cantá-la, como já fizemos no princípio: dando-nos as mãos e levantando-as para Deus... Então cantemos:

“Pai nosso que estais nos Céus...”

E agora, em sinal do amor que temos por todos, saudemo-nos uns aos outros na paz de Cristo. (*Depois do gesto de paz*):

VI. DESPEDIDA

1. Estamos em paz com Deus e uns com os outros. Podemos partir.

Mas, antes de o fazermos, mostramos outra vez o nosso amor para com Jesus, cantando:

“Jesus eu amo-Te”.

“Tu és o meu Senhor”.

“Jesus, eu creio em ti”.

(*Ou outro cântico, adaptado*)

2. Todos sabem que vamos ter, nestas férias, uma festa muito importante: a festa da Páscoa. Nela celebramos a morte e a ressurreição de Jesus. Não se esqueçam de ir à igreja nesses dias.

É lá, com as outras pessoas, que mostramos a nossa admiração e o nosso amor para com Jesus.

Para isso: **“Ide em paz e que o Senhor nos acompanhe.”**

Todos: “Graças a Deus.”

RESSUSCITOU, ALELUIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A importância da Vigília Pascal

No canto do precônio pascal com que, praticamente, inicia, é solenemente proclamada como “noite bendita”, “noite santa”, “noite de graça”, “noite ditosa”, “a noite, da qual está escrito: A noite brilha como o dia e a escuridão é clara como a luz.”

E, graças a Deus, há cada vez mais cristãos que disso têm consciência. Apesar de, pelo menos em toda a parte, ainda não ter a participação tão numerosa quanto esperada e desejável, aqueles que a ela acorrem, fazem-no de um modo mais convicto e participativo. Sobretudo onde ela é bem preparada e, nas suas sucessivas partes litúrgicas, bem executada e celebrada.

Está lá tudo o que a natureza nos oferece como elementos imprescindíveis para a vida: o fogo que aquece e a luz que ilumina; a água que purifica e sacia; o pão que alimenta e fortalece.

Está lá tudo o que Deus, nas suas numerosas e decisivas intervenções salvíficas, acrescenta, para que o homem não viva apenas do pão e outros alimentos e elementos necessários, mas insuficientes para uma vida que deixe de ser naturalmente limitada: a Palavra de Escritura que nos conduz aos acontecimentos fundamentais da história da salvação; os sacramentos do Baptismo, da Confirmação e da Eucaristia que nos iniciam numa caminhada com Deus que vai infinitamente para além das fronteiras desta vida terrena; a fé, expressa e vivida em tantas formas de oração; a caridade que nos une uns aos outros numa comunhão inquebrantável; a esperança que, perante inúmeros obstáculos que nos aparecem pela frente e a falta de forças humanas para os ultrapassar, nos ajuda a vencer o medo, a hesitação e, porventura, o desespero. Por tudo isso, se canta no mesmo precônio pascal: “Ó noite ditosa, em que o Céu se une à terra, em que o homem se encontra com Deus”. E encontra-se, porque se trata da “noite, em que Cristo, quebrando as cadeias da morte, se levanta vitorioso do túmulo”. Nunca antes nem depois, Deus interveio de um modo tão vivificante na história dos homens.

Mas, repare-se que o precónio não fala de acontecimentos puramente passados: Cristo “levanta-se”, o homem “encontra-se”, o céu “une-se”. Não se trata de acontecimentos que passaram à história, mas que se actualizam em todas as fases da história, no momento em que são celebrados e através da própria celebração, como memorial litúrgico que é. Nomeadamente quando, no auge da liturgia da palavra, é solenemente proclamado:

2. “Ressuscitou”

Tal é a inesperada Boa Nova que, na versão de Lc 24, 5-6, os anjos anunciam às mulheres que, na madrugada do primeiro dia da semana depois da morte de Jesus, acoorem ao sepulcro para ungirem o seu cadáver: “Porque buscais entre os mortos Aquele que está vivo? Não está aqui: ressuscitou.” Porque no original grego se trata de um passivo, á letra deveria traduzir-se por “foi ressuscitado.” É aquilo que entre biblistas e teólogos se chama um passivo divino.

De facto, a ressurreição de Cristo é obra de Deus. O mesmo Deus que, ao longo da história do seu povo, várias vezes o libertara de situações de morte e que, por isso, era reconhecido e aclamado como “Deus vivo e verdadeiro”. “Vivo”, porque assim se manifestava na vida que concedia, particularmente àqueles membros do povo que, exactamente por n’Ele acreditarem e n’Ele viverem, eram vítimas de ameaças, perseguições e ataques que punham seriamente em perigo as suas vidas. Habitualmente chamamos-lhes “os justos sofredores”, porque sofrem precisamente por serem justos e manifestam, sobretudo no sofrimento, a sua justiça, numa vida de acordo com Deus e a sua Lei. De entre eles, destaca-se o Servo de IahVeH, cuja paixão e morte é descrita e celebrada em Is 52, 13-53, 12.

Foi também o caso de Jesus, só que num nível infinitamente superior. Porque, desde o princípio do Evangelho de Lc se sabia que Ele, o Filho de Maria, era o “Filho do Altíssimo” (1, 32). Uma condição que, no seu baptismo, é confirmada pelo próprio Deus: “Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus o meu encanto”(3, 22), e reforçada, com idêntica declaração de amor, no Monte da Transfiguração (9, 35).

A esta repetida declaração divina correspondia Jesus, principalmente, pela oração. Era nela que manifestava e, ao mesmo tempo, reforçava a sua justiça, numa actividade e conduta ajustada ao Deus de quem era Filho predilecto, único. Manifestou-o especialmente no drama que culminou na sua morte. E se esta consistiu na entrega total do seu espírito nas mãos de seu Pai, compreende-se por que razão esse Pai o ressuscitou de entre os mortos: quem entrega toda a sua vida ao Deus da vida, nessa entrega vence para sempre o acto em que é feita, a morte. O Deus dos vivos não podia deixar entre os mortos quem desde sempre por Ele, com Ele e para Ele viveu, numa comunhão que atinge o máximo da sua intensidade precisamente na morte. E foi assim que Jesus manifestou e confirmou para sempre a sua condição real de Messias, Cristo ou Ungido. “Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar de entre os mortos”, diz Ele, já ressuscitado, aos discípulos que envia em

missão de anunciar por toda a parte tal Boa Nova (Lc 24, 46).

Por isso, eram de todo, desnecessários os perfumes que as mulheres, quando a noite se fazia dia, levavam para o sepulcro...vazio. Aquele, cujo corpo elas pensavam perfumar, já se havia tornado o ser cujo perfume mais homens e mulheres passou a atrair. E é assim que Ele, cada ano, na Vigília solene da Páscoa, se apresenta, na Igreja que dele e para ele vive e que, perante o solene anúncio da sua ressurreição, irrompe em júbilo, principalmente quando canta:

3. Aleluia

É uma palavra, originariamente hebraica, composta de “hallelu”, que significa “louvai”, e “la”, as iniciais de “laHVeH”, o nome de Deus, habitualmente traduzido por “Senhor”. Na Bíblia aparece no princípio e/ou no fim de vários Salmos. Provavelmente havia-se tornado, desde o fim do exílio na Babilónia (538 a.c.), a exclamação de louvor mais usada pela comunidade judaica que se reunia no templo e nas sinagogas para adorar a Deus.

Os cristãos adoptaram esta expressão para exprimir a sua alegria e o seu louvor ao Deus que, na ressurreição de Cristo, lhes oferecia a maior graça, aquela que lhes permitia encontrar finalmente resposta para o maior desejo, a maior ânsia de qualquer ser humano: a de vencer a morte.

De facto, é por isso que todos nós mais lutamos. Tudo o que pensamos e fazemos, projectamos e realizamos conflui, directa ou indirectamente, para a busca de um triunfo sobre o maior inimigo: a morte. É tal a luta que travamos contra ela, que a nossa vida consiste única e exclusivamente nisso. Vivemos, na medida em que tudo fazemos para não morreremos. Quer se trate da morte, como fim último da vida, quer se trate daquelas situações em que a vida ou vitalidade corre perigo ou diminui: uma doença, um insucesso, uma desgraça. Situações em que a morte já está em acção. Daí o esforço, por vezes sobre-humano, para as vencer, as ultrapassar. Uma luta, porém, previamente condenada ao fracasso, se...

Se não tivéssemos Alguém que, realmente, obteve aquilo por que todos mais anseiam e lutam. A ressurreição de Cristo é, por isso, o maior acontecimento da história da humanidade. E a sua notícia tornou-se o Evangelho que maior impacto teve até hoje e que mais vida tem dado a quem o acolhe e por ele se deixa orientar. Aos que nele acreditam e, por ele, se entregam ao Deus que nele se manifesta e actua, Jesus Cristo concede uma energia e, um rumo de vida que ultrapassam todas as capacidades humanas. Veja-se o que tem sido e continua a ser a vida daqueles que, pela fé e o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia, dele e para ele vivem: quanta fé, quanto amor, quanta esperança irradiam!

E quanta alegria! Aquela que tem uma das suas expressões privilegiadas nesse grito de louvor que nos une ao Deus que, já antes de Jesus, mas sobretudo nele e a partir dele, se revela com um poder e um amor inexcedível: o grito “Aleluia” – “Louvai o Senhor”. Uma das exclamações mais musicadas. Porque, só pelo canto, é possível

exprimi-la na plenitude da sua força vivificante: aquela que nos vem do ressuscitado e nos ressuscita já e há-de ressuscitar para sempre, a partir sobretudo da Vigília Pascal, em que as trevas da morte se transformam em luz da vida. Um grito que tem de se ouvir nas nossas salas de catequese, da boca daqueles que, nelas, saboreiam esse amor de Deus.

OBJECTIVOS

- Acolher, na própria vida, Boa Nova da Ressurreição de Cristo;
- Celebrar, pelo canto e a profissão de fé, a festa pascal;
- Dispor-se a ser testemunha de Cristo Ressuscitado.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Em pleno tempo pascal, esta catequese pretende ser, tanto quanto possível, a celebração do acontecimento salvífico da Ressurreição de Cristo. É, por isso, explicitamente ligada, sobretudo, à celebração da Vigília Pascal, na qual algumas crianças possivelmente participaram. Deste modo, uma celebração dá sentido à outra. É nesse sentido que se explica o significado do “Aleluia” pascal, se realiza o rito da luz e se faz a profissão de fé. A referência ao Baptismo é guardada para a catequese seguinte.
2. No centro, está o anúncio da Ressurreição de Cristo feito através do texto do Evangelho. O que começa como o relato de um acontecimento passado, termina com uma Boa Nova dirigida às crianças no acto catequético. Para isso é fundamental a arte narrativa do catequista e a alegria com que faz suas as palavras dos Anjos, dirigidas às mulheres que foram ao sepulcro. Se, deste modo, conseguir conquistar e contagiar as crianças, atinge-se o principal objectivo: levá-las a viver e a testemunhar a mensagem recebida.
3. O canto tem, compreensivelmente, um lugar especial nesta catequese. É o modo privilegiado para se exprimir a alegria que se sente e pode até, como é sugerido, servir de meio de anunciar a Boa Nova da Ressurreição. Tanto mais que um dos cânticos propostos sintetiza essa mensagem. Se o catequista não tiver os dotes musicais necessários, pode pedir a colaboração de outra pessoa mais preparada, por exemplo, um membro do coro da igreja.

MATERIAIS

- Dístico “Jesus”, rodeado de raios luminosos e de diversas cores;
- Letras soltas do dístico “Aleluia” (2ª alternativa);
- Folhas/cartolinas de várias cores, recortadas em forma de pétalas de flor, uma para cada criança e catequista;
- Círio pascal, se possível, com os motivos identificativos: a cruz e os números do ano;

- Velas, uma para cada participante;
- Dístico “Ressuscitou”;
- Canetas/esferográficas e lápis de cor para cada criança.

MÚSICAS

- Aleluia, glória ao Senhor;
- Ressuscitou para nossa vida;
- Do “Aleluia” gravado (se necessário).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O *placar* está vazio.
- Na *mesa*: a Bíblia e, ao lado dela, um círio pascal, se possível, com os motivos identificativos (uma cruz e os números do ano em que se está).
- Nas paredes da sala *motivos de festa*: verdura, flores, fitas, balões, se possível, tudo em diversas cores.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Estão a ver a nossa sala hoje toda enfeitada...flores, verdura...Porque será?... Vamos tentar todos descobrir.

1ª

Alternativa

Para um grupo em que haja crianças, no mínimo duas ou três, que tenham participado na Vigília Pascal.

Primeiro, digam-me:

Que tal foram as vossas férias? (*Deixar que as crianças se expressem e, no caso de nenhuma o referir, perguntar.*)

E não foram também à igreja?...

E algum de vós estava lá, naquela noite em que foi acesa uma vela grande, parecida com esta que está aqui em cima da mesa?...

Contem lá como foi? (*Depois de contarem, perguntar.*)

E houve algum cântico que vos chamou mais a atenção?... Um cântico que tem uma palavra que nós cristãos cantamos muito na igreja, nesta altura do ano?...

O “Aleluia”!... Pode cantar-se de muitas maneiras. Por exemplo, esta de que gosto muito (*o catequista canta*):

“Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, glória ao Senhor.”

Querem cantar comigo? (o catequista ensaia...e, no final, pergunta:)

Alguém sabe o que quer dizer “Aleluia”?...

É uma palavra muito, mesmo muito antiga. É mais antiga do que Jesus. E cantava-se muito na terra dele. Mais: é uma palavra da língua dele. Essa língua chama-se hebraico.

Querem saber o que significa, na nossa língua, a palavra Aleluia?

Significa... “Louvai o Senhor.”

Portanto, quando cantamos, na língua de Jesus, “aleluia”, estamos a cantar: “Louvai o Senhor”. Digam todos comigo: **“Louvai o Senhor.”**

Pronto. Agora que já sabemos o que significa, podemos cantar com mais alegria:

“Aleluia...glória ao Senhor” (*refrão e 1ª estrofe*).

Mas, porque será que nós cantamos mais vezes esta palavra nesta altura do ano?

Por que é que louvamos mais o Senhor?

Quem souber, não diz. Antes disso, vamos fazer uma coisa... É uma coisa que nos ajuda a perceber melhor por que razão devemos louvar ainda mais o Senhor.

2ª Alternativa

*O catequista afixa no placar as **letras da palavra “Aleluia”, mas soltas e desordenadas. Depois convida as crianças:***

Vamos começar por descobrir de que palavra serão estas letras...e colocá-las por ordem, de modo a formarem a palavra certa...Olhem bem...

(Se as crianças demorarem muito, o catequista pode indicar qual é a primeira letra...e depois a segunda. Depois pergunta:)

Qual será a letra que se segue?... (*Ordenadas e afixadas as letras ao alto do placar, o catequista diz:*)

Afinal já conheciam esta palavra. E onde é que a ouviram?...

Sim, ela canta-se muito na igreja. E nesta altura do ano, ainda se canta mais. Querem aprendê-la a cantar?... Pode ser assim:

(o catequista canta:)

“Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, glória ao Senhor.”

É bonito este cântico, não é? É muito alegre. Então vamos todos aprendê-lo (o catequista ensaia e no final pergunta:)

Há alguém que saiba o que quer dizer “Aleluia”?... Olhem, é uma palavra muito antiga. Mais antiga do que Jesus. E cantava-se muito na terra dele. É uma palavra da língua dele. A língua de Jesus era o Hebraico. Pois bem, sabem o que significa a palavra hebraica “Aleluia”?... É quase como no final do cântico. Só muda uma palavra. No cântico dizemos “glória ao Senhor” e “Aleluia” significa “Louvai o Senhor”. E louvar o Senhor é dar-lhe glória. Querem dizer, para não se esquecerem, o significado da aleluia?... Então, todos ao mesmo tempo:

“Louvai o Senhor.”

Muito bem. Agora que já sabemos o significado, podemos cantar outra vez:

“Aleluia...glória ao Senhor” (refrão e 1ª estrofe).

E porque será que nós cristãos cantamos mais vezes “Aleluia” nesta altura do ano? Por que razão é que nós agora louvamos mais o Senhor? Quem souber não diga. Antes disso, por se tratar de uma palavra tão importante, vamos fazer uma coisa:

2. Para as duas alternativas:

Cada um de vós vai escrever esta palavra numa folhinha que eu vou dar.

(O catequista distribui as cartolinas de diferentes cores e em forma de pétalas de flores.

Para as crianças que seguirem a primeira alternativa e para que escrevam sem erros, pode indicar-lhes a página do catecismo, correspondente a esta catequese, ou afixar no placar, ao alto, a palavra “Aleluia.”)

Escrevam as letras, e pode ser a diferentes cores e enfeitadas.

No lado de trás da folhinha, escrevam o vosso nome.

*(Durante o trabalho, pode colocar uma música de fundo com a letra do Aleluia. Entretanto, quando o trabalho das crianças estiver a terminar, afixa no centro do placar o **dístico “Jesus”** envolvido em raios de luz:)*

II. PALAVRA

1. Mostrem lá as vossas folhinhas...Estão lindas! Não se esqueceram de escrever os nomes?...

Por enquanto, podem guardá-las. Só vão ser precisas daqui a um bocadinho.

Agora, gostava que olhassem para o placar...Que está lá de novo?... “Jesus”, todo rodeado de luz... Porque será?...

Eu vou contar. Lembram-se da última catequese, aquela em que falámos da morte de Jesus na cruz? Mas não contei o que é que sucedeu depois. Querem saber?

Foi assim: Depois de Jesus ter morrido, houve um homem rico, que era amigo de Jesus foi pedir o corpo dele para o sepultar.

E onde é que ele o sepultou? Num jardim que ele tinha. Aí colocou o corpo de Jesus num buraco feito numa rocha. Era assim que muitas pessoas eram então sepultadas. Depois de lá pôr o corpo de Jesus, tapou o sepulcro com uma pedra.

E terá havido mais alguém que viu? Os discípulos de Jesus não. Com medo, tinham fugido todos. Mas houve umas mulheres que eram também amigas de Jesus e andavam sempre com ele, essas, sim, viram o lugar exacto onde Jesus foi sepultado. Foram ver, porque queriam lá voltar, para perfumar o corpo de Jesus, logo que pudessem.

Isto passou-se numa sexta-feira. No sábado não puderam ir, porque era dia de descanso e, para mais, o maior dia da festa da Páscoa.

Mas, quando chegou o domingo, foram logo de manhãzinha para o sepulcro de Jesus. Levavam os perfumes. Mas, quando lá chegaram, que viram elas?...

A primeira coisa que viram foi que a pedra tinha sido arredada e o sepulcro estava aberto. Que terá acontecido?...

Entraram e o corpo de Jesus não estava lá. Imaginem, o que é que elas não ficaram a pensar...

Estavam nisto, quando lhes apareceram dois homens de vestes resplandecentes. Eram dois anjos. E elas ficaram ainda com mais medo. Até viraram a cara para o chão...

Foi então que aqueles dois anjos lhes deram uma grande notícia...Querem ouvir? É como se fosse para nós, hoje e aqui. Por isso, ponham-se de pé.

O catequista acende o círio pascal e, ele ou outro catequista, pega na Bíblia em Lc 24, 5-6a e lê:

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

**“Como as mulheres estavam amedrontadas
e voltassem o rosto para o chão,
os dois anjos disseram-lhes:
«Porque procurais entre os mortos
Aquele que está vivo?
Não está aqui,
ressuscitou.»**

(O catequista, repete, voltado para as crianças: «Não está aqui, ressuscitou.». Passado um brevíssimo tempo, conclui:)
Palavra da salvação”.

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

2. *(As crianças sentam-se, e o catequista afixa no placar, por baixo do dístico “Jesus”, o dístico “Ressuscitou”. Deixa contemplar...e diz, exclamando com alegria:)*

Ressuscitou. Sim, Jesus ressuscitou. Venceu a morte. Para sempre.

Que bela notícia. As mulheres a procurarem-no entre os mortos, e Ele estava vivo. E isto dito por dois anjos do Céu. Dois anjos enviados por Deus. Que melhor notícia podiam elas ouvir! E nós! Que amamos tanto Jesus. E ficámos tão tristes com a sua morte. Ressuscitou. Jesus ressuscitou para sempre.

E se nós fossemos cantar a alegria que sentimos? Até conheço um **cântico** com as palavras dos anjos. Querem ouvir?

“Procurais entre os mortos aquele que está vivo?

Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia.”

Querem cantar? Eu canto a pergunta dos anjos e depois vós respondeis:

“Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia.”

(O catequista ensaia o refrão e depois convida as crianças a levantarem-se e a cantar:)

Catequista: “Procurai entre os mortos aquele que está vivo?”

Todos: “Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia” *(repetem o refrão).*

3. É um cântico lindo, não é?... E então com as palavras dos anjos, enviados por Deus para nos darem tão bela notícia.

E agora já percebem por que razão a nossa sala está tão linda, tão alegre. E porque é que cantamos “Aleluia” – “Louvai o Senhor”.

Temos razão para isso, não temos? Haveria coisa melhor que Deus, o Senhor, pudesse ter feito? Não deixou que Jesus ficasse morto para sempre. Se Ele não tivesse ressuscitado, nós hoje não estávamos aqui. E tinha-se perdido tudo o que Ele fez.

Por isso é que nós não cantamos só que Ele ressuscitou, mas acrescentamos que foi para a nossa vida.

Querem cantar outra vez?...

Todos: “Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia” *(só o refrão, repetido).*

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Olhem, é tão importante que Jesus tenha ressuscitado, que nós os cristãos fazemos a maior festa do ano: a Páscoa. E celebramo-la sobretudo na noite de Sábado para Domingo. E vão lá muitos cristãos. *(Referir as crianças que seguiram a 1ª alternativa).*

É a partir dessa noite que nós cantamos muito mais o Aleluia, louvamos o Senhor. E se nós fôssemos repetir aqui um bocadinho dessa festa. É que também nos, hoje e aqui, acabámos de receber a notícia dos Anjos.

Querem?...

Não podemos fazer tudo. Mas, ao menos algumas coisas. Eu proponho o seguinte: podemos acender umas velas naquela vela grande e depois, com as velas acesas, dizer a Deus que cremos nele.

Crer ou acreditar é dizer-lhe que confiamos nele, que o amamos: a Ele e a Jesus ressuscitado.

Fazemos assim: cada um de vós vem aqui à frente trazer a folhinha onde escreveu o "Aleluia"; depois acende uma vela, nesta vela grande que representa a luz de Cristo. *(Se for o caso:)* Reparem que até tem lá os números deste ano *(o catequista diz qual é)* e uma cruz, como aquela onde Ele deu a vida por nós. Estão de acordo? Depois de todos terem a sua vela acesa, então diremos todos que cremos em Deus. Eu pergunto se credes em Deus, e todos respondem, levantando a sua vela acesa: "Sim, creio". Não se esqueçam: "Sim, creio".

Ora digam lá: "**Sim, creio**".

Muito bem. Vai ser mesmo bonito. É a melhor maneira de manifestar a nossa alegria por Jesus ter ressuscitado.

2. De pé... E comecemos por cantar:

"Aleluia...glória ao Senhor"

(estrofes: "Glória ao Senhor nosso Pai..." "Gloria ao Senhor Jesus Cristo"...).

As crianças e, depois, os catequistas, vão-se aproximando da mesa com o círio, entregam a sua folhinha que os catequistas vão afixando no placar em volta dos dísticos, como pétalas de uma flor. As crianças vão recebendo a sua vela acesa e voltam para o lugar. Ao mesmo tempo cantam "Aleluia...glória ao Senhor", com as restantes estrofes.

3. Depois de todos terem a sua vela acesa, fazem a profissão de fé:

Catequista: "Credes em Deus, Pai todo poderoso, criador do céu e da terra?"

Todos (*levantando as velas*): “**Sim, creio.**”

Catequista: “**Credes em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria, padeceu e foi sepultado, ressuscitou dos mortos e está sentado à direita do Pai?**”

Todos (*levantando as velas*): “**Sim, creio.**”

Catequista: “**Credes no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna?**”

Todos (*levantando as velas*): “**Sim, creio.**”

Catequista: Pela fé que temos, louvemos o Senhor, cantando de novo:

“Aleluia...glória ao Senhor” (*refrão e estrofe:*)
“Glória ao Senhor nossa luz...”

4. Podem apagar as velas, mas com cuidado para não pingarem...
E agora sentem-se.

Foi bonito, não foi?

E já repararam onde estão as vossas folhas com o Aleluia? Em volta de Jesus, como pétalas de uma flor. É como se estivéssemos lá, em volta dele, a cantar com Ele e por causa dele: aleluia, aleluia. E estamos mesmo. Porque no placar está só representado o que temos estado aqui a fazer, voltados para a Bíblia, com as palavras de Deus, e para aquela vela que representa a luz de Cristo.

Mas falta uma coisa: falta fazer o mesmo que fizeram as mulheres que foram ao sepulcro de Jesus e aí receberam a boa notícia da sua ressurreição.

O que é que elas terão feito a seguir?...

Claro: foram logo levar aquela notícia aos outros amigos de Jesus, os tais que tinham fugido com medo.

Pois bem, é o que nós temos de fazer. Uma notícia tão grande não a podemos guardar para nós. Jesus não ressuscitou apenas para a vida de cada um de nós. Ressuscitou também para a vida dos outros, de todos. É Claro que vós, agora e ainda tão pequenos, não podeis ir a toda a parte. Mas pelo menos lá em casa.

Eu sei que os nossos familiares já conhecem a notícia. Mas não a conhecem da nossa boca. Não sabem como nós celebrámos hoje a ressurreição de Jesus. Se

calhar, não sabem o que quer dizer “Aleluia”. Por isso, há muitas coisas que vós lhes podeis anunciar. De acordo?

Olhem, até lhes podem ensinar a cantar com eles o cântico que tem as palavras dos anjos. Elas até vêm no catecismo.

Mas, para as sabermos bem, vamos cantá-las outra vez; de pé:

**“Procurais entre os mortos aquele que está vivo?
Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia.”**

Catequista: “Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe, aleluia, aleluia”.

Todos: “Graças a Deus, aleluia, aleluia”.

***Nota:** O catequista atenda atempadamente à próxima catequese, sobretudo se seguir a 1ª alternativa da Experiência Humana, mas também para a 2ª.*

PELO BAPTISMO SOMOS FILHOS DE DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Baptismo: um simples acontecimento social?

Há quem o afirme: que, em muitos casos, a celebração do Baptismo não passa de um acontecimento social em que, além da criança (sobretudo nesse caso), estão envolvidos os pais e outros familiares e amigos. É uma espécie de apresentação da criança à sociedade, pelo menos mais próxima, de que ela faz parte e na qual vai crescer. Um acolhimento que exige despesas, sobretudo com refeições ou até banquetes. Daí que famílias, economicamente mais desfavorecidas, tenham que renunciar a tais luxos e adiar, para melhores dias, o que por enquanto é para elas incomportável. De resto, o mesmo se passa, diz-se, com o casamento: que, hoje e cada vez mais, só pode ser para gente rica. Será por isso que são cada vez mais os que se contentam com a “união de facto”, mesmo civilmente?

Que o Baptismo seja um acontecimento social, não é mal nenhum. Pelo contrário: a sua celebração é ou deve ser sempre social. Se, por social, se entende eclesial. É pelo Baptismo, em idade infantil ou adulta, que qualquer pessoa é inserida na Igreja, presente nas comunidades cristãs que dela fazem parte. Mesmo que na celebração participem só os seus familiares mais directos.

Que seja simplesmente isso é que está, no mínimo, incompleto. Que a celebração propriamente litúrgica seja completada por um convívio, com comida e bebida, mais especificamente profano, também não é de modo algum condenável. Convívios desse género são até recomendáveis, na sequência de outras celebrações religiosas e eclesiais. O mal está em fazer tudo dependente disso, sobretudo a decisão de baptizar ou não um filho ou uma filha.

Mas, mesmo nesses casos, é pelo menos de perguntar se o que, de facto, move os pais a pedir o Baptismo para os seus, são exclusivamente essas razões sociais, predominantemente profanas; se, lá no fundo da sua consciência, não há motivos que eles talvez não saibam exprimir, mas que, na realidade, são os mais decisivos: motivos que têm a ver com o futuro dos seus filhos, com a vida que desejam para

eles, uma vida que se não limite à sua dimensão física e humana; motivos que nascem da observação da sociedade em que vivem, dos limites do que ela oferece aos seus membros, em ordem a uma educação verdadeiramente integral, em que o religioso naturalmente não pode faltar.

Se é isso que move os pais duma criança ou o adulto, candidato ao Baptismo, talvez sem eles terem plena consciência, então já é Deus que neles actua. E o Baptismo tem todas as condições para não ser um simples acontecimento social. Só é preciso deixar que esse mesmo Deus, que os pais de facto procuram, fale mais neles. E isso é um dever da Igreja: depois de os acolher, em nome de Deus, levá-los a descobrir, de um modo mais nítido, aquilo que, na realidade, procuram:

2. O sacramento do Baptismo

Não há aqui lugar para uma explicação, minimamente completa, de todo o significado deste primeiro dos três sacramentos da iniciação cristã (juntamente com a Confirmação e a Eucaristia) nos quais “são lançados os *alicerces* de toda a vida cristã” (CIC 1212). Contentamo-nos, por isso, com uma das muitas passagens das cartas de S. Paulo em que dele nos fala, a de Gal 3, 26-28:

“Todos vós sois filhos de Deus em Cristo Jesus, mediante a fé; pois todos os que fostes baptizados em Cristo, fostes revestidos de Cristo: não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus.”

É possível que estas palavras, na origem, fossem dirigidas a cristãos acabados de baptizar, para lhes mostrar o que verdadeiramente tinha acontecido com eles: antes de mais, a relação nova que se havia estabelecido entre eles e Deus. Uma relação da filiação em que a vida humana, recebida sobretudo dos progenitores, ganhava a dimensão de uma vida ilimitada, aquela que se revelou em Jesus Cristo, especialmente na sua morte e ressurreição ou, se preferirmos, na morte que culminou na ressurreição. Ao entregar-se a Deus na totalidade do seu ser e num acto de amor que ultrapassa todas as capacidades humanas, Jesus venceu a morte para sempre e abriu à humanidade inteira o caminho para a mesma vitória, o caminho para Deus.

Um caminho a que se tem acesso e tem de ser percorrido pela “fé”, a que Paulo, noutros lugares, chama “obediência” (Rm 1, 5). É obediência porque, nela e por ela, o homem se verga, se submete àquilo que ouve ou, melhor, Àquele que se faz ouvir: o Deus que actuou em Jesus Cristo e se revela e actua nas palavras do Evangelho, o anúncio da morte e ressurreição de Cristo. E, na medida em que lhe obedece, é invadido pelo amor extremo desse Deus. Um amor que cria um novo ser, dá origem a “uma nova criatura” (2 Cor 5, 17; Gal 6,15).

Para isso contribuem dois dos ritos mais significativos da celebração baptismal, na medida em que esta é vivida na fé: o banho e a veste branca. A própria palavra “Baptismo” significa, na origem, “banho”, tão importante é a água como meio de purificação. Neste caso, ela não mata apenas, nem tanto, as impurezas corporais,

como sobretudo aquelas impurezas que sujam e destroem muito mais a vida humana, aquilo a que chamamos pecado e nos tira a vida que vem de Deus e dos outros. Foi desse pecado que Cristo nos remiu com a sua morte. Por isso o Baptismo consiste em morrer para o pecado, para surgir, nascer para a vida que Cristo já tem, enquanto ressuscitado (Rm 6, 3-11).

E é assim que ficamos “revestidos de Cristo”. A veste ainda hoje serve para nos identificar. Não basta ser; é preciso mostrá-lo. É branca, porque é essa a cor da luz. E sem luz não há vida, nem na natureza nem em nós. É na luz que nos vemos uns aos outros, mas com aqueles olhos em que os outros são vistos como são, amados na sua identidade, na sua dignidade de pessoas.

Daí a conclusão de Paulo: entre os cristãos, nos quais vive Cristo (Gal 2, 20), as diferenças deixam de ser motivo da separação ou exclusão, sejam elas de que âmbito forem. Pelo contrário, as diferenças entre os que se amam à maneira de Cristo, são acolhidas e promovidas no sentido da complementaridade, do enriquecimento mútuo, da construção daquele corpo, animado pelo mesmo Espírito Santo, o “corpo de Cristo” que é a Igreja (1 Cor 12, 14ss).

E é nesta Igreja, em que vivemos, que se realiza:

3. A catequese baptismal

Não lhe chamamos nem pré-baptismal nem pós-baptismal, porque ela tanto precede como sucede à celebração do sacramento, quer se trate do Baptismo de crianças, quer de adultos. No caso das crianças, ela é sobretudo posterior à recepção do sacramento. Nos adultos, é anterior. Mas, mesmo com crianças, há que catequizar os seu pais e padrinhos para poderem exercer o seu dever e compromisso de educadores na fé. E os adultos que já antes do Baptismo se apaixonaram por Cristo, sentem necessidade de aprofundar os laços que têm com Ele, quer a nível afectivo, quer a nível cognitivo, para poderem exercer a sua missão de dele darem testemunho, dentro e fora da vida especificamente eclesial.

Entre nós ainda predomina o primeiro caso: a maioria dos cristãos são baptizados em criança. E o percurso catequético a que são sujeitas as crianças, os adolescentes e os jovens insere-se nesta caminhada catequética pós-baptismal. Mas com referências permanentes ao Baptismo, como sacramento que tem implicações em todos os campos da vida cristã. Em que sentido?

“Nas regiões onde o Baptismo das crianças se tornou largamente a forma habitual de celebração deste sacramento, esta transformou-se num acto único, que integra, de um modo muito abreviado, as etapas preliminares da iniciação cristã. Pela sua própria natureza, o Baptismo das crianças exige um *catecumenato pós-baptismal*. Não se trata apenas da necessidade duma instrução posterior ao Baptismo, mas do desenvolvimento necessário da graça baptismal no crescimento da pessoa. É o espaço próprio da *catequese*” (CIC 1231).

Ou seja, no caso concreto de uma catequese sobre o Baptismo, o catequista não se pode contentar em explicar, de um modo mais ou menos racional, o sacramento do Baptismo e os ritos constitutivos da sua celebração, mas tem de encontrar meios que levem as crianças a acolher, pela fé, a graça baptismal que Deus, sobretudo pela sua Palavra, lhes oferece no acto catequético.

Escusado é dizer que, para isso, o catequista tem de viver aquilo que transmite, nomeadamente no acto em que o transmite, lembrando-se de que, deste modo, está ele próprio a reviver a graça recebida no seu Baptismo... e a crescer na fé.

OBJECTIVOS

- Descobrir a ligação do Baptismo à ressurreição de Cristo, celebrada na Vigília Pascal;
- Compreender que, pelo Baptismo, nos tornamos filhos de Deus, em Jesus ressuscitado;
- Expressar a alegria pelo Baptismo, através de alguns ritos baptismais mais significativos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é uma continuação e um complemento da anterior, pela ligação do Baptismo à ressurreição de Cristo e sua celebração na Vigília Pascal. Para isso devem contribuir, no desenvolvimento da catequese: o cântico “Ressuscitou para nossa vida” com a 1ª e a 3ª estrofes; o círio pascal e os dísticos referentes à Vigília Pascal; O neófito convidado a testemunhar o seu Baptismo (1ª alternativa da experiência humana), a água (se possível, benzida na Vigília Pascal).
2. É importante que as crianças personalizem o seu próprio Baptismo, através da 2ª alternativa da experiência humana, através da proposta para a expressão de fé, a realizar com muita ordem e o maior respeito, e através do trabalho que são convidadas a fazer no catecismo. Que, assim, cada uma delas se sinta feliz por, a partir do seu Baptismo, ser filho de Deus. Se os pais puderem ser envolvidos nesta vivência, até eles aproveitarão mais desta catequese. De resto a 2ª alternativa da experiência humana pode ajudar nesse sentido.
3. É possível que no grupo haja crianças que ainda não foram baptizadas. Neste caso, o catequista deve, nas alturas próprias, fazer as devidas adaptações (algumas sugeridas no texto). Que essas crianças se sintam, nesta catequese, mais motivadas para este sacramento e para a preparação que, certamente, já estão a fazer.

MATERIAIS

- Dísticos “Jesus” e “Ressuscitou” (catequese anterior);
- Cartolinas, em forma de pétalas de flor, com o Aleluia e os nomes das crianças e catequistas (catequese anterior);
- Círio pascal (catequese anterior);

- Dísticos “Somos filhos de Deus”, “Estamos revestidos de Cristo” e “Graças a Deus”;
- Fotografias de batismos de crianças;
- Recipiente/pequena bacia (se possível, de vidro) com água;
- Pano branco;
- Bíblia;
- Canetas/esferográficas.

MÚSICAS

- Ressuscitou para nossa vida;
- Vós, Senhor, sois o nosso Pai;
- Aleluia, glória ao Senhor.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: os dísticos da catequese anterior “Jesus” (envolvido em raios de luz) e “Ressuscitou” (por baixo) e as cartolinas em forma de pétalas de flor, com o “Aleluia” escrito e ornamentado pelas crianças e catequistas.
- *Na mesa*: a Bíblia, ladeada pelo círio pascal aceso e um recipiente ou pequena bacia (se possível de vidro), cheio de água e coberto por um pano branco.
- *Nas paredes da sala*: ornamentação, se possível, idêntica à da catequese anterior.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Ainda se lembram daquele cântico que aprendemos e cantámos na última catequese? Aquele que tem duas das palavras que estão ali escritas no placar?...

(*Se as crianças se lembram, confirmar:*) É esse mesmo: “Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia”, e se nos o cantássemos outra vez?...

Então, fazemos como aprendemos: eu canto as palavras “Procurais entre os mortos aquele que está vivo?”

A propósito, quem é que disse estas palavras pela primeira vez?...E a quem é que os anjos disseram? Às mulheres que foram ao sepulcro de Jesus para perfumarem o corpo dele. E foi aí que os anjos lhes deram aquela maravilhosa notícia... Que vós ides cantar, dizendo “Ressuscitou”.

E a outra palavra que cantámos. Que significa “Aleluia”?... Louvai o Senhor”. E porque é que nós louvamos o Senhor com tanta alegria? Sim, foi Deus que ressuscitou Jesus, para nós o termos vivo para sempre.

Pronto, uma vez que sabeis tão bem o que significam as palavras, podemos cantá-las, louvando o Senhor. E para ser maior a nossa alegria até podemos cantar, batendo as palmas. De acordo?

Então, ponham-se de pé e preparem as mãos e quando chegar a vossa vez de cantar, batem também as palmas.

Catequista (*cantando*):

“Procurais entre os mortos aquele que está vivo?”

Todos (*cantando, ao ritmo das palmas*):

“Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia” (*repete*).

2. Podem sentar-se. Que bem que vós cantais! Vê-se mesmo que vos sentis felizes com Jesus, vivo, ressuscitado.

E algum de vós cantou lá em casa este cântico?

Se alguma criança o fez, louvá-la por isso e perguntar mais pormenores: como reagiram os familiares, se também cantaram... Se nenhuma o fez, incentivá-las a fazê-lo: não podemos guardar para nós tão grande notícia e tão grande alegria.

Mas, na última catequese, também vimos onde e quando é que nós cristãos mais celebramos a ressurreição de Jesus. Lembram-se?...Olhem ali para a mesa... Que vos lembra aquela vela?...

A noite de Páscoa, em que se acendem as nossas velas na luz de Jesus e todos dizemos que cremos em Deus, em Jesus, no Espírito Santo. Até fizemos isso aqui e muito bem.

Mas há mais coisas que nós fazemos na noite de Páscoa. (*Se, na paróquia, tiver havido batismos na Vigília Pascal, juntar.*) E fez-se mesmo, na nossa igreja. Que terá sido?...

Mesmo que as crianças adivinhem, não comentar, mas seguir uma das seguintes alternativas:

1ª
Alternativa

Em paróquias onde houve Batismos na Vigília Pascal.

O catequista apresenta o neófito convidado, ou pai/ou mãe, no caso de terem sido crianças, ou até o padrinho ou madrinha ou, como última hipótese, fotografias dos batismos. Convém que sejam batizados no ano em que se está e, se possível, de pessoas conhecidas de, pelo menos, algumas crianças.

Hoje temos aqui (N) que nos vai falar do que aconteceu com ele/ela na noite de Páscoa. Vamos fazer-lhe uma pequena entrevista (*adaptada à pessoa*):

- Nome, idade, profissão (*sobretudo sendo um neófito*).
- O que lhe fizeram... (*Ao falar do Baptismo, o catequista descobre o vaso com água e mostra-o*).
- Por que foi baptizado, como se preparou, como se sente depois do Baptismo.
- Porque escolheu a noite de Páscoa para o Baptismo?

2ª

Alternativa

Em paróquias onde não houve baptismos ou não é possível trazer nenhuma das pessoas referidas na 1ª alternativa.

O catequista afixe no placar uma ou duas fotografias de crianças do grupo que as mostram a ser baptizadas. O ideal é que isso seja feito pelo pai ou mãe da respectiva criança que, nesse caso, será devidamente apresentado. Se tal não for possível, o catequista pede as fotografias aos pais das respectivas crianças, mas sem que estas o saibam. Como última hipótese, o catequista pode apresentar fotografias do seu próprio Baptismo ou de um seu filho ou filha. Depois de as afixar por baixo do dístico “Ressuscitou”, pergunte:

Alguém de vós sabe quem está na(s) fotografia(s)?... Vejam lá se reconhecem (logo que as crianças em causa se reconhecem, eventualmente pela imagem dos pais e padrinhos, o catequista pode convidá-las para a frente, para serem entrevistadas pelo próprio e as outras crianças).

- Quando, onde foram baptizadas...
- Nome dos padrinhos...
- Se a água estava fria ou quente?

É claro que não se lembram... Mas podiam ter perguntado aos pais.

Ou está aqui alguém que se lembre?

3. Para as duas alternativas:

A melhor altura para sermos baptizados é na noite de Páscoa. Muitos de nós, por várias razões, não pudemos ser baptizados nessa noite. Mas é mesmo a melhor altura. E porque será?...

O que é que o Baptismo faz em nós?... Por que razão somos nós Baptizados?

Querem saber?

II. PALAVRA

1. Primeiro, vamos ouvir alguém que nos explica. Chama-se Paulo, um dos maiores amigos de Jesus, e escreveu muita coisa sobre Jesus e sobre o que acontece a quem se faz amigo de Jesus. O que ele escreveu está aqui na Bíblia. (*O catequista mostra-a e abre-a em Gal 3, 26-27.*)

Nós vamos ouvi-lo, como se fosse na missa. Muitos de vós já sabem que nós na missa, quando ouvimos palavras que não sejam directamente de Jesus ou sobre Jesus, como respondemos no fim. Quem se lembra?...

No fim de ler essas palavras o leitor diz: "Palavra do Senhor" e nós respondemos: "Graças a Deus!". Agradecemos a Deus o que Ele nos diz.

Ora, vamos lá ensaiar: eu digo "Palavra do Senhor" e vós respondeis...

"Graças a Deus". Outra vez: "Graças a Deus". Não se esqueçam.

2. Então vamos ouvir o que S. Paulo nos diz sobre o nosso Baptismo. Ou melhor, o que acontece connosco quando somos baptizados.

Ouçamos com atenção.

O catequista ou outro leitor, por exemplo, uma das pessoas que intervieram numa das alternativas da experiência humana, lê:

Leitor:

"Leitura da carta de São Paulo aos Gálatas:

Irmãos:

Todos vós sois filhos de Deus

em Jesus Cristo,

mediante a fé;

pois todos os que fostes baptizados em Cristo

fostes revestidos de Cristo.

Palavra do Senhor".

Todos: "Graças a Deus."

3. *O catequista afixa os dísticos "Somos filhos de Deus" e "Estamos revestidos de Cristo" e comenta:*

Cá está o que S. Paulo nos diz: pelo Baptismo, tornamo-nos filhos de Deus e ficamos revestidos de Cristo. Querem todos ler comigo?

Então, ao mesmo tempo:

"Somos filhos de Deus" e

"Estamos revestidos de Cristo".

O catequista afixa, por baixo das palavras ditas, o **dístico**: **“Graças a Deus”** e convida as crianças:

Agora vamos ler tudo de seguida: o que S. Paulo nos diz sobre o nosso Baptismo e o que nós respondemos. Todos:

**“Somos filhos de Deus,
Estamos revestidos de Cristo,
Graças a Deus.”**

4. Mas haverá algum sinal no Baptismo que nos mostre isto?

O catequista pega no recipiente com água e diz:

Sabem o que está aqui dentro?...

E a água para que serve?...

A água lava-nos das sujidades do nosso corpo, para andarmos limpinhos.

No Baptismo, recebemos água na nossa cabeça, para nos lavar de outras sujidades.

São aquelas maldades, aqueles pecados que não nos deixam ser amigos de Deus e dos outros. É dessas maldades que o Baptismo nos lava. E, lavadinhos, entramos mais no coração de Deus. Lembram-se de nós, aqui há tempos, estarmos todos no coração de Deus? E assim é que nós lhe chamamos nosso Pai: porque somos filhos de Deus.

Não querem dizer a Deus que é Ele o nosso Pai?...

Então, levantem-se...e, de mãos levantadas para Deus, cantemos:

“Vós, Senhor, sois o nosso Pai” (*refrão e, se necessário, a 1ª estrofe.*)

5. Podem sentar-se...

Como é que nós também ficamos revestidos de Cristo?...

O catequista pega no pano branco que cobria o recipiente de água e mostra-o:

De que cor é este paninho?...

E de que está envolvido o nome de Jesus ali no placar?

Está todo envolvido em luz, porque Ele ressuscitou e está mesmo em Deus.

Pois bem, o branco faz-nos lembrar a luz. Vestimo-nos de branco, porque ficamos iluminados por Deus. Por isso é que nós, quando somos baptizados somos vestidos de branco. Só que, em vez de dizermos que somos revestidos de branco, dizemos que somos revestidos de Cristo, a nossa luz.

E por isso é que também acendemos as nossas velas na luz daquela vela que representa a luz de Cristo ressuscitado. Velas acesas e veste branca – estamos mesmo revestidos de Cristo (*repetir*).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Não gostariam de cantar outra vez a alegria por Jesus ter ressuscitado e, pelo Baptismo, nos fazer filhos de Deus?...No mesmo cântico que cantámos há pouco podemos dizer isso mesmo. Querem ouvir?...

O catequista canta a estrofe: “Todos vós que fostes baptizados”...) e, de seguida, convida as crianças:

A estas palavras, nós respondemos “Ressuscitou para nossa vida”. Vamos cantar?... Ponham-se de pé e não se esqueçam de bater as palmas quando cantarem.

Catequista (canta): “Procurais entre os mortos Aquele que está vivo?”

Todos (ao ritmo das palmas): “Ressuscitou para nossa vida...”

Catequista (canta): “Todos vós que fostes baptizados estais revestidos de Cristo”.

Todos (ao ritmo das palmas): “Ressuscitou para nossa vida...”

2. Podem sentar-se...

Não gostavam de recordar ainda mais o nosso Baptismo?...

Então, primeiro, vão abrir o catecismo na página (*O catequista indica a página onde vem a fórmula baptismal “ _____, eu te baptizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, e convida as crianças:*)

Vamos todos ler o que está aí escrito (*as crianças lêem*). Sabem quem disse essas palavras?... Foi o senhor Padre (ou Diácono) que vos baptizou. Mas também disse o vosso nome. Só que ele ainda não está aí no catecismo. Então escrevam-no. Mas só o primeiro nome.

Depois de as crianças escreverem, o catequista continua:

Agora vamos fazer assim: Estão a ver aqui este recipiente com água, perto da Bíblia e da vela acesa...

Pois bem, eu proponho que cada um de nós venha aqui à frente, molhe a ponta dos dedos da sua mão direita na água e, depois, se benza, dizendo ao mesmo tempo, o seu nome e estas palavras “**Eu (nome) estou baptizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo**”. Fazem isto, voltados para o nome de Jesus. (*O catequista exemplifica*).

(*Se for o caso, o catequista diz*): Para os meninos e meninas que ainda não foram baptizados é um bocadinho diferente. Em vez de dizerem “Estou baptizado”, dizem: “Serei baptizado”.

Quando cada um acabar de se benzer e dizer as suas palavras, todos respondemos, ao mesmo tempo: “**Graças a Deus**”.

Perceberam todos?...

Então, comecemos. De pé...Primeiro damos glória ao Senhor; cantando:

“Aleluia...glória ao Senhor” (*refrão e 1ª estrofe: “Glória ao Senhor nosso Pai”...*)

*Se as crianças forem muitas, podem aproximar-se e fazer o rito em grupos de três. No final, podem cantar o mesmo cântico: **Aleluia...glória ao Senhor** (refrão e 2ª estrofe: **“Glória ao Senhor Jesus Cristo”**...*

3. Sentem-se... E agora abram o catecismo na página (o catequista indica a página referente aos dados do Baptismo de cada criança).

Estão a ver que falta aí alguma coisa: em que dia e onde foram baptizados e por quem (os que já foram. Os outros, que ainda não foram baptizados, escreverão mais tarde).

Perguntem lá em vossa casa. Se o pai e/ou a mãe não se lembrarem, podem ver na cédula da vida cristã. E peçam-lhes também para ver as fotografias ou o vídeo do vosso Baptismo.

Para o próximo encontro, tragam uma fotografia vossa, a serem baptizados, como as de (*nome, no caso de terem seguido a 2ª alternativa da experiência humana*).

Portanto, são duas coisas que devem trazer: o catecismo com o dia, o lugar e o sr. Padre do vosso Baptismo, e uma fotografia a serem baptizados.

As crianças por baptizar são convidadas a trazer os nomes dos futuros padrinhos, se já escolheram, e a fotografia deles ou dos pais, se possível a serem baptizados.

Vai ser mesmo lindo, vermo-nos uns aos outros no nosso Baptismo.

4. E olhem: quando perguntarem essas coisas aos vossos pais, podem cantar com eles o cântico que hoje cantámos: “Ressuscitou para nossa vida”.

Para não se esquecerem, vamos cantar outra vez:

Catequista (*cantando*): **“Todos vós que fostes baptizados estais revestidos de Cristo”**

Todos (*cantando ao ritmo das palmas*): **“Ressuscitou para nossa vida...”**

Catequista: **“Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe”.**

Todos: **“Graças a Deus.”**

Nota: Durante a semana, o catequista procura lembrar as crianças das tarefas pedidas nesta catequese.

RECEBEMOS O ESPIRITO SANTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Os sinais do Espírito

Em vez de “sinais” podemos chamar-lhes “símbolos”. Na sua quase totalidade, são elementos da natureza imprescindíveis para a vida humana. E como esta se não pode reduzir à sua materialidade, tais elementos são usados como base para uma vida plena que, só numa relação de fé com Deus, se pode obter. Pela Palavra que acompanha o seu uso nas celebrações sacramentais, tornam-se meios eficazes de transmissão da graça de Deus.

Na tradição bíblica e na liturgia destacam-se os seguintes, todos eles, além de outros, referidos no Catecismo da Igreja Católica (n. 694-701):

- O *ar* que respiramos e sem o qual não podemos viver. É tão importante que acabou por se tornar o termo mais usado para identificar a vida ou vitalidade que nos vem de Deus. “Espírito” corresponde ao latim “Spíritus” que, em sentido próprio e original e tal como o grego “Pneuma” e o hebraico “Ruah”, significa sopro, ar, vento. É nesse sentido que, em Gn 2,7, o ser humano, formado por Deus “do pó da terra”, se tornou “um ser vivo”, só depois de Ele lhe ter insuflado “pelas narinas o sopro da vida”. E Jesus ressuscitado envia os seus discípulos na missão de transmitir o perdão, alcançado pelo amor ilimitado expresso na cruz com a entrega do Espírito ao Pai, depois de ter “soprado sobre eles” (Jo 20, 22-23). O ser humano vive, no sentido pleno do termo, e os discípulos de Jesus são agentes capazes e destemidos do perdão, na medida em que respiram o “hálito” divino.
- A *água* de que necessitamos, dada a composição do nosso corpo, em que predomina o elemento líquido. Se, além da água que por isso temos de beber, juntarmos a que usamos para, todos os dias e várias vezes ao dia, nos lavarmos, facilmente nos apercebemos de que é impossível viver sem ela. Que o digam os que a não têm e sentem falta dela ou a têm em condições impotáveis. Um drama que, segundo estudos ecológicos, tende a agravar-se à escala mundial. Talvez porque os homens precisem, cada vez mais, de uma outra água: aquela que Deus

promete através do profeta Ezequiel, aos exilados na Babilónia: “Derramarei sobre vós uma água pura e sereis purificados. Eu vos purificarei de todas as manchas e de todos os pecados” (Ez 36, 25); é a mesma água que Jesus, em plena festa judaica dos Tabernáculos, promete aos que dele se aproximarem e nele crerem: “Como diz a Escritura, não-de correr do seu corpo rios de água viva”, segundo o Evangelista, depois de Jesus ter “sido glorificado” (Jo 7,37-39). De facto, depois de ter entregado a Deus o seu Espírito, ainda brotaram do seu peito, perfurado pelo soldado, “sangue e água” para aqueles que, na fé, o contemplam trespassado (Jo 19, 34-37).

A importância destes dois símbolos faz com que, na linguagem bíblica, apareçam com frequência aliados. S. Paulo para fundamentar a esperança cristã, afirma que “o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5). “Derramar”, em sentido próprio, aplica-se a um líquido e não ao ar. Ou então, aludindo ao Baptismo, escreve que “todos bebemos de um só Espírito” (1 Cor 12, 13). A junção dos dois símbolos, ao lado de muitos outros, torna-se necessária, acima de tudo, pela riqueza inesgotável de vida que Deus concede àqueles que, acolhendo o seu amor, entram com Ele numa comunhão única, aquela em que, no dizer de S. Paulo em Gal 4, 5-6, “recebemos a adopção de filhos”, acrescentando como e porquê:

2. “Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho”

E diz ainda que é esse Espírito que, em nós, “clama: Abbá! – Pai”. A intimidade familiar que Jesus manifestava na sua oração, em que tratava Deus do mesmo modo, apoderase dos que, na fé, acolhem o Evangelho do amor extremo de Deus, revelado no envio do “seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei” (4, 4). A encarnação é completada pela morte, ditada pela Lei. Uma entrega do Filho de Deus e, nele, do próprio Deus, que assim nos oferece a possibilidade de uma vida nova, faz daqueles que pela fé e o Baptismo a Ele aderem, novas criaturas (2 Cor 5, 17; Gal 6, 15).

Também aqui, Paulo, como outros escritores bíblicos, se serve das relações humanas para exprimir o que ultrapassa infinitamente o que humanamente experimentamos: as relações de paternidade ou maternidade e de filiação. É pelo amor que nascemos e crescemos, particularmente o amor daqueles que mais contribuem para isso: os nossos pais. Mesmo aquilo que nos dão para a vida do corpo, tem muito mais sabor e maior eficácia, na medida em que está integrado numa relação de amor, expressa e concretizada de inúmeros modos. É esse amor que nos faz crescer: vivemos da vida daqueles que, continuamente, dão a vida por nós. E vivemos, porque esse amor nos desperta, educa, conduz para um amor idêntico: amor para com aqueles de quem o recebemos, numa reciprocidade vivificante (os pais também vivem do amor dos

filhos), e para com outros a quem, pelo amor, nos entregamos, para os levarmos a viver e, nessa entrega, nós próprios adquirirmos mais vida.

Um amor que, para ser tão consistente e persistente quanto possível, precisa de ser alimentado pelo amor inexcedível de Deus. Todos experimentamos isso: pais e mães que, para a realização da sua missão, se confiam a Deus, o tratam como Pai na maior intimidade filial, adquirem mais energia, mais vitalidade, para serem verdadeiramente pais e mães. E o Espírito de Deus que respiram é transmitido aos filhos que, através dos pais e mães e outros de quem vivem, descobrem a fonte última desse amor, do Espírito que respiram.

E aprendem mais facilmente a chamar-lhe Pai, porque O vêem, O sentem no seu pai e na sua mãe.

E se o fizerem juntamente com o pai e a mãe, numa oração comum, então a própria oração torna-se o meio mais privilegiado para a vivência e o fortalecimento do amor em todas as suas direcções: para com Deus e uns para com os outros. Pela união das vozes e dos corações na invocação do mesmo Pai que está nos céus, aumenta a união humana, fraterna entre os que a Ele se confiam. E porque este amor, vindo de um Deus que a todos ama, não pode ter limites, as relações fraternas estendem-se para além dos membros da família biológica: são vividas, em primeiro lugar, entre os membros da mesma Igreja, onde todos são amados como são, e, da Igreja, para com todos os homens e mulheres, sobretudo para com os mais carenciados de vida, de amor. O Espírito sopra onde quer.

Não tentemos, de modo algum, impedir que Ele o faça. Pelo contrário, deixemos que Ele sopra através de nós.

3. A acção do Espírito Santo no Baptismo

Além da água, que ocupa um lugar central neste sacramento, entram na sua celebração outros símbolos: a unção com o azeite dos catecúmenos e, sobretudo, com o do Santo Crisma que liga o Baptismo à Confirmação; o fogo, particularmente se o Baptismo é celebrado na Vigília Pascal; a luz acesa no círio pascal de Cristo que, sobretudo a partir da sua ressurreição, se tornou a luz do mundo; as mãos, usadas várias vezes e de vários modos, com destaque para a sua imposição

Mas todos estes símbolos ganham vida e tornam-se transmissores da vida do Espírito Santo e Santificador, através do meio mais privilegiado da acção do Espírito: a Palavra. Note-se que, quando falada, ela própria se torna audível e, como tal, perceptível, porque é transportada pelo espírito: é o ar que respiramos que leva aos outros os sons produzidos pelas cordas vocais e articulados pela boca. Mas a Palavra é veículo do Espírito, sobretudo pela vida que ela produz em quem a escuta. Uma vida que depende da vitalidade do conteúdo da palavra e, sobretudo, de quem a diz. Quanto mais autoridade e poder tem aquele que fala, mais eficaz é a sua palavra e mais vida produz (ou destrói).

No Baptismo, como nos outros sacramentos, a sua eficácia está sobretudo no seu autor: Deus, que entra num processo de comunicação em que intervêm, como seus mediadores e na seguinte ordem:

1. Os leitores que proclamam as leituras bíblicas. É pelas suas vozes que Deus fala no momento em que as suas Palavras são lidas e escutadas. Trata-se de Palavras inspiradas, fixadas por escrito pela acção do Espírito de Deus e acolhidas por quem se abre a esse mesmo Espírito, ao amor que Deus por elas lhes revela.
2. Os baptizados, sejam eles os catecúmenos que falam por si, sejam as crianças que dependem dos seus pais, padrinhos e restante comunidade crente, todos eles são convidados a proclamar a sua fé. Esta, devem-na ao Deus que se revela e actua pelo seu Espírito, de tal modo que na sua proclamação é o Espírito que já está em acção. O “sim, renuncio” e o “sim, creio” que lhes sai da boca e do coração, é tanto mais sincero quanto neles está já o Espírito de Deus, que de novo acabam de receber através da Palavra da Escritura.
3. O ministro do sacramento que, nomeadamente, derrama a água sobre o baptizando, ao mesmo tempo que diz fazê-lo em “Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Pela sua boca, o Espírito penetra no coração daquele que é lavado dos seus pecados, de que foi redimido por Cristo, o Filho de Deus, para entrar na comunhão filial com o Pai, que o ama infinitamente.
4. O neófito que passa a proclamar a Palavra de Deus, através do multiforme testemunho cristão, dentro e fora da Igreja. Um testemunho que ou é dado directamente pela palavra ou é por ela completado, a palavra que dá sentido e vida ao seu modo de viver. E isto por toda a sua vida. O Baptismo imprime carácter, uma marca que nunca mais se apaga.

Para isso contribui a catequese pós-baptismal... Onde também o catequista é movido pelo Espírito de Deus.

OBJECTIVOS

- Aperceber-se da acção do Espírito Santo em nós;
- Descobrir o lugar do Espírito Santo na adopção filial, obtida através do Baptismo;
- Deixar-se guiar pelo Espírito, na oração.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Não é fácil levar as crianças a aperceberem-se da acção do Espírito Santo nelas e nos cristãos. A palavra “espírito” é demasiado abstracta para crianças desta idade. Daí que, mais do que falar dele, devem criar-se condições para que Ele fale através, nomeadamente, da oração e do canto a que as crianças são convidadas e, sobretudo, da alegria que sentem nisso. Por outro lado, é importante que elas, desde já, tenham consciência de que essa alegria e a respectiva convicção de fé não dependem

primariamente delas, mas de Deus que actua através do seu Espírito. Daí que, nesta catequese, tenha um lugar imprescindível a acção do Espírito nas crianças, através das diversas actividades a que são convidadas.

2. A ligação do Espírito ao Baptismo é fundamental. Por isso, às crianças sejam recordadas quer a fórmula baptismal, quer a confissão de fé (baptismal) que fizeram na última catequese, ligadas à fotografia, evocativa do Baptismo de cada uma, que são convidadas a trazer e a colocar junto de Cristo Ressuscitado.
3. A Palavra de Deus, para melhor ser fixada, é apresentada como texto musicado. Não é uma melodia tipicamente infantil, mas tem a vantagem de ser cantada por muitas comunidades cristãs de que as crianças fazem parte. Pelo seu Baptismo, cada criança foi e está integrada na Igreja e é na Igreja, na sua totalidade, que actua o Espírito.
4. É possível que no grupo haja crianças por baptizar. Nesse caso, façam-se as devidas adaptações, algumas sugeridas ao desenvolvimento da catequese. Nessas crianças, esta catequese pode e deve despertar ou fortalecer o desejo e o gosto pelo Baptismo e a sua preparação.

MATERIAIS

- Dístico “JESUS” envolto em raios de luz (catequese anteriores);
- Folhas com o Aleluia e os nomes das crianças e catequistas (catequese anteriores);
- Fotografias do Baptismo de cada criança baptizada (1ª alternativa) ou, se não baptizada, do seu futuro padrinho/madrinha ou pai/mãe ou de uma criança ou adulto recém-baptizado (2ª alternativa);
- Dísticos “Pai”, “Filho” e “Espírito Santo”;
- Recipiente de água (catequese anterior);
- Pano branco (catequese anterior);
- Círio pascal (catequese anteriores);
- Bíblia;
- Canetas/esferográficas.

MÚSICAS

- Aleluia, glória ao Senhor;
- Ressuscitou para nossa vida;
- Recebestes um Espírito.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: o dístico “Jesus”, envolto em raios de luz (como nas duas catequeses anteriores) e rodeado pelas cartolinas com o “Aleluia” escrito pelas crianças, a formar como pétalas de flores.
- *Na mesa*: A Bíblia, o círio pascal e o recipiente com e um pano branco (como na catequese anterior).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

Para grupos em que todas as crianças ou a maioria delas estão batizadas. Se houver crianças por batizar, podem seguir, adaptada, a 2ª alternativa.

Então fizeram o que combinámos na última catequese? Foram duas coisas: primeiro, escrever, no catecismo, o dia e o lugar onde foram batizados e o nome do senhor Padre (ou Diácono) que vos batizou; segundo, trazer uma fotografia do vosso Baptismo. Quem fez isto? E não querem mostrar aos outros?...

Fazemos assim: cada um de vós vem aqui à frente, diz aos outros o que escreveu no catecismo e mostra a fotografia.

*O catequista, à medida que vai recebendo as fotografias, afixa-as junto e em volta do dístico “Jesus”. Pelo meio e, sobretudo, no fim da entrega, convida as crianças a cantarem o **cântico** indicado a seguir.*

Coloquei as fotografias junto de Jesus, porque o nosso Baptismo se deve a Jesus. Cantemos-lhe de pé:

“Ressuscitou para nossa vida” (1ª e 3ª e, se necessário, 2ª estrofe).

2ª

Alternativa

(Para grupos em que todas, ou quase todas as crianças estão por batizar)

Vós não pudestes escrever o que está pedido no catecismo: o dia, o lugar e o nome do senhor Padre que nos batizou. Ainda não fostes batizados, mas haveis de ser.

Já sabeis quando?... E já escolhestes os vossos padrinhos? Quem já escolheu?... E trouxeram uma fotografia deles ou dos pais (*no caso de já terem sido baptizados; se não for possível nenhuma das hipóteses, o catequista procure uma ou duas fotografias de crianças ou adultos a serem baptizados, se possível, na última Vigília Pascal*). Então os que já têm, vêm aqui à frente dizer os nomes dos padrinhos, o que estes lhes têm feito e porque os escolheram. Depois mostram as fotografias deles a serem baptizados.

O catequista, à medida que vai recebendo as fotografias, faz como na 1ª alternativa e, pelo meio e no fim, convida ao mesmo cântico:

“Ressuscitou para nossa vida” (1ª e 3ª estrofes).

Que bem que vós cantastes! Parece mesmo que estais iluminados por Cristo, como aquelas vossas fotografias em volta do seu nome.

É tal e qual como quem está baptizado; está revestido de Cristo, limpinho, como este pano branco (*mostra o pano*).

Mas digam-me uma coisa: Quem é que vos fez cantar tão bem e com tanto entusiasmo? Olhem é o mesmo que nos faz rezar e nos faz sermos bons uns com os outros. Vejam lá se adivinham? (*Deixar que as crianças se expressem e, no fim, perguntar:*)

Para sabermos ao certo quem nos faz cantar com tanto entusiasmo, nos leva a rezar a Deus e a Jesus, a sermos seus amigos e amigos uns dos outros, para sabermos quem faz isso tudo em nós, pensem nas palavras que o senhor Padre disse a cada um, quando foi baptizado.

Podem abrir os vossos catecismos, porque vêm lá (*o catequista indique a página com a fórmula baptismal e mande ler, primeiro, individualmente e, depois, em coro. Afixe no placar, por baixo de “Jesus”, os dísticos “Pai”, “Filho” e “Espírito Santo”, em ordem descendente:*)

Pois bem quem nos faz rezar e ser bons é alguém que vós dissestes e, está ali escrito. Quem será?

II. PALAVRA

1. Lembram-se de como S. Paulo, na última catequese, nos mostrou o que acontece no nosso Baptismo? Leiam lá as palavras dele (*o catequista indica a página do catecismo com o texto de Gal 3, 26-27 e pede:*)

Quem quer ler para os outros?...

Somos filhos de Deus e ficámos revestidos de Cristo, como mostra a veste branca.

Pois bem, S. Paulo ainda nos diz mais alguma coisa, para sermos filhos de Deus e ficarmos revestidos de Cristo. Vamos ouvir. E não se esqueçam de no fim, responder “Graças a Deus”.

O catequista, depois de abrir a Bíblia em **Gal 4.4-6**, lê só o seguinte:

“Leitura da carta de São Paulo aos Gálatas:

**Irmãos,
Quando chegou a plenitude do tempo,
Deus enviou o seu Filho,
para sermos adoptados como filhos.
E, porque sois filhos,
Deus enviou aos nossos corações
o Espírito do seu Filho,
que clama: Abbá! – ó Pai!
Palavra do Senhor”**

Todos: “Graças a Deus”

O catequista repete, voltado para as crianças, as últimas palavras lidas:

“Deus enviou os nossos corações o Espírito de Seu Filho que clama “Abbá”! - ó Pai”. Sabem o que é Abbá? É uma palavra da língua de Jesus que quer dizer “Papá” ou, simplesmente Pai.

E quem nos leva a chamar Pai ou Abbá a Deus?...

(O catequista serve-se do dístico do quadro para explicar o que se segue:)

É o Espírito Santo. E como é que nós sentimos o Espírito Santo em nós? Quando sentimos uma vontade e uma alegria muito grande em rezarmos, por exemplo, o Pai Nosso, onde chamamos Pai a Deus, ou quando sentimos uma amizade muito grande por Jesus e queremos ser como Ele. Ou quando queremos e conseguimos ser bons uns para com os outros. E fazemos tantas outras coisas boas. Em tudo isso é o Espírito Santo que está em nós.

Que bom! Não acham?

2. E se nós fossemos cantar estas palavras que S. Paulo nos disse sobre o Espírito Santo? Querem ouvir o cântico?

Olhem, ele vem no catecismo *(o catequista indica a página)*.

Então eu vou cantar uma vez e depois cantais vós. *(O catequista ensaia:)*

“Recebestes um Espírito”.

Ensaia também a cantar “Abbá, ó Pai!” com gestos: as mãos levantadas para o alto.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Agora que já sabemos de cor, podemos todos cantá-lo. E, no fim, chamamos mesmo a Deus “Abbá”, ó Pai”, como Jesus fazia.

Então, vão pôr-se de pé...olhem todos para o placar...e agora cantemos:

“Recebestes o Espírito” (*refrão e 1ª estrofe*).

2. Podem sentar-se. Estão a ver aquelas pétalas no placar, com o Aleluia.

Que quer dizer “Aleluia”?...

Exacto: “Louvai o Senhor”. E quem louva o Senhor? O que é que está escrito por detrás do Aleluia?

Muito bem: Os nossos nomes. Se não se esqueceram, é porque gostam mesmo de louvar o Senhor.

E quem nos leva a louvar o Senhor?...

É claro que é o Espírito Santo. E quando o recebemos pela 1ª vez?

No dia do nosso Baptismo.

Pois bem, tenho uma ideia: que na folhinha, onde escreveram o Aleluia e está o vosso nome, vão escrever junto do nome a data do vosso Baptismo, o dia em que foram baptizados (*ou, para não baptizados, o ano em que serão baptizados*). Acham bem?...

Assim fica mesmo escrito o dia em que podiam, se soubessem, cantar o Aleluia, com a força e o amor do Espírito Santo.

Eu vou distribuir as folhinhas, aquelas lindas pétalas de flor.

O catequista distribui a cada criança a sua pétala, pode ajudá-las a copiar a data do Baptismo, a partir do catecismo.

3. Agora vão entregar as vossas folhinhas outra vez. Mas não é de qualquer maneira.

Eu proponho o seguinte:

- Primeiro, vamos todos cantar o Aleluia.
- Depois, cada um vem aqui à frente entregar o seu “Aleluia” e diz aquela oração que todos já aprenderam: “Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo”. Lembram-se? (*O catequista ensina*).
- No fim de todos entregarem, cantaremos outra vez o Aleluia e rezaremos, em coro, o Pai Nosso, a oração que Jesus nos ensinou.

De acordo? Tudo vai correr bem, primeiro, porque vós sois muito bons e quereis mostrar que o Espírito Santo está em vós; segundo, porque, se alguém se esquecer, eu ajudo.

Então, de pé, louvemos o Senhor:

Aleluia, glória ao Senhor (1ª estrofe: “**Glória ao Senhor nosso Pai**”; 2ª estrofe: “**Glória ao Senhor Jesus Cristo**”).

Entrega das folhas por cada criança ou em grupos de tantos quantos os catequistas. O “Glória ao Pai”... pode também ser recitado por todos ao mesmo tempo.

Aleluia, glória ao Senhor (3ª estrofe: “**e ao Espírito Santo**”)

Pai Nosso (em coro).

4. E agora que rezámos e cantámos, podemos cantar outra vez o **cântico** que aprendemos hoje:

“Recebestes o Espírito” (só o refrão).

Se a próxima catequese for numa igreja, o catequista deverá dizer isso às crianças e o local onde se encontram.

No final:

Catequista: “Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe”.

Todos: “Graças a Deus”.

O catequista guarda as fotografias do Baptismo das crianças até ao próximo encontro.

ENTRÁMOS NA IGREJA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. É urgente o sentido de Igreja

É urgente, porque são ainda muitíssimos os cristãos que o não têm ou, pelo menos, comportam-se como não o tendo. “Eu cá tenho a minha fé”, dizem muitos. E não estaria mal, se o pronome “minha” indicasse a dimensão pessoal, fundamental, da fé. Trata-se de uma comunhão da pessoa com Deus. Ninguém pode ser substituído por outro nessa relação. É mal, quando o “minha” significa, como acontece frequentemente, uma relação meramente individual e individualista. Como se o Deus em quem diz acreditar, fosse só o seu Deus, um Deus de quem, consciente ou inconscientemente, procura apropriar-se...para a Ele se impor. Ou seja, para cair no pecado de querer ser como Deus; de, no fundo, querer ser Deus. Veja-se como ele é descrito em Gn 3, com as terríveis consequências para o ser humano.

É urgente o sentido de Igreja, também porque se continua a constatar um fenómeno, impensável, no final da caminhada catequética de tantas crianças e, sobretudo, adolescentes: o abandono, temporário ou definitivo da Igreja. Quando se deviam sentir, mais do que nunca, comprometidos na família cristã, deixam-na. Quer dizer que a caminhada catequética não existiu. Se caminharam para Cristo, como se explica a debandada da comunidade cristã, o seu corpo na terra. Se a catequese contribuiu para isso, então seria melhor não ter sido feita. Pelo menos ficaria muito mais aberta a porta para, um dia mais tarde, por ela entrar, ao encontro do Pastor que é também a porta para o redil onde nos oferece a vida e a dá em abundância (Jo 10, 1-10).

É urgente o sentido e a consciência de Igreja, ainda porque a mensagem cristã e, conseqüentemente, a sua vivência é fundamentalmente comunitária: está sintetizada e centralizada num acto de amor extremo, o dom da vida divina, realizando, de modo único, por Jesus Cristo na cruz. É Ele que assim, oferecido a Deus por nós e por toda a humanidade, nos liberta do pecado, destruidor da vida, por romper com toda a relação com Deus e, nele, com os outros. Se é deste amor que nasce cada cristão, não o pode ter e viver, se o não põe em prática: em primeiro lugar e principalmente

com os outros cristãos com os quais constitui uma família, com laços muito mais profundos do que os laços que nos unem apenas humanamente. Quem não liga à Igreja a que, como cristão, pertence, deve, no mínimo perguntar-se se, de facto, é cristão. E se ele se não interroga, é dever dos outros, dever da Igreja, fazê-lo. Mas de um modo eclesial, isto é, eivado pelo amor, aquele do qual o outro tanto necessita, para dele viver.

2. “Eu estou no meio deles”

É com esta promessa que terminam as palavras de Jesus em Mt 18, 19-20: “Digo-vos ainda: se dois ou três de entre vós se unirem na terra, para pedir qualquer coisa, hão-de obtê-la de meu Pai que está nos Céus. Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles.”

Vistas no seu contexto literário, são a última tentativa para reconquistar, para a comunhão eclesial, um cristão que dela se afastou pelo pecado (18, 15-18): se rejeitar todos os convites e exortações à conversão e assim continuar a auto-excluir-se da comunidade, nem nessa situação se devem baixar os braços. O que humanamente está a ser impossível, será possível a Deus, desde que a comunidade, mesmo no número mais reduzido dos seus membros, para Ele se voltar numa oração de entrega filial. Tal é o poder da oração: mantém, pelo menos os que a fazem, numa persistente insatisfação, perante o perigo que corre o irmão pecador de se perder para sempre. Uma oração em que, ao mesmo tempo, se unem ao Pai comum e a todos os seus filhos. Uma oração que é expressão e fonte de um amor, que tem a sua prova máxima no perdão. Mas um perdão que necessita de ser aceite, para alcançar o seu fim: o arrependimento, a mudança de vida, a aceitação do amor que assim é oferecido.

Sobretudo se a oração e a comunhão em que é feita, se realiza em nome de Jesus, o Senhor. Um nome que Ele alcançou para sempre, depois dar a sua vida por todos, para remissão dos pecados. Foi desta entrega e do conseqüente reconhecimento deste seu amor extremo que nasceu a Igreja. Entregar-se e submeter-se a Cristo como Senhor, é abrir a porta do coração e da vida a esse amor. Um amor que, naqueles que dele vivem, se exprime e concretiza no amor aos outros, sobretudo os mais necessitados física e espiritualmente.

Para isso é preciso uma coragem e uma constância que ultrapassa as capacidades humanas. Daí a promessa: “Eu estou no meio deles”. Palavras muito semelhantes às do nome dado a Jesus no princípio do Evangelho: “O Emanuel, o Deus conosco” (Mt 1, 23), e às que Ele, ressuscitado, diz aos Onze, no final do Evangelho: “Eu estarei convosco até ao fim dos tempos” (28, 20). Palavras que se inspiram no nome com que Deus se identifica, para garantir ao seu povo a libertação do Egito e a sua organização e existência como povo: “Eu sou Aquele que sou” (Ex 3, 14). Isto é, Eu sou, existo, tenho vida, uma vida plena, na medida em que estou convosco, para vos dar a vida que, de outro modo, não podeis adquirir. É este Deus vivo e que, como tal,

é fonte de vida sem fim, que em Cristo se tornou mais vivo, porque mais conosco...mormente na Igreja que nasceu de Cristo, o Emanuel.

E quanto Ele é preciso nela. Sobretudo se os seus membros se vêem confrontados com a incapacidade e a tentação de limitar, o perdão até sete vezes, quando o que é próprio de Deus é perdoar até setenta vezes sete. O limite só se obtém, quando o irmão pecador finalmente acolheu o perdão infindavelmente oferecido, para o partilhar com aqueles que o ofenderam (Mt 18, 21-35). Então é que Deus está finalmente e realmente conosco, e Cristo no meio de nós.

3. “A Comunidade cristã, ambiente vital da catequese”

É com este título que os nossos Bispos iniciam o nº 5 do documento “Para que acreditem e tenham vida” (Conferência Episcopal Portuguesa 2005, p. 20). E fundamentam assim esse ambiente vital: “A comunidade cristã é o sujeito, o ambiente e a meta da catequese. Na verdade, a vida cristã é um facto comunitário, recebe-se, aprende-se e vive-se na Igreja, mistério de comunhão. Na vida das comunidades, a fé cristã torna-se um acontecimento vivido e actual, incarnado em pessoas, testemunhado em gestos e formas de viver.”

Portanto, em primeiro lugar, é preciso levar a comunidade para a catequese. Os catequistas e os pais, juntamente com outros colaboradores mais próximos, não actuam primariamente por iniciativa e em nome individual, mas como membros e enviados de uma comunidade cristã a que pertencem e na qual exercem o seu ministério.

Os conteúdos transmitidos partem e fundamentam-se na mesma Palavra de Deus que “alcança a sua plena realização como Palavra proclamada no anúncio do Evangelho, celebrada na liturgia e praticada no serviço fraterno da caridade” (Ibidem, p. 20-21).

Muitos dos gestos e ritos com que a comunidade recebe e transmite a graça de Deus, sobretudo pelas celebrações sacramentais, são adoptados nos encontros catequéticos, como vivência e expressão de fé dos catequizandos e catequistas. Outros membros da comunidade, responsáveis por serviços comunitários, são, pelo menos de tempos a tempos, convidados a dar testemunho aos catequizandos do carisma, isto é, da graça inerente a esse serviço, e da alegria com que o executam. Daí nasce o movimento inverso e complementar: a catequese é levada para a Igreja, já que é esta a sua meta. Aos catequizandos é, continuamente e de modo explícito ou implícito, transmitida a mensagem e a convicção de que são membros de uma família mais alargada, aquela em que todos os seus membros são filhos do mesmo Pai, irmãos do mesmo Cristo e animados pelo mesmo Espírito. Uma família em que entram pelo Baptismo e se integram mais intensamente pela Confirmação e, sobretudo, pela Eucaristia.

Na Igreja são levados a reviver, no seu lugar próprio, as orações e cantos, os ritos e os gestos que lhes são apresentados e explicados, para, já no acto catequético, serem

executados, como expressão da oração e da fé comunitária. Para isso, além de uma persistente exortação à participação nos actos de culto e de exercício de caridade realizados na Igreja, eles próprios são, sempre que tal for possível, conduzidos ao edifício, a igreja, onde a Igreja se reúne, em volta daquele que está na sua origem, é o seu fundamento e a fonte permanente da sua vida: Cristo, morto e ressuscitado, que prometeu aos membros da sua Igreja estar no meio deles para sempre... com o seu perdão ilimitado.

OBJECTIVOS

- Tomar consciência de que é pelo Baptismo que entramos na Igreja;
- Descobrir e compreender que é Cristo o fundamento e o centro da Igreja;
- Reviver e aprofundar, em oração e comunhão, a integração na Igreja.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Para a maioria das crianças, como dos adultos, a Igreja é identificada com o edifício em que se reúnem os cristãos. Por isso, parte-se dessa noção para o sentido original e mais próprio do termo: a Igreja como assembleia dos cristãos reunidos por Cristo, desde o Baptismo de cada um. Daí o relevo que, nesta catequese, é dado ao rito baptismal de acolhimento à porta da igreja, onde cada baptizando é recebido pela Igreja, a família cristã a que passará a pertencer.
2. É importante o fundamento cristológico da Igreja: é Cristo que chama cada um a integrar-se na comunidade em que Ele, com o Pai e o Espírito Santo, se manifesta e nos oferece a vida. Esta dimensão cristológica é realçada quer pelo canto repetido, em que cada criança responde ao chamamento de Cristo, quer, depois, pela substituição da imagem da igreja edifício pelo nome de Jesus, na sua condição de ressuscitado. É em volta dele que as crianças se devem sentir membros da Igreja.
3. Como as catequese anteriores, também esta é muito vivencial. As crianças ganham sentido de Igreja, na medida em que, no acto catequético, se sentem e mostram como membros da Igreja. É nessa perspectiva que, na medida do possível, a parte fundamental da expressão de fé se realiza no templo, com especial relevo para o altar, onde Cristo mais nos oferece a sua graça e os cristãos vivem com mais intensidade a sua comunhão de membros da Igreja.
4. Apesar de várias vezes repetido, nunca é de mais lembrar ao catequista que tudo deve ser feito na maior ordem. Para isso conta muito o seu próprio comportamento, principalmente o modo e a intensidade com que se entrega a viver o que vai transmitindo.

MATERIAIS

- O dístico “Jesus” rodeado de raios de luz (catequeses anteriores);
- As folhas em forma de pétalas com o Aleluia, de um lado, e os nomes das crianças e catequistas, do outro (catequeses anteriores);
- Círio pascal (catequeses anteriores);
- Recipiente com água (catequese anterior), principalmente se toda a catequese decorre na sala;
- Bíblia;
- Fotografia ou imagem da igreja (tirada de frente, de modo que seja visível a porta da igreja), se possível, da paróquia ou do lugar onde vivem as crianças;
- Dísticos: “Igreja” e “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”;
- Máquina fotográfica.

MÚSICAS

- Cristo Jesus, tu me chamaste (ou: Viemos com alegria);
- Somos a Igreja de Cristo.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Local de realização – três alternativas:

- a) *Na igreja paroquial ou onde haja baptistério.* Para isso, a igreja deve estar totalmente livre, de modo que não haja perturbações no desenvolvimento da catequese. Neste caso, as três partes da catequese decorrem nos seguintes lugares:
- Experiência humana: junto e do lado de fora da porta de entrada da igreja e, depois, em volta da pia baptismal (se esta fica situada à entrada ou no meio de igreja).
 - Palavra: o mais perto possível do ambão, de onde é feita a leitura e (se não for muito afastado) a sua explicação.
 - Expressão de fé: no baptistério e em volta do altar.
- Neste caso, adapte-se o que é apresentado, na alternativa seguinte:
- b) *Numa igreja se possível onde haja baptistério,* mas só a última parte da catequese. É a alternativa exposta a seguir.
- c) *Na sala da catequese,* se nenhuma das alternativas anteriores for possível. Neste caso, a mesa da catequese pode ser adaptada a altar e, para tal, deslocada de junto do placar.

Preparação da sala:

- *No placar:* ao centro (e a cobrir o dístico “Jesus” das catequeses anteriores) uma fotografia (ou imagem) de uma igreja (de frente), se possível a que as crianças já

- conhecem e irão visitar a seguir; em volta dela, as fotografias das crianças a serem batizadas (trazida na catequese anterior) e as folhas em forma de pétala de flores com o “Aleluia” (escrito pelas crianças e catequistas).
- Na mesa: a Bíblia, ladeada pelo círio pascal (apagado) e o recipiente com água, usados nas catequeses anteriores.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Já repararam, certamente, no que está hoje no centro do placar... O que é?...
Muito bem. É a fotografia (ou imagem) de uma igreja.
E sabem onde fica situada esta igreja?..
(Se for o caso:) Fica na nossa terra. De certeza que já todos lá foram. É lá que habitualmente temos a missa.
E sabem quando lá entraram pela 1ª vez?..
Sim, a maior parte de vós foi no dia do seu Baptismo. Quem de vós foi batizado lá?..
E sabem como foi? Como é que começou?..
Não se lembram, porque ainda eram muito pequeninos. Mas já viram as fotografias do vosso Baptismo e alguns, se calhar, já assistiram a um batizado. Quem já viu?..
(Se for o caso:) Então contem lá como foi. (*Deixar que se expressem, mas só no que diz respeito ao acolhimento, à entrada da igreja. Depois comentar.*)
A maior parte dos meninos e meninas que são batizados, são recebidos, juntamente com os pais e padrinhos, à entrada da igreja.
Aí o senhor Padre (ou Diácono) perguntou aos pais o vosso nome.
E depois perguntou, por exemplo aos pais do (*nome de uma criança do grupo*): que pedis à Igreja para o/a (*nome*)?
E eles que responderam?... o Baptismo.
A seguir disse aos vossos pais e padrinhos que deviam ensinar-vos a amar a Deus e aos outros, como fez Jesus.
E sabem o que ele fez a seguir, juntamente com os pais e padrinhos?..
Exacto, fizeram uma cruz na vossa testa. Sabem porquê?..
Porque foi na cruz que Jesus deu a vida por nós. A cruz é o sinal do cristão. Por isso é que nós nos benzemos tantas vezes.
E se cada um de nós fizesse agora o que o sr. Padre, os pais e padrinhos fizeram então à entrada da igreja?..
Mas tem de ser com muito respeito. Se não for com respeito, é sinal de que não gostamos de ter sido batizados.
Então vamos pôr-nos de pé...E agora, cada um, com o dedo polegar (*o catequista mostra e pede para cada criança fazer o mesmo*) faz uma cruz na sua própria testa.

Se houver crianças por baptizar podem fazer o mesmo, mas adaptando para elas o que antes se disse: aquilo que um dia irá acontecer com elas. No fim, continuar:

2. Muito bem. Quase que parece que está agora a acontecer o nosso Baptismo, naquela igreja (apontar para o placar).

Então entrámos nela, como no dia do nosso Baptismo.

Mas sabem como entrámos nesse dia?...

Claro, foi ao colo da nossa mãe ou do nosso pai. A maior parte de nós ainda não sabia andar.

Mas o que fizeram as pessoas que nos acompanhavam?...

Cantaram. Não sabemos qual foi o cântico. Mas podia ter sido um que já cantámos aqui. Talvez ainda se lembrem. É assim:

*(O catequista recorda e, se necessário, ensaia o **cântico** “Cristo Jesus, tu me chamaste”).*

Agora que já sabemos, cantemos todos:

“Cristo Jesus, tu me chamaste” (refrão e 1ª estrofe).

*(Em vez deste, pode cantar-se “**Vimos com alegria**”).*

3. Podem sentar-se... Será que Jesus Cristo nos chama mesmo?...

Claro. Até disse o nome. No dia do nosso Baptismo, chamou-nos pelo nome, várias vezes. A primeira já vimos qual foi: à entrada na Igreja. E depois disse-o noutra altura muito importante.

Ora abram os catecismos na catequese 24. *(O catequista indica a página onde vem a fórmula baptismal e manda ler).*

Estão a ver: Jesus, através do senhor Padre, chamou por nós para nos baptizar “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

E foi assim que ficámos a ser Filhos de Deus e recebemos o Espírito Santo. E é o Espírito Santo que nos leva a rezar e cantar com alegria e entusiasmo.

Olhem, para que isso aconteça, vamos todos dizer o que aconteceu no nosso Baptismo e, ao mesmo tempo benzer-nos. Assim *(o catequista personaliza a fórmula seguinte, convidando de seguida as crianças e fazerem o mesmo de pé):*

“Eu (nome) estou baptizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

E agora podemos cantar ainda com mais alegria:

“Cristo Jesus, tu me chamaste” (só o refrão).

II. PALAVRA

1. Podem sentar-se. Voltemos ao nosso Baptismo, quando entrámos na Igreja. (O catequista afixa o **dístico “Igreja”**, na parte superior do placar).

Estão a ver o que eu afixei no placar?...Ora leiam comigo: “Igreja”.

Mas, porque será que eu afixei essa palavra, se a igreja já lá estava, naquela imagem? Alguém é capaz de adivinhar?...

Eu vou explicar: nós chamamos igreja àquela casa, àquele edifício. Mas também chamamos Igreja a outra coisa. Que será? – Igreja é o grupo, a família dos que são baptizados, são filhos de Deus e recebem o Espírito Santo.

No dia do nosso Baptismo, nós entrámos naquela casa (*apontar*) e fomos recebidos por outras pessoas que, por serem baptizadas, são a Igreja (*apontar*).

Foram algumas dessas pessoas que então também cantaram o **cântico** “Cristo Jesus tu me chamaste” ou outro.

Querem cantar outra vez, agora a pensar também nessas e outras pessoas? Então, cantemos outra vez, de pé:

“Cristo Jesus, tu me chamaste” (*refrão*).

2. Que bonito. Cada um de nós acaba de dizer a Jesus “estou aqui”. Por duas vezes. Estamos aqui, para quê? – Primeiro para o escutar.

E querem ouvir o que Ele tem hoje para nos dizer?... É muito importante. Ele vai dizer-nos o que, além do nosso Baptismo, devemos fazer para pertencermos ao grupo dos seus amigos, daqueles que fazem parte da sua Igreja.

O catequista acende o círio, abre a Bíblia em Mt 18, 19-20 e lê lentamente:

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

**“Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
«Se dois de entre vós
se unirem, na terra,
para pedir alguma coisa
hão-de obtê-la, do meu Pai
que está nos Céus.
Porque, onde estiverem dois ou três
reunidos em meu nome,
eu estou no meio deles».
Palavra da salvação”.**

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

3. *Depois de mandar sentar as crianças e pousar a Bíblia, o catequista afixa, na parte inferior do placar, o **dístico: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”**, e retira a fotografia ou imagem da igreja, descobrindo assim o **dístico “Jesus”**, rodeado de raios de luz, usado nas catequeses anteriores. De seguida, comenta:*

Querem ler todos, comigo, as palavras que Jesus nos acaba de dizer?... Então digamos:

“Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles”.
E agora lemos todos o que está escrito lá em cima no placar: **“Igreja”**. Pois bem, a Igreja está onde estiverem pelo menos dois ou três reunidos em nome de Jesus. E quem são eles?

4. Eu vou chamar pelo vosso nome e cada um, ao ouvi-lo, põe-se de pé e responde: **“Estou aqui”**.

O catequista vai pegando em cada uma das “pétalas” com o Aleluia, afixadas no placar lê o nome da criança a quem diz respeito e, depois de ela responder “Estou aqui”, afixa a mesma pétala, mas agora com a face que tem o nome voltada para a frente. No fim, comenta:

Que bonito está o placar!... Jesus no meio e nós todos em volta dele. Ele chamou pelo nosso nome, respondemos “Estou aqui” e colocámo-nos em volta dele. Até parece uma flor. E as pétalas somos nós.

O que é que nós formamos, assim reunidos em volta de Jesus?...

Vamos ler outra vez o que está escrito por cima e por baixo. Começemos pelo que está escrito por baixo, porque são palavras de Jesus. Então, todos:

**“Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome,
Eu estou no meio deles”.**

E, com Jesus no meio de nós, nós formamos a... **“Igreja”**.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. E onde é que nós nos reunimos em nome e em volta de Jesus?... Sim, é aqui na catequese. Estamos mesmo reunidos, chamados por Ele e em nome dele. Mas, antes de irmos à catequese, muitos anos antes, onde nos reunimos, chamados por Jesus? Naquela casa ou igreja que estava ali ou noutra parecida. Quando foi pela primeira vez? – No nosso Baptismo.
Estou com uma ideia: se nós fôssemos hoje à igreja onde fomos baptizados?... Eu (também) acho que é uma bela ideia. É que lá, somos ainda mais Igreja, porque lá

reúnem-se muitos outros cristãos. E quevamos lá fazer? Não digo já, porque, antes disso, gostava que nós aprendêssemos um **cântico** para lá cantarmos. Eu vou ensinar. (*O catequista ensaia, pelo menos, o refrão do cântico: “Somos a Igreja de Cristo”*).

2. Agora já podemos ir à nossa igreja.

Chegados à porta da igreja:

Que aconteceu aqui, no dia do nosso Baptismo?...

Fomos recebidos, pelo nosso nome e com um **sinal da cruz na testa**.

Cada um pode fazê-lo na sua testa...

Agora entramos, cantando:

“Cristo Jesus, tu me chamaste”.

Chegados junto e, se possível, em volta da pia baptismal, com água:

Aqui é que cada um (ou muitos) de nós foi (foram) baptizado(s)...

Então, molhemos todos os dedos da mão direita na água... E agora benzemo-nos dizendo: **“Estou (serei) baptizado em Nome do Pai e do Filho e do Espírito.”**

E agora vamos para o lugar mais importante desta igreja: a mesa ou altar à volta do qual se reúnem os cristãos em nome de Jesus. É lá que nós mais formamos a Igreja. (*Se for o caso:*) Ao passar em frente do Sacrário, fazemos uma genuflexão.

Chegados lá, rodeiam o altar e o catequista diz:

Em sinal da nossa união, demo-nos as mãos... e cantemos:

“Somos a Igreja de Cristo” (*refrão e 1ª estrofe*).

Agora, ainda de mãos dadas, elevemo-las para Deus e rezemos a oração que Jesus nos ensinou:

“Pai Nosso que estais nos Céus”...

Assim, a rezar todos a Deus nosso Pai, com Jesus e ajudados pelo Espírito Santo, somos ainda mais Igreja de Cristo. Cantemos outra vez:

“Somos a Igreja de Cristo” (*refrão e 3ª estrofe*).

Catequista:

“Ide em paz

E que o Senhor vos acompanhe”.

Crianças: “Graças a Deus”.

Se o Sacrário estiver à vista, o catequista convida todas as crianças a fazer a genuflexão, ao mesmo tempo, e, em fila, acompanha-as até à porta da saída.

Antes de o grupo deixar a igreja, se possível ainda em volta do altar, faça-se dele uma fotografia não só para documentar o momento vivido e celebrado, mas também para servir nas próximas catequese.

AMARÁS O SENHOR TEU DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Faz o que Ele diz

À primeira vista, este título podia bem fazer parte do conhecido ditado: “Bem prega Frei Tomás! Faz o que ele diz e não o que ele faz”.

Todos conhecem a quem se aplica: aos pregadores que o são só de boca, só de palavras. E se as palavras se não concretizam nos actos de quem as diz, então é preferível só ouvir, já que ver pode levar à rejeição do que se ouve, e não apenas daquele que se está a ouvir. Se os actos contradizem as palavras, então são estas as palavras que correm sério perigo de cair... em descrédito... Se nem o próprio nelas acredita, pela prática de vida?

O ditado é aplicado mais frequentemente aos ministros da Palavra, ordenados ou não ordenados. Mas pode dizer-se de cada cristão, uma vez que nenhum deles o pode ser, sem dar testemunho daquele que o fez cristão. É tal o poder e o alcance de Cristo, que é impossível a quem nele verdadeiramente crê, deixar de falar dele. Se o não faz, tem de interrogar-se seriamente se, de facto, nele acredita, no sentido dito por Paulo: “Já não sou eu que vivo; mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20). E se Ele vive mesmo em mim, “ai de mim se não evangelizar” (1 Cor 9, 16).

Uma evangelização que, porém, para ser aceitável e eficaz, não pode ser apenas de boca. À fé tem de corresponder a moral. Uma e outra são absolutamente constitutivas do ser cristão. Não é cristão quem não procede conforme é. E quem não se comporta de acordo com o que pensa, acaba, mais cedo ou mais tarde, por pensar como se comporta.

Esta separação e até contradição entre fé e conduta moral é um dos principais problemas com que se debate o cristianismo dos nossos dias. Entre nós, a maioria das pessoas são cristãos. Pelo menos declaram-se como tal, e (ainda) procuram, para si e para os seus, os meios que a Igreja oferece para se tornarem cristãos, nomeadamente o Baptismo e (menos) os restantes sacramentos de iniciação cristã. Muitos pais (ainda) mandam os filhos à catequese. Mas, muitos deles só mandam.

Não vão, a não ser levar os filhos, cuja vida cristã, por sua vez, se reduz, na prática à hora semanal da catequese.

A verdade é que, vivendo numa sociedade cristã, os cristãos, na realidade, vivem na diáspora: dispersos e perdidos num meio ambiente que, cada vez mais, se rege por valores e práticas de vida contrários e contraditórios da mensagem cristã. E, infelizmente, a maioria dos cristãos assume-os nas suas convicções e comportamentos, ignorando assim os valores do Evangelho, defendidos pela Igreja. Veja-se o que se passa em relação ao aborto.

Que fazer? – O que Ele, diz. Porque, o que Ele, Jesus Cristo, diz, também o faz. Di-lo, fazendo. E só Ele nos pode levar a fazermos também o que dizemos.

2. “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?”

A pergunta é feita a Jesus, segundo Mt 22, 35-36, por um fariseu, especializado na Lei. O mesmo sucede em Mc 12, 28: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” Trata-se de encontrar um princípio unificador para todas as leis que, já no AT, nomeadamente nos chamados livros da Lei (entre nós, mais conhecidos por Pentateuco), garantiam a ordem e, como tal, a existência do povo de Deus; leis que estão resumidas, como uma espécie de constituição, no chamado Decálogo, isto é, nas Dez Palavras, mais conhecidas por “Dez Mandamentos da Lei de Deus”, e inseridas na aliança entre Deus e o seu povo, celebrada no Monte Sinai (Ex 20, 1-17; Dt 5, 6-22).

Por nelas estar em jogo a vida, do povo de cada um dos seus membros, em Lc 10, 25 a pergunta, feita também por um doutor da Lei, é formulada nessa perspectiva: “Mestre que hei-de fazer para possuir em herança a vida eterna?” Isto é, uma vida sem as limitações que a podem impedir de se desenvolver ou que a destroem. Uma vida que vá para além da minha individualidade ou do mundo, do círculo mais restrito das pessoas, de quem e para quem vivo. Uma vida constituída por um permanente e tão alargado, quanto possível, intercâmbio de dons que se fazem e se recebem. Numa palavra: uma vida verdadeiramente feliz.

Nesse sentido, a pergunta feita a Jesus é de todos os seres humanos e de todos os tempos. Pode ter outras formulações, de acordo com as circunstâncias em que cada um se encontra. Mas, não há ninguém que não queira ser feliz e lute por isso. Sobretudo quando se depara com contrariedades, se vê em situações limitativas da sua vida ou da vida daqueles que fazem parte da sua vida. E, mais ainda, quando não encontra saída, à vista ou à mão, para ultrapassar e vencer esses obstáculos, essas limitações. É então que surge com mais intensidade, por vezes bem dramática, a pergunta: que fazer? que caminho seguir? Por que normas devo orientar-me no meu modo de pensar e de proceder?

E, quando as conheço, como pô-las em prática? Sim, não basta saber o que devo fazer. Preciso de capacidade, por vezes de uma coragem que vai para além das

minhas forças naturais, para realizar o que, teoricamente, conheço como caminho a seguir, como dever a cumprir.

Neste contexto, o maior mandamento da Lei significa, antes de mais, aquele princípio que dá sentido a todas as pequenas e pormenorizadas normas (e são tantas, dentro e fora da Igreja) que devo cumprir. Sobretudo quando, entre elas, não há uma ligação clara ou, devido a circunstâncias diferentes, pode haver mesmo contradição. Como saber o que, nessas alturas, é prioritário ou mesmo o que não devo fazer?

Mas a pergunta sobre o primeiro mandamento da Lei inclui também, pelo menos implicitamente, a questão da capacidade para o cumprimento do que sei dever fazer, para ser feliz.

3. “Amarás o Senhor teu Deus”

A resposta de Jesus é esta: “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é igual a este: Amarás o próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22, 37-40). O primeiro é uma citação adaptada de Dt 6, 5, que todo o povo de Israel e cada um dos seus membros é convidado a escutar e a, incondicionalmente, pôr em prática. O segundo cita Lv 19,18, onde o amor ao próximo aparece como um dos elementos que faz de Israel um povo santo, porque propriedade do Deus Santo.

De resto, o Decálogo, nas suas duas partes, é constituído por este duplo amor. E na mesma ordem em que é apresentado por Jesus: primeiro o incondicional e total amor a Deus e, em segundo lugar, o amor ao próximo, exemplificado em 7 mandamentos. A ordem é indicativa da sua dependência: só no total amor a Deus é possível o necessário amor ao próximo. Por outro lado não há verdadeiro amor a Deus, se este não se prolongar e concretizar num correspondente amor ao próximo, isto é, a todos aqueles que Deus ama.

Veja-se o que, nesse sentido, nos é dito em 1 Jo, 4, 20s: “Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão”. Portanto, a prova de que se ama verdadeiramente a Deus está no amor que se tem pelos outros. Um amor como a mim mesmo. Faço aos outros o que quero que me façam a mim.

Mas a ordem do duplo mandamento indica também que o segundo só se pode realizar mediante o primeiro. Só quem ama verdadeiramente a Deus está em condições de, realmente, de modo completo e persistente, amar o próximo. Porque só em Deus encontro a capacidade para isso. Só Ele me abre os olhos e o coração a uma dimensão que vai muito, infinitamente, para além daquilo que os meus olhos e o meu coração são capazes de alcançar. “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4, 19). Já é assim no AT: o decálogo que inicia com o mandamento a Deus é precedido da referência à poderosa libertação da escravidão no Egito, realizada pelo Senhor Deus

(Ex 20, 2). E, no NT, aquele Cristo que nos manda amar a Deus acima de tudo, é o “Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim”. E só na medida em que, a partir da transformação operada em mim por esse amor, “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20), estou em condições de amar os outros, todos os outros, porque por todos Ele deu a vida.

Não será este amor que falta a tantos pregadores e muitos outros cristãos que não fazem o que dizem? E que levam a que outros também não façam o que eles dizem? E lhes tiram a oportunidade de serem verdadeiramente felizes?

OBJECTIVOS

- Descobrir o amor a Deus como requisito essencial para todo o cristão, membro da Igreja;
- Fundamentar o amor a Deus pelo seu amor para conosco;
- Expressar o amor a Deus, de modo especial pela oração.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Depois de tomarem consciência de que, pelo Baptismo, são membros da Igreja, as crianças precisam de saber como se processa a sua vida em Igreja, num dos seus elementos fundamentais: duplo mandamento do amor. Nesta catequese, são motivadas para o amor a Deus, como resposta da fé ao amor de Deus para conosco. Para isso, são instruídas pelo próprio Jesus, por ter sido Ele quem mais viveu esta relação de comunhão total em Deus. Uma instrução desejada e pedida por elas próprias, depois de descobrirem que é Jesus o centro, o fundamento e a fonte da vida da Igreja.
2. A pergunta a Jesus que as crianças são convidadas a fazer e a pôr por escrito, inseridas de um modo activo e vivo da dinâmica da Palavra de Deus: o que no Evangelho é formulado pelo escriba é de todos os tempos. A única diferença, em relação às crianças, é que elas exprimem por outras palavras o que o escriba pergunta como primeiro mandamento da Lei. Como as crianças ainda não estão em condições de compreender o que se entende por Lei, dizem explicitamente aquilo a que a Lei pretende conduzir: uma vida feliz, dentro do povo de Deus, que vive do cumprimento da Lei.
3. Para a oração que as crianças são convidadas a fazer, é introduzido o “Amen” tão usado nas nossas orações, particularmente na liturgia. É mais um meio para elas servirem na vida da Igreja e nela participarem mais activamente.
4. Dada a ligação desta catequese com a anterior, no seu desenvolvimento devem ser feitas as necessárias adaptações ao desenvolvimento da catequese anterior. Que o catequista tenha isso em atenção. E lembre-se ainda que esta catequese será,

necessariamente, completada pela próxima. Para isso, guarde a folha que as crianças irão escrever nesta.

MATERIAIS

- Fotografia do grupo, tirada na catequese anterior, num tamanho que permita reconhecer ao longe os seus membros;
- Ou o dístico “Jesus” e as folhas, em forma de pétalas (catequese anteriores);
- Folhas, se possível de várias cores, mais ou menos do tamanho de metade de A5, uma para cada criança;
- Dísticos: “Mestre, que devo eu... fazer, para ser feliz”, “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento” e “Amen”;
- Esferográficas/canetas;
- Bíblia;
- Círio pascal (catequese anteriores);
- Recipiente com água (catequese anteriores).

MÚSICAS

- Somos a Igreja de Cristo;
- Amen (melodia mais usada na liturgia eucarística da paróquia);
- Fala, Senhor.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* fotografia do grupo, tirada no final da catequese anterior, em ponto suficientemente grande, para as crianças e catequistas serem reconhecidos à distância, do lugar da sala onde se encontram; à falta da fotografia, o dístico “Jesus”, envolto em raios de luz, rodeado das folhas, em forma de pétalas, com os nomes das crianças e as datas do seu Baptismo (catequese anterior).
- *Na mesa:* a Bíblia, ladeada do círio pascal apagado e do recipiente com água, usados nas catequese anteriores.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Então gostaram da última catequese?... (*Se decorreu, no todo ou em parte, na igreja:*)
Foi bonito irmos à igreja, não foi?... Foi quase como no dia do nosso Baptismo: Jesus a chamar pelo nosso nome à entrada da igreja e nós a respondermos “Estou aqui”. Depois foi a visita à pia baptismal, onde fomos levados para sermos filhos de Deus, e no fim...
O que é que aconteceu?...

Exacto; fomos todos para junto do altar, fizemos uma roda à volta dele, rezámos todos de mãos dadas o Pai Nosso e cantámos um **cântico**. Ainda se lembram qual foi?... “Somos a Igreja de Cristo”. E se o fôssemos cantar outra vez?...

Fazemos assim: levantem-se... demo-nos as mãos... e cantemos também com o nosso corpo, balançando para um lado e o outro, assim (*o catequista pode recordar o início do canto e, no ritmo ternário da melodia, balançar o seu corpo*). Então, cantemos:

“Somos a Igreja de Cristo” (*refrão e as três estrofes*).

2. Podem sentar-se...

(*Se for o caso:*) Ainda falta falar da última coisa que fizemos em volta do altar. Está ali no placar, como já devem ter reparado.

Lá está o/a (*o catequista, vai dizendo os nomes, se possível, de todas as crianças que constam da fotografia. Se esta não foi feita, adapta as palavras anteriores ao dístico e às “pétalas” afixadas no placar*).

É assim que somos Igreja de Cristo Jesus: o grupo dos seus amigos, em volta dele. Ele é que está no meio e fez a união entre nós (*se for a fotografia, chamar a atenção para o altar, onde Jesus se oferece na Eucaristia*). E, por isso, vivemos em comunhão. Comunhão significa uma união muito, muito grande.

Mas, Jesus está no meio de nós também aqui na catequese. Ele é que nos chama. Ainda há pouco Ele disse os vossos nomes. Quando foi?... Quando eu os disse, apontando para o placar.

3. Pois bem, se Jesus está aqui, é para nos falar e nós o ouvirmos. É o que temos feito sempre na catequese.

Mas hoje gostava que fosse um bocadinho diferente... Proponho que, antes de Jesus nos falar, sejamos nós a falar com Ele e... fazer-lhe uma pergunta. Sim, vamos todos fazer uma pergunta a Jesus. E que pergunta vai ser? Podiam ser muitas. Mas eu proponho que seja uma pergunta especial.

Olhemos todos outra vez para o placar... E agora digam-me: gostavam ou não de ver lá a vossa fotografia (ou o vosso nome)?... Se ela (ele) fosse tirado de lá, ficavam tristes, não ficavam?

Então, vamos perguntar a Jesus o que é que Ele quer de cada um de nós, para não nos afastarmos da sua Igreja, onde nos sentimos tão bem.

O que é que cada um de nós deve fazer para se sentir feliz, contente, sempre com Ele. Estão de acordo?...

Eu vou afixar a pergunta no placar. (*O catequista afixa, na parte superior do placar, o dístico: “Mestre, que devo eu... fazer, para ser feliz? Depois diz:*)

Estão de acordo com esta pergunta?... Mas cada um é que a tem de fazer. Por isso, vou distribuir por vós umas folhinhas. A pergunta é igual para todos, mas, ao mesmo tempo, é diferente para cada um. Estão a ver aqueles três pontinhos a seguir à palavra “eu”? Pois bem, no lugar dos três pontinhos, cada um vai escrever o seu nome. (O catequista exemplifique com um ou outro nome das crianças).

De seguida distribua as folhinhas ou cartolinas, que podem ser de diferentes cores. Durante o trabalho das crianças, o catequista retire o dístico do placar e pode pôr, como música de fundo, a gravação do cântico “Somos a Igreja de Cristo” ou “Cristo Jesus, tu me chamaste”. Para a recolha das folhas, siga uma das seguintes alternativas:

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

Cada criança é convidada a vir à frente e, junto da mesa e voltada para o placar, lê, de alta voz, a pergunta que escreveu e coloca, de seguida, a folhinha em cima da mesa, em volta da Bíblia.

2ª

Alternativa

Grupo grande

Todas as crianças são convidadas a ler, ao mesmo tempo, a pergunta escrita por cada uma, e de seguida cada uma vai junto da mesa e coloca a folhinha junto da Bíblia. Durante a entrega, podem cantar o cântico proposto como música de fundo.

II. PALAVRA

1. Já fizeram a vossa pergunta a Jesus e colocaram-na mesmo no lugar certo, aqui, juntinho da Bíblia, onde está escrita a resposta de Jesus.

Não querem fazer a mesma pergunta, todos ao mesmo tempo?... Então digamos:
“Mestre, que devo fazer, para ser feliz?”

Aqui, como vimos, é para ser feliz na Igreja. Feliz, nunca nos afastando dela.

Então agora preparemo-nos para ouvir a resposta de Jesus.

*O catequista acende o círio e abre a Bíblia em **Mt 22, 35-37**.*

Para ouvir Jesus ponham-se de pé... e cantemos o cântico, com as mãos levantadas:

“Fala Senhor” (1ª estrofe e refrão).

Se houver mais catequistas, a leitura, adaptada de Mt 22, 35-37, pode ser feita do modo dialogado: um leitor para as palavras da Escritura; outro para as palavras de Jesus.

Catequista: “Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus”:

Crianças: “Glória a Vós, Senhor”.

Catequista:

**Um dia,
aproximou-se de Jesus
um homem conhecedor da lei de Deus
e perguntou-lhe:**

1.º Leitor:

**«Mestre,
qual é o maior mandamento da Lei?»**

Catequista: Jesus disse-lhe:

2.º Leitor:

**«Amarás ao Senhor teu Deus
com todo o teu coração,
com toda a tua alma
e com todo o teu pensamento.
Este é o maior e o primeiro mandamento.»**

Catequista: “Palavra da Salvação”.

Crianças: “Glória a Vós, Senhor”.

- 2. Depois de pousar a Bíblia e as crianças se sentarem, o catequista afixa o *dístico* “Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento” e comenta:**

Aí está a primeira coisa que Jesus nos diz para fazermos, e assim não nos afastarmos da Igreja e sermos felizes. Vamos todos ler, ao mesmo tempo, as palavras de Jesus. *(Todos lêem, a uma só voz, as palavras do dístico e podem mesmo repetir a leitura).* O mais importante, para sermos felizes, é amar a Deus, com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso pensamento.

E sabem porquê?... Porque ninguém nos ama tanto como Deus, ninguém nos dá tantas pessoas e tantas coisas boas. Querem dizer algumas? (*Ouvir as crianças, apoiá-las e completá-las nas suas respostas*):

- Deus criou o mundo tão belo e tão bom para nós.
- Deus deu-nos as pessoas que mais nos amam: pais, familiares, amigos.
- Foi Ele que pôs no coração dessas pessoas o amor por nós.
- E o mais importante de tudo: Deus deu-nos Jesus, o seu Filho querido, que nos amou tanto, tanto que deu a sua vida por nós.
- E é Deus que nos colocou no nosso coração, o Espírito Santo que nos fez ser tão amigos uns dos outros e de todos.

Não querem agradecer a Deus tanto amor?... Então digamos a **oração** que já sabemos: “Glória ao Pai...” Mas não vamos dizer de qualquer maneira. Levantem-nos... Ergamos as mãos... inclinemos um bocadinho o corpo para a frente... E agora, sim, digamos todos ao mesmo tempo:

**“Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre. Amen”.**

Podem sentar-se... Eu penso que Deus está muito contente connosco.

Sabem porquê?... Porque estamos já a fazer o que Jesus nos diz para sermos felizes. Quem reza, com muita atenção, como acabámos de fazer, está a mostrar que ama a Deus.

E sabem que mais podemos e devemos fazer para mostrar que amamos a Deus, de todo o coração? (*Deixar que se exprimam e, conforme as respostas, comentar ou completar*):

Por exemplo, amamos a Deus, se falarmos dele, de Jesus e do Espírito Santo aos outros. Porque Deus é amigo de todos. Só que alguns não sabem ou não querem saber dele.

Querem pensar um bocadinho nalguma pessoa que precisa de conhecer e amar mais a Deus? Façam assim: fechemos os olhos e pensemos todos em silêncio. (*Depois de um breve silêncio*):

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Já pensaram. Alguém quer dizer em quem pensou?... Não é obrigatório dizer. Mas se quiserem... É que assim podíamos todos rezar por essas pessoas.

Olhem, podemos fazer assim: os meninos e meninas que quiserem, dizem os nomes das pessoas e, depois de 2 ou 3 (*ou mais conforme o número de crianças*), rezamos todos a Deus por elas. E vamos rezar com uma palavra que nós já conhecemos mas, se calhar, nem todos sabem o que é que ela significa. (*O catequista afixa, por baixo do dístico anterior, o dístico “Amen”*).

É a palavra “Amen”. Alguém sabe o que quer dizer Amen?... É uma palavra da língua de Jesus e já era rezada no tempo dele. Significa “Assim seja”. Quando dizemos Amen, estamos a unir-nos àquela oração que alguém diz ou todos dizemos. Estamos a dizer a Deus que também nós queremos rezar como as pessoas rezam e por quem as pessoas rezam.

É uma palavra tão importante que até se pode notar. Muitas vezes canta-se na igreja e, se calhar, alguns de vós até já a sabem cantar. Querem aprendê-la todos?

O catequista ensaia o Amen, na melodia mais usada na sua paróquia, no final da oração eucarística.

2. Pronto. Agora já estamos todos preparados para rezar a Deus como Ele quer. Vamos pôr-nos de pé... E fazemos, como combinámos: quem quer dizer as pessoas por quem quer rezar?

Depois das 2 ou 3 intenções, o catequista diz:

Nós vos rezamos, Deus nosso Pai, por todas estas pessoas, para que também elas vos amem com todo o seu coração.

Todos (cantando): **Amen, amen, amen.**

Depois de mais intenções, das crianças e/ou do catequista este diz:

Nós vos rezamos, Deus nosso Pai, por todas estas pessoas, para que também elas vos amem com toda a sua alma.

Todos (cantando): **Amen, amen, amen.**

Depois de mais intenções... diz o catequista:

Nós vos rezamos, Deus nosso Pai, por todas estas pessoas, para que também elas vos amem com todo o seu pensamento.

Todos (cantando): **Amen, amen, amen.**

Última intenção, proferida pelo catequista:

**Nós vos rezamos, Deus nosso Pai,
por todos estes meninos e meninas e seus catequistas,
para que vos amem sempre e em toda a parte,
com todo o seu coração,
com toda a sua alma
e com todo o seu pensamento.**

Todos (cantando e elevando as mãos para o alto): **Amen, amen, amen.**

3. Podem sentar-se... Estão contentes e felizes? Eu também. Muito. Estamos a fazer o que Jesus nos diz para sermos felizes e não nos afastarmos da sua Igreja. Mas, Jesus ainda não nos disse tudo. Não chega amar a Deus, para sermos felizes e fazermos os outros felizes. Jesus ainda tem mais alguma coisa para nos dizer. Fica para a semana.

Até lá, não se esqueçam de ir fazendo o que é preciso para amar a Deus. Olhem, lá em casa, quando rezarem, podem dizer ou até cantar o “Amen” que hoje cantámos aqui. Estou para ver quem é que não se esquece.

E, agora, podíamos cantar outra vez o **cântico “Somos a Igreja de Cristo”**. Depois do que fizemos, daquilo que Jesus já nos disse, podemos cantá-lo ainda com mais alegria. Para isso, dêmo-nos as mãos e balancemos o nosso corpo. Então vamos lá. De pé...

“Somos a Igreja de Cristo” (refrão e 2ª estrofe).

No fim:

Catequista: “Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe”.

Crianças: “Graças a Deus”.

O catequista guarda as folhas com as perguntas das crianças, necessárias para a próxima catequese.

“AMARÁS O TEU PRÓXIMO”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O amor ao próximo está inscrito na nossa natureza

É o Papa Bento XVI, na Encíclica “Deus é Amor”, n.º 31, quem o diz:

“O imperativo do amor ao próximo ter sido inscrito pelo Criador na própria natureza do homem”. E justifica esta afirmação com a crescente formação, nas sociedades dos nossos dias, de “organizações com fins caritativos ou filantrópicos, que procuram, face aos problemas sociais e políticos existentes, alcançar soluções satisfatórias sob o aspecto humanitário. Um fenómeno importante do nosso tempo é o aparecimento e difusão de diversas formas de voluntariado, que se ocupam de uma pluralidade de serviços. Tal empenho generalizado constitui, para os jovens, uma escola de vida que educa para a solidariedade e a disponibilidade para darem não apenas qualquer coisa, mas darem-se a si próprios. À anti-cultura da morte, que se exprime por exemplo na droga, contrapõe-se deste modo o amor que não procura o próprio interesse, mas que, precisamente na disponibilidade para «se perder a si mesmo» pelo outro (cf Lc 17, 33 e paralelos), se revela como cultura da vida” (Ibidem 30).

De facto, é impressionante como sobretudo jovens e reformados gastam grande parte do seu tempo e das suas energias em tantas formas de empenho pelos outros: no próprio meio em que vivem e em continentes e países onde as carências e a miséria de toda a ordem são gritantes. É impressionante como, por exemplo, cada vez mais jovens passam as suas férias e até mesmo alguns anos do início da sua carreira profissional ao serviço generoso e desprendido dos mais necessitados, nos chamados países de missão.

Para eles e tantos outros é uma necessidade esta prática gratuita do bem. De resto, qualquer pessoa normal, perante a pobreza ou o sofrimento dos outros, sente espontaneamente impelido em socorrê-los. Na grande maioria dos casos, sem outro interesse que não seja dar-lhe a vida que eles não têm. E, se o que pratica o bem se sente realizado e feliz no bem que faz, é, no fundo, porque, talvez inconscientemente, sabe que é deste modo que a sua própria vida adquire aquela dimensão que é

constitutiva de vida: esta só é vida, se é fecunda; se, pela sua doação, cria vida nos outros, que dele passam a viver. Veja-se, como exemplo mais frequente e significativo, a alegria que experimenta um pai ou uma mãe por ver como a sua vida se prolonga e alarga nos filhos a quem dá a vida.

Mas, por outro lado, por que razão aquilo que é assim tão natural, está ainda tão longe de ser o mais normal? Que falta às pessoas para serem, na prática, aquilo que são por natureza?

2. A necessidade do amor de Deus

Segundo o Papa, “o aumento de organizações diversificadas, que se dedicam ao homem nas suas várias necessidades, (...) é efeito também da presença, no mundo, do Cristianismo, que não cessa de despertar e tornar eficaz este imperativo, muitas vezes profundamente obscurecido no decurso da história” (Ibidem 31).

De facto, para que o imperativo de um amor generoso e gratuito se realize, na sua base e tendência natural, precisa de se manter puro e constante na sua realização. Puro de todos os interesses próprios ou alheios. Há sempre quem procure aproveitar-se do bem e da generosidade dos outros para se promover, no ter e no poder. E o que pratica o bem facilmente cai na tentação de o fazer para proveito próprio, acabando por estar a pensar mais em si do que naqueles a quem faz bem, até ao ponto de os manipular para os seus próprios interesses. Veja-se, por exemplo, como certas pessoas se sentem ofendidas e feridas, porque se não vêem reconhecidas e até premiadas pelos serviços prestados.

E, depois, é necessária constância, persistência. Servir os outros exige, já de si, sacrifícios, renúncias, perdas. E, quando no que procura fazer, não obtém os resultados projectados e procurados ou acaba até num fracasso total, e, sobretudo, quando o bem que faz é causa de invejas, incompreensões e até perseguições, não admira que em tais situações se perca a paciência, se caia no desânimo e, pura e simplesmente, se desista.

É para evitar tudo isso e para que o amor seja realmente o que deve ser – a fonte de felicidade para quem o pratica e para quem dele usufrui – que é necessária uma força sobre-humana: aquela que nos oferece o Deus que é amor, só amor e sempre amor; o Deus que assim se revelou, todas as vezes em que interveio na história, até para castigar os prevaricadores, e o fez de um modo único em seu Filho Jesus Cristo. “Tanto amou Deus o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigénito, a fim de que todo aquele que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). Um dom inexcédível de Deus no dom do Filho, que, por sua vez, foi verdadeiramente único na total doação da vida, aquela em que obteve uma vida realmente ilimitada, para Ele e para quem, n’Ele acreditando, é regenerado por esse amor, através do mesmo Espírito que levou o Pai e o Filho a darem-se a nós sem limites.

É da acção deste Espírito que precisa quem quer levar até ao fim o que já está inscrito na sua própria natureza. Pode encontrá-la na comunhão daqueles que d'Ele vivem.

3. O amor é constitutivo da Igreja

A afirmação é, mais uma vez, do Papa Bento XVI, na mesma Encíclica: “O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever, antes de mais, para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, isto é, em todas as suas dimensões: desde a comunidade local, passando pela Igreja particular, até à universal na sua globalidade” (n.º 20). É uma necessidade inerente à sua natureza, identidade e existência: “A natureza íntima da Igreja exprime-se num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*Kerigma-Martyria*), celebração dos sacramentos (*Leiturgia*), serviço da caridade (*Diakonia*). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros. Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de actividade de assistência social que se poderia deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência” (n.º 25).

E a razão última, quer deste dever essencial quer da sua relação de interdependência com os outros dois, deverá estar naquele e naquilo que está na origem da Igreja: Jesus Cristo com a entrega total da sua vida por nós. É Ele que, no testamento deixado aos seus na Ceia de despedida, no-lo diz: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros, na medida em que eu vos amei. Por isso é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 14, 34-35). É este amor, que teve a sua prova máxima na doação da sua vida pelos seus amigos (15, 13), que a Igreja proclama, ensina, explica pela Palavra, celebra e actualiza pelos sacramentos, de modo especial pelo da Eucaristia, e realiza pelo serviço puro e persistente aos outros. Um serviço que acaba por ser o melhor e mais convincente testemunho do Evangelho, celebrado no culto. É perante o serviço desprendido e gratuito de caridade que os críticos da Igreja mais facilmente se calam e os incrédulos são convertidos à “fé que actua pelo amor” (Gal 5, 6).

Quer isto dizer que o serviço prestado por um catequista é, também ele, um serviço de caridade: porque educa para a prática da caridade e, principalmente, porque é realizado com o mesmo empenho, a mesma entrega, os mesmos sacrifícios e renúncias... e a mesma alegria e felicidade que obtém e experimenta quem ama, e, pelo amor, vê a sua fé, os seus conhecimentos, a sua vida a frutificar e a alargar-se à vida dos catequizandos e seus familiares. Por tudo isso vale a pena arriscar tudo, como fez Jesus Cristo.

OBJECTIVOS

- Reviver pela oração o amor de Deus;
- Acolher o mandamento do amor ao próximo, na sua ligação com o amor a Deus;
- Pôr em prática o amor a Deus e ao próximo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese está particularmente ligada à anterior: o amor a Deus tem de levar ao amor ao próximo. Daí que o encontro comece com algumas das expressões deste amor a Deus que, pelo modo como são feitas, já contêm o amor ao próximo: pela união das vozes e dos corações na oração, as crianças já estão a amar-se umas às outras. O mesmo vale para a proclamação da Palavra: voltam a ser lidas as palavras de Jesus proclamadas na catequese anterior, para serem completadas com as que se referem ao amor ao próximo. Finalmente, na expressão de fé, as crianças, que acolhem as palavras de Jesus sobre o amor ao próximo, são convidadas a rezar umas pelas outras.
2. Nesta catequese começa também a ser preparada a próxima: as folhas que as crianças escrevem só voltam a ser entregues aos seus destinatários na próxima catequese. Por isso o catequista deve guardá-las.
3. Deve igualmente tudo fazer para que os pais ou outros encarregados de educação das crianças estejam presentes na próxima catequese. Se necessário, mude-se a hora da catequese. A participação dos pais tem a finalidade extra de, com eles, se preparar a festa do Pai Nosso.

MATERIAIS

- Fotografia do grupo, tirada na catequese 26;
- Ou o dístico “Jesus”, rodeado das pétalas com os nomes das crianças (catequese anteriores);
- Dístico: “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua Alma e com todo o teu pensamento” (catequese anterior);
- Folhas escritas pelas crianças com a pergunta: “Mestre que devo eu... fazer para ser feliz?” (catequese anterior);
- Dístico: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”;
- Canetas/esferográficas;
- Círio pascal;
- Bíblia.

MÚSICAS

- Amen (melodia usada na liturgia eucarística);
- Se vos amardes uns aos outros;
- Somos a Igreja de Cristo;
- CD com os dois cânticos anteriores (facultativo).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: a fotografia das crianças e catequistas, tirada na catequese 26, ou o dístico “Jesus”, rodeado de raios de luz, e as folhas em forma de pétalas com os nomes e as datas de Baptismo das crianças (catequese 25); por baixo, o dístico “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento”.
- *Na mesa*: a Bíblia, o círio pascal (apagado) e as folhinhas escritas pelas crianças na catequese anterior, com a pergunta: “Mestre que devo eu... fazer para ser feliz?”

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

1. *Para grupos em que o catequista tem uma relativa certeza de que há crianças que, habitualmente, cumprem as tarefas propostas para realizarem casa. Pode certificar-se disso durante o acolhimento.*

Então, vamos lá saber quem fez em casa o que eu propus na última catequese. Lembram-se do que foi?

Exacto: contar lá em casa aquela palavrinha que dizemos no final de muitas orações. Como é?

Amen. Contem lá como foi.

Deixar que as crianças contem, comentar brevemente o seu relato e louvá-las pelo que fizeram. No final, concluir:

Já que fizeram tão bem e, de certeza as pessoas com quem cantaram ficaram contentes, vamos todos cantar outra vez:

“Amen, amen, amen”.

2ª

Alternativa

Quem se lembra ainda daquelas palavrinhas que aprendemos quase no fim da última catequese?

Exacto: foi “Amen”. É de que língua? Da língua que Jesus falava. Quando dizemos esta palavra, como que ficamos mais perto dele. Falamos como Ele falava.

Por isso é que nós, muitas vezes, dizemos essa palavra a cantar. Ainda se lembram de como cantámos? Então experimentemos outra vez, como aprendemos. Cantemos todos.

“Amen, amen, amen”.

Agora digam lá quando é que nós habitualmente dizemos ou cantamos “Amen”? Exacto: quando rezamos. No fim de uma oração dita por nós ou por outra pessoa, é então que dizemos ou cantamos “Amen”.

Lembram-se de alguma oração em que dizemos sempre “Amen”?

Por exemplo, a oração “Glória ao Pai e ao Filho...” Ou ainda quando nos benzemos. Vamos todos rezar estas duas orações. Até fica muito bem no princípio da catequese. Mas hoje fazemos assim: dizemos as duas orações, primeiro aquela em que nos benzemos, mas no fim em vez de rezar “Amen”, cantamos.

De acordo? Então ponham-se de pé... Olhemos todos para a Bíblia (*ou outro objecto, por exemplo o dístico “Jesus” indicativo da presença de Deus*)... E comecemos:

“Em nome do Pai...” (*Amen cantado*).

“Glória ao Pai” (*Amen cantado*).

Muito bem. Podem sentar-se. Estão contentes? Eu também, e Deus, de certeza, que também.

2. Para as duas alternativas:

A que propósito é que nós aprendemos o significado desta palavrinha “Amen”?

Olhem para o placar e leiam o que lá está escrito. Agora podemos ler todos ao mesmo tempo:

“Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento”.

E agora cantemos, com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com todo o nosso pensamento, o “Amen”:

“Amen, amen, amen”.

Bonito. Estamos a dizer “assim seja”. Estamos de acordo com as palavras de Jesus. E estamos já a amar a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso pensamento. E ficamos felizes, não ficamos?

E mais uma coisa: estamos na Igreja. Para não nos afastarmos da Igreja, temos de amar a Deus.

II. PALAVRA

1. Lembram-se de eu ter dito que Jesus não nos disse só aquelas palavras?
Para sermos felizes, disse ainda outra coisa que todos devemos fazer.
E sabem uma coisa? O que Ele nos disse, nós já começámos a fazê-lo, mesmo antes de o ouvirmos. E foi aqui na catequese, e hoje...
Foi, por exemplo, quando cantámos todos a uma só voz: Amen, amen, amen...
Além de vivermos e cantarmos “Amen” para Deus, ainda o fizemos de uma outra maneira. E essa maneira de o fazermos já é como aquilo que Jesus tem para nos dizer, a fim de sermos felizes. Depois vou explicar melhor o que foi.
Antes temos de ouvir Jesus. Certamente que estão com muita curiosidade em ouvir o que Ele ainda tem para nos dizer. É verdade?
2. Então para o ouvirmos com maior atenção e com mais respeito, vamos fazer assim: primeiro perguntamos-lhe o que devemos fazer para sermos felizes. Fazemos a mesma pergunta que fizemos na última catequese e cada um escreveu na folhinha. Só que fazemos a pergunta, todos ao mesmo tempo. Depois cantaremos o cântico “Fala, Senhor” e só depois escrevemos o resto da resposta de Jesus. Irei ler também o que Ele já nos disse e está escrito no placar e, a seguir, o que Ele hoje nos diz de novo. De acordo?

*O catequista acende o círio pascal, pega na Bíblia, aberta em **Mt 22, 37-38**, e diz:*

Então levantem-se... E agora perguntemos todos, ao mesmo tempo, a Jesus:

“Mestre, que devo eu fazer para ser feliz?” (*pode repetir-se*).

E agora cantemos:

“Fala, Senhor” (*só o refrão*).

Catequista: “Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus”:

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

Catequista:

“Naquele tempo, perguntaram a Jesus:

«Mestre qual é o maior mandamento da Lei?»

Jesus disse:

«Amarás o senhor teu Deus

com todo o teu coração,

**com toda a tua alma
e com todo o teu pensamento.
Este é o maior e primeiro mandamento.
o segundo é igual:
amarás ao teu próximo
como a ti mesmo».
Palavra da Salvação”.**

Crianças: “Glória a vós, Senhor”.

3. *Depois de mandar sentar as crianças e pousar a Bíblia, o catequista afixa, no placar, a seguir ao **dístico** anterior, o seguinte:*

“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

Depois comenta:

Amar ao próximo. E quem é o nosso próximo?

São as pessoas que estão próximas de nós. Por exemplo aqui: quem é o nosso próximo? Os nossos colegas.

E lá em casa?

E na escola?

E na igreja?

E na nossa terra?

Amar a todos, mesmo os que estão longe, que nós não conhecemos, mas que às vezes vemos, por exemplo, pela televisão.

4. “Amar o próximo como a ti mesmo”. Vós não gostais de ser amados?
Ó se gostais! Quando alguém vos faz mal ou não vos liga, vos despreza, ficais tristes, não ficais?
Se vós ficais contentes e felizes por vos amarem, os outros também ficam felizes quando vós os amais. E vós também ficais felizes por fazer bem e amar os outros, não é verdade?
Algun de vós quer contar alguma vez em que fez bem aos outros?...
5. Só falta saber uma coisa: porque será que Jesus nos manda primeiro amar a Deus?
Porque é Deus que nos dá força e coragem para sermos bons para com os outros e amá-los. Se nós amarmos a Deus, Ele ajuda-nos a ser amigos dos outros. Se amarmos a Deus, Ele coloca no nosso coração o Espírito Santo que nos faz ser amigos dos outros, como Deus e Jesus são amigos de todos.
E se nós lêssemos toda a resposta de Jesus? Querem?

Então eu faço a pergunta e depois lemos todos, ao mesmo tempo, a resposta de Jesus.

Catequista: “Mestre, que devo eu fazer para ser feliz?”

Crianças:

**“Amarás o senhor teu Deus
com todo o teu coração,
com toda a tua alma
e com todo o teu pensamento.
E ao teu próximo como a ti mesmo”.**

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Sabem que, ao cantarmos todos ao mesmo tempo “Amen” a Deus, já estamos a amar-nos uns aos outros?

Eu vou explicar: quando cantamos ou rezamos, todos ao mesmo tempo, ouvimos as vozes e as palavras que os outros dizem. Por exemplo o/a (N) está a cantar Amen e ouve o seu vizinho (N) a cantar também Amen. E os dois e todos estão assim unidos a cantar, o mesmo e ao mesmo Deus. E às vezes até nos damos as mãos, quando cantamos. É mais um sinal de que nos amamos: unimos as vozes, cantamos o mesmo e unimos também as nossas mãos. E como é a Deus que cantamos, então é Deus que nos está a fazer amigos uns dos outros e a fazer-nos felizes, porque é assim que temos Deus em nós.

Olhem, eu conheço um **cântico** em que dizemos isso mesmo. Alguns talvez já o conheçam, porque às vezes canta-se na igreja. É assim:

**“Se vos amardes uns aos outros,
Deus permanece em vós”.**

Depois de cantar e ensaiar o catequista diz:

2. Estas palavras também foram ditas por Jesus. E, por isso, têm muito mais valor. E, por isso, nós ainda as cantamos com mais alegria e entusiasmo. Querem? Então ponham-se de pé... Demo-nos as mãos uns aos outros. E agora, a uma só voz, cantemos:

“Se vos amardes uns aos outros” (*refrão e 1.^a e 3.^a estrofes*).

3. Podem sentar-se. Falta uma coisa. Cada um de vós escreveu a Jesus a pergunta: “Mestre, que devo eu fazer para ser feliz?” Está aqui nas folhinhas que escreveram (o

catequista mostra-as). Mas falta escrever a resposta. Temos de a escrever, senão cada um fica sem ela. Acham bem?

Para ser mais bonito, tenho uma ideia: em vez de cada um escrever a resposta na sua folha, vai escrevê-la na folha de um colega, isto é, na folha do próximo. Até vai ser muito engraçado, porque não sabem qual é o colega que escreve na sua folha. Vai ser uma bela surpresa. Acham boa a ideia?

Então eu vou distribuir as folhas. A resposta está no placar e podem escrevê-la, no outro lado da folha que tem a pergunta.

Como está dito, o catequista dá a cada criança a folha com a pergunta de uma outra... Durante o trabalho das crianças, pode colocar, como música de fundo, a gravação do cântico "Se vos amardes uns aos outros" ou "Somos a Igreja de Cristo". No final diz:

4. Falta escreverem o nome da pessoa que disse essas palavras. Quem foi? Mas olhem: não vão escrever o nome de Jesus. Sabem porquê? Porque vós estais de acordo com as palavras de Jesus. Por isso, em vez do nome de Jesus, escrevem o vosso nome. Jesus serve-se de cada um de vós para dizer ao colega o que deve fazer para ser feliz. Está bem?

Então, cada um escreve o seu nome por baixo das palavras de Jesus.

5. Só falta saber o que vamos fazer às folhas. Que vos parece?

É claro que as temos de entregar ao colega que fez a pergunta. Mas, não vai ser hoje. Hoje vamos fazer o seguinte: vamos rezar uns pelos outros e depois cada um vem colocar aqui, junto da Bíblia, a folha que escreveu. Só no próximo encontro é que vai fazer a entrega. Vai ser bonito. Até porque para o próximo encontro, vamos ter aqui os vossos familiares e, eu gostava, que eles vissem como vós sois mesmo amigos uns dos outros. De acordo?

Então, façamos como eu disse:

Primeiro ponham-se de pé.

Agora cada um coloca a folha na palma das suas mãos, levantada como quem está a oferecer. (*O catequista mostra com as suas mãos*).

E agora, cada um pensa um bocadinho nesse colega... (*Depois de um breve silêncio*):

Assim, com as mãos estendidas para Deus, rezamos por esse colega dizendo a **oração** que Jesus nos ensinou:

"Pai Nosso..."

No final da oração:

Agora, em ordem, cada um vem colocar aqui, junto da Bíblia, a folha que escreveu, sem dizer nada.

No final da entrega:

Agora demos as mãos uns aos outros e cantemos, balançando o nosso corpo:

“Somos a Igreja de Cristo” (*refrão e 1.^a e 2.^a estrofes*) ou

“Se vos amardes uns aos outros”.

Não se esqueçam de convidar os vossos pais e/ou outros familiares a vir à próxima catequese. Até porque queremos combinar com eles a festa que vamos fazer na nossa igreja. (*Indicar o tempo que falta para a Festa do Pai Nosso*). Vai ser a Festa do Pai Nosso e eles têm de saber como é.

QUE BOM É ESTAR NA IGREJA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Basta

É bem possível que, nesta altura do ano e depois de vinte e oito encontros de catequese, alguns catequistas se sintam tentados a dizer: basta! Motivos para isso não faltam. Infelizmente. Ou felizmente?

Pode ser o simples cansaço. O ano está, entre nós, ritmado pelas férias, e estas, habitualmente, é no Verão que se gozam. E, se ao esforço dispendido na catequese e noutras actividades comunitárias, juntarmos, na maioria dos casos, o trabalho profissional e os deveres familiares, não admira que, por esta altura, se sintam com mais intensidade os limites e as limitações das capacidades humanas, físicas, psíquicas e até espirituais. Se até as máquinas se gastam e precisam, tantas vezes, de descanso.

Mas, pode ser mais do que um simples cansaço, causado pela duração, a densidade e a dureza do trabalho. Sobretudo nas pessoas mais avançadas em idade, as faculdades físicas e mentais já não têm aquela frescura que, em fases mais juvenis, facilmente se renova. Falta a paciência para suportar crianças e adolescentes cada vez mais irrequietos e distraídos, faltam os conhecimentos necessários para responder a perguntas que fazem, provenientes de estudos, de meios tecnológicos e de dados científicos a que, por várias razões, pessoas menos jovens não têm fácil acesso. Falta talvez uma preparação pedagógica e psicológica que esteja a altura das exigências feitas, e bem, noutras áreas da formação e do ensino, nomeadamente nas escolas. E se até aí não é fácil o ensino e a educação e os docentes se deparam cada vez com mais dificuldades para verem reconhecida a sua competência e autoridade, quanto mais na catequese, onde só a mensagem e os catequistas podem cativar o interesse e a apetência dos catequizandos. Não se pode obrigar ninguém a ter fé e a exprimi-la pela oração.

Mas, pior do que tudo isso, são os insucessos. Podem dever-se à falta de competência da parte dos catequistas. Em muitos casos, porém, são causados pelo desinteresse

dos pais, pelo fraco ou nulo apoio dos responsáveis pela comunidade, pelo desentendimento entre os catequistas, pelo reduzido sentido comunitário de alguns deles, pela pouca formação de muitos deles, por crises de fé e de prática cristã de que ninguém está livre, pelo pouco tempo que têm livre para uma preparação séria e empenhada dos encontros de catequese, etc..

Valerá a pena continuar, nestas condições? Se é este o teu estado de espírito, nesta altura do ano, lê atentamente o que se segue. Se não é, lê igualmente. Porque não estás livre de que um dia venha a ser. E, além disso, os que se sentem desanimados e tentados a desistir, possivelmente já nem estas linhas lêem e, por isso, precisam da tua palavra, precisam de que lhes digas:

2. “Basta-te a minha graça”

Foi assim que Cristo respondeu a Paulo, atormentado pelo que ele chama “um espinho na carne”, provavelmente uma doença física crónica, dolorosa e humilhante, que o limitava na sua actividade apostólica. A respeito dele – escreve ele em 2 Cor 12, 8-9 – pedi três vezes ao Senhor que o afastasse de mim. Mas ele respondeu-me: «Basta-te a minha graça. Pois a força é na fraqueza que se manifesta plenamente».

E bastou. Não foram, nem esse espinho nem tantas outras contrariedades e obstáculos, fracassos e provações que o fizeram baixar os braços, desistir ou parar, na sua permanente e total dedicação ao anúncio do Evangelhos e ao serviço das comunidades cristãs por ele fundadas. O que a natureza humana não lhe proporcionava, era compensado e até superado pela graça de Cristo: por aquele amor incomparável que dele se apoderou no encontro com o ressuscitado a caminho de Damasco; aquele amor que o transformou, de perseguidor de Cristo e da Igreja, em Apóstolo de Cristo e da Igreja... e em perseguido por causa de Cristo e da Igreja. E, quanto mais perseguido, mais Apóstolo. Porque era então que ele mais sentia a força vivificante da graça, desse amor gratuito e total que teve a sua maior manifestação na entrega da vida na cruz e na vitória sobre a morte, que só um amor assim pode alcançar.

Foi este amor, onnipotente, que se apoderou de Paulo. E por um caminho quase idêntico ao de Cristo. Também Jesus sentiu a fraqueza e a tentação de a ela ceder. A cena no Jardim das Oliveiras, que precede imediatamente a sua prisão e a sua caminhada para a cruz, é, ao mesmo tempo, a expressão mais visível dessa fraqueza e a indicação mais clara do caminho para a superar. Também Ele pediu três vezes ao Pai que afastasse dele o cálice do sofrimento, da ignomínia e da morte que o esperava. Um pedido, porém, completado com a oração de oferta: “Mas não se faça a minha vontade, mas sim a tua” (Mc 14, 36). E foi nesta mesma entrega total a Deus, seu Pai, que ele expirou, isto é, imediatamente depois de se lhe entregar no total abandono em que se encontrava, tão bem expresso na última oração que proferiu: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mc 15, 34). Abandonou-se Àquele que parecia tê-lo abandonado. E foi nesse nada em que caiu que Ele encontrou o tudo que lhe foi

dado pela oração. Porque “a Deus tudo é possível” (Mc 10, 27), como “tudo é possível a quem crê” (9, 23). E é na oração que a fé mais se manifesta e se realiza, a fé pela qual Deus se apodera daquele que nele crê, para, nele e por ele, realizar o que só Ele pode.

Foi este Deus, totalmente presente e actuante em Cristo ressuscitado, que levou Paulo a realizar o que ele nos expõe em Rom 8, 35.37: “Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Mas em tudo isso saímos mais do que vencedores, graças àquele que nos amou”. Palavras de esperança que ele escreveu quase na conclusão de uma das mais belas páginas sobre a esperança cristã (Rom 8, 18-39), onde escreve, nomeadamente:

3. “Salvos na Esperança”

Foi este o título que o Papa Bento XVI escolheu para a sua segunda Encíclica: “*Spe salvi facti sumus* – foi na esperança que fomos salvos: diz S. Paulo aos Romanos e também a nós (Rm 8, 24)”. Uma esperança fundada na transformação operada em nós pela fé (n. 2).

É uma esperança que, ainda segundo o Papa, tem os seus “lugares” de aprendizagem e exercício. Deles destacamos dois:

- *A oração*: “Quando já ninguém me escuta, Deus ainda me ouve. Quando já não posso falar com ninguém, nem invocar mais ninguém, posso sempre falar com Deus. Se não há mais ninguém que me possa ajudar – por tratar-se de uma necessidade ou de uma expectativa que supera a capacidade humana de esperar – Ele pode ajudar-me. Se me encontro confinado numa extrema solidão... o orante jamais está totalmente só” (n.º 32).

Uma oração purificadora: “O modo correcto de rezar é um processo de purificação interior que nos torna aptos para Deus, e precisamente desta forma, aptos também para os homens. Na oração, o ser humano deve aprender o que verdadeiramente pode pedir a Deus, o que é digno de Deus. Deve aprender que não pode rezar contra o outro. Deve aprender que não pode pedir as coisas superficiais e cómodas que de momento deseja – a pequena esperança equivocada que o leva para longe de Deus. Deve purificar os seus desejos e as suas esperanças. Deve livrar-se das mentiras secretas com que se engana a si próprio” (n.º 33).

- *O sofrimento*: “Podemos procurar limitar o sofrimento e lutar contra ele, mas não podemos eliminá-lo. Precisamente onde os seres humanos, na tentativa de evitar qualquer sofrimento, procuram esquivar-se de tudo o que poderia significar padecimento, onde querem evitar a cansa e o sofrimento por causa da verdade, do amor e do bem, descambam numa vida vazia, na qual provavelmente já quase não existe dor, mas experimenta-se muito mais a obscura sensação da falta de sentido e da solidão. Não é evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o ser humano, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de

encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor” (n.º 37).

Esta união com Cristo é particularmente necessária para três espécies de sofrimento: “Sofrer com o outro, pelos outros; sofrer por amor da verdade e da justiça; sofrer por causa do amor e para se tornar uma pessoa que ama verdadeiramente: estes são elementos fundamentais de humanidade, o seu abandono destruiria o próprio ser humano” (n.º 39)

Que esta oração sofrida e este sofrimento orante sejam, de facto, a fonte daquela esperança que nos faz mais humanos e mais cristãos, no culminar de um ano de catequese em que, ensinando a rezar, aprendemos também a entregar-nos ao Deus que tudo pode. Ele que é Pai e assim se revela em Cristo e na Igreja que dele vive, na firme esperança da sua vinda gloriosa.

OBJECTIVOS

- Rever as catequese 23-28, se possível com os pais das crianças;
- Aprofundar o sentido de Igreja, pelo amor a Deus e ao próximo;
- Preparar, sobretudo pela oração, a festa do Pai Nosso.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A revisão das catequese do período pós-pascal serve, antes de mais, para descobrir a unidade entre elas: Cristo ressuscitado é o fundamento da Igreja de que as crianças são membros (ou serão) desde o seu Baptismo, em que se tornaram filhos de Deus e templos do Espírito Santo. Como tal, comprometem-se a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmos, o caminho para serem verdadeiramente felizes.
2. Nesta catequese sugere-se que sigam o itinerário inverso: do amor ao próximo e a Deus que exprimem na experiência humana, são conduzidas para a Igreja que vive desse duplo amor e para Cristo, ressuscitado por Deus, para a vida de todos os homens. Terminam assim por reviver e aprofundar, nomeadamente na expressão de fé, a sua união a Cristo e, nele, a Deus, a quem aprenderam a tratar como “Pai” pela oração que Jesus nos ensinou.
3. Conta-se com a presença e a participação dos pais ou outros encarregados de educação das crianças: porque são eles os primeiros responsáveis pela educação da fé dos seus filhos; porque é através deles que os filhos mais facilmente descobrem a paternidade divina e porque é importante a sua colaboração, quer na catequese comunitária quer na vivência da festa do Pai Nosso. As crianças estão numa idade em que é decisiva a sua dependência dos pais.

4. Toda esta catequese é para ser vivida num ambiente de grande alegria. Daí a insistência no canto. Se o catequista tiver dificuldades neste campo, peça a colaboração de outros membros da comunidade.

MATERIAIS

- Dísticos: “Jesus”, “Igreja”, “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (catequeses anteriores);
- Fotografia do grupo, tirada na catequese 26 (se houver);
- Folhas, em forma de pétalas, com o “Aleluia” e os nomes e as datas de Baptismo das crianças (catequeses anteriores);
- Folhas, escritas pelas crianças, com a pergunta: “Mestre que devo eu fazer para ser feliz” e a resposta de Jesus: “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”;
- Pagelas com a mensagem do(s) Catequista (s) para os pais (documento 1);
- Círio pascal (catequeses anteriores);
- Recipiente com água (catequeses anteriores);
- Pano branco (catequeses anteriores).

MÚSICAS

- É bom estarmos juntos;
- Cristo Jesus, tu me chamaste;
- Aleluia, glória ao Senhor;
- Pai Nosso, na melodia litúrgica (como possibilidade).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: só está afixado, ao centro, o dístico “Jesus”, rodeado de raios de luz (catequese 23).
- *Na mesa* está a Bíblia ao centro, ladeada do círio pascal (apagado) e do recipiente com água, coberto com o pano branco (catequese 24), e, à frente da Bíblia, estão as folhas escritas pelas crianças nas duas últimas catequeses.
- *No corpo da sala*, atrás das cadeiras das crianças, coloquem-se mais algumas para os pais e outros familiares, se estiverem presentes.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Como sabem, hoje é a última catequese deste ano. Só falta a grande festa que vamos fazer no dia (*o catequista indica a data da festa do Pai Nosso*). E todos queremos preparar-nos bem para essa festa (*se for o caso*). Por isso é que convidámos os vossos pais e/ou outros familiares. Estão contentes por eles estarem aqui? E eles, de certeza, também.

Mesmo que os pais e os familiares não estejam presentes, dizer o seguinte:

Então vamos todos cantar a alegria por estarmos aqui. Hoje e em todos os outros dias de catequese. E também já pensamos na festa do Pai Nosso. E o que é que podemos cantar? Eu proponho aquele cântico que já cantámos muitas vezes (e algumas delas com os vossos pais). É o **cântico**: “É bom estarmos juntos”. Lembram-se? (*O catequista pode cantar o início do cântico*).

Então, ponham-se todos de pé. Agora damos-nos as mãos e cantemos:

“É bom estarmos juntos” (1.º e 2.ª estrofes).

2. Muito bem. Podem sentar-se.

Agora vamos pensar naquilo que fizemos na última catequese (e mostrar aos vossos pais e familiares). Foram coisas que nos ajudam a sorrir, isto é, a sermos felizes.

A última coisa que fizemos, lembram-se que ainda não a acabámos?

O catequista pega nas folhas escritas pelas crianças nas duas últimas catequese, mostra-as e pergunta:

Que está aqui escrito nesta folha? (*Deixar que as crianças se exprimam e, conforme as respostas, comentar ou completar*):

Estão aqui duas coisas escritas por cada um de vós: primeiro uma pergunta feita a Jesus. Qual é?

Muito bem... Por exemplo, o/a (N) escreveu: “Mestre que devo eu (N) fazer para ser feliz?” A resposta de Jesus também está aqui, mas foi escrita por um colega. Porque o colega está de acordo com a resposta de Jesus, foi ele que escreveu o seu nome. Não digo quem escreveu para o/a (N). Vai ser uma surpresa para ele(a). E também não digo qual foi a resposta de Jesus. Quem a vai dizer sois vós. De acordo?

Então vamos fazer assim:

1ª

Alternativa

Grupo grande

Vou entregar as folhas, mas àqueles meninos e meninas que escreveram a resposta de Jesus. Depois eles é que as entregam ao colega que escreveu a pergunta. Mas só

a entregam depois de todos terem a sua folha. E não a entregam de qualquer maneira. Depois de vos dar as folhas, direi de que modo as vão entregar. De acordo?
O catequista chama cada criança que escreveu as palavras de Jesus e dá-lhe a respectiva folha. No fim, diz:

Agora vamos todos fazer a pergunta a Jesus. O nome dele está escrito no placar. Estão a ver? Então perguntemos-lhe, mas sem dizer o nosso nome, porque a pergunta é a mesma para todos. Preparados?
Então, voltados para o nome de Jesus, digamos a uma só voz:

“Mestre que devo eu fazer para ser feliz?” (*pode repetir-se*).

Agora, em ordem e sem fazer barulho, cada um vai entregar a folha ao colega. Mas atenção, quando a entregar dá-lhe um beijo ou um aperto de mão, em sinal de amizade. Não se esqueçam.
Prontos? Podem começar.

*Durante a entrega, o catequista afixa, na parte debaixo do placar, os **dísticos** com a resposta de Jesus. Depois da entrega procura que se restabeleça a ordem, que cada criança esteja sentada no seu lugar e em silêncio. Só depois, convida a fazerem o seguinte:*

Agora, vamos todos ler a resposta de Jesus. Está nas folhas escritas por vós e também está no placar (para os vossos pais e familiares poderem ver melhor). Então digamos todos ao mesmo tempo:

“Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração com toda a tua alma e com todo o teu pensamento. E amarás ao teu próximo como a ti mesmo.”

2ª

Alternativa

Grupo pequeno

Vou entregar a folha, mas àqueles meninos e meninas que escreveram a resposta de Jesus. Só depois é que eles a entregam ao colega que escreveu a pergunta. E entrega-a aqui à frente e da seguinte maneira: diz o nome do colega, que vem também aqui à frente, lê para ele a resposta de Jesus, entrega-lhe a folha e dá-lhe um beijo ou um aperto de mão, em sinal de amizade. Primeiro, vamos todos fazer a pergunta a Jesus. Estão a ver o nome dele escrito no placar? Então, voltemo-nos para Ele e perguntemos:

“Mestre, que devo eu fazer para ser feliz?” (*pode repetir-se*).

De seguida o catequista chama por cada criança que escreveu a palavra de Jesus. A criança vem à frente, junto da mesa, recebe a folha da mão do catequista e chama pelo colega a quem vai entregar a folha. Depois de este se aproximar da frente, lê para ele a resposta de Jesus:

**“Amarás o Senhor teu Deus,
com todo o teu coração
com toda a tua alma
e com todo o teu pensamento.
E amarás ao teu próximo como a ti mesmo”.**

*Depois entrega-lhe a folha e dá-lhe um beijo ou aperto de mão. De seguida voltam ambos para o lugar. Depois da entrega a todas as crianças, o catequista afixa, na parte de baixo do placar, o **dístico**:*

“Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração com toda a tua alma e com todo o teu pensamento. E amarás ao teu próximo como a ti mesmo”.

De seguida, comenta:

3. Para as duas alternativas:

Estão contentes? Claro. E Jesus também. E sabem porquê? É que cada um de nós aceitou a resposta que Ele nos dá para sermos felizes. E mais: cada um de vós já fez o que Ele nos diz: quando levou e entregou a resposta ao colega, deu-lhe um beijo ou um aperto de mão em sinal da amizade.

Por isso, temos todos mais razão para nos sentirmos felizes. Querem cantar a alegria por nos amarmos uns aos outros, como manda Jesus?

Para isso, colocam as vossas folhas nos catecismos... Agora, põem-se de pé... Dêmo-nos as mãos... E cantemos.

“É bom estarmos juntos” (1.^a, 2.^a e 3.^a estrofes).

II. PALAVRA

1. Podem sentar-se. Não gostavam de fazer uma coisa parecida aos vossos pais e familiares. Eu também acho que seria bonito e eles ficariam muito contentes. Já tenho uma ideia, mas só a vou dizer daqui a pouco. Espero que gostem.

Antes disso, e para que gostem mesmo, vamos pensar noutra coisa.

Por que razão é que nos amamos uns aos outros? Olhem para o placar: Jesus não nos diz apenas que nos devemos amar uns aos outros. Diz-nos para “amar o próximo como a ti mesmo”.

Antes disso, que nos disse Ele?... Voltemos a ler a primeira parte da resposta de Jesus. Podemos lê-la todos ao mesmo tempo. Vamos ler:

**“Amarás o Senhor teu Deus,
com todo o teu coração,
com toda a tua alma
e com todo o teu pensamento”.**

Muito bem. Para amarmos os outros, temos de amar a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso pensamento. Só assim é que somos capazes de amar os outros. Deus é que nos dá a força para isso.

E sabem que foram os vossos pais que vos encaminharam para Deus? Eles fizeram uma coisa muito importante para nós conhecermos Deus e nos tornarmos seus amigos. E nós até recordámos isso numa catequese. Lembram-se de qual foi?...

Exacto. Foi aquela em que fomos à igreja (ou pensámos nisso aqui na catequese). E que fizemos lá nesse dia? Quem se lembra?...

Fomos juntos da pia, onde fomos (e alguns serão) baptizados, e depois para junto do altar. *(Se tiverem uma fotografia do grupo, o catequista pode afixá-la, na parte superior do placar, e comentar, a partir dela):*

2. Mas, antes disso, fizemos pelo menos mais duas coisas. Primeiro, cantámos um **cântico** em que dizemos a Jesus que foi Ele que nos chamou. Lembram-se? Então vamos cantá-lo, está bem? De pé... voltados para o nome de Jesus... cantemos:

“Cristo Jesus, tu me chamaste” (só o refrão).

Muito bem. Jesus chamou-nos pelo nome e nós, mais uma vez, respondemos... como é que respondemos? Digam todos:

“Estou aqui!”

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. De certeza que muitos de vós estão mesmo com vontade de lhe rezar. Eu estou. Significa que temos o Espírito Santo.

Mas, antes disso, vamos pôr-nos ainda mais em volta de Jesus. Querem saber como? Eu vou mostrar-vos.

O catequista pega nas folhinhas, em forma de pétalas, com o Aleluia escrito pelas crianças. Se o grupo não for muito grande e houver tempo, chama por cada uma das crianças, que se pode pôr de pé, e afixa as respectivas folhinhas, com o Aleluia da parte de fora, em volta do dístico “Jesus”, até se formar, no conjunto de todas, uma

espécie de flor. Se o grupo for demasiado grande e o tempo escasso, limita-se a afixar, uma a uma, essas folhas. Pode, nisso, ser ajudado por outros catequistas. No fim, pergunta:

Quem está aqui no placar em volta de Jesus?...

Mas os vossos nomes não se vêem. O que se vê é Aleluia. Que significa Aleluia?

Exacto: "Louvai o Senhor"

Pois bem, os vossos nomes estão lá, mas na parte detrás das pétalas desta flor. E, além do nome, que mais escreveram? A data do vosso Baptismo. Foi desde o Baptismo que nós, com os nossos pais, começámos a louvar o Senhor, em volta de Jesus, para sermos da sua Igreja. E como queremos estar ainda mais perto dele, por isso é que eu coloquei as vossas pétalas em volta de Jesus.

E o nome de Jesus está todo luminoso porquê?

Por causa da sua ressurreição. Por isso é que nós louvamos Deus, o Pai de Jesus e nosso Pai.

Estão desertos para o fazer, não estão? (E então com os pais aqui!)

2. Então fazemos assim: primeiro cantemos todos o "Aleluia", batendo as palmas. Depois rezaremos (ou cantaremos) o "Pai Nosso", mas de mãos dadas e levantadas para o alto. E, no fim, voltamos a cantar o "Aleluia", batendo de novo as palmas. E os vossos pais e familiares irão cantar e rezar connosco.

Ponham-se de pé... Olhem todos para o nome de Jesus... E cantemos batendo as palmas:

"Aleluia... Glória ao senhor" (*refrão e as estrofes:*
"Glória ao Senhor nosso Pai" e **"Glória ao Senhor Jesus Cristo"**).

Agora, dêmo-nos as mãos, levantemo-las para Deus e rezemos (ou cantemos) a uma só voz:

"Pai Nosso"

Louvemos outra vez o Senhor, cantando e batendo as palmas:

"Aleluia... Glória ao Senhor" (*refrão e estrofe: "Glória ao Espírito Santo"*).

3. Podem sentar-se. Só falta uma coisa: é a oferta aos vosso pais (ou outros familiares). (*Se for o caso*): Estão contentes por eles estarem aqui? Então vamos agradecer-lhes por estarem aqui e pelo que fizeram por vós ao longo do ano e desde o dia do vosso Baptismo.
Tenho aqui uma palavra para eles, escritas nestas cartolinhas (*mostrar*). Mas quem as vai entregar sois vós. De acordo? Quando as entregarem, dão-lhes um beijinho e podem ler as palavras juntamente com eles.

O catequista chama cada criança e entrega-lhes a mensagem (Documento 1) para os pais ou outros familiares. Às crianças que não têm nenhum familiar presente, diz-lhes para o fazerem em casa. Depois conversa com os pais sobre o modo como vai decorrer a festa do Pai Nosso, indicado na catequese seguinte.

No final, convida a todos, crianças e pais, a cantarem o **cântico** inicial:

É bom estarmos juntos”.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Mensagem do(s) catequista(s) aos pais ou outros encarregados de educação das crianças. Pode ter o seguinte conteúdo:

Queridos pais de (nome da criança).

Unido ao vosso(a) filho(a) e em nome da nossa comunidade cristã, quero felicitar-vos e agradecer-vos pelo vosso contributo para a sua educação cristã, nomeadamente durante este ano de catequese. Estamos a terminá-lo com o mandamento de Jesus:

“Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração com toda a tua alma e com todo o teu pensamento. E amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22, 37.39).

Foi neste duplo amor que prometestes educar o vosso(a) filho(a) no dia do seu Baptismo. E, na medida em que o tendes feito, o(a) vosso(a) filho(a) tem descoberto como Deus é nosso Pai, como todos somos membros da sua Igreja e como, assim, podemos ser verdadeiramente felizes.

É com essa alegria que iremos celebrar a festa do Pai Nosso no próximo dia (*data*), às (*hora*) na igreja de (*lugar*).

Como preparação mais próxima, permiti-me que vos faça a seguinte sugestão: rezai todos os dias, com o vosso filho(a) o Pai Nosso, a oração dos filhos de Deus.

Com a maior amizade e estima:

(Assinatura do catequista)

(Lugar e data)

FESTA DO PAI NOSSO

(Celebração)

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A festa

Festejar é uma necessidade para o ser humano, por várias razões. Antes de mais, porque precisa de descanso físico e/ou psíquico. A dureza e a monotonia do trabalho e o conseqüente desgaste exigem que, periodicamente, se pare. Pode ser ao fim ou noutra altura do dia, ao fim de semana, durante um período mais prolongado de férias. O repouso é imprescindível para recuperar energias. Daí que a apropriada Bíblia, precisamente no texto inicial em que se fala do trabalho, de Deus e do homem que com Ele colabora, determine o sétimo dia, primariamente, como dia de descanso. Uma ideia que está contida no próprio termo “Sábado” (Gn 2, 2-3).

Para festejar e descansar, precisamos de nos encontrar uns com os outros, de conviver. Porque a vida, sobretudo na sua irrenunciável componente social, adquire-se “vivendo com”, no intercâmbio de palavras, de gestos, de dons, em ambiente de descontração, de paz. Esta vertente social é absolutamente constitutiva da festa e, por isso, habitualmente muito cuidada, com destaque para as refeições melhoradas e prolongadas e as variadas manifestações artísticas, especialmente musicais. Meios que muito contribuem para a comunhão entre os que festejam.

A festa é necessária pelo que nela se festeja: acontecimentos e datas determinantes para a vida do indivíduo e/ou grupo humano em que está integrado. A história de cada pessoa, família, terra ou nação está cheia desses acontecimentos, que, pela sua densidade, vão muito para além dos momentos em que se realizaram. Revivê-los, se se trata de acontecimentos passados, ou simplesmente vivê-los com intensidade na altura em que sucedem, pela sua incidência no futuro, é reconhecer-lhes a sua importância, colaborar nos seus efeitos vivificantes, guardá-los para sempre na memória e nos hábitos da vida que, em maior ou menor grau, deles dependem.

Numa festa comunitária entram, como elementos constitutivos, a palavra e o rito. A sua junção, do relato com os gestos, contribui para que o acontecimento celebrado

seja mais revivido, de tal modo que ele se torne presente e participado pelos que o celebram. E, se a isso juntarmos a componente religiosa, já que toda a vida depende de Deus, então a celebração torna-se memorial. Isto é, o mesmo Deus que esteve na origem e interveio decisivamente no acontecimento celebrado, actua de novo naqueles que a Ele se entregam pela própria celebração.

Este aspecto de memorial é, na tradição judaico-cristã, especialmente sentido na festa da Páscoa, decisiva para o nascimento e a constituição do povo de Deus do AT e NT. Repare-se na solenidade e na duração que nós cristãos concedemos à celebração da morte e ressurreição de Cristo, o evento mais determinante da história da humanidade, especialmente para aqueles que nele apostam e apoiam a sua vida: os cristãos. E repare-se na sua força vivificante, transmitida e recebida na sua celebração... se vivida com a fé a que o acontecimento desafia e que, ao mesmo tempo, oferece.

De resto isso vale também para as restantes festas cristãs, e devia valer para todas as festas dos cristãos, mesmo que o acontecimento nelas comemorado não tenha um carácter explicitamente religioso. Para um cristão não há bem que não venha de Deus e não tenha a ver com Ele.

2. O Pai Nosso em festa

De facto em todas as festas cristãs e/ou dos cristãos, tem de entrar o Deus da vida, a quem por isso invocamos como “Pai”. E chamamos-lhe “nosso”, porque a vida que nos dá é, por natureza, vida partilhada e, portanto, comum a todos os que, pela fé, a Ele se entregam. Se o acontecimento celebrado já une aqueles que o celebram, o Deus que está na sua origem, o provocou, nele se revelou, por ser um Deus de todos, que a todos ama sem distinção de espécie alguma, é Ele quem mais faz do grupo daqueles que n’Ele crêem e a Ele especialmente se unem pela festa que realizam, um povo, uma Igreja constituída por uma comunhão indestrutível entre os seus membros.

E é Ele quem por isso, faz festa connosco. Intervém nela através dos santos que festejamos, recordando acontecimentos e palavras das suas vidas em que mais se manifestou a acção salvífica de Deus e fizeram deles modelos de santidade para todos os crentes. Intervém, de um modo especialíssimo, através do Seu Filho Jesus Cristo, o Mediador único da sua salvação nos sucessivos acontecimentos da vida humana que assumiu entre nós e que marcam o ritmo do ano litúrgico. Intervém, acima de tudo, no memorial da sua morte e ressurreição, celebrado em cada Eucaristia que, em qualquer festa cristã, deve ocupar o lugar central e que, além disso, decorre com particular solenidade. Intervém através daqueles que Ele consagrou, de modo particular pelo sacramento da Ordem, para serem mediadores privilegiados dos seus dons salvíficos. Intervém através de toda a comunidade crente, o corpo de Cristo na terra, em que cada membro está integrado com o seu carisma próprio, que usa para o bem comum, para construção da comunidade. Intervém pela sua Palavra que, em

dias de festa, é proclamada com redobrada solenidade, e pela oração e os cânticos expressivos da fé que vai no coração de cada crente e os une na sintonia das mesmas palavras e da mesma melodia. Intervém pelos gestos e ritos, animados pelas palavras e constitutivos da vida humana, para lhes dar aquela dimensão ilimitada que só Ele pode dar.

Por todos esses meios e tantos outros que a tradição e a criatividade cristã nos oferecem, Ele faz festa connosco e, pela vida que nessas festas nos dá, fá-lo como pai, o “nosso Pai”, isto é, de todos os que com Ele fazem festa e lhe rezam ou cantam, a uma só voz: “Pai Nosso”.

3. O “Pai Nosso” na vida da Igreja

Se a Igreja é constituída pela comunhão dos filhos de Deus, então não pode viver sem aquela oração que o seu Fundador e a sua Cabeça, Jesus Cristo, lhe deixou para ser a sua oração, a que melhor exprime a identidade cristã de cada um dos seus membros e, por esse meio, mais contribui para a sua união vital numa única família. De facto, é também pela Oração Dominical que nos tornamos cristãos, filhos de Deus e membros da Igreja. Senão, repare-se no lugar que ela ocupa nos Sacramentos da Iniciação Cristã. No Baptismo dos adultos, ela é-lhes solenemente entregue (na chamada “tradição”, do latim “traditio” que significa “entrega”), umas semanas ou dias antes de serem baptizados, para a rezarem em comunhão com toda a Igreja, na celebração em que, baptizados e crismados, se tornam filhos do mesmo Deus, pelo Espírito Santo que dele recebem. No Baptismo das crianças ela é recitada pelos seus pais, padrinhos e outros familiares, juntamente com toda a assembleia cristã que as acolhe, ou no final da celebração ou, no caso de esta se integrar na Eucaristia, no momento para ela indicado. E “na liturgia eucarística, a oração do Senhor aparece como a oração de toda a Igreja. Aí se revela o seu sentido pleno e a sua eficácia. Situada entre a anáfora (oração eucarística) e a liturgia da comunhão, recapitula, por um lado, todas as petições e intercessões expressas no movimento da epíclese e, por outro, bate á porta do festim do Reino que a comunhão sacramental vai antecipar” (CIC 2770).

Daí o lugar que esta oração deve ter no crescimento da fé que, nas crianças baptizadas em idade infantil, deve acompanhar e completar o seu crescimento humano. Na caminhada catequética que são convidadas a fazer e na qual realizam, de forma adaptada à sua idade, o mesmo percurso seguido pelos catecúmenos, também a elas é solenemente entregue a oração que, assim, mais as integra na Igreja, isto é, na família daqueles que, unidos na fé, chamam ao mesmo Deus: “Pai Nosso”.

E daí a necessidade de que esta entrega seja feita na comunidade reunida para celebrar a sua salvação. Mesmo humana e psicologicamente, é fundamental, e pode ser uma experiência inesquecível, que as crianças sintam aquele calor do amor que lhes vem de Deus, mas através daqueles que Ele colocou na sua vida, como seus

mediadores: os seus familiares mais directos, mas como membros da família cristã, com a qual contam e para a qual vivem, como cristãos.

Se o conseguirem, então, sim, a recepção do “Pai Nosso” será uma autêntica festa, celebrada com o Deus que é Pai, porque faz festa com todos os seus filhos.

OBJECTIVOS

- Celebrar, em Igreja, a graça de sermos filhos de Deus;
- Acolher e rezar o Pai Nosso, como a oração por excelência da Igreja;
- Participar mais activamente na vida de oração da comunidade cristã.

ORIENTAÇÕES E OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O lugar privilegiado para rezar o Pai Nosso é a comunidade cristã: é aí, na comunhão fraterna, que a criança experimenta, mais ao vivo, a sua condição de filho ou filha de Deus, que une todos os seus filhos na comunhão de uma só fé. Daí a importância desta celebração, como coroação de todo um ano de catequese dedicado á oração, que muito contribui para a comunhão cristã e tem a sua expressão mais rica no Pai Nosso.
2. Por isso, é fundamental que esta celebração seja feita num encontro da comunidade cristã, de preferência, para celebrar na Eucaristia dominical. Se não for possível a Eucaristia, que pelo menos seja inserida numa celebração da Palavra, realizada numa igreja e em que participem outros membros da comunidade, para além das crianças, seus pais e outros familiares.
3. Se a celebração for inserida na Eucaristia dominical ou noutra festa ou solenidade litúrgica da Igreja, respeitem-se as normas litúrgicas no dia, respeitantes, especialmente, às leituras bíblicas. As que são propostas, no desenvolvimento da celebração, só devem ser usadas se, liturgicamente, tal for permitido. Caso contrário, é desrespeitado o sentido de Igreja, importante na educação cristã, dos adultos e das crianças.
4. Tanto as leituras bíblicas como os cânticos sugeridos são já conhecidos das crianças, se, ao longo do ano, seguirem as propostas para as catequese. O seu conhecimento facilitará a sua participação. As partes da celebração que não vêm assinaladas no desenvolvimento são preenchidas pela liturgia do dia.
5. A presença dos pais e outros familiares das crianças deve ser tão participativa quanto possível. Além dos cânticos, que devem tanto quanto possível aprender, podem também fazer as leituras da Bíblia e da oração dos fiéis, se para isso estiverem preparados e credenciados. O importante não é que eles leiam, mas que o conteúdo da leitura chegue aos ouvidos e ao coração das crianças e dos restantes participantes.

6. A celebração não tem, necessariamente, de ser feita como conclusão do ano catequético. Pode e, em muitos casos, deve ser feita antes. Sugere-se, como alternativa ideal, a seguir à catequese 26, em que as crianças revivem o seu Baptismo, como entrada na Igreja. Se se optar por esta alternativa, então façam-se as devidas adaptações quer na catequese 26 (para a qual podem ser convidados os pais), quer nas seguintes.

MATERIAIS

- Tudo o necessário para a celebração de Eucaristia;
- Adornamento da Igreja para que tenha um ambiente mais festivo;
- Estampas com o “Pai Nosso”, uma para cada criança.

MÚSICAS

- Cristo Jesus, Tu me chamaste *ou* Viemos com alegria;
- Aleluia, Glória ao Senhor;
- Recebestes um Espírito;
- Vós, Senhor, sois o nosso Pai;
- Santo (J. P. Martins);
- Pai Nosso que estais nos Céus (Carlos Silva) *ou* Jesus Cristo é Senhor;
- Jesus, eu amo-Te;
- Somos a Igreja de Cristo *ou* É bom estarmos juntos.

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

I. RITOS INICIAIS

1. Cântico de entrada

“Cristo Jesus, Tu me chamaste” *ou* “Viemos com alegria”.

2. Saudação e acolhimento

Depois da saudação inicial habitual, o Presidente da Assembleia pode dizer as seguintes palavras de acolhimento:

Meninos e meninas, lembrem-se de Jesus vos ter dito que onde estiverem dois ou três reunidos em Seu nome, Ele está no meio deles?...

Pois bem, hoje e aqui, somos muitos mais de dois ou três. Além de vós, estão os vossos pais e outros familiares, que saúdo com muita alegria, e muitas outras pessoas, amigas de Jesus como vós.

Todos juntos o que somos? A Igreja de Cristo, ou a família de Deus. Todos rezamos a Deus como nosso Pai, e, por isso, somos todos irmãos e irmãs.

E, sabeis que, hoje, a maior parte destes familiares e amigos estão aqui também por causa de vós? Hoje todos queremos fazer festa convosco. Como se chama esta festa?... A do Pai Nosso, porque vós durante este ano aprendestes a oração mais bonita que temos. E todos nós queremos rezá-la convosco. É uma alegria, não acham? Então preparemo-nos melhor para fazermos festa, com Jesus que nos chamou e a quem cada um de vós respondeu: “Estou aqui”. Como no dia do nosso Baptismo. Para sermos mais amigos de Jesus, filhos de Deus e amigos uns dos outros, peçamos perdão das nossas maldades, dos nossos pecados.

3. **Glória** (se houver)

“Aleluia... Glória ao Senhor”

(estrofes: **“Glória ao Senhor, nosso Pai”**... **“Glória ao Senhor Jesus Cristo”**...
“Glória ao Espírito Santo”...)

II. LITURGIA DA PALAVRA

1. **1.ª Leitura** (se não for obrigatória a do dia litúrgico):

Admonição:

Lembram-se de quando entrámos, pela primeira vez na Igreja? Exacto: no dia do nosso Baptismo. Querem saber o que passámos a ser com o nosso Baptismo? Então, ouçam com atenção:

Gal 3, 26-28.

2. **Salmo responsorial**

“Recebestes um Espírito”.

3. **Evangelho** (se o dia litúrgico o permitir):

Mt 6, 7-15.

4. **Homilia**

Sugestões, sobretudo para o caso de terem sido feitas as leituras bíblicas propostas atrás:

Lembram-se como é que começaram a aprender o Pai Nosso? Foi com um pedido que fizeram a Jesus, não foi? Quem se lembra desse pedido?

“Senhor, ensina-nos a rezar”. Querem repetir comigo? – **“Senhor ensina-nos a rezar”**. E foi então que Jesus nos ensinou esta bela oração. Tal e qual como fez há pouco. Parece-me que alguns de vós, quando a ouviram outra vez, até a começaram a rezar. E das palavras do Pai Nosso, de que gostais mais? Pensem lá um bocadinho.

O Presidente pode ir comentando, muito brevemente, as respostas das crianças, relacionando as preces, por elas indicadas, com as restantes. Depois, pode perguntar-lhes:

E, de tudo isto que nós pedimos Deus, nosso Pai, o que é que vos pareceu ser mais difícil de fazer?

O presidente associe as respostas das crianças à prece do perdão e comente:

O mais difícil para muitos de nós é perdoar. Mas é importante. Por isso Jesus nos dizia há pouco que, se não perdoarmos aos outros, também Deus nosso Pai não nos perdoa. Quem não é capaz de perdoar aos outros, quer dizer que ainda não aceitou o perdão de Deus.

Mas Deus, que nos ama muito, mesmo muito, ajuda-nos a perdoar. Por isso é que lhe rezamos. Para Ele estar em nós e, pelo perdão, nos fazer amigos uns dos outros. Destas pessoas aqui presentes e de todas.

E vai ser bonito, daqui a pouco, todos a uma só voz rezarmos (ou cantarmos) a Deus nosso Pai.

E não vamos rezar de qualquer maneira. Vai ser como aprenderam na catequese. Lembrem-se como foi? Também com o nosso corpo. Daremos as mãos uns aos outros e iremos todos levantá-las para o Céu. Assim é que seremos mesmo a Igreja de Jesus. E seremos mais felizes.

Mas, para isso, vamos antes dizer a Deus que cremos nele e em Jesus e no Espírito Santo. Assim é que o Espírito Santo está mais em nós.

Preparemo-nos para isso, pondo-nos de pé.

5. Profissão de Fé

Se possível, a baptismal.

6. Oração dos fiéis

Às preces propostas para o dia litúrgico, juntam-se mais duas, adaptando a sua formulação à das preces feitas antes:

- Pelas crianças que vão receber o Pai Nosso, para que o rezem todos os dias e, confiando-se assim a Deus nosso Pai, cresçam na fé e no amor, manifestado no perdão.
- Pelos seus pais e outros familiares, para que sejam para os seus filhos modelos de fé e de oração e os levem a reconhecer como Deus tanto nos ama.

III. LITURGIA EUCARÍSTICA

1. Cântico do ofertório

“Vós, Senhor, sois nosso Pai”.

2. Oração Eucarística

Uma das Missas com crianças.

IV. RITOS DA COMUNHÃO

1. Pai Nosso

Se houver lugar, o Presidente convida as crianças a rodearem o altar. De lá ou da assembleia, convida-as a unirem-se umas às outras, dando-se as mãos, e, elevando-as para Deus, e a rezarem, com toda a assembleia, a oração que Jesus nos ensinou.

2. Cânticos da Comunhão

“Pai Nosso que estais nos Céus” e/ou
“Jesus Cristo é Senhor”.

3. Cântico depois da Comunhão

“Jesus, eu amo-te”.

4. Entrega do Pai Nosso

Depois da oração da comunhão

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

O Presidente chama cada criança, pelo seu nome, e entrega-lhe a folha com o Pai Nosso, dizendo as seguintes palavras ou outras semelhantes:

“(N), recebe o Pai Nosso, a oração que Jesus te ensinou. Reza-a todos os dias, para seres muito bom filho (filha) de Deus.”

2ª
Alternativa

Grupo grande

O presidente, depois de uma breve introdução, diz a todas as crianças ao mesmo tempo:

“Meninos e meninas, recebi o Pai Nosso, a oração que Jesus nos ensinou. Rezai-a todos os dias, para serdes bons filhos de Deus.”

Depois, com a ajuda dos catequistas, entrega-as, ou directamente às crianças ou aos seus pais, que, ao entregá-las aos filhos, podem dizer as palavras propostas para a 1.º alternativa.

Para as duas alternativas:

Antes de se afastarem, o Presidente, pode fazer uma alusão à folha, com o texto do Pai Nosso em forma de coração, que as crianças foram construindo, na catequese, à medida que foram aprendendo a rezá-la. Pode sugerir-lhes que, em sinal de reconhecimento pelo seu amor, a ofereçam aos pais, por exemplo no princípio da próxima refeição em comum, e, depois disso, rezem em comum o Pai Nosso.

5. Cântico final

“Somos a Igreja de Cristo” ou
“É bom estarmos juntos”.

REUNIÕES DE PAIS E FAMILIARES

(PROPOSTA)

1. Acolhimento:

- A sala deve estar preparada;
- É bom que haja alguns catequistas a receber os familiares, logo à chegada;
- Pode cantar-se uma canção, distribuindo a letra ou projectando-a.

2. Introdução à reunião:

- Saudação inicial;
- Para que estamos aqui? (Objectivos)
- Como vamos organizar a reunião?
- Apresentação dos participantes (se for oportuna).

3. Apresentação do tema:

- Com recurso a audiovisual ou a um esquema fotocopiado;
- Diálogo sobre o tema ou trabalho de grupos;
- Plenário ou resumo com as principais conclusões.

4. Encontro com os catequistas:

- Se necessário, fazer a apresentação de cada um;
- Dialogar sobre o grupo (como é que se pode ajudar no crescimento da fé);
- Se houver casos delicados, falar em particular (ex. no final).

5. Conclusões

Se for o caso, pode-se ainda voltar ao grande grupo:

- Agradecer a presença;
- Avaliar a reunião, pode ser com esquema (ficha);
- Avisar da próxima, se for o caso;
- Terminar com uma oração ou um cântico.

CÂNTICOS

INDICE

	PÁG.
S i g l a s	3
A p r e s e n t a ç ã o	5 7
Itinerário de Catequese de Iniciação da Infância e Adolescência	9
I n t r o d u ç ã o	31
1º BLOCO – JESUS CHAMA-NOS	39
Catequese 1 – Já vou à catequese	49
Catequese 2 – Tenho mais amigos	59 73
Catequese 3 – Visitamos a casa de Deus	83
Catequese 4 – Festa do acolhimento	91 99
Catequese 5 – Na igreja, reúnem-se os amigos de Jesus	109
Catequese 6 – Na igreja Jesus fala-nos	119
Catequese 7 – Deus cria tudo para nós	133
Catequese 8 – Deus faz-nos crescer	145 155
Catequese 9 – Chama-se Maria	165
Catequese 10 – O Natal de Jesus	175
2º BLOCO – UM MENINO CHAMADO JESUS	

